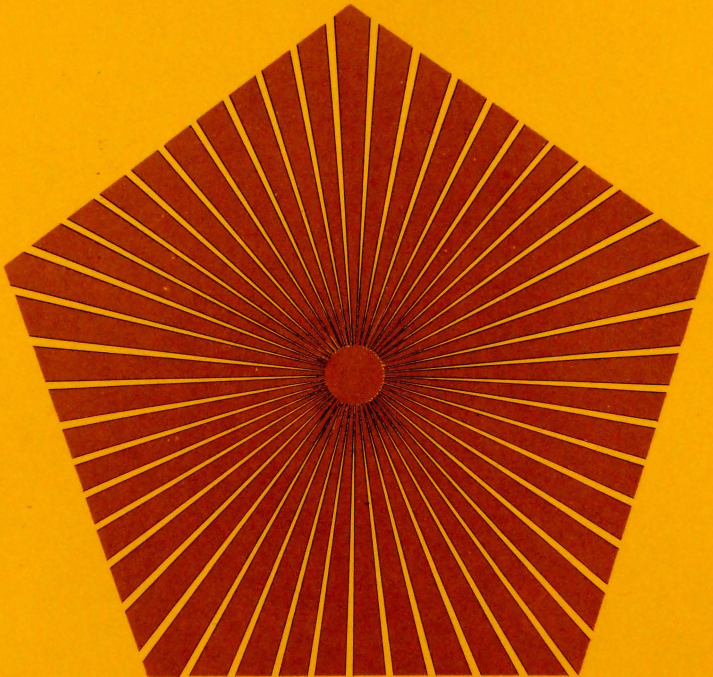


J. van Rijckenborgh

A ARQUIGNOSIS
EGÍPCIA

4



ROSACRUZ ÁUREA

A Arquignosis Egípcia

e seu Chamado no Eterno Presente

de novo proclamada e esclarecida

baseada na

Tabula Smaragdina e no *Corpus Hermeticum*

de Hermes Trismegisto

por

JAN VAN RIJCKENBORGH

Tomo IV

1ª edição – 1991

Uma publicação do

Lectorium Rosicrucianum

Escola Espiritual da Rosacruz Áurea

São Paulo – Brasil

Traduzida do alemão:
Die Ägyptische Urgnosis IV

Título do original holandês:
De Egyptische Oergnosis 4

Rozekruis Pers
Bakenessergracht 11-15
Haarlem – Holanda

Copyright© 1991 Todos os direitos, inclusive os de tradução ou reprodução do presente livro, por qualquer sistema, total ou parcial, são reservados à Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda

Prefácio

É com profunda alegria e sincera gratidão que apresentamos aqui o quarto e último volume da *A Arquignosis Egípcia e seu Chamado no Eterno Presente*.

Com esta obra, tencionamos, em concordância com o trabalho e a vocação da jovem Fraternidade gnóstica da Rosacruz Áurea, expor e esclarecer novamente a mensagem redentora de todos os tempos, em sua forma universal suprema, à humanidade pesquisadora, a fim de conscientizá-la da existência de um caminho concreto, rumo à plenitude do verdadeiro destino humano.

Nestes tempos do fim, em que as antigas instituições vacilam e sucumbem, surgem inúmeros ansiando pela Luz Una, que sempre brilha nas trevas, porém nunca é por elas compreendida. "Do Egito" soa de novo o chamado a todos esses buscadores, o chamado do amor-sabedoria, dele que não abandona a obra de suas mãos.

Todos os que o procuram, na verdade, compreenderão o chamado que dimana da sabedoria hermética e que se dirige a eles, e saberão igualmente como proceder.

Que atendais ainda a tempo esse chamado! Os ceifadores destes tempos estão prontos! Que possais juntar-vos o mais breve possível a essa colheita.

Jan van Rijckenborgh

A Mulher do Apocalipse

Na terra apareceu o dragão com sete cabeças e dez chifres. E com sua cauda ele leva após si uma terça parte das estrelas do céu. Suas asas de morcego são guarnecidas com olhos: ele domina a terra.

A mulher do apocalipse está vestida com o sol, tendo a lua e a serpente debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça.

Ela é a Fraternidade que com o filho, a jovem Gnosis, o novo elo da corrente áurea de fraternidades, foge para o deserto a fim de salvá-lo do dragão. Então, ela entrega o filho às mãos do Pai, a coroa, o olho onividente, que o apanha e leva para trás do véu do Universo.

À direita da mulher: o Pai original, o impulso divino de criação, a vertente de forças que segura em sua mão o zodíaco em forma de anel, em torno do qual uma serpente, que morde a própria cauda, se enrola doze vezes. O Pai original aponta para a Mãe original: ele verte suas forças nela.

Ela é a geratriz, portanto mantém as mãos qual um vaso receptor. Ela é aquele que resiste, Saturno, o tempo, a limitação; por isso ela carrega uma ampulheta sobre a cabeça. As vestes de ambos formam uma cortina que se descerra ante o sol, o princípio central de Cristo: "Ninguém vem ao Pai senão por mim". Daí que o filho também se eleva da esfera solar.

No Pai Universal, encontramos ainda o símbolo Yang e Yin: a unidade perfeita, o círculo: o sol emite seus raios em todo o Universo. O caminho correto para o aluno da Escola é o da coluna central, nosso campo de vida: mediante a alma para Cristo. Então, o contato com o Pai Universal existe, pois "quem viu a mim, viu ao Pai".

A absorção no Pai Universal significa o fim de toda a materialidade.



A Mulher do Apocalipse

Décimo-terceiro Livro

De Hermes Trismegisto para Tat:

sobre o Nous Universal ou o Espírito Santificador.

1. *Hermes: O Nous, ó Tat, provém da própria essência de Deus, se se pode usar semelhante termo com respeito a Deus, e esta somente ele conhece. Seja como for, apenas o Nous conhece perfeitamente a si próprio.*
2. *Por isso, não se distingue o Nous da essência divina; ele se origina dessa fonte, assim como a luz dimana do sol.*
3. *Nos homens, esse Nous é bom; e por isso alguns homens são deuses; seu estado humano muito se assemelha ao divino. Eis por que o bom Demônio designou os deuses como homens imortais e os homens, deuses mortais. Onde há alma, existe também o Nous, da mesma forma que onde existe a verdadeira vida, também há alma. Nos seres irracionais, o Nous é a natureza. Neles, a alma é simplesmente vida, destituída de Nous, pois este é o benfeitor das almas*

humanas: ele as trabalha e forma em vista do Bem.

- 4. Nos seres irracionais, o Nous coopera com a propensão natural de cada um; todavia, opõe-se a essa tendência nas almas dos homens.*
- 5. Pois, toda a alma é atormentada pela dor e pelo prazer assim que entra em um corpo. A dor e o prazer propalam-se pelo corpo denso como incêndio, onde a alma submerge e sucumbe.*
- 6. Quando o Nous pode conduzir tais almas, ele verte-lhes sua luz e opõe-se a suas tendências. O Nous aflige a alma apartando-a do prazer, que é a origem de todo o seu estado doentio, da mesma forma que um bom médico cauteriza ou extirpa a parte doente do corpo.*
- 7. Contudo, a grande enfermidade da alma é sua negação a Deus e o pensamento errôneo, de onde se originam todos os males e absolutamente nada de bom. Por isso, o Nous, ao lutar contra essa doença, confere à alma novamente o Bem, do mesmo modo que o médico restitui a saúde ao corpo.*
- 8. As almas humanas que não são conduzidas pelo Nous, encontram-se em estado idêntico ao das almas dos animais irracionais. O Nous colabora com elas, dando livre curso a seus desejos. Elas, por sua vez, são atraídas por esses desejos mediante veemência de sua concupiscência, que buscam em seu estado irracional. E, semelhante aos seres irracionais, abandonam-se incondicionalmente a seus instintos e a seus desejos, jamais saciando seus vícios, pois as conseqüências irracionais dos instintos e dos desejos são um mal ilimitado.*
- 9. Deus, como preceptor de almas, submeteu-as à lei para que se*

conscientizassem de seu pecado.

10. *Tat: Parece-me, então, ó Pai, que tudo aquilo que me expusestes anteriormente sobre o fatum pode ser totalmente refutado. Pois, um homem inteiramente predestinado a tornar-se adúltero, sacrílego ou criminoso, por outra razão qualquer, será punido ainda que tenha cometido o ato estritamente sob a coerção do destino?*
11. *Hermes: Meu filho, tudo é obra do fatum e sem ele nada pode acontecer no que se refere às coisas corpóreas, nada de bom nem de mau. Da mesma forma, é por intermédio do fatum que aquele que realiza a beleza e o bem sofre as conseqüências. É por isso que cada um procede segundo seu próprio modo de agir, para acumular experiências.*
12. *Porém, deixemos de lado o pecado e o fatum, pois já falamos deles em outra parte. Agora, estamos discorrendo sobre o Nous, seu poder e sua ação diferenciada sobre os homens, nos quais suprime as paixões e os desejos, e os seres irracionais, nos quais não pode exercer seus benefícios. Entre os primeiros ainda se distinguem os que possuem o Nous e os que não apresentam nenhuma ligação com ele. Todos os homens estão submetidos ao fatum, ao nascimento e à transformação, pois esses são o princípio e o fim do fatum.*
13. *Todos os homens experimentam as determinações do destino, todavia, os que seguem a razão e que, como dizemos, são conduzidos pelo Nous, não as sentem como os outros; pois, estando livres do mal, não as sentem como algo maléfico.*
14. *Tat: Que queres dizer com isto, Pai? O adúltero não é mau? O assassino não é mau? Nem tampouco todos os outros?*
15. *Hermes: Meu filho, um homem conduzido pela razão conhecerá*

a dor do adultério e do assassinio tão bem quanto um adúltero e um assassino, embora ele nunca os tenha cometido. É impossível escapar da transformação, tampouco do nascimento; porém, quem possui o Nous pode livrar-se do mal.

16. *Eis por que, meu filho, sempre dei ouvidos ao que dizia o bom Demônio. Ele teria prestado grande serviço à humanidade se o tivesse escrito, pois somente ele, que é filho unigênito de Deus e tudo contempla, transmitiu-nos realmente as palavras divinas. Certa vez o ouvi dizer que tudo o que foi criado, em especial, os seres corpóreos dotados de inteligência, é único. Ouvi, também, que vivemos da força potencial por meio da força ativa e da essência da eternidade. Por isso, o Nous assim como sua alma são bons.*

17. *Por conseguinte, as coisas do Espírito são indivisíveis e o Nous, a alma de Deus, que governa todas as coisas, é capaz de realizar tudo o que deseja. Reflete sobre isto e associa tudo o que disse com a pergunta que me fizestes anteriormente sobre o fatum e o Nous. Se prescindires de jogos de palavras ambíguas, descobrirás, meu filho, que o Nous, a alma divina, domina deveras tudo: o fatum, a lei e todo o resto, e que nada lhe é impossível. Ele é capaz de sublimar a alma humana, colocando-a além do fatum, e de submetê-la a seu jugo quando ela se mostra negligente. São essas as palavras primorosas do bom Demônio.*

18. *Tat: Essas palavras são divinas, verdadeiras e claras, Pai. Porém, esclarece-me ainda sobre este ponto: disseste que o Nous age nos seres irracionais segundo sua natureza e em concordância com seus instintos. Chego à conclusão de que o instinto que impele os seres irracionais é a paixão (pathos). Se o Nous colabora com os impulsos e estes são paixões, o Nous também é paixão,*

pois esta última é causada por intermédio de pathos.

19. *Hermes: Muito bem, meu filho. Tua pergunta é inteligente e é justo que eu a responda. Tudo o que é incorpóreo e está alojado num corpo está sujeito a pathos (paixão, sofrimento), e, a rigor, é a própria paixão (pathos). Ora, tudo o que gera movimento é incorpóreo e tudo o que se movimenta é corpóreo. Como o incorpóreo se movimenta pelo Nous e esse movimento é paixão (pathos), ambos estão submetidos também ao sofrimento (pathos). Tanto aquele que gera o movimento quanto o que é móvel; o primeiro por causar o movimento e o segundo por estar sujeito ao impulso do movimento. Todavia, quando o Nous se separa do corpo, ele se liberta também do sofrimento (pathos, paixão). Talvez seja melhor dizer, meu filho, que nada existe sem pathos (sofrimento), porém que tudo está sujeito a ele. Pathos (sofrimento) difere de vivenciar pathos. Com efeito, uma é ativa, a outra, passiva. Os corpos também são ativos por si mesmos. São imóveis ou móveis. Em ambos os casos, existe pathos (sofrimento).*
20. *O incorpóreo é sempre impelido à ação e, por conseguinte, está sujeito ao sofrimento. Não te deixes, pois, enganar por palavras: força ativa e pathos (sofrimento) são uma e a mesma coisa. Entretanto, não há objeção alguma em se servir do termo mais claro e conveniente.*
21. *Tat: Tua explicação foi muito clara, Pai.*
22. *Hermes: Considera ainda, meu filho, que Deus concedeu ao homem, único entre os seres mortais, dois dons: o Nous e o Verbo, tão preciosos quanto a imortalidade. Se o homem empregar corretamente esses dons, não diferirá em nada dos imortais. E ainda mais: ele se libertará do corpo e será conduzido por ambos*

para o coro dos deuses e dos bem-aventurados.

23. *Tat: Os outros seres vivos não se utilizam do Verbo, Pai?*
24. *Hermes: Eles dispõem apenas de um som, de uma voz. O Verbo, a palavra, difere profundamente dessa voz. O Verbo é comum a todos os homens. Todavia os outros seres viventes possuem uma voz ou um som totalmente inerentes a eles.*
25. *Tat: Contudo, as línguas dos homens também não se diferenciam segundo o povo?*
26. *Hermes: Sem dúvida, meu filho, porém a humanidade é somente uma. O Verbo também é um. Se traduzido de uma língua para outra, verifica-se que é o mesmo tanto no Egito, como na Ásia e na Grécia. Percebo, meu filho, que não compreendes ainda o significado poderoso do Verbo. O Deus bem-aventurado, o bom Demônio, disse que a alma está no corpo, o Nous na alma, o Verbo no Nous, e que Deus é, portanto, o Pai de todos. O Verbo é, portanto, a imagem e o Nous de Deus; o corpo é a imagem da Idéia, e esta última a imagem da alma.*
27. *Assim, o ar (éter) é a parte mais sutil da matéria; a alma, a parte mais sutil do ar; o Nous, a parte mais sutil da alma, e Deus, a parte mais sutil do Nous.*
28. *Deus envolve e penetra tudo; o Nous envolve a alma; a alma envolve o ar (éter); o ar envolve a matéria.*
29. *O fatum, a providência e a natureza são os instrumentos da ordem cósmica do governo da matéria. Tudo o que está guarnecido com espírito é essencial, e sua essência é idêntica. Todavia, cada corpo que compõe o todo é de natureza múltipla: a identidade dos corpos compostos existe na transformação de uma forma*

para outra e se conserva eternamente.

30. *Além disso, todos os corpos compostos possuem um número que lhes é próprio. Sem esse número, não se realizaria nenhuma composição nem decomposição. Essas são as unidades que geram o número, que o multiplicam e que absorvem suas partes quando ele se decompõe, ao passo que a matéria permanece única (na singularidade).*

31. *Ora, todo este mundo, esta grande divindade, que é a imagem daquele que é maior ainda, forma com ele unidade. Esta unidade que conserva a ordem e a vontade do Pai é a plenitude da vida. Nele nada existe que não seja vida, nem em sua universalidade nem em sua particularidade, em todo o seu curso eônico de regresso traçado pelo Pai. Nunca houve, não há, nem jamais haverá no mundo algo que esteja morto.*

32. *O Pai quis que o mundo fosse vivo enquanto se mantivesse sua coesão; por isso ele é necessariamente Deus.*

33. *Como poderia ser possível, meu filho, existir em Deus, nele, que é a imagem do Universo e a plenitude da vida, algo como a morte? Pois a morte é corrupção, e a corrupção é aniquilamento. Como se poderia crer que uma parte de algo incorruptível estivesse submetida à corrupção ou que algo de Deus pudesse ser aniquilado?*

34. *Tat: Pai, os seres vivos que estão nele e são partes dele, não morrem?*

35. *Hermes: Não digas isso, meu filho, pois assim incorrerás no erro ao indicar o ocorrido. Os seres vivos não morrem, porém seus corpos, sendo compostos, dissolvem-se. Essa dissolução não é morte, porém sim a dissolução de um composto. Essa dissolução*

não tenciona aniquilamento, antes uma nova gênese, uma renovação. Pois, qual é a força vital atuante? Não é movimento? O que é imóvel neste mundo? Nada, meu filho!

36. *Tat: Porém então, a terra não te parece imóvel, Pai?*

37. *Hermes: Não, meu filho, somente ela efetua vários movimentos e, ao mesmo tempo, perdura. Não seria ridículo supor que a nutriz do Todo, que possibilita o nascimento e o crescimento de todos, seja imóvel? Pois sem movimento nada pode ser concebido. É muito insensato de tua parte perguntar se a quarta parte do mundo pode estar inativa, pois um corpo imutável não significa nada mais do que inatividade.*

38. *Sabe pois, meu filho, que absolutamente tudo o que existe neste mundo está em movimento, seja minguante, seja crescente. O que está em movimento, também está vivo. Uma lei sagrada determina que nada que esteja vivo permaneça idêntico e, portanto, imutável. Embora o mundo seja imutável, visto em sua totalidade, todas as suas criaturas se modificam, sem contudo perecerem ou serem destruídas. São as palavras, os nomes, que perturbam e desassossegam aos homens.*

39. *Pois a vida não se explica pelo nascimento, mas pela consciência, e a transformação não é uma morte, porém um esquecimento*

40. *Por esse prisma, tudo é imortal: a matéria, a vida, o alento, a alma, o espírito, o intelecto, o instinto, em conjunto, compõem o ser vivente.*

41. *Cada ser vivente é, nesse sentido, imortal. Todavia, o mais imortal é o homem, pois é capaz de receber Deus e com ele tornar-se uno. Somente com esse ser vivente, Deus se comunica: à noite, através de sonhos; durante o dia, por meio de sinais que lhe*

*predizem o futuro de várias formas: pelos pássaros, pelas entra-
nhas, pelo vento, pelo carvalho, por todos os meios pelos quais o
homem seja capaz de conhecer o passado, o presente e o futuro.*

42. *Atenta ainda para isso, meu filho, todos os outros seres vivos habitam uma única parte do mundo: os aquáticos, a água; os terrestres, a terra firme; os animais alados, o ar. Somente o homem entra em contato com todos os elementos: com a terra, com a água, com o ar e com o fogo e mesmo com os céus. Entra em contato e os percebe em conhecimento e compreensão crescentes.*
43. *Deus compreende e tudo penetra; ele é tanto a força ativa do Todo como a passiva. Não é nada difícil perceber Deus.*
44. *Se desejas aproximar-te de Deus pela reflexão, então contempla a ordem mundial e sua beleza. Considera a necessidade de tudo o que é perceptível e também a providência que governa o passado e o futuro. Vê como a matéria é plena de vida, e como opera o movimento desse Deus indescritível com todos os seres bons e belos: deuses, demônios e homens.*
45. *Tat: Porém, tudo isso, Pai, são atividades de forças!*
46. *Hermes: Se tudo isso são apenas atividades de forças, meu filho, quem as provoca? Outro Deus? Não vês, que como o céu, a água, a terra e o ar são partes do mundo, do mesmo modo a vida, a imortalidade, o sangue, o fatum, a providência, a natureza, a alma e o espírito são aspectos de Deus, e é à permanência de tudo isso que se denomina Bem? Não há nada, nem no passado nem no futuro, em que Deus não esteja presente.*
47. *Tat: Deus está, portanto, na matéria, Pai?*
48. *Hermes: Se a matéria existisse fora de Deus, meu filho, qual o*

lugar que escolherias para ela? Pois o que seria ela senão uma massa caótica, enquanto não fosse levada à atividade? E se o fosse, por quem seria? Pois já dissemos que as forças ativas são criações divinas. Quem vivifica todos os seres vivos? A quem devem os seres imortais a sua imortalidade? Quem gera mudanças em todos os seres mutáveis?

49. *Quando te referes à matéria, ao corpo ou à essência das coisas, sabe que elas são também atividades de forças divinas. As atividades de forças na matéria formam a materialidade; no corpo, a corporeidade, e na essência, a substancialidade. Tudo isso é Deus, o Todo.*
50. *No Todo, nada há que não seja Deus. Por isso, não se pode descrever a Deus com nenhum desses conceitos: grandeza, lugar, qualidade, forma ou tempo, pois ele é o Todo, e como tal está em tudo e tudo abrange. Adora esse Verbo, meu filho, e venera-o. Há somente uma religião, um único modo de servir e venerar a Deus: não sendo mau.*

II

O Coração e o Ânimo

O décimo-terceiro livro de Hermes Trismegisto é dedicado ao mistério do Nous*, e o investiga em profundidade. Já nos referimos várias vezes a esse mistério em dissertações anteriores sobre a filosofia hermética. Agora, devemos estudá-lo pormenorizadamente.

Sempre que pensamos ou falamos, a respeito do ânimo de uma pessoa ou de suas emoções, sem querer dirigimos nossa atenção para o estado em que se encontra seu coração. O coração do homem é um órgão maravilhoso. Assim como a cabeça e o plexo solar, ele também é sétuplo. Podemos, portanto, referir-nos aos candelabros de sete braços do coração e do plexo solar, do mesmo modo que nós o fazemos quando falamos sobre as sete cavidades cerebrais.

O candelabro de sete braços do coração possui também função central no sistema de vida, recorrendo invariavelmente à inteira consciência do candidato durante sua vida. Por um lado, todos os fluidos da consciência fluem do santuário* da cabeça através da medula para o coração, onde são acolhidos. Por outro, o candelabro do plexo solar, situado abaixo do estômago, entre o fígado e o baço, envia algumas forças para cima, para o coração. Os estados etérico e astral do homem são assim transmitidos ao santuário* do coração

* Ver glossário no final do livro.

através do fígado e do baço.

Vede, pois, a situação mais claramente: os três candelabros, o da cabeça, o do coração e o do plexo solar trabalham em conjunto, sendo que o papel central é desempenhado pelo coração. Os santuários da cabeça e pélvico o nutrem. O primeiro, com fluidos diretos da consciência, e o segundo, com influências astrais e etéricas, presentes no microcosmo* que foram de capital importância no passado do homem. Além disso, em muitos casos o coração recebe radiações diretas do coração central do microcosmo, o domínio da rosa*. O coração ocupa assim lugar realmente central no sistema humano. Aí, muitas influências, impulsos e radiações são associados e transmutados num ânimo fundamental que, por sua vez, possui também poder irradiante.

O ânimo mistura-se com o sangue, o fluido nervoso e o fogo* serpentina, eleva-se ao santuário da cabeça e, de lá, influencia todos os órgãos. A qualidade, a natureza e o estado do ânimo são o resultado do reator nuclear humano, o coração. Eles determinam o estado vital, o curso da vida. O homem é assim compelido incondicionalmente a seguir a disposição do coração. Quando o ânimo, e portanto as radiações do santuário do coração, efetivar-se em determinado instante, o homem deverá seguir as influências e a direção apontada por essa disposição. Todas as vossas possibilidades, todas as vossas conquistas, tanto intelectual como de qualquer outro tipo, são, portanto, sem exceção, dependentes de e subordinadas a vosso ânimo, sua qualidade e esfera de ação.

Suponhamos que vós, como geralmente se fala, tendes recebido uma educação excelente e freqüentado as melhores escolas. Isto é algo de que podeis ficar agradecidos, pois, do ponto de vista social, por exemplo, isso vos poderá ser útil. Porém, se vosso ânimo não tiver correspondido a essa educação, isto é, se vossa constituição

* Ver glossário no final do livro.

anímica não tiver recebido na juventude alguma cultura verdadeira e psicologicamente libertadora, toda a vossa primorosa formação se tornará perigosa ao extremo a todos aqueles com quem conviveis. Tudo isto pode ser facilmente demonstrado. Quando a vida de uma pessoa se modifica no sentido verdadeiramente libertador, esta mudança inicia-se no coração, com o coração. O santuário do coração é, portanto, o primeiro a submeter-se ao processo transfigurístico.

A importância do estado do coração é indicada inúmeras vezes nas escrituras sagradas de todos os tempos. O ânimo pode levar um homem ao assassinio, à possessão ou à hipocrisia, infligir-lhe dor incomensurável ou fazê-lo precipitar-se num abismo. Porém, "bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus", jubila o Sermão do Monte. É também sobre os puros de coração que nos fala o Prólogo do décimo-terceiro livro de Hermes:

Hermes: O Nous, ó Tat, provém da própria essência de Deus, se se pode usar semelhante termo com respeito a Deus, e esta somente ele conhece. Seja como for, apenas o Nous conhece perfeitamente a si próprio. Por isso, não se distingue o Nous da essência divina; ele se origina dessa fonte, assim como a luz dimana do sol. Nos homens, esse Nous é bom; e por isso alguns homens são deuses; seu estado humano muito se assemelha ao divino. Eis por que o bom Demônio designou os deuses como homens imortais e os homens, deuses mortais. Onde há alma, existe também o Nous, da mesma forma que onde existe a verdadeira vida, também há alma. Nos seres irracionais, o Nous é a natureza. Neles, a alma é simplesmente vida destituída de Nous, pois este é o benfeitor das almas humanas: ele as trabalha e forma em vista do Bem.*

Essa conclusão hermética, quando considerada superficialmente, é um tanto espantosa, porém, se a examinarmos à luz dos fatos, estes

* Ver glossário no final do livro.

a confirmarão inequivocamente.

Coloquemo-nos diante dos três candelabros que estão em nós: o candelabro de sete braços do santuário da cabeça, o do plexo solar e o do coração. Verificamos então que os três candelabros sétuplos se fundem em um único ânimo no santuário do coração. Compreendi, porém, que não se trata aqui de um processo totalmente automático, de onde o ânimo resulta inevitavelmente. Não, não é assim.

O subconsciente, a voz do passado, não é o único fator preponderante no coração. Vossa consciência de vigília, a luz sétupla presente em vosso santuário da cabeça, e o fluido da consciência que preenche as sete cavidades cerebrais também o influenciam. Podeis comparar essas cavidades com espelhos que refletem incondicionalmente para o coração todas as forças que se encontram na consciência de vigília. Portanto, quando falamos de um ânimo formado no santuário do coração, devemos também, ao mesmo tempo, certificar-nos de que vossa consciência imediata desempenha aí papel importantíssimo, isto é, de que vós mesmos participais. Encontrais em vosso coração todas as influências, todas as radiações e todos os impulsos que estão, de uma ou outra forma, ativos em vosso ser. São como muitas vozes que se vos dirigem. Além disso, encontra-se em vosso coração, se realmente sois um aluno sério da jovem Gnosis*, o toque fundamental, a voz do coração central, a voz da rosa.

Assim, a cada segundo encontrais em vosso coração, com vossa consciência normal de vigília, todas as influências que vêm a vós de todos os lados. Entre elas, está também a voz da rosa. Essa voz pode ser balizadora de valores e educadora. Possivelmente podeis julgar tudo o que vem a vós mediante a influência da rosa, que dita regras em vosso próprio ser. Geralmente, ela é chamada de "voz da consciência".

Deveis, assim, considerar o coração como uma oficina, onde podeis exercer conscientemente uma influência e exercer um trabalho extremamente importante. Esse trabalho deve ser desenvolvido antes que influências, forças e luzes atuantes constituam em vós num ânimo inevitável. Uma vez que ele é formado sois compelidos a segui-lo.

Já ouvistes alguma vez a respeito do conflito, do combate do coração? Da aflição e da alegria do coração? Também da dureza do coração? Sabeis que o combate mais importante, o combate do verdadeiro discipulado, deve ser travado no coração? Sabeis que o produto alquímico verdadeiramente redentor, necessário para a realização das núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz, deve ser preparado no coração?

Nunca houve, na história mundial, uma escola espiritual gnóstica que se tenha deixado guiar, por exemplo, pela verbosidade burguesa comum. A verdadeira nobreza sempre foi a do coração. Por isso, diz-se que Deus, que é Espírito, vê o coração. Não adianta exprimir-se por belas palavras ou comportar-se como se fosse o próprio Deus, pois o Espírito vê o coração. Isto significa que a natureza do ânimo que daí se eleva, e toma conta de todo o vosso ser, é decisiva. Enfatizamos esse assunto porque a maioria dos alunos (e vós deveis ver essa realidade diante de vossos olhos), na verdade, desconhece ainda essa batalha no coração.

Vedes o coração apenas como um órgão do sentimento, e dizeis: "Sinto isto ou aquilo dessa forma". Porém, já é muito tarde, pois o que experimentais é o ânimo. Conheceis o coração ainda como um órgão totalmente automático e aceitais o ânimo que daí se eleva. Poderia ser de outra forma? Quando sentis as conseqüências de vosso ânimo e lançais-vos à luta travada tão freqüentemente contra elas, atacais vosso ânimo que talvez tanta desgraça, dissabores e resistência já vos causou.

Todavia, não tendes a mínima chance de vencer essa batalha. Vós refletis (no santuário da cabeça, porém não no do coração): "O que devo fazer agora?" "E o que devo deixar?" "Como devo defender-me para alcançar a vitória?" Travais essa batalha na cabeça até a completa exaustão. No entanto, já é muito tarde. Deveis transferir esse combate para a oficina do coração, onde o ânimo se ocupa, a cada segundo, em se formar! Se assim fizerdes e vencerdes, seguireis à frente da realidade e dos acontecimentos. Podereis determinar o curso de vosso destino, pois tudo o que ocorreu em vossa vida foi dirigido, impelido, pelo ânimo. Se, porém, conseguirdes alterar o

ânimo, tereis vosso destino nas mãos e podereis determinar o curso dos acontecimentos em vossa própria vida. Podereis verdadeiramente modificar vosso destino.

Esse é o nascimento da alma. O nascimento da alma, a verdadeira regeneração anímica, não é nenhuma vaga atividade emocional, algo indeterminado como "sinto isso dessa ou daquela forma", que experimentamos de tempos a tempos. Ela é o ânimo que a própria pessoa formou. Por isso, repetimos: deveis aceitar o combate no santuário do coração, expulsar todas as forças e tensões que, porventura, encontrais no caminho, e deixar afluir as forças edificantes e auxiliaadoras. Assim, podeis formar vosso próprio ânimo e realizar o nascimento da alma.

Esse ânimo que vós desenvolveis a cada segundo corresponde a vosso estado de alma. Vosso estado anímico não é pois nenhum valor estático que vós simplesmente aceitastes. Não, podeis alterar fundamentalmente vossa natureza anímica. Se, então, ouvimos alguém dizer: "É, agora eu sou assim, este é meu tipo e meu caráter", então sabemos que é tarde demais. Se sois verdadeiramente um aluno sério da Gnosis e tudo corre bem convosco, dia a dia, modificais então vosso tipo e vosso caráter.

Desde vosso nascimento se faz conhecer, em determinado momento, um processo anímico específico, uma natureza anímica definida. Descobrireis isto com o decorrer dos anos, porém não precisais resignar-vos com esse estado. Podeis realizar uma mudança fundamental mediante a rendição. Isto significa que deveis descer ao santuário do coração com vosso eu, com vossa consciência e com as forças do candelabro do santuário da cabeça.

Vosso ânimo, portanto, vosso estado de alma, está muito sujeito a todo o tipo de mudanças. Podeis fazer com que ele torne-se mais e mais malévolos e funesto. Podeis também aceitá-lo como algo automático. Ou ainda prepará-lo muito conscientemente, de modo que ele seja capaz de receber o próprio Espírito.

A maioria das pessoas simplesmente aceita seu estado de alma sem questionamentos. Sobre essa base forma-se, rapidamente, com o envelhecimento, toda a natureza, todo o caráter, enfim todo o tipo.

Todos os processos metabólicos a isso se adaptam, e assim se chega a um estado de cristalização em que uma mudança absoluta se torna totalmente impraticável. Com efeito, pessoas há que desejam a Gnosis como uma espécie de lenitivo. Alguns possuem esse ponto de vista.

Sim, a Gnosis vos auxilia durante a vida, porém esse não é o objetivo dela. Ela quer livrar-vos desse estado miserável! Para tanto, necessitais descer ao santuário do coração e travar o combate contra vosso ânimo.

Existe também um grupo de pessoas, cujos representantes não aceitam o estado de vida da massa. Esses homens procuram o poder, a honra e a fama, isto é, autoglorificação. Na natureza da morte, essas coisas são alcançadas apenas por meio de uma acentuada auto-afirmação, possivelmente por intermédio de crueldade ou de astúcia e de maldade. O resultado disso é sempre um ânimo bem abaixo dos padrões normais. Quando se ouve um representante desse grupo falar, ele diz: "Sim, antigamente eu talvez me deixasse levar por pensamentos éticos. Já paguei por isso, e por esse motivo fechei o coração para essas coisas". Certamente conheceis tal homem.

Possa, desse modo, tornar-se-vos claro que os que não aceitam incondicionalmente seu ânimo e nem desejam fechar o coração e endurecê-lo, porém aceitam o combate do coração, podem mudar seu estado de alma e com ele seu inteiro curso de vida; estes podem ser renovados segundo o Nous. Eles recebem outra disposição anímica, outro ânimo, onde a vida da rosa pode desabrochar totalmente e, em conseqüência disso, o Espírito, Deus mesmo, pode adentrar o santuário. Dessa forma, pode-se, juntamente com Hermes, deles dizer: *O Nous, ó Tat, provém da própria essência de Deus.*

III

A Mudança do Ânimo

Quando o homem adentra a oficina do coração com o desejo muito consciente de elevar seu ânimo a um plano superior, e para tanto aceita o combate da alma, ele deve saber que, de fato, tal mudança ou renascimento anímico é fundamental e estruturalmente possível. Deve também compreender em que direção e em que força esse desenvolvimento deverá realizar-se.

O objetivo, como sabemos, é a regeneração de toda a natureza microcós mica, o retorno dessa natureza a sua essência e seu destino originais. Enfim, a união com Deus, com o Espírito. Desejamos, inicialmente, estudar as forças que se encontram à disposição do candidato ou são postas a sua disposição no início de seu trabalho.

A primeira, deverá ser a razão, a doutrina racional, a mensagem racional de salvação. Caso a razão deseje falar-vos, então deverá haver, é claro, uma possibilidade de aceitação. Se ainda não existe essa possibilidade, para vós valerá o dito: "Têm ouvidos, e não ouvem". A possibilidade de compreender um ensinamento racional, a doutrina gnóstica, somente existe quando há experiência suficiente do irracional, uma experiência que se adquire com a miséria e com a morte, trilhando o caminho de lágrimas e bebendo da taça da amargura. Somente então a razão pode dirigir-se ao homem, e ele avaliar se nele existe anseio suficiente de libertação para poder aceitar a razão e segui-la.

Deveis, pois, atentar para o fato de que a razão positiva anseia

sempre por determinada atividade, exige uma ação, uma atitude de vida. Há muitos que não entendem isso e aceitam uma mensagem da razão somente segundo o intelecto, pensando que mediante a aceitação intelectual já compreenderam a razão totalmente. Que erro! Aceitação racional significa seguir correspondente atitude de vida que talvez, ao mesmo tempo, oponha-se totalmente a um ânimo existente. O aluno que aceita racionalmente o que recebe, deve também aceitar incondicionalmente a luta contra um possível ânimo que contrarie a razão. O resultado provará se o que a razão exigiu adquire relevância realmente demonstrável e libertadora. Em caso contrário, ou a razão não passou de uma falácia ou o candidato ainda não desceu à oficina do coração. Por isso, falamos de aceitação moral-racional* da salvação da Gnosis. O termo racional se refere ao aspecto pensante, enquanto que a aceitação moral se refere à atitude de vida que a ela deve corresponder.

Assim, deveis descer à oficina do coração para provar na prática a razão. Quem não colabora para a realização de um ensinamento gnóstico* acolhe a razão apenas teoricamente. Então, apenas quando a necessidade assomar de novo, uma tentativa realmente séria será empreendida, pois receber uma mensagem da razão é, de fato, algo mais do que compreendê-la: é empregá-la. Geralmente, são necessários alguns goles do cálice da amargura para aprender essa lição.

Sabeis que geralmente se reclama do sofrimento e que o mundo deseja neutralizá-lo e suprimi-lo. Para a maioria, esse meio é realmente o único método de fazer com que a consciência natural, controlada e matizada por um ânimo malévolos ou não emancipado, perceba que alguma coisa não está certa, pois como já tivemos oportunidade de ver, o ânimo obumbra, domina, toda a personalidade, todo o ser.

Um homem que passa por essa experiência (e isso acontece com todos na natureza* da morte) torna-se mais cedo ou mais tarde um buscador. Assim que a vida de buscas inicia, ele deve travar a batalha contra o ânimo no coração. Inúmeras vezes se lhe dirigem quando a luta tem início. Elas são as reações de todas as radiações e influências que até então tinham desempenhado um papel no santuário do

coração e, portanto, estão no mesmo plano que o ânimo. Primeiramente, essas vozes conduzem o candidato a inúmeras experiências sociais, políticas, civis, éticas ou religiosas naturais, das quais o mundo está repleto, e fazem-no reconhecer finalmente o absurdo de todas as tentativas e esforços dialéticos.

Assim, após dez ou mil anos ou, talvez quem sabe, após todo um ano sideral, o homem atinge determinada maturidade para seguir outra diretriz de vida. Chega conseqüentemente o momento em que a razão gnóstica de algum modo se lhe dirige e mostra a única direção que pode conduzir a uma solução de todos os problemas, a saber, o ânimo, a disposição anímica do coração. Ali, a consciência natural deve agora como que descer. O ânimo e seu desenvolvimento não podem continuar a ser um processo totalmente automático, porém devem ser atacados com a consciência-eu*.

Possuís, como seres nascidos da natureza, um eu tão poderoso! Sois tão egocêntricos e sabeis exatamente o que desejais. Sois muito autoconscientes e, mesmo na Escola* Espiritual gnóstica, quase sempre uma personalidade muito forte. Pois bem, utilizai então esse eu para atacar vosso ânimo. Vós realizais tanto com vosso eu em relação às coisas comuns. Utilizai-o também agora em vosso disciplinado, e atacai vosso próprio ânimo com vossa consciência-eu. Iniciais esse notável combate ainda hoje. Vivenciareis incondicionalmente as conseqüências dessa atitude e toda a vossa vida tomará rumo diferente. Não nos referimos aqui a um tornar-se mais calmo e harmonioso, porém a algo totalmente diverso. A quê, então? Bem, o tipo de vossa dor, de vossos desgostos e as dificuldades de vossa vida se modificarão. Um cálice de amargura completamente diferente será colocado em vossos lábios. Já não será a dor inútil e estúpida no curso monótono das coisas, porém a dor nascida da luta no coração, causada pelo próprio ser eu-consciente.

Isto não é de forma alguma um ataque a outros, em que, às vezes, sois tão magistras, porém ao próprio ser. Isto traz consigo muita amargura; que, em todo o caso, é instrutiva e purificadora. Talvez essa dor seja bem mais violenta e penosa do que a anterior, porém,

como já dissemos, ela é purificadora. E a purificação coloca o aluno no caminho de libertação, ela o guia no processo de libertação.

A dor do fogo purificador pode ser, às vezes, tão violenta que o aluno iniciante geralmente recai no antigo estado de ser, para escapar das crescentes oposições. Quando ele ataca o candelabro do coração com o candelabro da consciência, surgem, conseqüentemente, muitos atritos. Sabemos que se encontram no coração muitas forças, radiações e influências que, em conjunto, formam o ânimo. Por isso, quem com o próprio ser ataca o ânimo, que já conduziu a tanta desgraça, é confrontado, no santuário do coração, com as forças e influências autodesencadeadas que habitam o campo* de respiração. Tendes formado, no decorrer dos anos, em vosso campo de respiração, uma grande quantidade de impiedade. Uma série de formas-pensamentos e fantasmas-desejos vivem aí saudavelmente. Quando atacais agora vosso próprio coração, vosso próprio ânimo, encontráis todas essas forças, todas essas influências e forças cárnicas e subconscientes, e ainda as forças naturais dos eões*. Quem, portanto, penetra assim o coração, desencadeia verdadeira tempestade. Pensai tão-somente nas várias lendas evangélicas que aludem ao fato. Por exemplo, em Mateus, capítulo 8, versículos 24 a 27, e em Marcos, capítulo 6, versículos 48 a 51. A tempestade se torna violenta e avança até que Jesus vem a bordo, ou é despertado, então ela se acalma. Isto significa que a "semente-Jesus*", o coração central do microcosmo, abre-se até mesmo na luta mais renhida, e a força, a luz da rosa, começa a brilhar e traz paz ao Nous. Dessa hora em diante, inicia-se uma mudança no ânimo, uma alteração na natureza anímica. Essa mudança, como já foi explicado, ataca todo o ser, que até então viveu segundo o antigo curso das coisas, e se estende por conseguinte sobre todo o antigo eu.

Em suma, repetimos: atacai vosso ânimo com o eu natural que possuíis. As conseqüências virão, a princípio, em forma de uma série de dificuldades, de desgostos e talvez até mesmo de tensões perigosas, porém a solução desses problemas será o desabrochar da rosa, a ativação efetiva da luz, do aroma da rosa. Nessa força radiante vos

modificareis completamente.

Quando esse processo se inicia, falamos do renascimento da alma ou da modificação do ânimo. Então, "o candelabro que está no meio", o candelabro sétuplo do coração é modificado inteiramente quanto a seu tipo de luz. Nasce um ânimo completamente novo e o candelabro da consciência que está no santuário da cabeça também se modifica totalmente segundo seu caráter e sua essência.

Quando o ânimo se modifica, ele impele todo o ser para a nova direção indicada. Se conseguirdes alterar, com vosso eu, mediante sua auto-rendição*, a disposição do coração, então o santuário da cabeça, isto é, a consciência normal, deverá demonstrá-lo por intermédio de uma atitude de vida modificada. Refleti no que tão freqüentemente temos falado¹, ou seja, quando o sangue se modifica no santuário do coração, a pequena circulação sanguínea impele o sangue modificado através do santuário da cabeça, e faz com que todos os órgãos deste santuário sofram mudança de estado. A alteração do ânimo provoca, portanto, a mudança de todo o vosso estado vital.

Logo, podemos afirmar com grande certeza que se esse novo estado não se manifesta, o combate da auto-rendição do eu ainda não foi travado por vós. Tendes assim a razão que vem a vós em forma de ensinamentos, de instrução prática para vosso discipulado, compreendida apenas intelectualmente e sem nenhum valor. Portanto, não se encontra em vós o anseio por vida libertadora. Devereis ainda ser abatidos e feridos pela dura vida, até que finalmente tomeis a decisão necessária para a auto-rendição, num processo interno que deve conduzir a uma modificação total de vosso ser.

Por que existem alunos que freqüentam a Escola há muitos anos e permanecem os mesmos que entraram? Eles não travaram o combate, não o aceitaram. O que já não se desenvolveu em suas vidas em forma de calamidade durante todos esses anos?! Porém, amigos, poderíeis ter aproveitado muito mais esses anos! Estaríeis já

1 Ver O Advento do novo Homem, parte I, capítulo XV.

purificados o suficiente para adentrar o novo estado de vida.

Sabemos que muitos alunos trilharam ou estão trilhando o caminho indicado apesar das dificuldades, e que portanto a modificação de seu ânimo está em via de se realizar num ritmo individual. Eles se desenvolvem e recebem — como já dissemos — novas qualidades de alma, que se demonstram de várias formas mediante ações vitais. A nova ação vital oferece ao candidato, entre outras coisas, perspectivas de vida totalmente novas, e por intermédio delas mais paz e confiança, um elevado grau de benevolência ao próprio ser, mas também geralmente — e a isso deveis estar atentos — certo sentimento de superioridade. Esse é um dos fenômenos colaterais da bondade. O homem bom tem e conhece esse sentimento de superioridade, por mais que este também venha acompanhado de certa modéstia. Assim, desenvolve-se a impressão de se ter avançado. Esse fenômeno colateral representa, para todos os que chegaram à fronteira, novo e grande perigo. Qual é, pois, o objetivo do novo ânimo, da nova qualidade anímica? Qual é o objetivo do processo de renascimento da alma? Conduzir-nos a uma condição tal em que todo o nosso estado de ser possa encontrar Deus mesmo, o próprio Espírito e recebê-lo, e assim tornar-nos verdadeiros homens.

Vede, pois, a situação diante de vós: João, o Precursor, trava o combate na modificação do ânimo e deve submergir totalmente nessa endura*. A vitória da modificação inicial nele é a manifestação de Jesus, a nova alma. O candelabro que está no meio muda sua luz. Finalmente o Espírito, qual uma pomba, desce sobre ele. O filho de Deus, o verdadeiro homem, manifesta-se: "Este é meu filho bem-amado, em quem eu me comprazo".

Por isso, a obra apenas se completa quando o Espírito pode penetrar o santuário do coração e ali celebrar o encontro com a alma. Assim, Espírito, alma e personalidade se unificam. Somente então as palavras de Hermes, ditas no início do décimo-terceiro livro, podem ser compreendidas.

*O Nous, ó Tat, provém da própria essência de Deus.
Apenas o Nous conhece perfeitamente a si próprio.*

IV

Nossa Consciência Natural

O Nous provém da própria essência de Deus. Já discutimos pormenorizadamente acerca do significado dessas palavras. Elas se relacionam com o retorno do homem ao ponto de origem do verdadeiro estado humano, com o restabelecimento da ligação espírito, alma e corpo. Dessa forma, o homem pode revelar-se como criação divina, portanto perfeito como filho de Deus, e realizar o plano de Deus, que é a base do mundo e da humanidade.

Hermes continua: *Apenas o Nous conhece perfeitamente a si próprio.*

Investiguemos o significado dessa sentença. Conhecer a si próprio indica naturalmente, em primeiro lugar, um estado de consciência. Se se deseja conhecer algo, então para isso é necessário possuir consciência. Todos nós a possuímos, somos seres conscientes. No entanto, ela é, no máximo, uma consciência natural, uma consciência nascida da natureza. Sabeis que ela é uma das formas mais inferiores de consciência que um ser vivo pode possuir? É a mesma consciência que todos os animais possuem. Ela nos faz reagir a determinadas impressões captadas por nossos órgãos sensoriais, ao passo que nós, como sabeis, somos dominados pelo nosso ânimo, e portanto pelo nosso coração e a partir dele. Por isso, a Doutrina* Universal nos diz que a sede de nossa natureza, o núcleo de nossa consciência está no coração.

Por que, então, somos tão conscientes no santuário da cabeça?

Por que é possível afirmar que a consciência se encontra no santuário da cabeça? Porque a sede de todos os nossos sentidos, assim como nosso sistema cerebral, encontram-se no santuário da cabeça. Algumas espécies de animais simplesmente não possuem um sistema cerebral, enquanto outras o tem em estado de desenvolvimento. O homem * natural se enquadra no segundo caso. É esse sistema cerebral que o capacita a desenvolver um trabalho racional.

O homem natural nada mais é do que uma espécie animal, como nos afirma enfaticamente Hermes em várias passagens. A consciência natural é somente o resultado de um processo atômico, elementar. Por isso, pode-se dizer que todos os animais, inclusive o homem natural, reproduzem-se e se mantêm uns aos outros. Isto significa que determinada espécie de vida animal se conserva automaticamente, mediante várias manifestações animais de vida. A luta pela existência, por exemplo, consiste na invenção e no emprego de meios e ações a fim de se conseguir um lugar melhor e mais seguro na natureza da morte, e assim proteger-se contra seus perigos fatais. Essas formas de vida, que nos são tão conhecidas, acarretam o desenvolvimento de certas irradiações: irradiações dos órgãos vitais, irradiações de natureza etérica e astral. Por meio dessas irradiações e de suas estruturas elementares surgem novamente outros tipos de animais, como os diversos microorganismos, os bacilos e os vários tipos de vírus, assim como miríades de insetos em suas inúmeras classes, que, por sua vez, impelem o desenvolvimento de outras espécies animais.

Por isso, dizemos que os animais se reproduzem reciprocamente e se mantêm fora do processo normal de conservação. Esse assunto já foi abordado inúmeras vezes na Escola. Voltamos a ele novamente a fim de dirigir vossa atenção para a consciência de que nós, como seres naturais, originamo-nos, para o tipo de consciência a que pertencemos. É a consciência nascida da realidade natural, com que, em dado momento, viemos corporalmente ao mundo. Em nossa consciência, repetimos, fala unicamente a natureza, inclusive os fatores hereditários. Isto também é válido para outras espécies de animais. Chegamos ao que somos agora mediante seleção, cultura antiqüís-

sima e formas inferiores de desenvolvimento animal. Se devido à degeneração e à queda que sofremos chegamos a este estado, isto é, ao estado animal possuidor de consciência natural e da faculdade intelectual, e aí estagnamos, então o conhecimento de como tudo isso veio à existência não nos vale para nada. Então, a única coisa que podemos afirmar é que somos como somos. Por isso, a ciência conhecida como Biologia não responderá jamais às questões eternas por ela propostas, se permanecer em sua pesquisa com a consciência natural e seus pontos de vista.

O homem consciente natural trouxe também à existência, com o decorrer dos tempos, em sua grande ilusão de superioridade, a ciência oculta, e muitos exercitam-se de forma oculto-científica. Qual a única consequência? Na melhor das hipóteses, ampliação organo-sensorial da consciência natural, que nada extrai ou acrescenta a seu caráter natural e, portanto, animal.

Se a expressão “consciência animal”, que Hermes normalmente utiliza, perturba-vos, empregamos aqui um termo estrangeiro: a filosofia hindu, por exemplo, fala-nos da consciência *kama-manásica*. Ouvi agora o que Madame Blavatsky diz a respeito dessa consciência: “A consciência *kama-manásica* se refere ao grau mais inferior da consciência instintiva dos animais e de alguns homens. Essa consciência pertence, portanto, ao mundo de percepções e permanece encerrada nele. Esse mundo de percepções se tornou mais ou menos racional nos homens”. Ela continua dando exemplos. Entre outros, diz: “Um cão fechado num quarto possui o ímpeto instintivo de se libertar, porém não pode fazê-lo, pois seu instinto não é racional o suficiente para se utilizar dos meios necessários para ajudá-lo na consecução do intento. O homem, no entanto, compreende esse estado, e sai conscientemente do quarto”. No final, ela diz: “O homem como massa galga o degrau mais alto, o sétimo, da consciência *kama-manásica*”. Em outras palavras, o homem possuidor da consciência natural é e permanece um animal.

Desejamos a isso acrescentar que conhecemos cães que são capazes de abrir a porta, quando querem sair do quarto. Com isso, queremos unicamente dizer que existem, até certo ponto, vários graus

de consciência animal em desenvolvimento.

Mais um exemplo. O treinamento de vossos olhos para que percebam vibrações de maior ou menor frequência, de modo a ver melhor do que outras pessoas, não melhora nem piora o tipo de vossa consciência. O mesmo raciocínio é válido para todos os órgãos sensoriais. Além disso, pode ser demonstrado que vários tipos de animais conhecem uma ampliação semelhante dos órgãos sensoriais. Um ocultista prático bate no peito e diz: "Eu sou clarividente e clariaudiente. Domino o método de desdobramento corpóreo, de modo a me movimentar simultaneamente e em plena consciência também na esfera* refletora". Porém, amigos, muitos animais conhecem igualmente o desdobramento corpóreo, a divisão da personalidade. Temos em mente aqui, por exemplo, as aranhas. Insetos desse gênero se manifestam perfeitamente na esfera* material e, ao mesmo tempo, na esfera etérica. Não há a mínima diferença de resultados. Se um ocultista gabar-se disso, podereis dizer-lhe: "Sim, isso também as aranhas fazem".

Os pássaros também vêm facilmente o mundo etérico e são guiados por forças etéricas. Os assim chamados "espíritos de grupo" dos pássaros são formas etéricas, manifestações etéricas de vida. Talvez, já vos tenhais perguntado ao ver um bando de pássaros voando: como eles conseguem voar todos juntos? Eles estão unidos por um espírito de grupo, por uma força etérica, por determinada vibração, por determinada força-luz, que podem perceber de forma extraordinária e pela qual são conduzidos para a região onde suas vidas podem manifestar-se: no verão, nessa região; no inverno, em outra. Os gatos também em geral possuem visão astral. Todos os cães e a maioria dos animais selvagens possuem olfato bem pronunciado, como sem dúvida o sabeis.

Assim, verificamos que uma ampliação organo-sensorial, seja qual for o tipo, não eleva o homem acima do estado de vida animal natural. Por exemplo, a maior sensibilidade adquirida por meio de uma vida simples ou de outras formas de abstinência, ou ainda da idade, mediante o processo natural de extinção, permitindo a observação e, portanto, a avaliação de vibrações etéricas ou atividades astrais, não indica absolutamente nada a respeito de mudança libertadora

em vosso estado de consciência natural. Tudo o que se afirma sobre isso é fraude, engodo, auto-ilusão. Não há nenhuma relação com o nascimento de outro, de um novo estado de consciência.

Quando na Gnosis se fala de uma mudança organo-sensorial (no desenvolvimento gnóstico ocorrem realmente notáveis mudanças organo-sensoriais), esta tem um objetivo totalmente diverso, um fim completamente distinto e conduz a um resultado absolutamente diferente de um embelezamento da consciência natural. Pelo contrário, vossa consciência natural diminui de várias formas, ela começa a recuar para o último plano, quando o desenvolvimento gnóstico se torna realidade.

Desejamos, após ter feito todas essas verificações, perguntar-nos se o homem além de sua consciência natural possui outra consciência que poderia elevá-lo acima desse estado de ser animal. Pensamos, por exemplo, na subconsciência, sob cuja influência brilha o candelabro no plexo solar, que nos liga ao total passado de todas as existências anteriores no microcosmo.

Esse passado está gravado no ser ^{*}aural e tem como tal uma influência poderosa no estado natural do homem. Se, todavia, a subconsciência se abrisse totalmente para nós e pudéssemos retroceder nesse passado até a primeira causa (vemos isso, a priori, como possível), certamente não alteraria nem um pouco o estado de consciência natural. Pensai com relação a esse assunto em Coríntios capítulo 1, versículo 13. Entre outras coisas podemos ler: "Mesmo que tudo soubesse, e mesmo que tudo possuísse, porém não tivesse o único *essencial*, não teria e não seria nada".

Vede, pois, amigos, não se modifica a natureza em sondando-a e nem mediante experiências com várias forças naturais. Ou, quando se modifica, se o faz no sentido degenerativo. Com efeito, pode-se degenerar todo um estado de vida mediante perturbações das leis naturais. O fato de que nossa consciência natural não pode ainda elevar-se acima dos critérios animais naturais, comprova que não se pode nunca retirar do passado uma influência sublime. Sim, a consciência natural será sempre dominada pela subconsciência. Portan-

to, falta-nos sondar o estado do coração. Como o santuário do coração é governado? Possuí consciência aí também? Não. Somente uma vida de sentimentos. Certamente, nenhuma consciência na verdadeira acepção da palavra.

Voltemos a nosso ponto de partida. Verificamos que apenas possuímos uma consciência-eu natural que se relaciona com o santuário da cabeça. É impossível dizer, segundo o sentido constante no décimo-terceiro livro de Hermes, que “essa consciência se conhece perfeitamente”. Seria loucura fazer tal asserção. Nosso santuário da cabeça é governado totalmente por nosso ânimo, o reator nuclear central de nosso ser, em que todas as irradiações e forças, que desempenham algum papel em nosso ser, são misturadas.

Assim verificamos, após nossa pesquisa, que estamos, como homens nascidos da natureza, realmente de mãos vazias, e que uma consciência divina deve estar, como nos diz Hermes Trismegisto quando fala sobre o Nous, totalmente ligada com o Nous, com o ânimo modificado, e portanto com o coração puro. Precisamos mais uma vez verificar que no santuário do coração, totalmente ligado à alma, deve nascer um estado de consciência inteiramente novo. Uma consciência tão claramente manifesta, tão absolutamente positiva, que reconhecerá perfeitamente Deus e ela própria, tanto a alma como o passado longínquo.

V

Vai e não Peques mais

Esperamos que já tenhamos explanado e verificado claramente que a consciência, capaz de elevar o homem acima do animal e de transformá-lo num verdadeiro filho de Deus, não pode ser alcançada mediante a expansão da consciência natural. Esta não passa de uma consciência de percepção, de uma consciência sensorial. Ela é, em realidade, a concentração de todo o estado organo-sensorial num único órgão de percepção. Esse órgão é, de uma ou outra forma, inerente a todo o ser vivo, a todo o animal, a qualquer ser que possua, no mínimo, uma estrutura orgânica. O homem também possui tal órgão de percepção, que, mesmo ligado a um aparelho racional, não o eleva acima do animal.

Todos os que já estudaram, de alguma forma, a ciência esotérica sabem que o núcleo do organismo perceptivo encontra-se na epífise, a glândula pineal. Como sabemos, essa glândula é um órgão notável. Ele se encontra logo abaixo do sincipúcio, ou seja, o alto da cabeça, e possui um campo de radiação que pode ser descrito como a aura da pineal*. Esse campo se ergue, por assim dizer, do alto da cabeça, em média, alguns decímetros. Ele se estende em volta da cabeça e se intensifica acima do sincipúcio.

Denominamo-lo campo de radiação devido a sua luminosidade, porém ele possui, em realidade, um caráter atrativo magnético sétuplo. Pode-se perceber claramente sete cores, sete matizes luminosos nesse campo. Assim que ele é tocado, e isto acontece constantemente a cada segundo, desenvolve-se um jôgo impressionante de cores e

radiações nesse campo da pineal; e todo o santuário da cabeça, com seus respectivos órgãos, responde a esse contato. Essa reação luminosa é percebida claramente quando o campo desse instrumento ímpar de recepção, o sensor mais importante do animal homem, a glândula pineal, é tocado.

Além disso, quando a pineal é tocada, a força de contato, a luz, precipita-se diretamente para o coração. Em menos de um segundo, aquilo que tocou o campo radiação da pineal se encontra também no santuário do coração. O coração possui também um campo de radiação. Pensai no esterno. Outrossim, o coração possui ainda sete aspectos, sete câmaras. Geralmente, quando o campo de radiação da pineal é tocado, as sete cavidades cerebrais reagem imediatamente. Podeis compará-las com espelhos. Elas recebem as impressões e refletem-nas diretamente nas sete câmaras do coração. O candelabro do coração reflete então em sintonia com a impressão que tocou a pineal. E para completar: tudo o que é irradiado na consciência de percepção toca também o fogo serpentino e todo o sistema nervoso.

Repetimos para que vejais claramente diante de vós e nunca mais esqueçais: o campo de radiação da pineal é tocado pelas impressões que são acolhidas pelos sete espelhos do santuário da cabeça e projetadas no coração. Ao mesmo tempo, essas forças são irradiadas pelo santuário da cabeça para o sistema* do fogo serpentino e, através deste, para todo o sistema nervoso. Portanto, tudo aquilo que, em determinado momento, adentra o santuário da cabeça, está por assim dizer também à flor da pele.

Nosso sistema corpóreo é organizado de tal forma que no instante em que uma impressão toca a pineal, a mesma radiação se propaga por todo o sistema nervoso. Desse modo, compreendemos que quando um homem possui somente certa consciência de percepção positiva, quando somente a consciência nascida da natureza encontra-se ativa no santuário da cabeça e a consciência central que é, em realidade, determinada por isso, funciona apenas de maneira totalmente automática no coração, o ânimo e seu campo de ação permanecem intactos, provocando o que denominamos debilitação, enfermidade e morte.

Não podeis controlar o que talvez penetre neste momento vosso

santuário da cabeça. Não tendes controle algum sobre o que flui simultaneamente pelo inteiro sistema nervoso. Isso provoca em vós grandes tensões de tempos a tempos. Para onde vos levarão essas tensões? O que acontecerá convosco? Podeis avaliar a rapidez da debilitação de vosso corpo, a velocidade com que, dessa forma, se processam todas as dificuldades corpóreas, quando não resultar nenhuma reação positiva, quando não conheceis meio algum de irradiar para fora do sistema aquilo que vos tocou, aquilo que provocou a tensão.

Inúmeras impressões são transmitidas ao coração e ao sistema nervoso por intermédio do campo da pineal, continuamente, a cada segundo. Se não resultar qualquer reação positiva, qualquer ação autocriadora do sistema nervoso central e da consciência central, podereis ter certeza de que todo o sistema, que se submeteu a tantas tensões, deteriorar-se-á muito rapidamente. Por isso, envelhecemos. Por isso, em dado momento, já não conseguimos manter-nos, e é claro que sabeis qual é o fim na natureza da morte.

Com base nesse conhecimento, existe uma terapia antiqüíssima, que já era aplicada na China, no tempo de Lao-Tsé. Ela se baseia no bem conhecido emprego do método magnético de cura, rejeitado pela Escola Espiritual moderna. Consideramos esse método de cura mais perigoso para o aluno do que os métodos ocidentais, porque ele atua diretamente no sistema e, além disso, é, às vezes, acompanhado de hipnose.

O método chinês antiqüíssimo foi introduzido em nosso país, há relativamente pouco tempo, pela Áustria, e é praticado agora por muitos médicos em sua busca desesperada pelo elo que faltava na conhecida terapia ocidental. A medicina acadêmica, a homeopatia e também a medicina natural têm dado provas suficientes de sua incapacidade em deter de modo razoável o fluxo de enfermidades corpóreas no homem. São comuns revistas e literatura contemporânea, onde se pode ver a busca desesperada de muitos homens que gostariam de auxiliar a humanidade enferma. É claro, compreensível, altruísta e humano que se procure ajudar. Todavia, a Escola da Rosacruz deve cuidar para que as possibilidades de vivência prática

do discipulado não sejam consumadas com pesquisas e experiências. Para isso, tornastes-vos alunos da jovem Gnosis. Quando, portanto, surgem em vosso caminho fatores impeditivos a vosso desenvolvimento, nós, da Direção da Escola, temos o dever de dizer: "Irmão ou irmã, isso não é certo. Não deveis fazê-lo".

Se vos firmais no ponto de vista: "Quero manter minha liberdade totalmente; eu me guio", então assumis a responsabilidade. Devemos, nesse caso, romper a ligação convosco como aluno da Escola. Isso é lógico. A Escola tem um plano, um método, um caminho. Ela vos ilumina na senda, também na nova vida e no método que para lá conduz. Se não desejais esse método, estais livres, porém vosso discipulado não tem o menor sentido.

Desde 1924, o início da Escola Espiritual gnóstica, insistimos nesse ponto de vista, e, conseqüentemente, tivemos de rejeitar inúmeras pessoas que tinham muitas possibilidades. Se, porém, permitíssemos que os alunos se deixassem manipular por magnetizadores, quiromantes, charlatães, etc., teríamos todo o tipo de forças negativas livres na Escola, o que poderia prejudicar ou mesmo impossibilitar totalmente nosso trabalho.

É belo e magnífico que se procure ser útil à humanidade, porém os caminhos e os meios devem ser admissíveis. Na Suécia, há pouco tempo¹, começou-se a empregar um novo método de cura em milhares de animais. Desses milhares, não resta um único vivo, foram assassinados, porque se tencionava ajudar o homem por meio de radiações protônicas, um subproduto do átomo. Essas radiações atravessariam o corpo humano com grande potência e, assim acreditavam, livrariam-no de seu mal, de suas dificuldades. No entanto, não se disse pelo que esses últimos seriam substituídos. É geralmente, mais tarde que se descobre.

Na Escola Espiritual, temos de zelar para que a possibilidade de vivência prática do discipulado não se consuma em meio de expe-

1 Refere-se ao ano de 1965.

riências e meios artificiais. O grupo central da Escola se esforça para conduzir a bom termo o disciplinado de todos os que estão a nosso lado. Por isso, devemos ajudar-nos mutuamente e trabalhar em conjunto.

Consideramos a acupuntura um perigo grande e ameaçador. Essa punção consiste na introdução de uma agulha dourada em diversos gânglios nervosos, especialmente em partes do sistema nervoso onde a dor e outros tormentos aparecem. Já dissemos que as dores nervosas se encontram continuamente ligadas ao campo da pineal, pois todas as impressões recebidas pela pineal são transmitidas pelo sistema nervoso a cada célula do corpo. Imaginai, por conseguinte, que um de vossos órgãos se tornou dolorido, sensível ou doente devido à impossibilidade de se eliminar de modo direto e positivo as tensões produzidas por meio das radiações.

Queixais-vos de dores na cabeça, no braço, na perna, etc. Alguém pega uma longa agulha dourada, segura-a com os dedos e a introduz na parte dolorida de vosso corpo. Assim, o médico que faz a punção transmite direta e positivamente seu fluido magnético ao corpo. A maior parte das vezes, o paciente reage como se recebesse um choque elétrico. A forma de transmissão do fluido magnético para o corpo por meio de uma agulha é bem mais poderosa e direta do que o método ocidental que utiliza passes magnéticos. Com essa agulha magnética, o médico introduz seu fluido, seu magnetismo pessoal, que é irradiado ininterruptamente pelas pontas dos dedos, em vosso corpo e, portanto, em vossa vida. Vosso processo vital já não vos pertence, pois o médico o bloqueia com seu próprio estado de ser.

Além disso, vossa dor corpórea certamente será ou poderá ser de grande utilidade em todo o vosso processo de desenvolvimento de uma consciência superior. Por isso, o fator pessoal é tanto quanto possível excluído em uma fidedigna escola espiritual. O fluido magnético de uma pessoa, introduzido diretamente no sistema nervoso de outrem, pode e será, sem dúvida alguma, mais tarde, perigosíssimo em muitos sentidos, tanto para o doador quanto para o receptor. Isto também foi percebido na prática terapêutica da China antiga, após amargas experiências. Por isso, o médico geralmente não

manipulava a agulha. Ele tinha à mão uma figura do corpo humano onde estavam indicados todos os gânglios nervosos. Então, ele arrumava uma jovem para auxiliá-lo em sua tarefa, como enfermeira. Ele indicava na figura todos os pontos onde se deveria introduzir a agulha, e a enfermeira executava o serviço. Em realidade, ela transmitia a orientação mental do médico para o paciente. Geralmente, isso resultava, como deveis compreender, num tipo de contato hipnótico. Com toda essa explicação, desejamos apenas dizer que nem a acupuntura, tão propalada por inúmeras pessoas, principalmente senhoras, nem o magnetismo são tratamentos em sintonia com a Escola Espiritual. Colocamo-nos contra todos os métodos que possam prejudicar o processo de desenvolvimento de uma nova consciência em nossos alunos.

Essa pequena explicação acima talvez tenha sido muito útil para vos esclarecer acerca da atualidade de nosso tema e de como ele se nos apresenta como ponto focal de nosso interesse.

Suponhamos que, já há muito tempo, diligenciais transmutar totalmente vosso ânimo no sentido libertador com vossa consciência natural. Então, promovestes com vosso organismo sensorial, e de modo especial com a pineal, o contato magnético entre a pineal e o santuário do coração. Suponhamos ainda que fostes bem-sucedidos nessa luta pessoal e íntima para elevar vossa disposição anímica, e que a libertadora vida da alma começa a manifestar-se no coração. Então se desenvolve no santuário do coração uma qualidade anímica totalmente nova. Um ânimo completamente novo começa a manifestar-se em vós. Quando esses fatos reveladores se apresentam, é natural que seja atraída imediatamente, por meio de vosso magneto sensorial, a epífise, uma força sintonizada com vosso novo estado de ser. Portanto, deverá ser percebido outro fogo, outro jogo de flamas sobre o santuário da cabeça. Uma força nova se liga ao santuário do coração. A força de radiação correspondente a esse novo estado de ser possuirá sempre essência, qualidade, espiritual, isto é, a força real do Espírito* Santo Sétuplo. Podeis imaginar isso? A consciência-eu inicia o combate no santuário do coração, como já tivemos oportu-

nidade de vos dizer. Vós perseverais a despeito de tudo! O santuário do coração se modifica, assim como vosso ânimo, e, ao mesmo tempo, a parte cerebral da pineal se abre para o Espírito Sétuplo. No livro *As Núpcias* Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, esclarecemos como o candidato à vida superior sobe a escada em espiral até o santuário da cabeça e lá deve contemplar o rei e a rainha, acompanhados de 60 virgens. A pineal possui 60 aspectos. Esse lótus* possui um cálice com 60 pétalas. Quando eles recebem os cumprimentos, o cortejo desce para o santuário do coração. Esse relato sucinto dos quatro dias das *Núpcias Alquímicas*, descreve exatamente aquilo que tentamos explicar.

Se aceitastes a luta com vosso ânimo e fostes bem-sucedidos, a esfera de ação da pineal se modifica num instante e o Espírito desce: sete raios do Espírito. Tão logo essa força do Espírito Sétuplo se una com o candelabro purificado do coração, um novo estado de consciência se desenvolverá no santuário do coração. O coração se converterá, instantaneamente, de órgão emocional para órgão consciente. Por isso, é dito no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus". Eles encontrarão o Espírito, eles se tornarão conscientes do Espírito.

Pode-se dizer assim: *O Nous, ó Tat, provém da própria essência de Deus. E como ele é? Ele conhece perfeitamente a si próprio.*

A partir desse momento, não se pode diferenciar o Nous da essência divina. Pelo contrário, eles estarão unidos, assim como a luz com o sol. Sim, esse Nous transformou o homem em um deus. *Por isso, alguns homens são deuses**; seu estado humano muito se assemelha ao divino. Assim diz Hermes nos primeiros versículos do décimo-terceiro livro.

Com base nessa realidade essencial, desenvolve-se e apóia-se o serviço de cura do Rozenhof, cujas curas, como sabeis, estão à disposição de todos os alunos realmente professos, isto é, os alunos que atacam verdadeiramente o próprio ânimo no sentido descrito. Uma consciência verdadeiramente nova somente surge quando o Espírito penetra um homem. Trata-se de um estado indescritível. Todo o estado de consciência, inerente à vida na natureza da morte,

fica reduzido a nada e deve ser comparado a uma tênue chama de vela contra a luz ofuscante do sol.

O Espírito penetrou o corpo vivo da Escola da Rosacruz Áurea. O corpo vivo, essa nave* celeste clássica, é um elo da corrente* universal gnóstica. Tudo o que a corrente universal é e possui, permanece e permanecerá à disposição da Jovem Gnosis.

A corrente universal é, como sabeis, um grande e poderoso grupo de entidades humanas deificadas que, mediante a jovem Gnosis, toca a terra e a humanidade que permanece ainda na natureza da morte. O grande mistério de salvação toca a humanidade na natureza da morte por meio da jovem Gnosis. Por isso, os homens que se aproximam da Escola Espiritual se encontram literal e verdadeiramente muito próximos à divindade.

Um campo de radiação poderoso, uma poderosa plenitude de radiação do Nous da Gnosis* Universal toca-nos, irmãos e irmãs, e se encontra a nossa disposição. Podeis comparar qualquer outra força ou qualquer outra ajuda com essa? Assim que o grupo se torna cada vez mais ciente por meio da aceitação do processo, toda a enfermidade, que não implique o fim da viagem terrestre, pode ser sempre curada direta e completamente. A prática do Rozenhof possui inúmeras provas que corroboram o que dissemos. Isso poderá tornar-se ainda muito melhor, se o grupo trabalhar conosco de forma correta e única. Não considerais trágico que se procure ajuda por todo o tipo de meios negativos, e geralmente vergonhosos, e se negue o verdadeiro auxílio?

Não penseis que desejamos neutralizar nossos irmãos médicos, que se sentem muito bem em seus lugares na Escola. Pelo contrário! Além de seus deveres médicos normais, eles podem e devem aceitar um lugar de importância fundamental no trabalho grandioso e magnífico do futuro. Devemos aqui deixar claro que agora é possível obter verdadeira recuperação, por meio do Espírito, para a humanidade abatida e malograda.

Sabeis e podeis ler diariamente o que se tem experimentado após a última Guerra Mundial no empenho de se trabalhar com o Espírito Santo e como ocorre, nesse sentido, a influência do lado da esfera

refletora. Essa tempestade amainou um pouco agora e a humanidade está perto do desespero. Agora, por exemplo, nos Estados Unidos, faz-se fila nas drogarias para se comprar narcóticos e fazem isso para escapar das tensões, do medo e da angústia e da influência do campo radioativo fortemente carregado sobre esse país. Devemos esclarecer, nesse caos, nesse sombrio estado de miséria, que é possível uma cura verdadeira para a humanidade abatida e malograda. Em todo o caso, com uma condição, que se encerra na frase: "Vai, e não peques mais".

VI

Espírito Santificador

No terceiro versículo do poderoso décimo-terceiro livro de Hermes Trismegisto é dito:

Por isso o bom Demônio denominou os deuses homens imortais e os homens, deuses mortais.

Em nossas considerações anteriores, explicamos pormenorizadamente que a consciência central do homem se encontra no santuário do coração e que esta consciência está em contato íntimo com o santuário pélvico, isto é, com a subconsciência e com a consciência nascida da natureza, que é o eu-consciente no santuário da cabeça.

Essas três não se encontram, em geral, em estado estático como unidade cooperativa. Pelo contrário, existe, na maioria dos homens, agitação contínua e intensa da consciência, que se faz valer principalmente no coração, sede da consciência central. Conhecemos todo o jogo de agitação do coração, a inquietação, a separação, a ansiedade, o medo e a preocupação que podem daí ascender, prejudicando continuamente nossa atenção e colocando todo o nosso sistema nervoso sob grande tensão. Se essa luta contínua fosse realmente um ânimo estático, inalterável, a pessoa se encontraria em um estado de ser que a Bíblia descreve como o endurecimento ou cristalização do coração. Esse estado geralmente significa impossibilidade de cura, perdição absoluta.

Devemos compreender que o desenvolvimento das oscilações da

consciência, geralmente tão violento e tão doloroso, essa mudança contínua em nosso ânimo, sempre indica objetivo ainda não alcançado. Enquanto esse objetivo não é atingido, o ânimo do homem permanece continuamente nesse estado de grande agitação . Por isso, Hermes diz no terceiro versículo:

O Nous é o benfeitor das almas humanas: ele as trabalha e forma em vista do Bem.

O homem possui uma vocação, mesmo no estado tão cristalizado do atual corpo racial. Enquanto ela não se realiza, o homem vive em contínua agitação. O homem de nosso gênero, de nosso tipo, é um deus mortal! Isso quer dizer que o homem chamado para a realeza do Espírito está preparado e formado para esse fim. Como essa realeza ainda não foi alcançada, não há equilíbrio no ânimo, no ponto focal do coração. A tranqüilidade do povo de Deus apenas alcança um filho de Deus, quando Deus mesmo, o próprio Espírito, pode manifestar-se nesse filho. Deus significa: Espírito perfeito e infinito. Se esse Espírito ainda não pode manifestar-se, fazer sua morada no homem, este não pode ainda ser considerado verdadeiro homem. Ele continua sendo perseguido pelo caminho da vida, e assim tudo pode acontecer a ele: errar e perder-se, cristalizar e petrificar-se completamente com todos os fenômenos associados à enfermidade e morte. Enfermidade e morte, esclarecemos expressamente, são as únicas conseqüências do objetivo da vida ainda não alcançado, e dos incidentes que por conseguinte resultam no estado de vida.

Já explicamos anteriormente que o ânimo e seus efeitos são acesos e fomentados pelo fluido nervoso, o assim chamado éter nervoso, e por outros fluidos anímicos em sintonia com ele. O éter nervoso nada mais é do que o fogo astral radiante no sistema corpóreo, que é recebido e absorvido por esse poderoso órgão que é a pineal. Esse fogo absorvido é irradiado para toda a personalidade, também por meio desse órgão, e sintonizado com sua qualidade. Esse órgão, a glândula pineal, e tudo o que é relacionado com ela, é a parte mais

importante do organismo humano. Ela já se encontra, desde o nascimento da pessoa, numa condição correspondente a seu estado racial, hereditário e ao próprio passado microcósmico*.

A pineal possui também um campo de radiação. Referimo-nos a esse campo como aura da pineal. Essa aura possui diâmetro de aproximadamente 50 centímetros. Nosso éter nervoso assume determinado estado por meio desse campo de radiação e de sua qualidade (qualidade determinada também pelo núcleo da aura). Tudo o que não está em harmonia com o tipo e a qualidade da aura da pineal simplesmente, não penetra o sistema e não pode ser absorvido pela pineal. A qualidade momentânea do éter nervoso, chamado de "arqueus*" por Paracelso, determina entre outras coisas vosso estado de saúde, vosso eventual vigor ou abatimento, vossos possíveis estados ou tendências patológicas e também o tipo e a qualidade de vosso ânimo e de toda a vossa agitação.

Do ponto de vista da libertação humana, isso é tão magnífico e o Nous, segundo Hermes, um tal benfeitor das almas, que todas as vossas dificuldades, quaisquer que sejam, continuam existindo, enquanto vosso arqueus permanece em determinado grau de qualidade. Enquanto não solucionais o grande enigma de vossa vida, as dificuldades continuam. Por isso, vosso ânimo é estimulado até que compreendais todas as causas de vossos sofrimentos e os ataques pela raiz.

O centro da pineal deve ser (e para isso foi formado) o ponto de contato, o ponto de penetração e a morada do Espírito. As *Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz* tratam disso. Impelido e preparado com esse intuito por vosso ânimo, deveis trazer a oferenda de vosso ser em auto-rendição total e incondicional. Dessa via sacrificial origina-se um novo ânimo e, por conseguinte, o próprio Espírito, o próprio Deus, tocar-vos-á e fluirá no arqueus.

Quando esse Espírito encontrar vossa essência no primeiro toque, então ele é o Espírito Santo, isto é, o Espírito Sanador, o próprio médico divino. A partir do grito do novo estado anímico, o Espírito nos toca e encontra a pineal, sua aura e o arqueus em determinado

estado de ser. Experimenta-se imediatamente tormento veemente, grande dor, tensão muito forte. O Espírito Santificador queima, como fogo ardente, através de nossas articulações, em conflagração purificadora. Quem porém recebe esse fogo e sabe empregar seus efeitos, encontrará, após o Espírito Santificador, o Consolador que é o toque do Espírito em aspecto mais elevado. Antes que o Consolador possa penetrar-vos, o sistema deve ser primeiramente purificado. Por isto, o Espírito Santificador precede a grande graça do Consolador.

Talvez, assim possamos perceber melhor que, por exemplo, calmantes ou outras terapias especiais para os nervos não podem solucionar verdadeiramente nossas dificuldades corpóreas. A aceitação de tais métodos é totalmente insana para o aluno gnóstico. Em realidade, é possível, por meio de expedientes como os narcóticos, acalmar vosso sistema nervoso e influenciar vosso arquetipo contra sua natureza no sistema nervoso. Compreendei, porém, que se assim o fazeis, apenas transferis vossas dificuldades. Transferis a natureza de vossas tensões, por exemplo, para um dos outros aspectos da veste-de-luz, como o sangue, a secreção interna ou o fogo serpentina, ou, ainda, o que seria pior, para os sete espelhos no santuário da cabeça, para os sete "pesos", ou para as sete cavidades cerebrais.

Quando o sistema nervoso é acalmado dessa forma, então pode acontecer que o coração também o seja. E vós vos sentis aliviados. Ah, quem não invejaria semelhante alívio? Porém, amigos, trata-se de falsa tranqüilidade. Uma calma muito falsa que, às vezes, demonstra que os sete espelhos, os sete candelabros são, por alguns instantes, "removidos de seu lugar", como atesta o livro do Apocalipse. Pois todas as forças que penetram o centro da pineal são projetadas em vosso sistema mediante as sete cavidades cerebrais, mediante o espelho sétuplo. Pode acontecer que esses sete espelhos suspendam seu trabalho, suas atividades, por curto período, que se tenham tornado embaçados e portanto não possam refletir. Nesse momento, experimentais falsa tranqüilidade. Em todo o caso podeis experimentá-la. Os candelabros são momentaneamente removidos de seu lugar.

Suponhamos que esse *não* seja o caso, e que o Espírito Santificador

não se retire do sistema, porém permaneça ativo; então esse Espírito Santo e Sanador efetuará seu trabalho de purificação de outra forma em vosso sistema. Vossas dificuldades continuam a existir ou, o que também é muitas vezes o caso, são ainda mais aguçadas. Quem, todavia, em alegria e pleno de compreensão aceita sobre a base do novo estado de alma, o próprio sofrimento tão necessário, o fogo da purificação, livra-se do sofrimento no período mais curto possível e de forma mais positiva.

Além disso, um médico que esteja no processo pode dar conselhos muito bons, por exemplo, com relação à alimentação e a outras necessidades fisiológicas. Alegra-nos muito a existência de médicos que auxiliam no restabelecimento de órgãos incapacitados, e assim podem ser de grande valia. Somos agradecidos, como não poderíamos deixar de sê-lo, aos médicos nacionais e estrangeiros que se dirigem a nossa Escola, pois o processo seguido por nós também os atraiu.

Porém agora temos o dever de indicar-vos o meio pelo qual podeis, como alunos da Escola, franquear o auxílio do Espírito Santo. Desse auxílio, todos os homens necessitam; sem ele nada somos e nada podemos, e o sofrimento continua existindo. Não seria extremamente lamentável se o Espírito Santificador atuasse em vós e, dessa maneira, se tornasse evidente que a espada do Espírito se vos fosse introduzida (o que, graças a Deus, é o caso entre muitos ou será muito em breve) e que vós, impulsionados pela ansiedade, medo e preocupação, resistísseis ao processo?

A tranqüilidade em vosso arquês e, com isso, um estado harmonioso do ânimo, somente poderão tomar forma em um homem, quando o Espírito Santo o tiver santificado ou estiver em via de realizar esse trabalho pleno de graça. Experimentai vosso ânimo como o grande benfeitor da alma humana, mesmo que isso vos seja ainda muito difícil. Pois o bom Demônio, isto é, a total natureza criadora original, assim como esta se manifesta na verdadeira alma humana, está orientado para imortalizar e transfigurar os homens, isto é, para torná-los homens divinos.

VII

A Cura pelo Espírito Santo Sétuplo

Como introdução para continuar nossa exposição do décimo-terceiro livro do *Corpus Hermeticum*, sigamos os versículos de quatro a oito:

Nos seres irracionais, o Nous coopera com a propensão natural de cada um; todavia, opõe-se a essa tendência nas almas dos homens. Pois toda a alma é atormentada pela dor e pelo prazer assim que entra em um corpo. A dor e o prazer propalam-se pelo corpo denso como incêndio onde a alma submerge e sucumbe.

Quando o Nous pode conduzir tais almas, ele verte-lhes sua luz e opõe-se a suas tendências. O Nous aflige a alma apartando-a do prazer, que é a origem de todo o seu estado doentio, da mesma forma que um bom médico cauteriza ou extirpa a parte doente do corpo.

Contudo, a grande enfermidade da alma é sua negação a Deus e o pensamento errôneo, de onde se originam todos os males e absolutamente nada de bom. Por isso o Nous, ao lutar contra essa doença, confere à alma novamente o Bem do mesmo modo que o médico restitui a saúde ao corpo. As almas humanas que não são conduzidas pelo Nous, encontram-se em estado idêntico ao das almas dos animais irracionais.

O terceiro versículo (devemos acrescentar mais uma vez) diz enfati-

camente: *Nos seres irracionais, o Nous é a natureza.* A criatura irracional possui um ânimo que é perfeitamente explicável pela natureza. Por isso, essa criatura animal não pode fazer outra coisa senão ser totalmente una e estar completamente em harmonia com esta natureza. Ela está inteiramente contente com isso, pois é sua determinação de vida. A natureza encontra-se em completo equilíbrio com seu tipo. Quantos homens são assim! Homens inteiramente absorvidos pela natureza, que se sintonizam totalmente com ela, e ainda se gabam disso, escolhendo tal atitude de vida como um tipo de religião. Pensai nos vários tipos de adoradores da natureza, chamados tão freqüentemente na Escola de naturalistas. Pensai também nos incontáveis tipos grosseiros das massas, que se fartam de comer, que estão orientados somente para a matéria e para a satisfação dos sentidos.

A natureza, segundo esclarece a Doutrina Universal, desfaz-se continuamente. Ela não é nenhuma realidade, pois assim que procuramos agarrá-la, segue-se o jogo dos opostos. A natureza, assim como a conhecemos, é, portanto, irreal, dialética*. Tudo o que está ligado à natureza e depende dela também é inteiramente irreal.

A natureza é, pelo menos deveria ser, um espelho puro da imaginação; ela nos oferece as representações várias de bondade, beleza e amor. No entanto, a imagem se dilui e se transforma em seu oposto, de acordo com a lei da natureza. Vossa atenção foi dirigida para esse fato incontáveis vezes na Escola. Não para desviar de sua orientação o homem que é totalmente uno com a natureza, pois isso seria tentativa inútil, porquanto "nos seres irracionais o Nous encontra-se totalmente em sintonia com a natureza". Contudo, na natureza real, original e portanto fundamental do homem, pelo menos em muitos homens, encontra-se um elemento poderoso que se desvia totalmente da natureza. Para despertar esse elemento e fortalecê-lo, a Filosofia Universal fala repetidamente da inconstância do universo, da dialética, e prova a falta de inteligência em se agarrar a ela. Quando os homens também perseguem a ilusão e descobrem que não podem agarrar-se a ela, então a Escola lhes fala sobre a dialética.

Ora, é totalmente impossível negar a natureza, negar sua ilusão,

pois o homem corpóreo, nossa personalidade nascida da natureza, é parte da natureza dos opostos. Nossa personalidade nasce dela, nutre-se por ela e dela, e em seu devido tempo é por ela sacrificada. Todavia, o homem, pelo menos parte da humanidade, possui uma alma que não pode ser explicada pela natureza. O microcosmo dessas entidades possui um núcleo. Referimo-nos ao coração central do microcosmo. Esse núcleo, esse botão-de-rosa* está, de alguma forma, ligado ao coração nascido da natureza e nele se expressa. Quando esse coração central do microcosmo fala para nós e em nós, o ânimo se defende contra a inconstância de tudo. É um estado do coração que eventualmente se volta em desespero contra a irrealidade e que também impulsiona o homem a todo o tipo de coisas e atividades estranhas.

Muitos homens têm-se admirado, ao longo dos anos, de que o homem possa possuir, por um lado, uma alma livre da natureza, a alma que denominamos botão-de-rosa ou átomo primordial, e por outro, que esse mesmo homem se manifeste tão fortemente ligado à natureza. A causa nos é esclarecida por Hermes.

Toda a alma que penetra um corpo e que, portanto, encontra-se encerrada na personalidade nascida da natureza, é momentaneamente atormentada pela dor e pelo prazer, pois estes se propagam como incêndio no corpo denso, nele a alma submerge e sucumbe.

Alguns mistérios estão ligados a tudo isso. A forma corpórea do homem deve, a princípio, ser o instrumento perfeito da alma intrinsecamente vivente. No entanto, a forma corpórea cristalizada, assim como a conhecemos, não é adequada para isso, pois, do ponto de vista da alma, recebemos esta forma natural de nosso pai e de nossa mãe. Por isso, essa forma corpórea possui fortes qualidades aniquiladoras da alma. De qualquer maneira, a alma é por ela aprisionada por esse motivo.

As qualidades aniquiladoras da alma são encontradas, entre outros lugares, nas correntes de vida que se ligam à forma corpórea, o éter nervoso, o arquetipo, ou -- como o denomina Jacob Böhme --

*salniter*¹ corrompido . Nessa essência vital, nessa corrente de vida, a alma é tragada. A influência desse arqueus não pode ser neutralizada com medicamentos. Ah, se assim fosse! Não se pode tornar os humores vitais inoperantes ou afastá-los de outra forma. Não, o arqueus ou o *salniter* corrompido deve ser neutralizado do imo. Nesse sentido, deveis iniciar uma luta de vida.

Para realizar esse processo, é naturalmente necessário, em primeiro lugar, possuir uma alma, alma que se oponha a suas tribulações, a suas experiências. Não em oposição negativa contra o mundo, a humanidade e a sociedade ou a seus companheiros. Deveis resistir contra a maldade em vosso próprio sistema, isto é, a dor e o prazer que são da mesma essência que o *salniter* em vós.

Conheceis as dores. Todo o homem as experimenta em seus aspectos múltiplos. Deveis considerar que a palavra "prazer" não era utilizada no sentido tão desfavorável como hoje em dia. Podemos descrever melhor o significado que o hermetismo dá a ela como um estado em que a atividade de todos os órgãos sensitivos está dirigida à natureza e a todas as suas correspondentes conseqüências.

Quando a alma resiste a tudo isso, por estar plena de experiências, então se torna patente que o átomo primordial, o coração central do microcosmo, exerce forte influência na consciência central que se encontra no santuário do coração. Isso acontece sobretudo quando se deve passar por uma ou outra experiência dolorosa. Então, o ânimo reage violentamente a essa situação. E mediante tal inflamação anímica nasce, segundo Hermes, um brilho, uma luz, uma radiação. Claro que essa radiação da alma é totalmente contranatural; e, sem dúvida, não é explicável pelo estado natural comum. Com efeito, ela provém do coração central do microcosmo. Assim, segundo Hermes, esse brilho, essa radiação, essa influência, defronta-se com a maldade em nós. Dizemos: a alma adentra, assim (pelo menos pode

1 Nome dado por Jacob Böhme à matéria deste mundo, cheia de máculas e pecados.

adentrar), um novo estado de ser, estado de ser que pode conduzir para total transformação, para total renascimento da alma. Esse brilho da alma ataca diretamente, sem rodeios, o *salniter* corrompido, o éter nervoso. Ele atua como um cirurgião poderoso que cauteriza ou extirpa tudo o que se encontra doente no corpo. Por quê? Devido à saúde da alma e, ao mesmo tempo, à do corpo. Não devido à saúde dialética, porém, devido à verdadeira saúde no sentido da Gnosis Universal, à saúde que é um prosseguir na senda da consecução do objetivo da vida.

Por que tendes forma corpórea? Para vos atolardes aqui durante alguns anos em todas as misérias possíveis e exercerdes uma ou outra vocação burguesa, a fim de manterdes a cabeça fora da água e então morrer? Para vos afogar no éter nervoso todos esses anos? Na maldade? Sempre discutindo e lutando? É esse o objetivo de vossa vida?

Por que tendes forma corpórea? A forma corpórea, diz Hermes, é um instrumento, um atributo da alma para se poder apresentar a seu serviço, como seu servidor.

Há, portanto, um ânimo que se encontra por inteiro no cativeiro da natureza, que funciona em completa concordância com o éter nervoso; porém, existe também um ânimo em que e com que a alma humana original pura resiste à ditadura e ao domínio exercido pelo corpo sobre a alma.

Imaginai que uma criança nasce dotada de alma original. Quando essa alma se liga ao corpo, ela encontra a maldade que é uma com a natureza dialética. Agora, trata-se de saber se ao desenvolver-se, ao tornar-se mais velha e tiver de enfrentar a vida, a criança lutará contra essa maldade, que está dentro dela, ou se a aceitará incondicionalmente e se deixará conduzir ao longo das linhas de menor resistência.

Estamos sujeitos, como entidades-almas, a toda a ditadura do homem corpóreo; por conseguinte, a alma ameaça sucumbir, morrer. Assim, a Bíblia por nós melhor conhecida diz: "A alma que peca deve morrer". Hermes indica esse ânimo tão estranho, que se atreve a desencadear a luta contra a natureza, como o Nous. Falamos de um

novo estado anímico, e desse novo estado de alma dimana a luz, o brilho, a radiação que atua no fluido nervoso como remédio e que devido a seu fogo purificante provoca muita dor. O homem recebeu esse Nous, esse ânimo, para seu auxílio. E se vós, leitor, conheceis esse ânimo, sereis conservados, pela dor desse remédio, continuamente em movimento. A cada dia há algo diferente nesse grande conflito da alma. Não sereis deixados em paz um segundo. A cada instante existe motivo para sofrer o extirpamento e a cauterização purificadoras, até que a alma descubra que sua grande enfermidade é a negação de Deus.

Geralmente movemo-nos nessa luta sobre um plano bastante inferior e desencadeamos a luta contra o tormento e a dor que padecemos na forma corpórea, até que, como foi dito, a alma descubra que o grande pecado, a grande enfermidade da alma, é a negação de Deus e todo o pensamento pleno de erros que é a sua conseqüência.

Se a alma em sua luta diária contra o *salniter* corrompido permanecer unicamente orientada para isso, ela será, em dado momento, atingida pelo esgotamento. Portanto, ela deve aguardar *pelo Espírito*, em ânsia de salvação, como é falado tão freqüentemente na Bíblia. Pensai, por exemplo, no poeta dos Salmos: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira minha alma por ti, ó Deus!"

A forma corpórea, convocada para instrumentário, para veículo ou atributo da alma-espírito*, conforme Hermes denomina o corpo, permanece em seu estado cativo natural, ainda que a alma apele violentamente, enquanto o próprio Espírito não desce.

Preparamo-nos por meio de nossas explicações anteriores para esse tema sumamente importante, indicando sempre de novo o centro da pineal. O homem corpóreo, o homem ligado à natureza permanece nessa condição de aprisionamento, enquanto o Espírito não adentrar esse centro.

Poderíeis agora perguntar: qual a utilidade do brilho da alma? Quando a força anímica, a luz da alma, rebela-se contra o cativo,

de que vale isso sem o Espírito?

Bem, amigos, o brilho da alma possui propósito duplo. Em primeiro lugar, o inteiro sistema já não poderá atolar-se profundamente e ser tragado na noite do desenvolvimento que conduz para baixo, devido a esse brilho da alma, atuante no *salnitro* corrompido, embora a alma morra, assim como o corpo, sem a ligação com o Espírito. Na verdade, não existe algo como paralisação; há apenas uma ascensão, ou uma queda sempre mais profunda. Porém, o brilho da alma é sempre capaz de deter um declínio ainda maior durante algum tempo, às vezes, durante longo tempo. O brilho da alma é, nesse sentido, como uma bóia com que o homem pode flutuar no mar da vida por algum tempo. A queda mais profunda é paralisada devido ao renascimento da alma.

Esse é um ponto sumamente importante, que devemos levar em conta seriamente no corpo sétuplo da Escola Espiritual. Pois é possível, em muitos casos, que após seu falecimento, os que são "resguardados" no brilho da alma, mantenham-se firmes no campo de vida, que denominamos Cabeça * Áurea, para, a partir de lá, tentar seguir uma vida libertadora. Porém, a paralisação da queda, devido à força anímica, é ainda diferente de ser-se salvo, diferente da verdadeira ascensão, de um verdadeiro tornar-se liberto e de uma ascensão na verdadeira destinação humana.

O renascimento da alma não é ainda nenhuma transfiguração *. A transfiguração é realmente o objetivo da Escola Espiritual moderna. A Escola Espiritual da Tríplice Aliança da Luz se volta para a transfiguração, para o totalmente novo devir humano. Possa, portanto, ficar claro para vós, que, como alunos dessa Escola, não deveis permanecer no primeiro benefício, no novo estado de alma, na bóia, sobre a qual podeis flutuar durante algum tempo. A alma possui ainda um segundo poder! A alma é, caso ela tenha adentrado o estágio de renascimento, o estágio do novo ânimo, capaz de invocar e de realizar a descida do Espírito no centro da pineal. "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira minha alma por ti, ó Deus!" Pelo Deus vivente!

Quando a alma se eleva, dessa maneira, o Espírito desce no centro

preparado da pineal. Então, o próprio Espírito Sétuplo, de modo inteiramente libertador, toca o éter nervoso com sua força santificadora. Ansiamos por esse Espírito em nossa Escola; esse Espírito vos toca em perfeição.

VIII

A Panacéia Dupla

Assim, foi-nos mostrado que o Logos* oferta a cada homem que dispõe do Nous, dois remédios, com cujo auxílio todos os padecimentos corpóreos podem ser curados. Esses dois remédios são, como vos lembrais, o brilho da alma e o Espírito Santificador.

Contudo, essa panacéia dupla apenas atua de forma plena, absoluta, quando ela é liberada em e por meio do homem. Em outras palavras: trata-se de um processo de autocura. Todos os outros métodos que o mundo conhece e emprega, sejam eles quais forem, sempre atuam apenas parcialmente; mesmo as curas e santificações realizadas por Jesus, o Senhor, ou por qualquer um dos outros grandes do Espírito. Isso se comprova, por exemplo, nas palavras proferidas por Jesus, o Senhor, quando ele realizou uma cura: "Vai e não peques mais". Assim que a pessoa curada volta à antiga atitude de vida, as dificuldades aparecem de novo imediatamente. A santificação apenas se completa quando os três, Espírito, alma e corpo, unem-se em sentido absoluto. O candidato dos Mistérios gnósticos deve, pois, ser orientado também para esse fim.

Devido à natureza e ao estado atual do homem corpóreo, grande confusão reina também nesse ponto e os maiores antagonismos se desenvolvem. O homem corpóreo é muito cristalizado. A ira e os desejos irracionais o dominam e ele é totalmente orientado para a natureza. As radiações dos eões da natureza dialética determinam todo o seu estado vital. Pedimos, neste contexto, que volteis vossa

atenção para os *chakras*, entre os quais, como talvez saibais, o homem possui sete grandes, além de muitos menores.

Esses sete *chakras* não podem ser denominados especificamente como materiais, pois eles interpenetram toda a personalidade. Segundo o aspecto físico, eles se apresentam em estado gasoso; além disso, em estado evidentemente etérico, e finalmente eles penetram também o corpo astral. A pineal, este órgão singular, constitui exceção. Trata-se de uma glândula de secreção interna que se encontra fisicamente no santuário da cabeça, e está, simultaneamente, ligada ao *chakra* da cabeça. Daí sua poderosa irradiação.

Cada um desses *chakras*, também conhecidos como rodas, possui individualmente tarefa específica e está em movimento contínuo. Vistos de dentro para fora, eles giram no sentido dos ponteiros do relógio, da esquerda para a direita, e atraem, em consonância com o estado interno do homem, diversas forças astrais que, convertidas em éter por meio do movimento rotativo, alcançam todo o sistema físico mediante o corpo etérico. Além desses sete *chakras* principais, existem ainda, no mínimo, quarenta e dois menores, que em conjunto formam uma rede de sete vezes sete centros de força. Compreendeis, portanto, que o corpo astral, o etérico e o físico estão intimamente ligados um ao outro e que por intermédio dessa ligação o estado astral é também o estado etérico numa fração de segundo, e o estado etérico é, ao mesmo tempo, o material.

Como acontece isso? Principalmente por meio do mundo e do campo de vida exterior do homem. Já tivemos oportunidade de vos esclarecer anteriormente que o centro da pineal, o *chakra* da cabeça, atua, na verdade, também como um centro respiratório. Diversas forças poderosas penetram primeiramente o centro da pineal como um aspecto positivo e um negativo e de lá são distribuídos novamente para todos os grandes e pequenos *chakras*. Em outras palavras, todas essas forças são continuamente introduzidas e distribuídas por todo o sistema. Radiações, forças, prana, eões da natureza dialética, determinam todo o estado de vida do homem corpóreo.

Essas correntes de força provocam determinados estados no corpo astral; as forças astrais, já vos dissemos isso, são convertidas

em éteres* pelas rodas autogiratórias, que em conformidade com sua função, movimentam-se em diferentes velocidades, e a seguir são introduzidas no sistema corpóreo comum.

Dessa forma, a lei da dialética é preservada no homem corpóreo. Enquanto esse homem prevalece no sistema (e isso ocorre em 99% dos casos), ele conduz seu microcosmo para uma queda sucessiva, no giro do ascender, florescer e submergir, para uma morte contínua. E a alma, que é introduzida nesse sistema notável na hora do nascimento, é tragada em todos esses fluidos vitais do homem corpóreo.

A melhor prova disso é que o homem corpóreo possui dois aspectos: uma consciência de vigília e outra, de sono. A diferença reside no fato de que, durante o sono, o corpo material descansa e o duplo etérico e o corpo astral saem, embora sempre ligados ao corpo material, e podem perambular um pouco pela esfera refletora. Quando se dorme, a parte mais sutil da personalidade sai geralmente pelo *chakra* que fica em ligação com o baço. O estado de sono se completa, então, quando o duplo etérico é expulso realmente do baço. Em geral é assustador quando se vê o duplo etérico do homem, pois podemos vestir e embelezar nosso corpo físico para deixá-lo com aparência civilizada ou cultivada. Porém, alguma vez já ouvistes algo sobre a cultura do duplo etérico? O homem ainda não é capaz de fazê-lo. Em verdade existem métodos para cultivar, até certo ponto, o duplo etérico. Contudo, o homem comum não os conhece e é bom que continue assim. Por isso, o duplo etérico revela, na maior parte das vezes, a verdadeira imagem do homem corpóreo.

Essa imagem assusta, assim o dissemos, pois na imagem do homem etérico evidencia-se a decadência, a divisão e o estado caótico do homem nascido da natureza. Depois desse primeiro susto, é-se tomado de comiseração imensurável, pois isso poderia ser totalmente diferente!

Para isso o homem-alma deve primeiramente nascer no homem material. O novo ânimo deve despertar. Já vos falamos que um brilho, uma luz, uma radiação, dimana desse novo estado do Nous, desse homem-alma. Esse brilho da alma atinge todos os *chakras*, os sete

grandes e, pelo menos, quarenta e dois menores. O brilho do homem-alma ataca assim o homem corpóreo; enceta a luta contra a ira e os desejos da corporeidade, contra a total orientação do homem corpóreo. Ele dá início também à luta contra os fluidos e humores vitais que circulam no homem corpóreo e o dominam. O primeiro remédio começa a agir.

Vede ainda claro diante de vós como todos os *chakras* do ser humano, grandes e pequenos, giram em determinado processo; como diversas forças e correntes são sempre introduzidas e liberadas na personalidade, e como o homem é impulsionado a seguir seu caminho da vida. Agora a alma e o brilho da alma entram em ação. Todos esses processos que mantêm o homem preso e fazem-no enfermo são atacados por essas radiações, pela luz da alma. O remédio começa a agir.

Como uma voz que vem a nós já há dez mil anos, Hermes nos diz que quando o brilho da alma começa a irradiar no homem corpóreo, ele provoca dor violenta. Não pode ser de outra forma!

Assim que vos aventurais com a alma, provocais dor violenta em todo o vosso sistema. E comprovamos que a queda do homem corpóreo é imediatamente detida, em princípio e fundamento, por meio desse remédio. A ação de todos esses *chakras*, o impulso de todas essas forças naturais em vós por intermédio de todo o sistema, conduz-vos à morte. Agora o brilho da alma surge e provoca paralisção em todos esses processos. Vede pois como o homem se precipita continuamente com a rapidez de um raio e desaparece na lama, no nada. Reconhecei que, devido ao toque da alma, esse processo pode não apenas ser retardado como também alcançar o impossível: uma paralisção na senda negativa da morte.

Isso se relaciona com uma mudança singular e um movimento que surgem nos *chakras*. Eles giram, como dissemos, no mesmo sentido dos ponteiros do relógio, isto é, da esquerda para a direita. Agora, porém, é possível paralisar a rotação por meio da luz da alma, alcançar o repouso e, então, recomeçá-la novamente, porém em sentido contrário.

Compreendereis que, quando isso acontece, toda a imagem do

mundo e toda a imagem do ser do homem se modificam. Em conseqüência das mudanças na atuação dos *chakras*, adentrais um novo mundo e vos tornais um homem totalmente diferente.

Assim que as paralisações começam a manifestar-se nos diversos processos dos *chakras* e, conseqüentemente, o brilho da alma é bem-sucedido em algum aluno, a atenção do homem corpóreo atacado pelo homem-alma é dirigida para o fato de que o maior dos pecados, portanto, a maior falta, é a vida contrária a Deus e que ambos, a alma e o corpo, devem orientar-se para entrada do Espírito; que ambos devem criar espaço para isso, de modo que, a partir deste momento, os dois se tornem três.

Por que os dois devem tornar-se três? Por que o homem corpóreo desempenha função importante também nesse processo? Por quê?

Por causa da pineal. Como já dissemos, a pineal não é apenas um órgão astral e etérico, mas também um órgão material. É possível indicar a pineal fisicamente, anatomicamente.

Quando o processo anímico avança, quando o aroma da alma, o brilho da alma, é percebido no sistema e este é atacado pelo primeiro remédio, a pineal deve primeiramente abrir-se de outra forma, pois é imprescindível que o candidato respire um prana totalmente diferente. Caso contrário, ele não irá adiante. Deve-se desenvolver uma respiração totalmente diferente; a pineal deve-se abrir para a entrada da radiação do Espírito Sétuplo. Os sete raios devem penetrar juntos e auxiliar o processo da alma.

Quando então esses três são fundamentalmente transformados em *um*, o Espírito deverá santificar, curar, em primeiro lugar, todo o sistema. Essa é, como dissemos, a segunda panacéia que é a condição para qualquer transfiguração.

A transfiguração é o grande restabelecimento. A Gnosis se dedica a isso. Esse é o objetivo total da Escola Espiritual gnóstica. São as núpcias alquímicas de Christian^{*} Roserikreuz. É a arquignosis^{*} de Hermes Trismegisto: o homem corpóreo é primeiramente atacado pelo brilho da alma; o centro da pineal abre-se para nova respiração, para a descida de novas forças vitais, de novos fluidos vitais, que

iniciam imediatamente sua ação curadora.

Agora, a atenção do grupo na Escola Espiritual moderna é dirigida continuamente e de varias formas para esse processo poderoso, e com ênfase sempre maior, o que provoca certa agitação. Muitos alunos sentem-se de certa forma abatidos com isso.

Porém, por que esse ataque poderoso acontece? Somente com o intuito de dirigir-vos para a absoluta necessidade da unidade tríplice em vosso estado de vida, e porque, na maior parte do grupo, o brilho da alma está mais ou menos atuante. Ambos, alma e corpo, estão ligados. Porém não devemos parar aí. A Escola deve avançar, pois somente agora ela pode dar início a seu próprio trabalho. Não somos nenhuma *escola anímica*, porém somos convocados a formar uma *escola espiritual!*

Escolas anímicas e instituições para a formação da alma existem o suficiente em nosso mundo. Há grande grupo de pessoas que é paralisado em sua queda ameaçadora pelo brilho da alma. Em consequência disso, ele leva seriamente em consideração, por exemplo, as exigências da ética, ele quer elevar-se acima do animal e deseja encerrar a humanidade em uma grande e magnífica comunidade de almas. Com quantos notáveis e primorosos homens-almas não conta também nosso grupo! Amigos, vede que vós deveis avançar, que sois chamados ao Reino de Deus, ao Reino do Espírito. Esse Reino não é deste mundo: "Carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus". O fato de que atualmente a humanidade corpórea incorre em criminalidade e devassidão tão grandes, deve tornar-vos clara a necessidade da formação de uma *escola espiritual* de novo na terra. Não façais de vosso estado anímico nenhum estado lastimável, irmãos!

A alma, que é transformada em Nous, assim afirmamos novamente, é uma base para uma construção posterior. Já estais sobre o quadrado da construção? Levais em conta as exigências da alma, forças e valores anímicos em vossa vida? Pois bem, então continuai a construção! Dedicai-vos à construção da Escola Espiritual, à construção do Espírito em vós. Por isso, deverá ser exigido como condi-

ção absoluta para o discipulado do Lectorium Rosicrucianum a existência do brilho da alma, do Nous, pois esse brilho proporciona ao homem o poder do discernimento.

Vede, isso é também tão excelente, tão magnífico: quando o brilho da alma atua em vós, sabeis a cada instante o que é falso. Alcançastes então o poder de discernir entre o bem e o mal. Muitos homens não o têm, mas eles também não possuem alma. Tão logo tendes uma alma, tereis o poder de diferenciação entre o bem e o mal. Deveis atentar para isso, contar continuamente com isso e aceitar as correspondentes conseqüências. Deveis desenvolver, em sintonia com o brilho da alma, uma moral própria, uma ética própria.

O brilho da alma proporciona ao homem o poder de diferenciar o verdadeiro caráter natureza da morte. Sem esse poder, o homem é totalmente semelhante a um animal irracional e o acomete, assim diz Hermes no versículo 8, o mesmo que acomete ao animal irracional. No oitavo e nono versículos, para os quais dirigimos vossa atenção especial, ainda é dito:

Pois as atividades irracionais das paixões e dos desejos são um mal sem limites. A essa alma, Deus aplicou a lei como um disciplinador, para torná-la cônica de sua maldade.

O brilho da alma não é somente uma panacéia, porém apresenta-se também como a atuação do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, como disciplinador e acusador. Isso significa, entre outras coisas, que o homem que ingressa no nascimento da alma já não encontra descanso interior. Assim o brilho da alma é experimentado por ele, tudo o que é trevas deve desaparecer, é impelido para fora e ele já não tem um segundo de descanso. O brilho da alma provoca então não apenas a dor da purificação, porém apresenta-se simultaneamente como castigo, pois ele é conduzido quase que diariamente a um conflito de consciência.

A consciência é o acusador, e o conflito de consciência, o disciplinador. Quantas vezes já experimentamos as conseqüências disso tudo quase que diariamente! Quantas vezes as experimentamos

sempre de novo no dia-a-dia! Encontramo-nos, por isso, continuamente em desassossego, em movimento contínuo. Por quê? Porque a alma é bem diferente do homem corpóreo. Os dois lutam um contra o outro. Desassossego, auto-acusação, saudade, dilaceramento e esperança se revezam continuamente. Essas tensões alternantes são novamente o motivo de todas as dificuldades de natureza física. Verdadeira alegria, verdadeira realização de vida e a paz interna que poderiam ser a consequência disso permanecem, dessa forma, ainda distantes.

O homem-alma não pode manter o equilíbrio. Isso está fora de cogitação. Sua ligação com o homem físico forma um nítido contraste. Por isso, no decorrer dos séculos, formaram-se sistemas místicos de natureza oculto-científica, que tiveram como objetivo fazer o homem-alma perder-se em todo o tipo de miragens de natureza anímica, por meio de penitências forçadas e submissão do homem corpóreo. Grossos livros de oração, como pequenos presentes para a alma: de manhã, de tarde e de noite; de noite, de tarde e de manhã, ler, ler e ler orações e elevar-se em meditação. E o homem físico, como farrapo sem valor, jogado no canto, atormentado e torturado por todo o tipo de penitências e não aproveitado. Essa é a submissão, a submissão forçada do homem corpóreo.

Mesmo quando semelhante tentativa pode ser compreendida, ela é, todavia, totalmente falsa. O corpo pode ser, na prática e na decadência da natureza da morte, grande empecilho para a alma, um trambolho atado à perna. Contudo, o homem corpóreo também é chamado a uma tarefa sublime e grandiosa, a saber, elevar-se, pela transfiguração, de sua queda e tornar-se o servidor superior, o instrumento da alma-espírito.

No décimo-terceiro livro, nos versículos de 10 a 15, desenvolve-se um diálogo entre Hermes e Tat sobre o destino e o *fatum*. Essa parte é muito marcante, pois ela lança uma luz bem definida sobre o que é esclarecido na filosofia gnóstica.

Sabemos que a onimanifestação se realiza pelas leis naturais que regem a órbita e as rotações do sistema estelar, dos sóis e dos

planetas e, portanto, têm total relação com nosso planeta terra, assim como com as ondas de vida que nele se desenvolvem.

Essas leis se manifestam por intermédio de radiações. Toda a rede dos *chakras* no ser humano não passa de um sistema que capta radiações e as emprega. A personalidade humana deve, por isso, ser comparada, nesse sentido, a um reator atômico.

Existem três grupos, três ordens de radiações de correntes de vitalidade. Uma ordem tem relação com o homem corpóreo, outra, com o homem-alma, e a outra, com o homem-espiritual. O homem corpóreo encontra-se, portanto, em determinado estado de vida, no qual se realiza sua finalidade corpórea, seu destino. Certas radiações têm influência sobre nós, e assim seguimos conforme o destino determinado pela lei da natureza. Não segundo o destino, que inicia na hora de nosso nascimento, porém segundo o destino que já de antemão estava consolidado em nosso microcosmo, pois a pineal, sobre a qual já vos falamos, tem poderosa influência sobre o corpo material e ligação especial com os corpos etérico e astral, assim como, também, com o ser aural. Tudo o que numa existência anterior foi inalado e assimilado pela personalidade que então viria em nosso microcosmo, foi devolvido ao ser aural no final da vida dessa personalidade.

Com base *nessa* situação do passado, desenvolveu-se a respiração do sistema da pineal na hora de nosso nascimento, portanto, em linha contínua, uma linha contínua do destino, a linha do destino do homem nascido da natureza. Transgredindo essas leis naturais elementares que se aplicam a ele como homem corpóreo, ele é corrigido pela lei, e o destino se lhe torna em fatalidade. Então, cumpre-se sobre ele um poder inevitável, que o conduz a uma situação não desejada por ele ou a um estado de ser não intencionado.

Quando entraís na natureza da alma e ligais vosso ser com uma ordem de radiação totalmente diferente, e essas radiações do mundo anímico exercem influência sobre vós, elas perturbam e enfraquecem as radiações naturais da natureza corpórea. Quando, portanto, prosseguis, quando perseverais, até o fim, despedis-vos de vosso destino atual e negais o curso de vossa fatalidade. Se, porém, permanecéis

nesse estado, em que vós por um lado viveis totalmente a vida do homem corpóreo e, por outro, deixais vosso sistema corpóreo submetido a todo o tipo de radiações anímicas, de modo que chamais à existência a agitação mencionada, então agravais vosso destino. Então, desenvolve-se ou um ou outro apuro em que vós mesmos vos colocastes.

Por isso, alma e corpo devem passar totalmente para a esfera de radiações da alma mediante atitude de vida, ação positiva coerente e moral superior. Assim que ousardes fazê-lo inteiramente com a alma, as garras do destino se afrouxarão e finalmente cessarão de existir. Assim, o inteiro sistema deverá ser confiado à terceira ordem de radiações, a saber, ao próprio Espírito Sétuplo.

No grande processo de desenvolvimento, nenhum ser escapa da dor que é provocada pela ação purificadora e dilacerante da panacéia dupla, sobre a qual falamos. Por isso, Hermes Trismegisto diz no final do versículo 15:

É impossível escapar da transformação, tampouco do nascimento; quem, porém, possui o Nous pode livrar-se do mal.

Todos vós deveis seguir esse caminho. Quando, decididos, perseverardes com firmeza, voltareis ao lar verdadeiramente.

IX

O Filho Unigênito de Deus

Após o que já dissemos acerca do décimo-terceiro livro, colocamo-vos diante do décimo-sexto e décimo-sétimo versículos:

Eis por que, meu filho, sempre dei ouvidos ao que dizia o bom Demônio. Ele teria prestado grande serviço à humanidade se o tivesse escrito, pois somente ele, que é filho unigênito de Deus e tudo perscruta, transmitiu-nos realmente as palavras divinas. Certa vez o ouvi dizer que tudo o que foi criado, em especial os seres corpóreos dotados de inteligência, é único. Ouvi, também, que vivemos da força potencial por meio da força ativa e da essência da eternidade. Por isso, o Nous assim como sua alma são bons. Por conseguinte, as coisas do Espírito são indivisíveis e o Nous, a alma de Deus, que governa todas as coisas, é capaz de realizar tudo o que deseja.

Desejamos esclarecer-vos o que Hermes tenciona com essas palavras. Caso tenhamos êxito em nosso intento, talvez vejais iluminar todo o compêndio da filosofia gnóstica.

A voz do bom Demônio é a voz da alma original. A palavra “demônio” soa mal para nós ocidentais, pois ligamos o conceito demônio e demonismo com todo o tipo de forças e influências naturais. Entretanto, na antigüidade, a palavra demônio referia-se simplesmente a

uma força, uma entidade da natureza.

A voz do bom Demônio é, pois, também em nosso contexto, a voz da alma original, a qual é inerente a cada microcosmo e da qual Hermes diz que sempre escutou a voz.

O homem que possui o Nous funcionando corretamente, pode escapar de todo o mal; ele é capaz de romper qualquer resistência do mal. Quando portanto libertamos a voz do bem em nós, guardamos sempre em nosso poder a arma que pode libertar-nos. O gênero humano seria muitíssimo auxiliado se, de seu imo, soubesse disso; porém, o coração humano que se deixa guiar totalmente pelo homem corpóreo fecha-se, petrifica-se, ou como é dito na Bíblia, endurece. Isso não significa que o homem corpóreo seja rejeitável e deva ser totalmente negado, como o querem vários sistemas de *yoga*, porém que o homem corpóreo deve ser guiado e conduzido pelo Nous e sua alma, pois o bom Demônio, a alma original, é o primogênito ou o filho unigênito de Deus.

Essas palavras talvez vos soem de maneira bastante familiar, sobretudo se tendes uma educação eclesiástico-cristã. "Jesus Cristo é o filho unigênito de Deus", assim vos foi ensinado, não é verdade? Pela repetição, isso vos foi apresentado como dogma: "Jesus Cristo é o único e absoluto filho do Pai".

Nós, como professores da Arquignosis aceitamos isso completamente. Acreditamos de forma plena nesse absolutamente único e perfeito homem: Jesus Cristo, o crucificado. Contudo, libertamos essa verdade sublime e divina de todos os grilhões teológicos e dogmáticos. Afastamo-la dos funestos grilhões eclesiásticos, pois, compreendi bem: o bom Demônio ou a alma pura, original, é o filho unigênito de Deus, desde o princípio.

Quando rompeu a aurora da onimanifestação e a onda de vida humana revelou-se em miríades de microcosmos, estava presente em cada um deles uma luz flamejante capaz de se realizar: o filho unigênito de Deus, manifestado na oninatureza, o bom Demônio ou a alma original.

Somente por meio desse filho unigênito, podeis alcançar a bem-aventurança, a perfeição. Não há outra possibilidade. Quando

procurais esse único bem fora de vós mesmos, em algum lugar afastado, nesse ou naquele mundo celeste, vossa visão é distorcida. Então voltais do interior para o exterior. Quando, de mãos postas, implorais pelo auxílio desse unigênito, que, segundo essa visão enganadora, vagueia nessa ou naquela região, esse auxílio não vos pode ser oferecido. Dessa maneira, a inteira manifestação cristã de salvação se torna absolutamente negativa.

Por isso, os rosa-cruzes, tendo conhecimento de tudo isso, confessam de coração, no que diz respeito à Bíblia: "Abençoado aquele que a possui; abençoado aquele que a lê; mais abençoado de todos é aquele que a compreende fundamentalmente, enquanto que mais se assemelha a Deus aquele que tanto a compreende como também a obedece".

Eis por que todos os que professam a tríplice aliança da luz são enfaticamente cristocêntricos. Sim, eles já o eram muitos milhares de anos antes de nossa era, antes mesmo de se falar em Jesus de Nazaré. Quando o Espírito Santo desce, em forma de uma pomba, sobre a cabeça de Jesus, o Senhor, e se ouve a voz "esse é meu filho bem-amado, em quem eu me comprazo", a atenção não se deve dirigir para o homem corpóreo Jesus, nascido da natureza, como afirma toda a cristandade eclesiástica, pela Teologia iludida, porém para a alma original que, como filho divino, como filho unigênito de Deus, é ligada novamente nesse instante ao Espírito Santo Sétuplo. Aquilo que existia desde o princípio vivifica-se e realiza-se novamente nesse filho unigênito de Deus, nesse homem liberto segundo a alma. Assim o homem é conduzido a seu sublime e verdadeiro destino.

Por que, alguém ainda pode perguntar, a alma original é denominada o filho unigênito de Deus? Porque, devemos dizer isso mais uma vez, somente esse princípio vivente, flamejante, esse coração central, nasceu no microcosmo original, como a única e suprema criatura, o princípio de vida desperto por Deus: o Unigênito.

No microcosmo original existe essa flama que freqüentemente vos indicamos como botão-de-rosa ou átomo original. O filho unigênito encontra-se, portanto, potencialmente em vós. Esse princípio divino, estabelecido pelo Logos em cada microcosmo, "tudo perscruta e

pode manifestar-se a partir da força potencial, por meio da força ativa e do ser da eternidade”, assim diz Hermes. Tudo o que é empreendido pela alma original, o homem-alma pode e terá bom êxito. “Eu tudo posso”, diz Paulo, o homem-alma. “em Cristo que me dá a força”, a força do Espírito. Por isso, o filho está unido ao pai com:

a *força*, que coopera com o princípio divino e assim forma com ele unidade vivente;

a *atividade*, que é a consequência disso e sempre conduzirá a seu objetivo, sem a menor interrupção e em perfeição absoluta,

e mediante a libertação total de todos os fenômenos dialéticos, com o resultado da atividade, com o *eterno*, com o ser da eternidade, que conduzirá ao verdadeiro destino no atemporal.

Por isso, Jesus Cristo podia dizer -- e cada homem-alma verdadeiro repetirá o que ele disse: “O Pai e eu somos *um*. O Pai me deu todas as coisas”. Por isso também é lógico, quando Jesus, o Senhor, diz como homem-alma: “Sem mim”, a alma original, “nada podeis”. Aquilo que procurais com a inteligência de vossa corporeidade, somente leva à morte. Tudo se torna ilusório quando associais a anunciação da libertação ao homem corpóreo (que é o erro capital de nossa assim chamada cristandade) e também ainda com o homem dialético, em sua forma atual, partindo sempre de novo da premissa errônea de que o homem corpóreo é aquele que está no centro da manifestação de salvação. Se continuais, como aluno de uma escola como a nossa, a manifestar todas as tentativas de auto-afirmação do homem corpóreo, mesmo que seja numa forma retocada e camuflada, tudo sai errado e vosso discipulado é ilusão.

Devemos dizer-vos com todo o amor fraterno: “Parai com vossa tagarelice!” O que tendes a fazer não é tagarelar, porém *viver em nova atitude de vida*, e verdadeiramente baseado no princípio anímico central. A manifestação cristã de salvação jamais foi tencionada para o homem corpóreo, porém somente para o homem-alma. Ele é o filho unigênito, que caiu e deve ser conduzido de volta à vida. Aí podeis, como homem corpóreo, no máximo, oferecer vossa mão auxiliadora.

Quando analisarmos o diálogo do décimo-quarto livro de Hermes, seremos conduzidos a uma montanha, e ouviremos um sermão do

monte. Um dos primeiros conselhos que Hermes dá aos discípulos é observar o silêncio. A assinatura da alma é o silêncio e a atividade por meio da força: força, atividade e eternidade. Quando não atentamos para isso, quando não levamos isso em consideração, a noção Cristo ou rosa-cruz se transforma numa caricatura como já aconteceu tantas vezes na história mundial. Deve-se, pois, rejeitar o homem corpóreo da mesma forma como o fazem alguns sistemas de *yoga*? Não, certamente que não! Deve-se transfigurar o homem corpóreo!

No décimo-quarto livro, Hermes, lança-se intensamente contra a assim chamada intelectualidade. O homem corpóreo pensa que sabe tudo; todavia, Hermes afirma: "O homem corpóreo não sabe nada. O homem corpóreo não pode saber nada de essencial". Por isso, sua tagarelice deve emudecer e ele deve entrar no silêncio. Devemos gravar isso mais uma vez em vosso coração, pois na tagarelice reside imensurável perigo para os alunos. O homem corpóreo deve ser transfigurado. Não interpretai essa frase erroneamente. O homem corpóreo não se transfigura a si mesmo, porém somente a alma, somente o filho unigênito opera esse milagre, pois o filho é uno com o Pai. Como homem corpóreo, ninguém é bom, nem um sequer, diz Jesus, o Senhor. Somente o filho de Deus é perfeito, somente o *Nous* e o brilho da alma dele dimanado são bons. Ora, existe uma multiplicidade de formas e manifestações na natureza corpórea. Quando essa multiplicidade se torna perfeita por meio da lei do Espírito e da vida, ou pode submeter-se inteiramente a essa lei, o *Nous* proveniente de Deus pode realizar tudo o que ele deseja, quando vos *dirigis totalmente para o unigênito em vós*.

Quando liberais a força latente no átomo original, mediante vossa total submissão ao silêncio, à tranqüilidade interior, quando o "aroma da rosa" pode dessa forma propagar-se inteiramente, a força da rosa, o *Nous*, proveniente de Deus, faz e realiza tudo o que ele deseja. Quando o homem corpóreo, em qualquer estado de ser em que se encontre, coloca-se debaixo das asas do homem alma-espírito, a única manifestação da forma humana verdadeira poderá e deverá nascer da força, atividade e eternidade.

Por isso, o homem tem de saber essas coisas. Eis por que vos

falamos acerca disso, pois a Bíblia lamenta: "Meu povo", meus irmãos e minhas irmãs segundo a alma, "perde-se por falta de conhecimento". Este é o motivo pelo qual a Fraternidade da Rosa-Cruz manifesta essa ciência de libertação, o conhecimento de salvação. Se, porém, assimilais e retendes esse conhecimento apenas intelectualmente e vos baseais no homem corpóreo, então cometeis um erro e jamais alcançareis vosso objetivo. Esse conhecimento deve ser transmitido ao homem corpóreo, a fim de pô-lo em condições de colaborar conscientemente e de maneira correta com o processo.

Agora, podeis dizer: "Disso já sei há muito tempo; isso é assim e assim. Devemos fazer isso, devemos fazer aquilo". Porém vós não deveis fazer *nada*! Somente submeter-vos, em silêncio, ao Deus em vós. Compreendei, irmãos e irmãs: em vosso *microcosmo* flameja a luz, o coração central, e é para lá que vos deveis voltar.

O coração central deve crescer, porém vós deveis submergir. Deveis compreender o processo porque deveis submergir. Por isso, esse conhecimento vos é dado! Não para encher vossa cabeça com isso, de modo que possais dizer "agora, já sei tudo", porém para vos colocar em condições de trilhar a senda de libertação. A cristandade eclesiástica nada sabe acerca da verdade libertadora e por isso pode ser guiada pelas diversas autoridades por caminhos errados.

No versículo 17 de nosso texto, Hermes diz também à Tat:

Por conseguinte, as coisas do Espírito são indivisíveis e o Nous, a alma de Deus que governa todas as coisas, é capaz de realizar tudo o que deseja. Reflete sobre isto e associa tudo o que disse com a pergunta que me fizestes anteriormente sobre o fatum e o Nous. Se prescindires de jogos de palavras ambíguas, descobrirás, meu filho, que o Nous, a alma divina, domina de veras tudo: o fatum, a lei e todo o resto, e que nada lhe é impossível. Ele é capaz de sublimar a alma humana, colocando-a além do fatum, e de submetê-la a seu jugo quando ela se mostra negligente.

Hermes não poderia expressar-se mais positivamente. Aqui, é dito que, quando o homem corpóreo -- ainda que ele tenha pecado

gravemente, violado e infringido as leis de vida mais elementares – confia-se e oferece-se ao filho unigênito em si, à alma imortal, ela pode romper mesmo o destino mais fatal que se tenha desencadeado. Eis o único perdão dos pecados! Lemos também em nossa Bíblia, por exemplo, sobre a pecadora arrependida que se havia voltado à verdadeira alma: “Quem dentre vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra”.

Eis por que não fazemos qualquer objeção contra tal aluno ou aluna que também em seu passado tenha cometido erros, com a condição de que os referidos alunos se confiem positivamente à alma e deem provas disso mediante seu estado de vida. Então, também é dito na Escola Espiritual moderna: “Quem dentre vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra”.

O discipulado deve ser demonstrado de forma concreta, comprovadamente levado a efeito. A doutrina do pecado, expiação e graça é uma doutrina hermética clássica. Alegra-nos muito poder dizer-vos isso e demonstrá-lo com o auxílio do milenar evangelho da Arquignosis. A grande e magnífica consolação vem a nós nessa parte do décimo-terceiro livro, com a certeza de que a verdadeira alma é superior e mais poderosa do que todo o *fatum*. Da mesma forma, ela nos é ofertada nas conhecidas palavras da Bíblia.

“Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a branca lã”.

Quem fala essas palavras é a alma vivente, o homem-alma, que habita em todos vós. Lá, onde está o pecado, deve estar também a penitência. Onde se encontra o único tipo de penitência possível, lá está a alma, para salvar e proteger. É igualmente o homem-alma que se encontra pronto para abraçar em amor e alegria, a seus irmãos e irmãs que outrora caíram e foram salvos. Por isso, se diz: “Há alegria nos céus por um pecador que se arrepende”.

Que todos vós possais, na luz hermética, saudar como inteiramente novas essas antigas palavras e absorver o estímulo que aí se encontra encerrado.

X

Sofrimento

Os versículos de 17 a 20 do décimo-terceiro livro hermético dizem:

Por conseguinte, as coisas do Espírito são indivisíveis e o Nous, a alma de Deus, que governa todas as coisas, é capaz de realizar tudo o que deseja. Reflete sobre isto e associa tudo o que disse com a pergunta que me fizestes anteriormente sobre o fatum e o Nous. Se prescindires de jogos de palavras ambíguas, descobrirás, meu filho, que o Nous, a alma divina, domina deveras tudo: o fatum, a lei e todo o resto, e que nada lhe é impossível. Ele é capaz de sublimar a alma humana, colocando-a além do fatum, e de submetê-la a seu jugo quando ela se mostra negligente. São essas as palavras primorosas do bom Demônio.

Tat: Essas palavras são divinas, verdadeiras e claras, Pai. Porém, esclarece-me ainda sobre este ponto: disseste que o Nous age nos seres irracionais segundo sua natureza e em concordância com seus instintos. Chego à conclusão de que o instinto que impele os seres irracionais é a paixão (pathos). Se o Nous colabora com os impulsos e estes são paixões, o Nous também é paixão, pois esta última é causada por intermédio de pathos.

Hermes: Muito bem, meu filho. Tua pergunta é perspicaz e é justo que eu a responda. Tudo o que é incorpóreo e que está alojado em

um corpo está sujeito a pathos e, a rigor, é a própria paixão. Ora, tudo o que gera movimento é incorpóreo e tudo o que se movimenta é corpóreo. O próprio incorpóreo também é movido, a saber, por intermédio do Nous, e esse movimento é paixão. Ambos são, portanto, sujeitos ao sofrimento, tanto o que gera o movimento como o que é movido. Um porque provoca o movimento, o outro porque se submete ao impulso motor. Todavia, quando o Nous se separa do corpo, ele se liberta também do sofrimento. Talvez seja melhor dizer, meu filho, que nada existe sem pathos, porém que tudo está sujeito a ele. Pathos difere de uma vida passível de sofrimento. Com efeito, uma é ativa, a outra, passiva. Os corpos também são ativos por si mesmos. São imóveis ou são movidos. Em ambos os casos, existe pathos .

O incorpóreo é sempre impelido à ação por intermédio do Nous e, por conseguinte, está sujeito ao sofrimento. Não te deixes, pois, enganar por palavras: força ativa e pathos são a mesma coisa. Entretanto não há objeção alguma em se servir do termo mais claro e apropriado.

Como podeis ver, a atenção neste texto é dirigida à paixão. A palavra grega *pathos*, que exprime essa idéia, indica tanto o sofrimento comum como também especificamente o sofrimento da alma e o sofrimento devido ao desejo, instinto e paixão. Tat pede a seu mestre Hermes esclarecimento acerca dessas atividades, por ter ele dito que o Nous atua no ser irracional segundo sua natureza e em sintonia com seus instintos. E acrescenta: “Chego à conclusão de que o instinto que impele o ser irracional é a paixão... O Nous também é, portanto, uma paixão?”

Como resposta a essa pergunta, Hermes diz que todas as atividades no corpo e, portanto, também aquelas pertencentes ao ânimo são sofrimentos, paixões. Contudo, é muito útil que vos deis conta disso mais uma vez.

Todo o corpo humano é movimentado por um “Nous”. Todo o corpo humano permanece no ponto central de um microcosmo. Em muitos casos, esse microcosmo já se encontra muito desenvolvido e com qualidade superior. Em outros casos, como acontece com as

centelhas de vida, não há microcosmo, porém apenas um princípio astral elementar.

Seja como for, em cada microcosmo e em cada princípio astral, seja ele de centelha de vida, seja de animais, encontra-se um núcleo. Desse núcleo dimana uma radiação que se dirige ao coração da criatura e provoca aí um movimento, certa disposição. Primeiramente há, portanto, o núcleo com sua radiação, que aqui é chamada de Nous. A radiação desse núcleo anima, em determinado momento, o coração da criatura e essa criatura deve então reagir à animação. Portanto, existe um movimento incorpóreo, uma radiação que, proveniente do núcleo do microcosmo, movimenta algo, a saber, o corpo, a personalidade.

Nos animais, a radiação desse núcleo não experimenta nenhum impedimento no coração e a radiação proveniente do coração não encontra nenhum impedimento no corpo. Por isso, cada animal se comporta segundo sua natureza. Todavia, isso é totalmente diferente nos homens. A radiação nuclear sempre experimenta empecilhos em sua entrada no coração, e geralmente empecilhos muito grandes. Em muitos casos, e mesmo na maioria deles, nenhuma radiação nuclear consegue penetrar o coração. Este torna-se então como que petrificado, árido, vazio e "cevado" (Tiago, 5, 5). Se algo dessa radiação puder, após muito tempo, penetrar o coração e, por meio deste, a personalidade, surge então grande conflito, grande sofrimento: o grande conflito e o grande sofrimento do discipulado.

Para se entender bem tudo isso, talvez seja necessária uma explicação mais profunda. O corpo, a personalidade, possui uma vida totalmente própria. A consciência de vida que habita cada personalidade é puramente atômica e está sempre em conflito com a radiação nuclear de seu microcosmo.

A personalidade dialética já não é a personalidade ideal; ela está cristalizada e degenerada, mediante sua cristalização. Diversos órgãos tornaram-se latentes e outros foram acrescentados, a fim de poderem manifestar-se nas condições materiais. Devido a essa materialização, o coração do homem também degenerou-se. Os sete centros estão

fechados e para a maioria dos homens pode-se dizer que eles nunca foram abertos. Esses homens já não são movimentados pela radiação nuclear, porém exclusivamente pela consciência dialética, a consciência natural, que se nutre por meio da pineal.

Quando Hermes chama de animais aos homens, que se encontram neste estado, ele está sendo realmente demasiado otimista; os muitos milhões de homens com um coração tão fechado são, em realidade, subanimais. De qualquer modo, já não são humanos. São criaturas de *Authades**. A Gnosis entra agora em contato com essa realidade tão medonha, pois cada personalidade que adentra um microcosmo por intermédio do nascimento natural é uma possibilidade de restauração do original. Teoricamente, essa possibilidade é absoluta. Deve-se aguardar o que resultará na prática.

Devemos colocar-vos agora diante de uma verdade que muitos acharão talvez medonha. Em nossa era, algumas das grandes forças da corrente universal estão ocupadas em inflamar a radiação nuclear de cada microcosmo humano em uma atividade intensa, e podereis imaginar que a grande maioria da humanidade vivente experimenta as conseqüências dessa radiação nuclear no coração corpóreo. Portanto, ocorre algo semelhante a uma invasão no coração humano. O acesso é forçado quando possível, e, como efeito colateral, muitas enfermidades originam-se daí.

Por que essa atividade, por que esse empenho intenso? Porque quando tal esforço permanece sem êxito, já não há uma única possibilidade de salvação e a vida se realiza verdadeiramente fora de cada impulso regenerador, sem qualquer sentido, sem qualquer razão, até que a morte sobrevenha. Pode-se agora perguntar: "Supõem, então, as grandes forças da corrente universal, das quais falais, que o forçar do coração para a radiação nuclear do microcosmo poderia ser libertador? Nós respondemos: "Atentai para o resultado desse esforço e para os fatos e fenômenos a ele correspondentes em nossa sociedade!"

Hermes diz no versículo 19: *...tudo o que gera movimento é incorpóreo e tudo o que se movimenta é corpóreo. O incorpóreo também se movimenta pelo Nous. Esse movimento é paixão. Ambos*

estão submetidos também ao sofrimento.

Em outras palavras: quando um coração humano é forçado pela radiação nuclear do coração central do microcosmo, da rosa* do coração, e a luz manifesta-se como um ânimo, como brilho da alma na personalidade, então nasce conflito agudo entre a personalidade desolada com suas fontes alimentadoras e o Nous. O resultado é que ambos sofrem dor violenta devido a essa luta:

a dor da alma, pois ela não consegue despertar nenhuma harmonia na personalidade e sim experimenta e provoca somente desarmonia;

e a dor da personalidade, pois uma influência tão contrária a sua qualidade desequilibra-a totalmente. Dessa forma, tudo é possível, como por exemplo – e esse é o melhor dos casos – afecções corporais, mas, também pode ocorrer todo o tipo de defeitos morais, impulsos violentos, anormalidades sexuais e diversas formas de criminalidade.

A causa dessa situação conflitante podeis facilmente imaginar, a saber, o embate entre a personalidade que é totalmente da terra, terrena, e a radiação da rosa. Talvez seja difícil compreender como isso pode conduzir, por exemplo, para a criminalidade e para as anormalidades sexuais. Tentaremos explicar-vos isso.

Imaginaí, por exemplo, uma personalidade com tendência filantrópica natural, ao mesmo tempo, porém, com consciência fortemente egocêntrica (os astrólogos falariam de influência jupiteriana), que se manifesta em forte ilusão de bondade. Imaginaí então que tal homem experimente muito despreparadamente a radiação nuclear do coração; a ilusão será fortalecida e geralmente conduzida a grandes excessos. Quando se trata de tipos fortemente intelectualizados, a radiação nuclear experimentada pode dar origem, como reação negativa, a grande desonestidade. Se a natureza sentimental domina o corpo com forte influência marciana negativa, a conseqüência da radiação nuclear é sempre prejuízo moral. Todo o tipo de impulsos, de paixões, pode assim se desenvolver. Também as tentativas empreendidas pelos alunos, no sentido de harmonizar a Escola com a natureza, podem ser explicadas muitas vezes dessa forma.

Talvez, perguntareis novamente: "Como isso pode ter alguma

utilidade? Que tolice é induzir, assim, alguém que não pode reagir positivamente, ao conflito!" Bem, quando considerais a onda de criminalidade e degenerescência que tempesteia sobre o mundo, quando percebeis a humanidade como que à deriva em todo o seu comportamento estranho, então no mínimo concluireis que o homem e a humanidade resgatam atualmente um *karma** muito pesado.

Isso é em certo sentido, mesmo paradoxal como possa parecer, bênção; a única bênção para a qual, a maior parte da humanidade ainda é acessível. O conflito em sofrimento e aflição, em dor inominável é, na maioria das vezes, a única conseqüência. Essa experiência tão amarga grava-se tão profundamente no ser aural, que os referidos microcosmos são "marcados" a partir desse instante. E justamente isso traz consigo a grande possibilidade de que, numa posterior revivificação do microcosmo, o pesado *karma* na esfera aural prepare a nova personalidade de modo totalmente novo. O sofrimento experimentado tem forte influência no arquetipo, na secreção interna, no sangue, e torna o coração mais ou menos aberto.

O resultado é que, nesses casos, há probabilidade muito menor de ocorrer os conflitos descritos acima; e no caso de eles sobreviverem, suas conseqüências serão, de qualquer forma, bem menores. Muitas vezes, o sofrimento no passado foi forte o bastante para fazer a pessoa aventurar-se a uma busca, a reagir honestamente à radiação da alma original. Nesses casos, é bem grande a possibilidade de um eventual discipulado ser conduzido a bom termo. Geralmente, a Fraternidade* Universal trabalha com o homem em prazos extremamente longos: "Para Deus mil anos são como um dia".

Isso tudo não vos foi dito para que tenhais bom conceito da criminalidade e da imoralidade, porém para que compreendais bem que existe um sofrimento que leva à vida e um sofrimento que conduz à morte. No primeiro caso, trata-se de uma vitória da luz; no segundo, a vitória da luz se dará no futuro, ainda que ao longo de um caminho de imenso sofrimento. O sofrimento que nos deve movimentar, nós que desejamos servir a Deus e à humanidade, deverá ser o de profunda compaixão para com todos os que assim são conduzidos pelas profundezas para, um dia, poderem vivenciar sua hora matinal.

XI

O Nous e o Verbo

Depois de termos esclarecido a essência mais profunda da paixão, do sofrimento; depois de termos mostrado como o Nous atua por trás da radiação do coração e, por conseguinte, como o homem é conduzido a uma ressurreição ou a uma queda, e como, por este meio, a queda também finalmente se transforma em bênção, Hermes continua e afirma no versículo 22 que o homem, como único entre todos os seres mortais, recebeu dois dons: o Nous e o Verbo. Duas qualidades que, em valor, são totalmente idênticas à imortalidade. Quando o homem emprega da maneira correta essas duas qualidades, ele não se diferencia em nada dos imortais. Mais ainda: ele deve abandonar o corpo mortal e por meio dos dons mencionados, o Nous e o Verbo, ser conduzido ao coro dos deuses e dos bem-aventurados. Hermes diz ainda acerca dessas duas faculdades* superiores no versículo 26:

“O bem-aventurado, o bom Demônio, disse que a alma está no corpo; o Nous, o Espírito, está na alma; o Verbo (ou a Palavra), no Nous, e que Deus é o Pai de todos”.

Vamos sondar agora o que Hermes tenciona dizer com todas essas coisas. Começemos então verificando a verdadeira natureza do Nous. O Nous encontra-se no núcleo do microcosmo. Esse núcleo é um grandioso princípio vital; ele é inflamado pelo Logos e, portanto,

é de Deus e está nele presente, e por isso é imortal. Desse modo, o princípio imortal repousa no microcosmo de todos vós e esse fato deve ser para todos um estímulo a mais para que o empregueis.

Quando falamos sobre o princípio imortal do homem, deveis entender, da maneira correta, o conceito homem. A personalidade que estamos acostumados a denominar "homem" não é senão um pequeno aspecto do homem em sua totalidade. A radiação do núcleo microcósmico, denominada "Nous" por Hermes e conhecida em nossa filosofia como sendo o coração da rosa ou o coração central, não se dirige somente ao coração do corpo a fim de, como já dissemos, invadi-lo; porém, ela se movimenta em todo o campo respiratório em torno do microcosmo. A radiação do Nous não está, portanto, somente em nosso coração, porém, como todo o microcosmo, a nossa volta. Essas radiações, provenientes do coração central, são de natureza astral e podem ser comparadas à força sideral pura da substância original, sobre a qual Paracelso escreveu. Quando essa radiação nuclear penetra, invade o coração de nosso corpo, é chegado o momento de a personalidade ser animada pelo Nous. Então, a alma está no corpo, o Nous está na alma e Deus está no Nous. Hermes prossegue dizendo que o Verbo ou a Palavra está também no Nous. Ele tenciona esclarecer que tão logo a personalidade seja vivificada, possa ser vivificada pela radiação nuclear, esta terá acesso a um dos outros centros da personalidade humana, a saber, o sistema de *chakras*. No início, o *chakra* da laringe, em especial, será tocado por ela.

Esse *chakra* encontra-se aproximadamente no alto da medula. Quando colocais vossa mão na nuca, tocais esse *chakra* que controla toda a região da nuca, do pescoço e toda a estrutura orgânica que aí se encontra. Ele atua intensamente na faringe, entre outros órgãos. Na faringe, encontra-se um centro sensitivo muito poderoso, ligado a todos os órgãos cranianos, ao nariz, ao seio frontal — a sede da rosa áurea — à garganta e à laringe. A faringe controla, portanto, todos esses órgãos maravilhosos.

Agora, deveis atentar, nesse contexto, para o fato de que aparentemente nenhum homem escapa das regulares afecções da faringe,

como, por exemplo, resfriados e afecções da garganta. Elas estão na ordem do dia; são como que doenças comuns. O que talvez, nesse sentido, é mais notável: essas afecções aparecem sempre em caráter cada vez mais epidêmico. O fato de que quase todo o homem se queixa de doenças da faringe, um dos locais mais importantes no sistema da personalidade, demonstra o quanto temos infringido a grandiosa lei sagrada da vida.

Mediante a radiação nuclear que penetra o coração e se propaga por todo o corpo, são desenvolvidos certos pensamentos. Todo o tipo de sentimentos irrompe na personalidade. Todo o éter nervoso se movimenta e o inteiro meridiano dos *chakras* se torna extremamente sensível.

Dessa forma, desenvolve-se igualmente intensa concentração de fluido astral e de éteres em nossa faringe. Por isso, a faringe é também um centro vibratório, em que a situação atual se reflete e desenvolve a cada segundo. Sobre essa base, nasce uma vibração em sintonia com ela: para cima, em direção a todos os órgãos tão especiais sob a abóbada craniana; e para baixo, através do sangue, dos éteres nervosos e de todos os órgãos e fluidos. E depois, da faringe para a laringe, o órgão da fala. O que é encontra-se, em determinado momento, na forma de campo vibratório no santuário da cabeça; ele é pensado, e em 99% dos casos, dito, pronunciado, isto é, o que é transforma-se, por meio da fala, em realidade inevitável. O que é torna-se, por meio da fala, presente, totalmente atuante em diversos planos, dentro e fora de nosso sistema.

Já apontamos diversas vezes para o fato de que os pensamentos são também muito ativos. Os pensamentos despertam e formam imagens astrais que, quando vivificadas continuamente, permanecem no campo respiratório e encerram em si inúmeras possibilidades. Por meio da fala, os pensamentos são transformados em atividades atuantes e vivificantes dentro e fora do corpo, pois a fala é um instrumento criador. A fala é mágica. Além disso, a fala é muito magnética. Ela atrai, repele e causa uma série de eventos e processos. Assim descobrimos o enorme poder que constitui a fala humana.

Ela é extraordinariamente sanadora em seu poder ou extraordinariamente prejudicial, venenosa. Uma bênção ou uma maldição. Auto-sublimante ou automutilante. Alguma vez já pensastes que vos prejudicais imensamente com conversas inúteis ou prejudiciais?

Está escrito na Doutrina Universal em relação à vida de pensamentos: "Cinco minutos de pensamentos irrefletidos podem anular o trabalho de cinco anos". Por certo, conheceis essas palavras. Devemos acrescentar ainda que *um* minuto de discurso vão, descontrolado, pode desfazer o trabalho de 50 anos.

No mesmo momento em que a radiação nuclear do *Nous* penetra o coração, ela entra, por intermédio do *chakra* da laringe, também na faringe. O Verbo, a força que está no coração vivente do microcosmo, vem e toma forma em nós. O Verbo é pronunciado em nós, nessa fase incipiente de abertura; no início, portanto, é sempre o Verbo e esse Verbo provém de Deus. Compreendeis agora o Prólogo do Evangelho de João?

Utilizais de maneira positiva esse Verbo proveniente de Deus, Verbo esse que, mediante a fala se torna presente, ativamente atuante em vós, ou o utilizais de forma aniquiladora, mediante vossa obscuridade, vossa contranatureza*? Esse é o problema diante do qual vos colocamos aqui. O Verbo é força criadora e quando a alma começa a viver e o Espírito a fluir pelo centro da pineal, então se é obrigado segundo esse Verbo, a viver ou a morrer. Quando o *Nous* está presente em nós, quando o Verbo é pronunciado para vós, num campo de força, sois obrigados a viver dele. Caso contrário, podeis tremer diante das conseqüências.

Quando o Verbo proveniente de Deus é pronunciado em vós, essa força criadora pode ser ativada para uma sublime libertação; por conseguinte, vós mesmos pronunciais o Verbo, e viveis desse Verbo, dessa força. Compreendeis por que Hermes diz que a fala é uma faculdade da imortalidade? Percebeis também agora por que sempre se vos disse repetidamente: "Colocal uma sentinela diante de vossos lábios"? Compreendeis como, talvez, tendes estado ocupados através dos anos em prejudicar-vos e como impedis vossa libertação?

Pois, quando abusais de uma faculdade da imortalidade presente em vós, então vos prejudicais seriamente!

Para a maioria dos homens, pode-se dizer: não tendes controle sobre vossa língua. Não podeis falar a linguagem vivente devido a vosso caos interior. Pensai nas inúmeras palavras que causam dores. Quantas vezes procedestes prejudicialmente, sem refletir sobre isso, porque sois mordazes em vossas palavras. Pensai nas palavras que são injuriosas e difamantes a terceiros. Pensai nas expressões de ira e de egocentrismo. Pensai também nas mentiras tão prejudiciais, na hipocrisia, na crítica e nas disputas partidárias. O que já não tereis talvez cometido hoje, neste sentido, desde o despertar!

Ah! Quando pensamos em todos esses hábitos da humanidade, então tudo isso é bem compreensível. Vós, porém, já não deveis, de forma alguma, estranhar se dores de garganta e tudo quanto se liga a isso forem freqüentes. Vós já não refletis sobre isso. Contudo, compreendeis bem o quanto envenenais repetidamente o citado campo vibratório em vossa faringe? Quase já não podemos falar de uma doença; é um estado de ser do qual nenhum ser humano pode escapar. Correis para o médico, para vossa caixa de medicamentos a fim de curar isso. Ingeris todo o tipo de remédios, por grama ou por litros. Todavia, isso não tem nenhum sentido, quando não “viveis do Verbo”. Com efeito, mediante a fala tornais presente, atual, todas as forças ativas em vós. O homem da massa faz isso e o aluno também. Já sabemos de que forma o fazem e também concebemos algo dos resultados.

O ocultista também produz forças dessa maneira e igualmente por intermédio desse poder mágico do homem: a fala. Contudo, o ocultista, enquanto homem egocêntrico, conhece a aplicação desse poder e tira, por isso, muito proveito dela. E sabeis: há incontáveis formas de ocultismo, incontáveis formas de abusos dos poderes imortais conferidos ao homem.

Verificamos que, devido ao emprego de todas essas formas, os que com elas se envolvem ligam-se mais fortemente do que antes à roda* do nascimento e da morte. Não achais insensatez incompreen-

sível quando até um aluno da jovem Gnosis entrega-se a esse mal? Por um lado, eles querem a vida libertadora e, por outro, falam sem controle. Algo mais tolo não se pode imaginar.

Pensai também nos homens que se deixam emoldurar nos quadros dos costumes, em hábitos que geralmente e sobretudo se relacionam com a fala. Cultiva-se, por exemplo, a voz. Deixa-se a voz parecer cultivada, bem suave ou penosa quando necessário. Fez-se sobretudo hoje em dia verdadeira ciência disso. Que ilusão, que terrível loucura entra assim em desenvolvimento! Que fraude está em curso aqui. E que fraude mais estúpida, pois como tudo isso se vinga! Pensai nos homens, nos sacerdotes que se exercitam na fala e no canto de mantras, a fim de poderem realizar objetivos dialéticos.

Vede que todos esses homens não empregam a Palavra, o Verbo do qual Hermes fala, porém somente a voz; a voz que é treinada para determinado objetivo. Com razão, Hermes observa nesse sentido: todos os outros seres viventes, os animais, tem somente uma voz. O animal pode gorjear como rouxinol ou grasnar como um corvo. A voz humana pode representar o anjo ou o liberto; mas a questão é se atrás dessa voz vive um anjo ou um liberto. Por isso, Hermes encerra com a asserção: *O Verbo, a Palavra, diferencia-se muito da voz*. E nós acrescentamos: esse pretense anjo e esse pretense liberto falarão uma linguagem totalmente outra da que representam, quando saírem de seu papel.

Vós todos sois dotados de duas faculdades mágicas, de dois atributos mágicos: a alma e a fala, a alma e o Verbo. Vivei da alma! Entrai dessa forma na imortalidade e empregai a verdadeira magia gnóstica mediante a Palavra.

XII

A Libertação do Coração

Cada ser humano possui, como acabamos de ver, duas faculdades imortais: a alma, que nasce do Nous, e o Verbo que também se desenvolve a partir do Nous. Podeis facilmente imaginar a grande tensão alcançada por um aluno que se dirige com seu total interesse para a Gnosis e assim abre o coração à radiação do microcosmo, radiação essa contrária, em todos os aspectos, ao estado de ser da personalidade. A força invocada pelo próprio eu e que penetra o sistema é totalmente aniquiladora para o eu e tudo aquilo que ele possa nutrir. Por isso, está bem claro que a grande luta que devemos travar deve começar no coração. Todos os desejos do eu que se auto-afirma, que se coloca no ponto central, são irradiados pelo coração e aquilo que é desejado, atraído. Mediante essas atividades do santuário do coração, que surgem em todos os homens, o coração encontra-se em movimento contínuo, até mesmo em estado de sono. Por conseguinte, o coração humano está muito cristalizado e extraordinariamente fatigado, e não há um momento de silêncio, de tranqüilidade.

A grande luta do aluno é sempre travada no coração, mediante o coração e com o coração. O coração é o grande campo de batalha, como nós é totalmente esclarecido também no *Bhagavad Gita*. O coração é sempre incitado à caça, pelos desejos do eu humano. Contudo, em nosso mundo regido pela lei dos opostos, é compreensível que, no momento em que o desejo parte do coração, invoque-se

também motivos e forças contrárias. Todos eles se desenvolvem nos homens, com os quais geralmente nos defrontamos. Sem que saibam ou possam supor algo a respeito disso, esses homens são considerados, a partir do estado egocêntrico do ser humano, como opostos. Vossa radiação do coração procura, portanto, neutralizar esses homens que considerais vossos opositores, pois eles se interpõem entre vós e vossos objetivos. Todos os expedientes da inteira personalidade são chamados em auxílio, e entre eles, em especial, o poder da palavra. Com a palavra, com o Verbo, despedaçamo-nos, enredamo-nos, matamo-nos mutuamente.

Dessa forma, o coração do homem está muito impuro. Isso se revela, acima de tudo, quando ele começa a adentrar o corpo vivo da jovem Gnosis. Nenhum homem tem um coração puro, limpo, à luz da Gnosis, pois ele se tornou há muito tempo em campo de batalha. Se alguém quiser seguir a senda, deverá purificar, silenciar, seu coração. Silenciar diante de Deus, como diz a Bíblia. A perseguição, a luta e a agitação contínuas do eu devem cessar, pois se não se suspende o conflito e a aspiração comuns do coração, este jamais pode receber a radiação nuclear do microcosmo de maneira harmoniosa. Então, como dissemos anteriormente, a radiação nuclear que vos penetra aniquila-vos.

Somente quando o coração se torna verdadeiramente silencioso, puro, é que ele pode dedicar-se a sua verdadeira tarefa, à qual todo o homem, devido a suas duas faculdades divinas, é chamado e eleito, a saber, a vitória sobre a morte e assim ingressar no verdadeiro novo estado de vida.

Como se pode iniciar isso, como se deve realizar o silêncio do coração, a purificação do coração? Mediante a completa retirada do coração do processo dialético de vida, e a sua inteira consagração ao novo processo anímico que se começa a vislumbrar, à radiação nuclear que emana do centro do microcosmo.

Pode-se fazer isso? Sim, isso é absolutamente realizável. Quando iniciardes essa realização, descobrireis que é possível adotar e manter uma totalmente nova atitude de vida, sem que preciséis forçar-vos de qualquer maneira, de modo que vossa vida flua em outra corrente

de vida na qual a vossa nau da vida continue navegando. Suponde que decidis tomar semelhante nova atitude de vida; então, é certo que também simultaneamente o eu, o eu da natureza em vós, terá decidido muito conscientemente a já não usar o coração no jogo da vida cotidiana: o eu terá decidido a endireitar as veredas para seu Senhor.

Talvez soe um tanto estranho dizer que o eu não irá usar o coração no processo de vida dialético, pois ele, o coração, continua desempenhando naturalmente suas funções biológicas normais. Contudo, ele é subtraído de tudo quanto aqui se encontra, de toda a agitação dialética, de toda a luta. O coração entra na mais profunda paz, a paz de Belém. Ele já não aspira a nada do que é dialético. Ele já não luta contra homens, coisas e circunstâncias.

Todavia, ele não é indiferente para com os homens e as coisas, pois sabeis, com certeza, que no aspecto dialético podeis agir de três formas: podeis atrair as coisas, repeli-las, entretanto podeis também encará-las de modo totalmente indiferente. Essa indirerença em relação aos homens, às coisas e ao mundo é talvez ainda pior. Quando nós, alunos, subtraímos-nos às coisas dialéticas em nosso coração, certamente não queremos cair na indiferença. O coração apenas não deseja participar do campo de batalha da vida. Ele não luta contra os homens e as coisas dialéticas e afirma esse ponto de vista até as últimas conseqüências.

Todas as funções que devem ser desempenhadas aqui, para poder viver, para poder cumprir nossos deveres sociais, são realizadas exclusivamente com o auxílio do órgão da inteligência, portanto, sem a participação do coração. Se fizerdes isso, descobrireis que essas atividades sociais podem ser cumpridas muito melhor do que antes, pois pensai nas freqüentes antipatias que surgem no trabalho. Ter antipatia é uma atividade do coração. Podeis, portanto, dificultar muito vosso trabalho diário por meio do coração.

Além disso, descobrimos que se o eu já não tem a sua disposição o coração e suas funções, a natureza auto-afirmativa é, do imo, colocada a ferros. Quando afastais o coração do movimento dialético e o dirigis totalmente à radiação nuclear do microcosmo, perdeis

todos os instintos de autoconservação. Então experimentais a entrada de vosso éter nervoso em grande e intensa paz. Viveis, cumpris vosso dever, porém não desejais agarrar-vos a nada disso.

Todavia, não devemos naturalmente pensar que o coração se torna inativo por intermédio disso tudo. Quando, do ponto de vista dialético, não deixamos o coração fazer nada, ele sempre se volta para sua sublime e verdadeira tarefa designada por Deus. Por isso, todo o coração se entrega à radiação nuclear do microcosmo, a rosa se abre imediatamente e é atada à cruz da natureza sem a menor resistência. Somente então nos tornamos verdadeiros rosa-cruzes. Quando essa cruz permanece ereta, dimana, como é compreensível, uma atividade transformadora e purificadora por toda a personalidade e nela atua. Toda a vida, toda a atitude de vida se modifica. Desse modo evidencia-se que a pessoa em questão tornou-se um rosa-cruz, que ela ligou-se à Fraternidade da Rosa-Cruz Rubra. Tal pessoa somente pode ser um rosa-cruz, mediante o coração que se tornou silencioso.

Por isso, vosso coração deve verdadeiramente tornar-se silencioso e render-se a seu verdadeiro destino: a recepção e o acolhimento da radiação nuclear do microcosmo. Quando o coração se torna dessa maneira silencioso e puro, a rosa do coração desabrocha para a Gnosis Universal e o Verbo pode-se fazer vivente em vós. Grande alegria se vos sobrevém, alegria que nunca mais desaparecerá. Grande e magnífica graça preenche todo o coração e sente-se profunda ligação com todos e com tudo. A primeira faculdade poderosa e imortal do homem adentrou livremente o sistema. O Nous que é de Deus é então vivificado em vós e já não encontra nenhuma resistência no coração, no local de vivificação. Ele pode agora fazer com que o coração se torne perfeitamente puro. Ele pode se adaptar em grande harmonia à personalidade e inflamar o inteiro sistema desta última, aí atuando de maneira sanadora e impedindo enfermidades. Esse é o segredo do tornar-se sadio segundo os critérios dialéticos. Esse é o segredo para executar vossa obra continuamente até a velhice, mesmo que se nasça com um corpo fraco.

Quando adentraís o jardim das rosas, brilha para vós o clássico

primeiro dia da nova semana: o primeiro dia no jardim de José de Arimatéia. Esse jardim situa-se em um monte. A palavra *Arimatéia* significa também "lugar elevado". Sobre esse local elevado, nesse monte, ergue-se a segunda faculdade imortal do novo homem em vós: o Verbo Vivente. O Verbo Vivente e a voz se unificam em vós e se tornam uma vibrante realidade vivente. A grande festa da ressurreição é celebrada em vós. Nascido no silêncio do coração, o lugar elevado, que era no princípio, é novamente consagrado à vida. A poderosa força do Santo Graal, a magia gnóstica, pode ser empregada. A voz, movida pelo Verbo, falando, cria; ordenando, é obedecida! Pois por meio do nascimento, da ressurreição do Verbo, a entrada do Espírito é festejada no candidato. Nesse momento, liga-se o Espírito Sétuplo com a alma e *as núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, a saber, a transfiguração, tem início. Deste modo, vós o sabeis, podereis adentrar o portal áureo. Sonhos maravilhosos do símbolo interno falam então. E Hermes acrescenta:

A alma está no corpo; o Nous, na alma; o Verbo, no Nous. O Verbo é, portanto, a imagem e o Nous de Deus; o corpo é a imagem da idéia, e esta última, a imagem da alma.

XIII

As Duas Faculdades Imortais

O Verbo é, portanto, a imagem e o Nous de Deus; o corpo é a imagem da idéia, e esta última, a imagem da alma.

O candidato nos mistérios gnósticos deve realizar com o auxílio de suas duas faculdades imortais, o Nous e o Verbo, a transfiguração, cuja chave encontra-se oculta nesse discurso de Hermes e em todos os subseqüentes do décimo-terceiro livro.

Já vos falamos acerca dessas duas faculdades divinas até certo ponto de forma integral e também vos mostramos o caminho pelo qual elas podem ser despertadas e libertadas. Nenhum ser pode trilhar a senda da verdadeira libertação, sem essas duas faculdades. Para compreender bem seu significado, deveis iniciar vossa pesquisa pelo microcosmo.

A poderosa força de ideação do Logos, do onipresente, da oniplenitude, projeta-se naquilo que denominamos espaço. "Não há espaço vazio", assim diziam os rosa-cruzes enfaticamente. O espaço encontra-se pleno de substância primordial. Tão logo a idéia divina irradie o plano de Deus com sua criatura, o homem, nascerá o microcosmo nesse espaço. Podeis pensar numa concentração de substância primordial, de átomos. No início, o microcosmo é a mônada ainda não corporificada, uma concentração de substância primordial formada por meio de um princípio magnético. Os rosa-cruzes do passado também denominavam esse princípio luminoso

“centelha”, “centelha divina”. A própria centelha é o núcleo direto da mônada, do qual dímana uma radiação. Essa radiação nuclear provoca em seu derredor um turbilhão sétuplo, um campo magnético sétuplo. Esse campo que tem essa radiação como ponto central evidente, forma e é um campo microcômico de criação, um campo de manifestação. Nesse campo, deve ocorrer a grande auto-realização.

Em determinado momento, uma manifestação, uma forma, um corpo, desenvolve-se no campo de criação do microcosmo. Essa manifestação é, segundo a expressão hermética, a “imagem”, a escultura, a expressão da radiação nuclear vivificante do microcosmo. Essa radiação nuclear coincide, devido a sua natureza, com a idéia do Logos. Por essa razão, o versículo 26 diz: *O corpo é a imagem da idéia*. A idéia manifesta-se por intermédio da alma; a alma, por intermédio do Nous ou do princípio nuclear, enquanto o núcleo é novamente uma imagem da divindade. No versículo 27, Hermes diz:

“Assim, o ar é a parte mais sutil da matéria; a alma, a parte mais sutil do ar; o Nous, a parte mais sutil da alma, e Deus, a parte mais sutil do Nous”.

No passado primordial, o homem era também, em sentido integral, um ser automanifestado. Uma personalidade sumamente magnífica manifestava-se por meio da radiação nuclear da mônada, como imagem pura, uma idéia clara da divindade, no campo de criação monádico. Essa personalidade foi dotada de poderosas capacidades, com as quais ela podia manifestar-se em todo o universo e executar sua tarefa.

Todavia, sabemos que parte dessas entidades foi apanhada no processo denominado “a queda”, sobre o qual ainda falaremos detalhadamente. A conseqüência disso foi, entre outras, a cristalização dos corpos, das imagens da idéia divina. Os corpos tornaram-se densos e em determinado instante, nasceu uma barreira entre o corpo cristalizado de um lado, e a radiação nuclear e a mônada, de outro. Com isso a radiação nuclear não pôde definitivamente prover

energia suficiente aos corpos. Então, pela primeira vez, manifestou-se outro processo, que conhecemos como o processo da morte. As cristalizações mortas eram substituídas por novas manifestações, pois, a radiação nuclear continuava sempre a cumprir sua tarefa. Sempre aparecia nova forma de manifestação no microcosmo. Por isso, os mitos dizem que, no início, o homem era um ser bissexual, um ser masculino-feminino, hermafrodita.

Compreendereis, contudo, que esse estado não poderia durar. Uma projeção humana que funciona em oposição contínua a sua natureza provoca, por fim, conflito intenso, que, nesse caso, a radiação nuclear da mônada não poderia suportar. Como consequência, ela já não pôde expressar-se na personalidade. Naquele tempo, a personalidade era de natureza quase exclusivamente etérico-astral e vivia muito mais que agora. Quando essa barreira entre a radiação nuclear da mônada e a personalidade cada vez mais densa aumentou, desenvolveu-se o que se denomina a divisão dos sexos, a conservação da personalidade por meio da união sexual. A partir desse momento, surgiu, portanto, o processo de nascimento e as condições mudaram: por meio do nascimento de novas personalidades permitiu-se que os microcosmos descorporificados, esvaziados, acolhessem-nas na hora de seu nascimento natural a fim de restabelecer, quando possível, o antigo processo e suprimir dessa forma a morte. Assim, podeis perceber que o nascimento de uma personalidade significa ao mesmo tempo ligar-se a um microcosmo. O objetivo dessa ligação entre a personalidade e o microcosmo é restabelecer o estado original, fazer com que o homem original, imortal, manifeste-se novamente e de acordo com a idéia da radiação nuclear microcósmica ou monádica.

O discipulado da Escola da Rosacruz Áurea foi criado para colaborar com esse objetivo, para auxiliar o restabelecimento da Gnosis original em vosso mundo microcósmico. A Escola Espiritual moderna coloca-se a serviço dessa obra única. Isso não significa em absoluto que a Escola estaria dirigida para o enobrecimento de vossa personalidade natural atual ou para o melhoramento ou deificação de vosso ser natural. Sabeis que existem vários métodos primitivos e

absurdos que têm em vista essas tentativas inúteis. Vós sois alunos dessa Escola Espiritual exclusivamente para submeter vossa personalidade atual, que é ao mesmo tempo vossa consciência, em cooperação com vossa mônada, a essa grande recriação, ao poderoso processo de transfiguração. Se não desejásseis isso, vosso discipulado não faria o menor sentido e seria apenas fatigante. Se, contudo, desejardes realizar esse processo de recriação, se vos colocardes com todo o vosso ser e com todo o vosso coração por trás desse processo, então, como foi dito, serão colocadas a vossa disposição duas poderosas faculdades: o Nous e o Verbo. Podereis libertar e empregar essas duas faculdades como quiserdes.

Para nós sempre é um enigma porque várias pessoas entraram na Escola, quando consideramos sua orientação, sua mentalidade e seu comportamento em geral. Nos tempos em que a Fraternidade da Rosa-Cruz teve de trabalhar mais às escondidas, a admissão de um neófito nesse magnífico processo de transfiguração, sempre ocorria sobre a base de um verdadeiro anseio e de uma decisão firme. O neófito consagrava-se a ele totalmente, com o empenho de todo o seu ser.

Todavia, o que devemos pensar agora em nossos tempos de alunos que elogiam, fazem votos e decidem ingressar no processo, porém não o seguem? Isto é, no mínimo, sumamente estúpido, insensato. E, do ponto de vista do corpo vivente, em que se está inserido, altamente imoral. Não são esses casos a prova que mostra como o corpo racial de hoje está decaído e cristalizado? Como ele já se tornou anormal? Não prova isso a realidade extremamente triste de que tais homens praticamente já não podem ser auxiliados?

A Escola Espiritual moderna abriu amplamente suas portas em nome da corrente universal. Todos os que desejam podem entrar sob certas condições. Quando alguém aceita formalmente as condições, em completa liberdade, deve-se esperar que homens honrados, normais e honestos cumpram suas decisões, seus votos. Em caso contrário, uma queda bem profunda deve ocorrer.

É dito a vós: há duas faculdades poderosas que podem tornar vosso discipulado uma candidatura, e esta pode levar-vos à vitória.

Elas não precisam ser emprestadas, nem introduzidas em vosso sistema, pois elas pertencem ao sistema de vossa mônada. Todavia, deveis libertá-las. Então, elas vos conduzirão irresistivelmente à meta final. Essas duas faculdades imortais encontram-se no núcleo da mônada, o núcleo do microcosmo. A primeira é a que o Prólogo do Evangelho de João denomina "o Verbo". É a idéia divina que irradia do Logos na eternidade. A segunda, a radiação nuclear sintonizada com ela.

Abris o santuário do coração ao Nous, à irradiação harmoniosa da luz nuclear da mônada, por meio do silenciar do coração, pelo abandono de toda a luta, deixando-o ingressar na paz profunda. Inúmeras e magníficas são as conseqüências que nos sobrevêm, quando somos vivificados por essa irradiação nuclear. Assim que elas se manifestam pode-se falar novamente de um discipulado verdadeiro. Trata-se realmente de uma ligação interior entre o Nous e a personalidade. A base para o restabelecimento, a transfiguração, é assim colocada.

Segue-se então a outra faculdade: o Verbo, a Palavra. O *chakra* da laringe atua de uma nova forma e com força sempre maior em nosso sistema e o centro sensorial concentra na faringe a nova força-luz que deve ser empregada mediante a voz.

Vede esse grande milagre: quem liberta em si totalmente a faculdade fundamental, o novo estado anímico, e desse modo confia à Gnosis todo o coração, vivendo desse estado, tem a sua disposição uma nova e grandiosa faculdade criadora: a Palavra ou o Verbo, com cujo auxílio todas as forças dominantes no sistema podem ser empregadas, ou, na medida em que forem prejudiciais, expulsas e neutralizadas. Todos nós recebemos essas duas faculdades. Quando vos quiserdes livrar da luta do coração, quando quiserdes entrar na profunda paz de Belém e suprimir a anarquia da voz; quando quiserdes utilizar vossa voz somente de modo correto e desejardes superar o grito animal, então a nova terra-céu se abrirá para vós no discipulado verdadeiro e útil.

XIV

A Lei Interior

Continuando a estudar o décimo-terceiro livro do *Corpus Hermeticum*, torna-se necessário falar convosco acerca da morte, tema a que todos nós estamos incondicionalmente ligados e de que muitos têm medo. A essência da morte é o espectro de uma realidade sublime que sempre leva muitos a se perguntar: como o homem original, que vivia em tão grande magnificência, pôde morrer? Isso não lança dúvidas sobre a perfeição divina? A resposta a essa pergunta é que a própria morte dá-nos a prova dessa perfeição e que, em sentido mais profundo, não existe de forma alguma algo como a morte. Tereis a confirmação irrevogável dessa resposta quando a provardes à luz da verdade.

Sabemos que o Espírito ou Deus se manifesta na matéria, no oceano da substância primordial, por meio de suas forças de irradiação. Por conseguinte, nasce nessa substância um princípio radiante, um microcosmo, uma mônada. A substância primordial é o oceano ilimitado e onipresente de átomos, pois como já testemunhavam os antigos rosa-cruzes: não há espaço vazio. Os átomos são partículas infinitamente pequenas, de movimento próprio e viventes; universos e sistemas estelares em miniatura. Assim, existe um espaço infinito, uma vida poderosa, pulsante. Chegareis também à conclusão de que não há nada desprovido de vida no universo. A essência do universo inteiro é indestrutível e fundamentalmente vivente. Essa é a razão de cantarmos em nossos templos em um de nossos hinos: "Tudo o que

olhos vêem, tudo, é digno de adoração, pulsa em tudo a Vida”.

A morte não existe. Pensai novamente na mônada. O que é a mônada senão um conjunto de átomos viventes mediante o Espírito, mediante Deus mesmo? O átomo é vida; a mônada, uma concentração de vida inflamada pelo Espírito de Deus.

Essa vida cooperativa, conjunta, inflamada dessa forma, possui um objetivo proveniente de uma idéia, de um plano que é realizado mediante a radiação, a força-luz múltipla. A radiação emanada pela mônada, e que denominamos “Nous”, cria uma imagem da idéia no ponto crítico previsto para isso no campo magnético da mônada. Essa imagem também é um conjunto, uma cadeia de átomos viventes que devem exteriorizar a imagem, o objetivo da idéia em sua unidade. Assim, eles corporificam a idéia.

A ideação, que aflui à corporificação, é a vivificação. A vivificação é mantida como por meio da luz entre a ideação e a corporificação. Como resultado, a corporificação ou imagem da idéia vivente tem de ser o grande instrumento de exteriorização e confirmação da idéia. Por conseguinte, o corpo natural é também Deus manifestado na carne, visto que, por detrás dessa imensa atividade no microcosmo, há sempre o Espírito, Deus.

Todo esse desenvolvimento realiza-se com o auxílio de diferentes leis naturais que na antigüidade eram denominadas “cosmocratas”, isto é, regentes* do universo. Assim, existe uma lei natural de coesão segundo a qual os átomos viventes reúnem-se em uma imagem da idéia, em um corpo, mediante a irradiação monádica. A lei da coesão dos átomos dirige o processo. Contudo, essa lei tem limites, pois se a reunião de átomos viventes para a formação de um corpo fosse ilimitada, este se cristalizaria, petrificar-se-ia totalmente e se tornaria, assim, inteiramente imóvel; já não corresponderia, portanto, a seu objetivo. Por isso, cada corpo, formado segundo a lei da coesão, é controlado e mantido em harmonia com o universo divino, devido à atividade de uma segunda lei, a saber, a lei da desagregação. Assim, vemos que as duas leis naturais, a da coesão e a da desagregação, controlam todos os corpos. Por meio delas, surge o metabolismo, e, por conseguinte, a lei de dilatação e de contração rege em toda a parte.

A humanidade desenvolve-se num ciclo de milhões e milhões de anos, através de sete períodos. Personalidades como Helena Blavatsky, Rudolf Steiner, Max Heindel e outros descreveram esse assunto totalmente em suas obras. Heindel, por exemplo, fala de sete rondas, nos sete globos, através de sete períodos mundiais, os sete vezes sete ciclos astronômicos. Desejamos com isso tudo apenas deixar claro que o universo, esse ilimitado oceano de átomos, forma por si mesmo um grande sistema, em que se manifestam processualmente diversos desenvolvimentos científicos naturais.

O universo não é, portanto, estático. Intermináveis mudanças ocorrem. Sem nos aprofundarmos nisso, desejamos apenas dizer que a lei da coesão, mencionada anteriormente, sempre se apresenta de maneira diferente nesses vários ciclos astronômicos. Em outras palavras: em determinados períodos macrocósmicos é permitida maior aglomeração de átomos, cristalização maior do que em um período anterior ou posterior. Nossa humanidade encontra-se atualmente num período - já quase terminado - em que ocorre a maior densificação possível dos corpos. Porém, naturalmente, num período como esse, a lei da desagregação também atua de forma extraordinariamente forte. À medida que a lei da coesão se torna dinamicamente ativa, a lei da desagregação dos átomos, portanto, da desagregação dos corpos, atua também em concordância com isso.

É costume chamar essa atividade pronunciada de desagregação de morte. Todavia, em realidade, essa morte não é senão o estímulo de um metabolismo vivente. Um corpo se desfaz em átomos viventes. O átomo mesmo, a unidade no universo, nunca se perde; átomos se unem, formando um corpo e se separam novamente uns dos outros. A vida permanece sem máculas. A morte é ilusão de nosso cérebro.

Provavelmente assim observeis, principalmente, se tiverdes recebido educação religiosa: "Pensei que a morte, fosse o salário do pecado. E como devo entender, nesse sentido, a essência do bem e do mal?". No decorrer dos ciclos astronômicos, de que já falamos, vem a época em que a humanidade alcança o nadir da coesão atômica. A imagem da idéia, o corpo, densifica-se cada vez mais e já

não pode, em determinado momento, ser controlado pela radiação nuclear da mônada que, no sentido ideal, coopera com o corpo. Vede isso claramente diante de vós; deixai trabalhar vossa imaginação! Vede, portanto, a esfera microcós mica. Nela se encontra um núcleo de onde dimana uma radiação. Mediante a ação vivificante dessa radiação nuclear, manifesta-se uma associação atômica, o corpo, que é mantido constantemente pela radiação nuclear. A radiação nuclear, o Nous, por um lado, e o corpo, a associação atômica, por outro, permanecem unidos, são ligados por meio da essência animadora. Essa é a unidade do Espírito, alma e corpo.

Ora, em dado momento, no decorrer do ciclo astronômico, todo esse sistema se densifica. A matéria corporal se concentra sempre de forma mais intensa até que, durante o desenvolvimento, chega o momento em que a radiação nuclear já não consegue dominar, por assim dizer, corretamente o todo. Surge então um estado de repouso forçado para a radiação nuclear, quando o ser corporificado, o portador de imagem, não deseja cooperar do imo com a radiação. A radiação nuclear cessa. O Nous retira-se para dentro de si mesmo, e a imagem da idéia, o corpo, que já não é alimentado pelo centro microcós mico, deve ser gerado continuamente pelo nascimento natural, mediante o conhecido processo de conservação da espécie.

Tão logo a radiação nuclear já não possa controlar o ser corporificado, este se desagregará. Novamente outro corpo tomará seu lugar no microcosmo por meio do processo de conservação; a lei da coesão o conduzirá à maturidade, e a lei da desagregação novamente o fará morrer. Falamos aqui sobre o corpo * da ordem de emergência. Desse modo, garante-se que a mônada tenha sempre a sua disposição um ser corporificado, um portador * de imagem, o qual sois vós, com o intuito de conscientizá-lo de seu estado de ser, de sua vocação. Vossa e nossa vocação é cooperar novamente com a radiação nuclear da mônada, com a idéia original do Logos e restabelecer o antigo processo.

Contudo, surge uma dificuldade quando o ser corporificado, o portador de imagem, segue todo o curso mencionado até alcançar o nadir e esquece totalmente que existe algo como uma radiação

nuclear, uma alma original, orientando-se completamente para o plano horizontal da vida e acreditando ser destinado a este mundo e a este nadir. Essa dificuldade consiste em sempre capacitar todo o portador de imagem a trilhar, com o corpo da ordem de emergência, o caminho de retorno.

Existe ainda outra dificuldade. Cada corpo, assim dissemos, é vida, pois um corpo é uma associação de átomos, e cada átomo é vida. Assim, não existe nada no universo que possa ser denominado matéria morta! Hermes diz nos Versículos 31, 32 e 33:

Nunca houve, não há nem jamais haverá no mundo algo que esteja morto. O Pai quis que o mundo fosse vivo enquanto se mantivesse sua coesão; por isso ele é necessariamente Deus. Como poderia ser possível, meu filho, existir em Deus, nele, que é a imagem do universo e a plenitude da vida, algo como a morte? Pois morte é corrupção, e corrupção é aniquilamento. Como se poderia crer que uma parte de algo incorruptível estivesse submetida à corrupção ou que algo de Deus pudesse ser aniquilado?

“Não sejas tão insensato”, diz Hermes enfaticamente a Tat, “a ponto de aceitar que algo como a morte pudesse existir.” Tudo é vida, um oceano vivente de átomos. Cada corpo é portanto vida. E cada vida também possui, portanto, consciência. Cada consciência possui uma força ilimitada e, por conseguinte, divina, pois o átomo é vida. E vida apenas pode explicar-se pela fonte primordial. Visto que vosso estado corpóreo, vosso estado de personalidade, é formado por átomos, o fundamento de vosso ser é, portanto, Deus. Deus manifestado na carne.

Quando, todavia, esse estado de personalidade, nesse curso rumo ao nadir, já não pode ser explicado diretamente pela mônada, quando já não se encontra diretamente ligado à mônada e já não é gerado diretamente pela mônada como antes, esse corpo já não possui nenhuma lei interior, a vivificação original, o Nous. Somente quando fordes “renascidos” no sentido evangélico, tereis novamente a lei interior, esta lei novamente falará em vosso coração. Enquanto essa

lei ainda se calar, enquanto a ligação entre vós e a mônada ainda encontrar-se rompida, somente a lei exterior poderá falar-vos. Por isso, vossa vida é por vezes tão difícil, pois o que ouvis do exterior, o que vos vem de fora, podeis esquecer facilmente. E o esqueceréis, pois vós tendes muito, demasiado interesse pelo plano horizontal.

No curso rumo ao nadir, o corpo deve ser guiado por uma lei exterior, pois ele já não possui lei interior. É por essa razão que a antiga doutrina esotérica diz que, em determinado momento, no desenvolvimento da humanidade, o olho interior do homem, da forma corpórea, a saber, a pineal, o terceiro olho, atrofiou-se, tornou-se latente.

Em realidade, nada é latente. A pineal em vós ainda está perfeitamente em seu estado original. Contudo, o olho interior não é utilizado, não pode ser utilizado por vós, porque ainda mantendes vosso coração fechado. Visto como um todo, vosso coração transborda de todas as coisas possíveis, exceto do essencial. Enquanto se mantém o coração fechado para a radiação nuclear, o homem corpóreo é como um cego para seu toque e desvelo direto. Por isso, fala-se tanto no Novo Testamento acerca dos nascidos cegos. Genericamente falando, não viestes ao mundo em tal estado de cegueira? Não nascestes cegos?

Como pode esse estado fundamental de vosso nascimento natural ser abolido? Deveis ser curados pela salvação do Santo Cristo, isto é, pelos raios vivificantes da radiação nuclear. Entendeis isso? Um homem fundamentalmente cego é, como a Bíblia o denomina, aquele que tem olhos, porém não vê, tem ouvidos, porém não ouve. Em tal estado, não podeis proceder corretamente e assim realizais as coisas mais tolas. Alguém que erra na escuridão, certamente ofenderá e ferirá, provocará infelicidade, será desleal, causará dificuldades!

Quando tudo isso se manifestou pela primeira vez no curso rumo ao nadir, o mal veio ao mundo, o mal entrou no campo do nadir como conseqüência da perda da faculdade de percepção interna. Nessa situação, o mortal foi sacrificado mediante a vida exterior tão mágica. A maldade, o mal, não está, portanto, fundamentalmente presente nos seres. Ela se manifesta como trevas, em que o cego segue seu

caminho, tateando a esmo e, de vez em quando, tropeçando. A ignorância é, portanto, o maior dos pecados. Pensai na lamentação da Linguagem Sagrada, quando diz: “Meu povo perece por falta de conhecimento”. Pensais que ela se refere a um conhecimento transmitido em uma escola ou por meio de um livro? Ou então ao conhecimento ensinado a vós por um obreiro da Escola Espiritual? Não, trata-se do conhecimento interior!

Tudo o que existe, tudo o que Deus revelou, está submerso em vossa mônada. Abri vosso ser à radiação nuclear monádica e vossas enfermidades desaparecerão e vos tornareis novamente sãos, assim como vossa mônada o era no início. Enquanto errardes e tateardes nas trevas e assim tropeçardes de tempos a tempos, a lei da desagregação deverá corrigir-vos cada vez mais dinamicamente. A partir do momento em que o homem corpóreo se torna um cego total, a lei da desagregação já não atua de maneira indolor. As conseqüências de vossos erros quase sempre provocam grandes sofrimentos em vossa vida. Assim, a morte se torna também padecimento, pois o salário do pecado é a morte.

Esse processo metabólico tão difícil está aliado a grandes dores. A lei exterior que se apresenta no nadir nos é descrita sucintamente, como o sabeis, no Velho Testamento. Quando o rebanho é impellido para a frente, a ovelha que é ignorante — que tem olhos, e não vê, tem ouvidos, e não ouve — deve ser protegida tanto quanto possível pela lei exterior. Por isso, eleva-se sempre uma voz ameaçadora: “Tu deves...; se não fizeres *isto*, receberás *aquilo*. No dia em que fizeres *isso*, em que realizares *isso*, o resultado será esse”. Assim fala a lei exterior, a lei dos dez mandamentos.

Estivemos em contato com um pastor, por um curto período, e ele nos perguntou: “Guardais em vossa Escola também a lei dos dez mandamentos?” Ao que respondemos: “Sim, devemos fazê-lo, pois de outra forma não é possível”. Entendeis isso? Quando a lei interior em vós não atua, quando não sois renascidos na luz do Novo Testamento, age então o Velho Testamento: guerras e clamores de guerras e todo o tipo de misérias em diversos lugares. E assim é. A lei exterior não é, portanto, uma lei de ódio, porém a lei para proteger

e conduzir os cegos; a lei para manter tanto quanto possível o portador de imagem que está ligado à mônada, porém que disso já nada sabe e, portanto, não se comporta de forma condizente; e também para garantir, durante o maior tempo possível, a possibilidade de restabelecimento. Os portadores de imagem são conduzidos para isso mediante a lei exterior e eventualmente castigados por ela. Por isso, podemos vos dirigir a atenção nesse contexto, para os últimos versículos do décimo-terceiro livro:

Adora esse Verbo, meu filho, e venera-o. Há somente uma religião, um único modo de servir a Deus: não sendo mau.*

Em outras palavras: quando vós, tanto quanto possível, afastais o mal, evitais-o, deixais aberta a possibilidade em vós para novamente encontrar a luz verdadeira.

Agora, eleva-se em vós provavelmente uma pergunta: “Por que tal marcha rumo ao nadir, no decorrer dos ciclos astronômicos, teve de ser estabelecida? Por que deveria semelhante magnificência ser perdida? Não é isso, portanto, um curso do destino? Não poderia ser de outro modo?”

Aprofundemo-nos nessa questão.

XV

A Espada do Espírito

A palavra nadir significa, como o sabeis, o ponto mais baixo. A passagem por um nadir no curso dos ciclos astronômicos não deve jamais ser compreendida, em realidade, como um tipo de queda no sentido de obscurecimento. Com efeito, no nadir, no padrão dos períodos astronômicos, a qualidade deve ser obtida, o grande objetivo que o Logos estabeleceu deve ser alcançado, o plano de Deus para com o mundo e a humanidade deve ser realizado.

Portanto, o que é a essência de um curso rumo ao nadir? Qual é o objetivo da experiência nas trevas? O descobrimento da luz durante tal odisséia, a vitória do mal com auxílio da luz auto-adquirida, e o restabelecimento do estado original. Todos os mistérios surgem daí; quando o homem os sonda, a linha de seu desenvolvimento se dirige novamente para cima, volta outra vez a sua origem. Porém, com que enorme diferença! O homem sai como um ignorante e volta como um conhecedor; ele sai como um filho perdido; agora ele é o filho reencontrado que retorna à casa do Pai.

Por isso, desenvolve-se em todo o universo, através de todos esses períodos astronômicos, uma manifestação de salvação da mônada, a fim de conferir consciência, purificação e abundância de experiências à humanidade mediante uma via descendente que passe pelo nadir; por um período do Velho Testamento cheio de ameaça, dor e catástrofes até um retorno em Cristo e uma ascensão no Novo Testamento.

Caso possais entender isso, compreenderéis então o objetivo dos

rosa-cruzes* clássicos que, como o sabeis, afirmavam:

“Inflamado pelo Espírito de Deus;
submergido em Jesus, o Senhor;
e renascidos pelo fogo do Espírito Santo”.

Compreendi esse desenvolvimento da seguinte forma: a mônada é criada por Deus; o Nous ou a irradiação nuclear, posta em desenvolvimento; a personalidade quádrupla, é realizada como imagem da idéia e então animada mediante a mônada.

Vede, pois, todo o homem sétuplo é inflamado pelo espírito de Deus. Esse é o início da poderosa manifestação divina em e por Intermédio de sua criatura. Quando a criatura se tornou perfeita, a imagem deve receber valores, reunir experiências, tornar-se totalmente auto-realizadora pela plenitude de experiências na grande escola de Deus. Daí, o curso de desenvolvimento através dos períodos astronômicos, por sete rondas, por sete corpos celestes, através de sete períodos mundiais.

Os rosa-cruzes indicavam todo esse processo como: “O submergir em Jesus, o Senhor”. Essa é a via crucis das rosas, do início ao fim, apresentada a nós como uma história acontecida em alguns anos, em inúmeros mitos e lendas.

Então, a isso, segue-se a ressurreição, o grande restabelecimento, carregado com o tesouro da perfeição: o renascimento eterno do, mediante e no Espírito Santo. Nisso tudo, em todo esse curso de desenvolvimento, a morte é uma ficção, o mal é incidental. Resta somente a única vida absoluta.

O que denominamos, no curso rumo ao nadir, nascimento natural, o nascimento do corpo da ordem de emergência, é, portanto, a possibilidade sempre renovada do restabelecimento geral para alcançar a vivência perfeita. O único perigo que ameaça esse processo é o mal, a maldade, a ilusão, de que todos os seres mais cedo ou mais tarde devem libertar-se, mediante a descoberta de que todo o mal é ficção e produzido pelo jogo dos opostos, portanto pela dialética.

Assim, compreendemos Hermes quando ele mostra que não há morte alguma; que nunca houve uma única coisa morta, pois todo o

átomo é um princípio vivo. Tal princípio de vida existe sempre. Ainda que se possa retirar forças de um átomo, enfraquecê-lo, ele é, não obstante, sempre vivificado, carregado pela energia fundamental da divindade. A morte é corrupção e esta é ocaso. Porém, tal processo de corrupção está totalmente excluído da onimanifestação, assim diz Hermes enfaticamente.

O processo que denominamos morte, que sempre de novo se inicia e nos ilude tão freqüentemente, é a dissolução dos corpos compostos. Eles são dissolvidos para que possam renascer, renovar-se, pois existe um único movimento contínuo em todo o universo, um progresso eterno de todas as coisas. O movimento é também a obra fundamental do todo. *Tudo se movimenta*, exclama Hermes.

O mal que os seres devem neutralizar surge do movimento contínuo, da mudança contínua de todas as coisas e das oposições ligadas a isso. Devemos, portanto, perscrutar a essência do mal.

Falamos-vos anteriormente acerca da natureza e da composição da mônada*, sobre o estado incipiente, original, do homem e sobre o longo desenvolvimento, pelo qual esse estado deve passar por meio do nascimento natural e do curso rumo ao nadir.

Esse curso é a viagem para o ponto mais profundo, a viagem para a base. É o estado de ser da certeza interior, a incondicionalidade interior. Quando sois dotados de grandes possibilidades, quando sois chamados para realizar uma grande obra, então deveis previamente ser treinado e reunir experiência profunda, para que com isso saibais como não deve e como não pode ser.

O curso rumo ao nadir não tem, portanto, o objetivo de impelir o homem bom de outrora através das trevas, das profundezas e da miséria, para conduzi-lo assim à experiência. Não, o curso rumo ao nadir é, em última instância, a confirmação da certeza inquebrantável da manifestação de salvação. A passagem pelos ciclos astronômicos forma a manifestação divina de salvação da criatura. Todo o sistema monádico deve ficar absorvido por essa única certeza inabalável até cada fibra, para que com isso deva ser revelado verdadeiramente Deus-em-Deus, e não algo como um ser totalmente automático, trabalhando com a precisão de um relógio e que povoaria o universo

milhões de vezes. Vede que o Logos se manifesta mediante sua criatura para manifestar a si próprio. Por isso, cada mônada é conduzida a seu nadir, para que com isso possa encontrar verdadeiramente nas profundezas da terra suas raízes, semelhante a uma árvore.

Quando esse objetivo estiver claro diante de vossos olhos, tudo se tornará bem diferente. Como adquiris certeza interior da vida? Não somente pela experiência, mas também pelo conflito. De que modo surge o conflito em vossa vida? Pelo fato de que vós estais atolados na dialética; de que vós sois confrontados com a essência dos opostos: luz e trevas, bem e mal. Tudo se volta para seu oposto. Por meio da essência dos opostos, da grande situação de conflito da dialética, entrais em contato com a vida auto-reveladora: por experiência e conflito. Vós tentais agarrar-vos a algo: isso escapa de vossas mãos. Tentais realizar alguma coisa; quando porém chegais a um ponto máximo, perdeis isso novamente. Construíis algo; isso se desmorona novamente.

Refleti agora acerca do conhecido conto de Parsifal em sua busca pelo Santo Graal. O candidato vê a distância a cidade áurea. Ele corre para ela, porém quando chega ao lugar onde ela estava, vê que ela sumiu. Ele vê uma figura maravilhosamente bela. Ele corre para ela: a figura se transforma em pó. É a dialética. Tudo, tudo, se vos desfaz em vossas mãos.

Quando sois jovens, esperais milagres da vida. Quando envelheceis, revela-se que pouco ou nada restou daquilo que esperáveis ardentemente. O que restou para vós? Esperança! O que restou para vós? A essência do conflito. Muitos de vós estão totalmente enredados no conflito. Esse é o mal. Por isso, diz Hermes a seu filho Tat: liberta-te do conflito. Portanto, afasta-te da dialética. Com um golpe, liberta-te disso.

Tendes sempre duas possibilidades. Nesse aspecto, já experimentastes infinitamente. Com isso estais ainda e sempre ocupados com vosso eu, com vosso eu natural, pois vosso eu deve aprender a lição. A irradiação nuclear, o Nous, a alma original, espera e espera até que

descubrais e percebais vosso estado e, reconhecendo vosso destino, abrais amplamente a porta de vosso coração. Vosso eu deve penetrar o conhecimento e a compreensão. Vosso eu deve demolir as muralhas espessas da auto-afirmação.

De tempos a tempos, vários alunos vêm ao templo como que sob uma couraça, querendo talvez dizer: "Não penseis que podeis chegar até a mim". Por que fazem isso? Por autoproteção. Já fostes por tanto tempo na vida derrotado, humilhado e torturado que sempre viveis numa posição de defesa. Vedes em todo o mundo um inimigo. Essas muralhas devem ruir. Todo esse auto-armamento deve desaparecer. Vosso eu deve penetrar o conhecimento e a compreensão. Em outras palavras: a descoberta do Bem Único está encerrada na essência da natureza do nadir. Nessa natureza original deveis encontrar as profundezas da terra. Então, é certo que todos os que trilham o curso rumo ao nadir devem esvaziar até a última gota o cálice pleno de amargura? Não, de forma alguma, pois isso depende inteiramente de vós. Vós padecereis a amargura, a miséria e a dor enquanto não possuídes, do imo, o conhecimento e a certeza adquiridos pela experiência, mediante a necessidade e morte, no jogo dos opostos.

Com o jogo das alternâncias, vós nunca estareis prontos. Isso não tem início nem fim. A dialética é, portanto, também a fronteira natural das profundezas. Nessa fronteira vós vos encontrais. Porém, não deveis simplesmente atravessá-la; deveis dela vos alçar. Aí reside talvez vosso erro: desejais romper a fronteira das profundezas. Todavia, deveis dela vos elevar. A todo o momento, o homem pode abandonar essa fronteira e se elevar. A cada momento, elevam-se pois muitos das profundezas para, outra vez, com um baque, afundar-se. E isso até que uma compreensão suficiente seja formada, nascida da experiência e do conflito. Quando há compreensão, a verdadeira compreensão, então há também força suficiente para a elevação.

Por isso, primeiramente deve nascer um profundo discernimento. Por isso, também é dito na Bíblia: "Meu povo perece por falta de conhecimento". Aqui não se refere a nenhum conhecimento intelectual. Não, aqui se trata do conhecimento fundado na experiência,

purificado pelo conflito. Tão logo o homem alcance esse ponto em sua longa senda de amargura, ele entenderá a palavra de Hermes:

Adora esse Verbo, meu filho, e venera-o. Há somente uma religião, um único modo de servir e venerar a Deus: não sendo mau.

Isso significa que deveis dizer adeus à dialética. Deveis ajustar as contas com esse mundo e abandonar a fronteira. Deveis-vos elevar e libertar, em sentido absoluto, do conflito com o mal.

Esse é também o sentido da tentação no deserto. As forças da fronteira oferecem tudo ao candidato. Quando ele não puder resistir ao tentador, ele será envolvido na rede. O verdadeiramente desperto para o conhecimento se distanciará disso tudo. Vós podereis fazê-lo, tão logo possuiais, do imo, conhecimento suficiente, tão logo saibais para qual lado deveis voltar-vos, e que vos deveis libertar do movimento dos opostos. Quando souberdes disso tudo, já não deveis esperar nem um momento. Deveis agir imediatamente e libertar-vos enfaticamente de forma gnóstico-científica, incondicional e absoluta. "Hoje, se ouvirdes a voz, a voz do conhecimento interno, não endureçais vossos corações, porém entrai no novo país".

Então, não deveis apenas pedir: "Senhor, perdoai nossas dívidas", como um grito do homem atacado pela dor, porém ao mesmo tempo: "Como nós também perdoamos nossos devedores", pois se trilhais o caminho da alma, estais ligados com todos os outros. (Individualistas, compreendei isso!) Está totalmente excluída a possibilidade de que possais, como um eu, trilhar a senda sozinhos. O eu não existe na vida anímica: somente a alma; e ela está ligada a todos. Quando portanto libertais a força para a vida, é a força que deve ser empregada em cooperação com o grupo, por intermédio do qual vós, entendidos segundo a natureza, libertais-vos decididamente de tudo, já não entrais no mal, já não desejais nenhuma parte nele, já não vos deixais arrastar por ele.

É isto pois o bastante? Sim, pois o conhecimento nascido da experiência, da purificação, oferta-nos duas faculdades imortais: o Nous e o Verbo. Quando o homem corpóreo, a imagem da idéia,

festeja essa grande descoberta, quando ele dá início à única religião, a saber, “não ser mau”, então ele tem a sua disposição as faculdades monádicas do Início, que Deus mesmo revelou na mônada, pois ele se reflete ali em perfeição. Enquanto vos atrelais à amargura diária, não podeis perceber a voz da mônada. Não podeis entrar na grande quietude da libertação, de que fala, por exemplo, Hebreus 3 e 4. Se vós hoje podeis ouvir a voz interior, não endureçais vosso coração, como freqüentemente tendes feito. Se ouvís a voz do coração e do Nous, abri vosso coração em perfeição. Quando tiverdes aberto vosso coração, não penseis que entrareis de imediato na celeste terra mágica. Não, então sereis confrontados com a espada do Santo Graal. Paulo diz sobre essa espada:

“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito e de juntas e medulas e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”. Quem é trespassado pela espada do Espírito, entra no processo de santificação, de cura, de transmutação e de transfiguração.

XVI

No Princípio, era o Verbo

Verificamos que o conhecimento nascido da experiência e da purificação capacita o homem a ter a sua inteira disposição as duas faculdades imortais: o Nous e a Palavra ou o Verbo. Hermes observa no versículo 41 do décimo-terceiro livro:

Cada ser vivente é, nesse sentido, imortal. Todavia, o mais imortal é o homem, pois é capaz de receber Deus e com ele se tornar uno. Somente com esse ser vivente, Deus se comunica: à noite, através dos sonhos, durante o dia, por meio de sinais que lhe predizem o futuro de várias formas: pelos pássaros, pelas entranhas, pelo vento, pelo carvalho, por todos os meios pelos quais o homem seja capaz de conhecer o passado, o presente e o futuro.

Deus é onipresente. Ele é a atividade e a força. Não é absolutamente difícil de compreendê-lo. Em primeiro lugar, repetiremos sucintamente o que já falamos.

O processo de salvação da mônada*, nascida de Deus, possui três aspectos principais. Em primeiro lugar, a descida do Espírito ou o desvelo divino. Em segundo, o Nous, o núcleo monádico que, ligado ao Espírito, emite uma radiação, que, em terceiro lugar, anima o santuário do coração da personalidade quádrupla. Quando essa vivificação se realiza no homem nascido da natureza, portanto, no homem que se abriu totalmente para o processo de renascimento,

ele tem de novo a sua disposição uma força divina completamente imortal.

O homem corpóreo é, somente em princípio, portador da imagem de Deus, imagem da idéia de Deus, pois o errar na dialética, o resultado dos inúmeros conflitos e a busca tão longa pelo Santo Graal submeteram a forma nascida da natureza a muitos danos. Mediante a entrada anímica do Nous, esse homem já recebeu a força para ser e se tornar novamente um filho de Deus em sentido absoluto, para reconstituir a imagem da idéia. O processo monádico é fundamentalmente restabelecido nesse momento. Depois disso, desenvolve-se também a grande transfiguração. Tudo, mas tudo mesmo, deve ser feito para que, a partir da forma da ordem de emergência, a forma original seja trazida à existência, conduzida pelo Espírito e pela alma, pelo rei e pela rainha das Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz.

Todavia, perceberéis que esse poderoso processo não pode ser automático. Cada um deve colaborar nesse processo, mui interessada, inteligente e pessoalmente. Passo a passo, deveis vós mesmos explorar essa senda. Quando a possibilidade básica está presente, desenvolve-se em determinado momento uma segunda faculdade, também de natureza imortal, devido à entrada anímica do Nous. Hermes a denomina Verbo ou Palavra. Com o auxílio dessa segunda faculdade entra em desenvolvimento o que a Bíblia denomina "vida escondida com Deus". A radiação do núcleo, a que, como o sabeis o Espírito está ligado, manifesta-se de maneira bem diferente na essência corpórea do candidato; por conseguinte, não é, em absoluto, difícil compreender Deus em determinado momento.

Talvez tenhamos aceitado, em tempos passados, a idéia de que "a vida escondida com Deus" significasse uma alusão mística à vida consagrada. Isso é um erro. Todo o conhecimento superior, toda a percepção aprofundada, toda a orientação que deve conduzir o candidato para fora da oficina da ilusão dialética, realiza-se com o auxílio dessa segunda faculdade.

Tudo o que no passado foi denominado iniciação, em sentido positivo, digno de confiança, manifesta-se mediante essa segunda faculdade imortal, denominada Verbo criador vivente. O início da

senda verdadeiramente libertadora encontra-se no "Verbo que era no princípio". Com esse prólogo, com o estabelecer desse fato, o evangelho joanino demonstra-se como o mais significativo evangelho, o qual também foi tão amado pelas fraternidades gnósticas de todos os tempos. Ele se mostra mediante seu prólogo, como o mais proeminente evangelho hermético.

Quando a radiação nuclear irrompe no coração e preenche todo o ser, quando o ser corpóreo está sintonizado, de algum modo, com essa vibração tão poderosa e o homem corpóreo acolhe a corrente gnóstica que flui para dentro do coração, então, em dado momento, essa radiação também irrompe no santuário da cabeça. O sistema dos *chakras* como um todo e os três *chakras* da cabeça em especial, constituem aí o mediador. O *chakra* da pineal é o da entrada da *kundalini** monádica, que realiza a descida do Espírito Sétuplo. O *chakra* da frente está centralizado no espaço aberto atrás do osso frontal, de onde o eu nascido da natureza deve ser expulso e a nova alma elevada a seu trono novamente como fator dominante. O terceiro *chakra* é o da laringe, com cujo auxílio a faculdade superior, libertadora, criadora, torna-se livre, a faculdade que capacita o candidato a tornar o segundo elemento da imortalidade em fator totalmente ativo na vida. Quando possúis um eu bastante pronunciado, isso se pode comprovar pela luz da frente. Uma luz, um fogo muito especial, é daí dimanado, o qual é comunicado *também a ambos os olhos*.

O eu deve enfraquecer-se, desaparecer, no processo aqui descrito. Em realidade, o que ocorre é que, no processo do novo devir gnóstico, o eu simplesmente dirige-se para baixo, através do sistema dos *chakras*, até desaparecer finalmente no *plexus sacralis*. Assim que o eu nascido da natureza desaparece, a alma recém-nascida toma lugar no assento que lhe pertence desde o início. E, desse momento em diante, o eu nascido da natureza já não será o condutor da consciência, porém a alma.

A primeira faculdade imortal, a do coração, pode ser indicada como o escudo do cavaleiro do Graal, e a segunda, o Verbo, como

a espada do Santo Graal.

Pode-se indicar a entrada do Espírito do noivo ou do rei, segundo as *Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz* – no centro da pineal, como uma corrente positiva de forças. A entrada da alma – da noiva ou da rainha – no centro da fronte, relaciona-se com um pólo negativo de forças. Essas duas correntes formam, na parte superior da faringe, um foco, uma centelha, uma luz, e, por isso, uma faculdade ativa, criadora. Uma faculdade que é completamente capaz de libertar o candidato do nadir e elevá-lo da fronteira da dialética.

Todos vós já experimentastes ou estais a ponto de descobrir que a dialética é uma fronteira absoluta. Vós não abandonais essa matéria, não ultrapassais essa fronteira, pois todas as coisas na dialética se transformam em seu contrário. Ocupais-vos com um e encontrais o outro. Tentais então isso de outra forma; e de novo aparece diante de vós, em determinado momento, o opositor, a contranatureza. Por isso, não saís da dialética, não acabais com a dialética: ela é uma fronteira.

A segunda faculdade é capaz de libertar-vos dessa fronteira, de vos elevar na vida libertadora. É a maravilhosa espada do Santo Graal. Despida de sua roupagem legendária, despida de seu simbolismo, ela é transformada em fator ativo na vida. Essa espada é recebida por todos os que restabeleceram a ligação entre a mônada e o homem corpóreo, para ingressar na transfiguração. A fim de indicar de algum modo a atividade e o poder dessa arma, Hermes diz:

Com esse ser vivente, que possui essa arma, a divindade se faz presente e se dirige a ele: pela noite, mediante sonhos, durante o dia, por sinais; ela lhe prediz o futuro de várias maneiras: mediante pássaros, mediante entranhas, mediante o ar, pelo carvalho, que permite ao homem conhecer o passado, o presente e o futuro".

Devemos, naturalmente, aprofundar-nos nessas informações, pois sem alguns esclarecimentos, sem dúvida, incorrereis em erros. Não se entendeu nada, e isso foi bem demonstrado no passado acerca

das palavras de Hermes, pois elas soam muito mediúnicas e bastante oculto-negativas. Essas palavras colocaram muitas canetas em movimento e induziram muitos a considerar o hermetismo um paganismo maldito, indicando, além disso, uma série de alertas em nossa conhecida Escritura Sagrada, como por exemplo: não dar atenção a gritos de pássaros e não se ocupar com magia e coisas desse tipo. Contudo, Hermes não deseja dirigir a atenção para uma coisa desse tipo. Trata-se aqui de indicação velada para o aluno sério, e que portanto não se destina aos profanos. Por ordem, esclarecemo-vos o que Hermes quer dizer com sonhos, símbolos, profecias, pássaros, entranhas e carvalhos.

Já vos foi explicado que todos os processos que estão relacionados com a mudança do santuário da cabeça e do coração estão intimamente ligados com as novas correntes, radiações e desenvolvimentos na atmosfera astral. Quando trilhais a senda e buscais a ligação com a mônada, a atmosfera astral pura vem a vós para entrar em ligação convosco. Todo o vosso corpo astral é em determinado momento penetrado por ela. A substância pura da natureza astral e os éteres puros, os assim chamados alimentos* santos, ligam-se a vós. Se pensardes no processo tríptico no centro da pineal, no centro frontal e na laringe, descrito agora mesmo, no qual o positivo e o negativo do novo toque encontram-se na laringe e causam uma centelha, uma nova faculdade, então podereis imaginar que a nova substância atmosférica, que vos toca, entra também em contato com o éter nervoso por meio desse novo princípio flamejante no santuário da cabeça.

O éter nervoso, o fluido nervoso, experimentará todos os reflexos, todas as influências desse novo desenvolvimento. Em determinado momento, os novos impulsos no éter nervoso começarão a falar, a se dirigir a certos órgãos vitais, pois vosso processo intelectual e todos os órgãos sensoriais atuam, vivem, ardem, funcionam com o auxílio do éter nervoso. A qualidade de vosso éter nervoso determina também vossa mentalidade, vossos diversos comportamentos organo-sensoriais etc.

Por conseguinte, podeis imaginar que quando a nova força se

derrama sobre nós e nos penetra após todos os preparativos descritos, ela se vos manifesta inteiramente mediante o éter nervoso. Quando esses novos impulsos falarem e atuarem no éter nervoso, o candidato os compreenderá com a ajuda da nova faculdade criadora.

Nesse momento, o candidato entra, assim Hermes tenciona nos dizer, em relação ativa, positiva e vivente com o Logos. A nova luz astral, essa nova substância astral e todas as suas atividades refletem-se no éter nervoso. Pensai nesse sentido, por exemplo, na Cabeça Áurea, como o topo do corpo vivente, onde muitos valores astrais puros se concentram. Desse modo, o candidato, que está enobrecido para esse estado de ser, que é impulsionado no caminho do desenvolvimento até esse ponto, entrará em relação interna, ativa, vivente, com a Cabeça Áurea. Esses impulsos podem, portanto, como é dito, ser acolhidos e compreendidos por intermédio da segunda nova faculdade, que controla todos os órgãos do santuário da cabeça.

Esses são os sonhos a que Hermes Trismegisto se refere. Eles são impulsos, aparições visionárias, impressões que, por exemplo, estão completamente sintonizadas com o que Pedro disse em seu discurso de Pentecostes quando, citando as palavras do Profeta, falou: "E será nos últimos dias, disse Deus, que os velhos terão sonhos e os mancebos terão visões".

Indica-se aqui uma nova intuição visionária, um novo estado orgânico-sensorial. Os sonhos, a que se refere Hermes, são algo totalmente diverso do que geralmente se entende com essas palavras e que como "eu" experimenta-se em eu-centralidade. Trata-se de que compreendais, agora, que as sugestões e os impulsos de natureza gnóstico-filosófica, que se desenvolvem na grande corrente universal por meio das sete escolas, são trazidos, dessa forma, a todos os candidatos enobrecidos para isso. Assim, desenvolve-se a relação vivente entre todos os filhos de Deus. Não há, nesse sentido, nenhum mal entendido, nenhum impedimento de tempo e espaço. Mediante a nova faculdade, entrais em ligação com todos. As indicações para o trilhar da senda somente podem ser transmitidas, por essa projeção nervosa, à consciência do candidato. Portanto, trata-se de ligação

íntima com o invisível. Esse é o início. Entendeis que esse início não é absolutamente sensacional, pois é o princípio da “vida escondida com Deus”, em almas que entraram na paz de Belém. Os que entram nessa relação íntima com o Logos, não falam disso. Eles seguem tranquilos seu caminho e executam sua tarefa. Agora entendeis que se trata do grande milagre de Pentecostes, da efusão do Espírito santo. A nova língua que foi falada pelos apóstolos significa o emprego dessa nova faculdade criadora, dessa segunda faculdade imortal, na flama da renovação astral.

Em verdade, foi isso que Hermes falou e depois dele o profeta Joel: “E há de ser que depois derramarei meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos terão sonhos, vossos mancebos terão visões”.

Se sois verdadeiramente um filho, uma filha da jovem Fraternidade gnóstica, no sentido absoluto e sério da palavra, então esse é todo o vosso futuro, quando desejais trilhar a verdadeira senda. E lede uma vez mais em Atos dos Apóstolos como o Espírito Santo, portanto essa segunda atividade da faculdade criadora, desceu em determinado momento sobre milhares.

Consideramos um privilégio poder falar-vos sobre todas essas coisas e esperamos que não façais mau uso dessa informação. Conservai-a em vosso coração!

XVII

Símbolos, Profecias, Pássaros, Entranhas, Carvalhos

Com nossa explicação sobre o significado hermético de sonhos, símbolos, profecias, pássaros, entranhas e carvalhos, não chegamos ainda ao final. Já vos falamos sobre os sonhos e dessa mesma explicação escolhemos arbitrariamente apenas alguns, pois uma exposição completa e detalhada nos conduziria sem dúvida muito longe. Desejamos aqui nos referir, por diversas razões, sobretudo à linguagem de nossa Bíblia, pois ela nos é mais familiar do que a de Hermes. Com esse auxílio, podereis então verificar melhor como os livros bíblicos freqüentemente se apóiam nos antiqüíssimos textos de Hermes.

Talvez seja de vosso conhecimento, entre outras coisas, que sacerdotes e reis da longínqua antigüidade eram iniciados e possuíam, no mínimo, duas faculdades imortais. Os antigos sacerdotes eram educados nas grandes escolas da antigüidade e esses obreiros do mundo e da humanidade eram colocados em contato com o público somente após uma preparação total e uma maturidade perfeita nessas escolas.

O renascimento desse status sacerdotal em nossa era foi, entre outros, o sublime e nobre objetivo da Fraternidade Cátara; um esforço que, como o sabeis, foi infelizmente destruído pela Igreja Católica Romana, afogado em sangue e queimado na fogueira. Desde então, o assim chamado clero, tão bem conhecido por nós, passou livremente

para o primeiro plano. Sejam quais forem as qualidades que seus representantes possam ter, certamente não são as das duas faculdades imortais, pois se essas faculdades se despertassem nos sacerdotes da Igreja, esses logo se retirariam do referido corpo eclesiástico. Um irmão ou uma irmã da comunidade da luz jamais se dedicará a sociedades conspurcadas com o sangue dos cátaros* e dos santos.

A realza clássica que os mistérios nos falam pereceu muito antes de nossa era e não tem, por conseguinte, nenhum sentido discorrer ainda mais sobre isso. Desejamos porém dirigir vossa atenção para o fato de que todo o verdadeiro sacerdote e iniciado da antigüidade foi, na linguagem dos mistérios, indicado e comparado a uma árvore. Sabendo disso, podemos retornar imediatamente a nosso ponto de partida e entender Hermes, quando ele diz que Deus é uno em essência com o candidato nele despertado e que a esse candidato ele se dirige, entre outras coisas, por intermédio de carvalhos: o termo velado que indicava os iniciados da corrente universal.

Com isso, entramos imediatamente em terreno bíblico, pois pensai tão-somente nos cedros do Líbano. Os cedros com cuja madeira, segundo o mito, o templo de Salomão deveria ser construído. Esse templo nunca foi destruído! Ele nunca existiu na Jerusalém conhecida pela geografia, pois o templo de Salomão é um dos verdadeiros templos vivos do campo divino da vida, construído e mantido por árvores viventes, por meio dos homens-almas viventes em Deus. Na linguagem dos mistérios, uma árvore é portanto o próprio homem. Por isso, nessa mesma linguagem, Jesus é chamado a árvore da vida. A fim de vos esclarecer ainda mais isso tudo, dirigimos vossa atenção para o fato de que os verdadeiros filhos de Deus são literalmente denominados na Bíblia carvalhos do Senhor, com o que, entre outras coisas, indica-se o vigor, a força e a durabilidade incomuns do carvalho. Além disso, fala-se dos carvalhos de justiça e dos carvalhais de Mamre e More, onde ocorreram manifestações maravilhosas. "More" significa "mestre iniciado" e "Mamre", "reino abundante".

Já vos esclarecemos que o candidato pode entrar e entrará sozinho em comunicação vivente com a corrente universal, mediante a nova faculdade criadora, quando esta permanecer a sua disposição.

Isso certamente, à medida que a corrente universal participa da Cabeça Áurea do corpo vivente da jovem Gnosis.

A comunicação com os iniciados da Fraternidade Universal, portanto, com os "carvalhos do Senhor", não se estabelece, por exemplo, na forma de encontros com veneráveis cavalheiros ou damas. O contato vivente nasce de vivência interior, um encontro interno, com base nessas duas faculdades imortais tão amplamente comentadas. Aqui, o eu está — lembrai-vos bem disso — totalmente excluído. Com as faculdades desenvolvidas por meios ocultos, como a visão etérica, clarividência, clariaudiência e similares, não se poderá perceber "os carvalhos do Senhor", os iniciados da Fraternidade gnóstica. Com essas faculdades, de que alguns se orgulham tanto, é possível apenas a comunicação com a esfera refletora.

Agora, resta-nos ainda a pergunta: por que, em relação a esse símbolo, foi feita alusão à árvore, e em especial ao carvalho?

A resposta a essa pergunta é clara, pois sabemos que o sistema do fogo serpentino é chamado de árvore da vida. Todo o homem possui a árvore que deve crescer até se tornar no "carvalho do Senhor". Por isso, é de grande importância falar convosco sobre essas coisas. Não se trata de um significado rebuscado, quando se indica o sistema do fogo serpentino como a árvore da vida com seus três canais, o sistema sétuplo dos *chakras*, que está ligado intimamente ao anterior, como os frutos da árvore; o extenso sistema nervoso duodécuplo, como os ramos e folhas, e o éter nervoso ou arqueus, como a seiva vital dessa árvore sagrada.

A nova faculdade de que tanto vos falamos anteriormente desenvolve-se e alcança nos grandes iniciados um estado muito elevado, uma qualidade muito superior e, por conseguinte, todo o sistema do fogo serpentino encontra-se neles, há muito tempo, totalmente transfigurado, a serviço de seu verdadeiro ser humano modificado desperto em Deus. A serpente clássica, Manas, o pensador, correspondente à faculdade intelectual, é a nova e elevada faculdade intelectual nele. Por isso, essa serpente já não o seduzirá, porém se manterá nas regiões da fronteira dialética.

Quem restabeleceu a árvore da vida, esta antiqüíssima imagem da

idéia, possui ao mesmo tempo as asas e o poder de se libertar da natureza da morte e entrar no novo estado de vida. Assim, chegamos ao símbolo do pássaro: o Espírito Santo desceu como uma pomba na cabeça de Jesus, o Senhor. A imortalidade e sua essência, as forças monádicas do Espírito, o Nous e a animação foram sempre comparados a pássaros. Pensai na águia como símbolo bíblico, em Hansa, o pássaro da imortalidade. Assim, o Espírito do Senhor pode falar e falará para os homens despertos e, dia e noite, a hoste de pássaros, o toque divino, descerá sobre o homem-alma. Finalmente, o homem-alma perdido elevará as próprias asas de Mercúrio na luz da nova manhã, como o famoso pássaro do fogo, a Fênix.

Para sermos ainda mais completos: os antigos falavam, como o sabeis, das "entranhas da terra" e de uma comoção interna "até as entranhas", como podeis ler na Bíblia — não querendo, com isso, referir-se ao sistema intestinal! "O Espírito do Senhor esquadrinha e prova o homem", assim está escrito, "até o coração e os rins". E "minha alma foi tocada até as entranhas".

Por isso, esperamos e oramos que essa explicação tenha-vos tocado, de fato, até as profundezas interiores, até as entranhas, e que a determinação de trilhar a única senda se mantenha mais firme do que nunca.

XVIII

Décimo-quarto Livro

Discurso Secreto sobre o Monte,

relativo ao Renascimento e à Promessa de Silêncio.

1. *Tat: Em teu discurso geral, Pai, te exprimiste de modo muito enigmático e vago quando falaste sobre a natureza divina. Tu não ma manifestaste dizendo que ninguém pode ser salvo se não renascer.*
2. *Porém quando, durante a descida do monte, e depois de tua conversação comigo, eu te supliquei, interrogando-te sobre a doutrina do renascimento, para que eu a conhecesse – visto que isto é a única coisa da doutrina toda a mim desconhecida – tu me prometeste transmitir este saber tão logo me desatasse do mundo.*
3. *Eis o que fiz, e me fiz forte interiormente contra a ilusão do mundo. Queira, então, agora, preencher o que me está faltando, como me prometeste, e agora instruí-me sobre o renascimento, seja oralmente, seja como mistério. Porque não sei, ó Trismegisto, de que matriz nasce o verdadeiro homem e de que semente.*
4. *Hermes: Meu filho, da sabedoria, que pensa no silêncio, e da semente que é o Só-Bem.*
5. *Tat: Quem a semeia, então, Pai? Porque tudo isso é totalmente*

incompreensível para mim.

6. *Hermes: A vontade do Pai, meu filho.*
7. *Tat: E como é aquele que vem a nascer, Pai? Porque ele não participará de meu ser terrestre nem de meu pensar mental.*
8. *Hermes: O renascido será, de fato, outro: ele será um deus, um filho de Deus, tudo em tudo, e guarnecido com todos os atributos.*
9. *Tat: Falas-me em enigmas, Pai, e não como um pai fala a seu filho.*
10. *Hermes: Semelhantes coisas não se deixam ensinar, meu filho, porém se Deus quiser ele mesmo te devolverá a lembrança disto.*
11. *Tat: Dizes-me coisas, Pai, que vão além de meu entendimento e me constrangem. Por isso tenho apenas esta justa réplica a isso: "Sou um filho estranho ao gênero de seu pai". Não continue a recusar-me, Pai, porque sou teu filho legítimo: expõe-me minuciosamente de que maneira o renascimento se realiza.*
12. *Hermes: Que direi, meu filho? Apenas isto: quando verifiquei em mim mesmo uma visão indeterminada, produzida pela misericórdia de Deus, saí de mim mesmo corpo imortal. Deste modo já não sou aquele que uma vez era, porém concebido na alma-espírito. Tal coisa não se deixa ensinar, e não é observável pelo elemento material com o qual a gente vê aqui. Por isso, já não tenho nenhuma preocupação quanto à forma que uma vez foi minha. Já não tenho cor, nem sentido do tato, nem dimensão: tudo isso me é estranho.*
13. *Agora me vês com teus olhos, meu filho, porém o que realmente sou não podes compreender olhando-me com os olhos do*

corpo e examinando-me. De fato tu me não viste com estes olhos, meu filho!

14. *Tat: Tu não me levaste a pouca confusão e consternação mental, Pai, pois agora não me vejo nem a mim mesmo!*
15. *Hermes: Praza a Deus, meu filho, que tu também saias de ti mesmo, como os que sonham no sono; porém em teu caso então, sem dormir.*
16. *Tat: Dize-me ainda isto: quem é que opera o renascimento?*
17. *Hermes: O filho de Deus, o Homem único, segundo a vontade de Deus.*
18. *Tat: Agora me embaraçaste realmente, Pai, porque agora já nada disto compreendo: porque te vejo ainda na mesma estatura corporal, com o mesmo aspecto exterior.*
19. *Hermes: É nisto que te enganas, porque a forma mortal muda de dia a dia. Porque, sendo irreal, muda no decorrer do tempo, crescendo ou decrescendo.*
20. *Tat: O que é então verdadeiro e real, Trismegisto?*
21. *Hermes: O que não é maculado, meu filho, o ilimitado, o incolor, o imutável, o descoberto, o radiante, somente a si mesmo compreensível, o bem inalterável, o incorpóreo.*
22. *Tat: Isso ultrapassa minha mente, meu Pai. Pensei que me fizeste sábio. Porém todo o meu entendimento ficou bloqueado por essas idéias.*
23. *Hermes: Assim é, meu filho, com o que se move para cima como o fogo, ou para baixo como a terra, o que é líquido como a água, o que sopra o universo todo como o ar. Todavia, como pudeste*

perceber mediante os sentidos, o que não é sólido nem líquido, não pode ser composto nem palpável, e somente se pode compreender mediante seu poder e na base da força ativa, coisa que apenas é possível àquele em condições de conceber o nascimento de Deus?

24. *Tat: E não sou capaz disso, Pai?*

25. *Hermes: Assim não penso, meu filho. Volta-te a ti mesmo, e o que esperas virá. Deseja-o, e se realizará. Silencia as atividades sensoriais do corpo, e o nascimento do divino será um fato. Purifica-te das punições irracionais da matéria.*

26. *Tat: Tenho, então, em mim motivos para ser castigado, Pai?*

27. *Hermes: Não poucos, meu filho, assustadores e numerosos!*

28. *Tat: Eu os não conheço, Pai.*

29. *Hermes: Essa ignorância é, ela mesma, o primeiro castigo, meu filho; o segundo é dor e aflição; o terceiro, incontidência; o quarto, desejo; o quinto, injustiça; o sexto, ganância; o sétimo, engano; o oitavo, inveja; o nono, astúcia; o décimo, cólera; o décimo-primeiro, irreflexão; o décimo-segundo, maldade. Esses castigos são doze em número, porém entre esses há numerosos outros que, mediante a prisão do corpo, pela natureza forçam o homem a sofrer pelas atividades dos sentidos. Afastam-se, porém não inteiramente daquele a quem Deus mostra sua misericórdia; e essa última explica a natureza e o sentido do renascimento!*

30. *Portanto, agora cala-te, meu filho, e ouve com respeitosa gratidão. A misericórdia divina então já não deixará de comunicar-se a nós.*

Regozija-te, meu filho, agora que as forças de Deus te purificam

completamente para juntar os membros do Verbo¹!

O conhecimento de Deus veio a nós: graças a sua vinda a ignorância foi expulsas.

A Gnosis da alegria veio a nós! Graças a sua vinda a dor fugirá dos que podem recebê-la.

A força que invoco depois da alegria é a modéstia. Ó força gloriosa! Vamos recebê-la com o maior júbilo, meu filho: vê como a sua vinda expulsou a incontinência.

Em quarto lugar chamo o autodomínio, uma força que se opõe ao desejo.

Este degrau, meu filho, é o apoio da justiça; porque vê como, sem processo, ela expulsou a injustiça, e assim nos tornamos justos, agora que a injustiça desapareceu.

A sexta força que invoco é a que luta contra a ganância, a saber, a bondade, que se comunica a outrem.

E se o engano desapareceu, invoco a verdade; desde que a mentira fuja, a verdade vem a nós. Vê, meu filho, como o Bem se tornou pleno, agora que a verdade chegou: porque a inveja partiu de nós, e a verdade foi seguida pelo Bem, acompanhada de vida e de luz; e nenhum dos castigos da escuridão nos atinge mais, porque, vencidos, fugiram em desabalada carreira.

31. *Conheces agora, meu filho, a maneira pela qual o renascimento se realiza: a chegada dos dez aspectos realiza o renascimento espiritual e expulsos os doze castigos; e assim ficamos divinizados*

1 Alusão ao devir do novo Homem, que é a "Palavra de Deus" em nós.

por esse processo de nascimento.

32. *Quem, através da misericórdia de Deus, atingiu esse nascimento de Deus, e abandonou os sentidos corporais, é cômico de ser formado de forças divinas e preenchido de alegria interior.*
33. *Tat: Agora que, segundo as ordenações de Deus, cheguei à contemplação, as coisas se tornam para mim visíveis, não mediante a visão comum, porém, graças à faculdade espiritual das forças que recebi. Estou no céu, na terra, na água, no ar; estou nos animais e nas plantas; antes da fase pré-natal, durante essa e depois dela, sim, em toda a parte! Porém, diga-me ainda o seguinte: como são os castigos da escuridão, que são doze em número, expulsos por dez forças? De que modo isso acontece, Trismegisto?*
34. *Hermes: Esta tenda, que abandonamos, foi composta pelas forças do círculo do zodíaco, que, por seu turno, consiste de doze elementos: de uma natureza, porém multiforme em imagem, segundo o pensamento errôneo do homem.*
35. *Entre esses castigos existem, meu filho, os que operam como unidade. Assim, a astúcia e a irreflexão são inseparáveis da cólera. Não se podem mesmo distinguir. É, pois, compreensível e lógico que desapareçam conjuntamente quando estão sendo expulsas pelas dez forças, porque são essas dez forças, meu filho, que dão nascimento à alma. Vida e luz estão unidas. Assim o número da unidade nasce do Espírito. E, do mesmo modo, segundo a razão, a unidade contém a década, e a década a unidade.*
36. *Tat: Ó Pai, vejo na alma-espírito todo o Todo, assim como a mim mesmo.*
37. *Hermes: Eis, meu filho, o renascimento; é impossível fazer disso*

representações tridimensionais. Conhece-o e experimenta-o agora graças a esse “discurso relativo ao renascimento”, que somente em favor de ti pus por escrito, para que a multidão não participe dele, porém exclusivamente os que são eleitos por Deus.

38. *Tat: Dize-me, ó Pai, esse novo corpo, composto pelas dez forças, sofrerá um dia a dissolução?*

39. *Hermes: Cala-te! Não digas coisas impossíveis, porque assim pecas e causas um obnubilamento dos olhos da alma-espírito. O corpo natural dos sentidos está muito longe do real nascimento divino. Porque o primeiro é dissolúvel, o segundo, indissolúvel; o primeiro, mortal, o segundo, imortal. Não sabes que te tornaste um deus, um filho do uno, tal como eu?*

40. *Tat: Ó Pai, eu gostaria de ouvir o Canto de Louvor que, como me contaste, ouviste cantar às forças quando atingiste a Ogdoada¹!*

41. *Hermes: Conforme o que Pimandro* desvelou na Ogdoada, aprovo tua pressa em demolir essa tenda; porque agora és inteiramente puro. Pimandro, o Espírito, nada mais me revelou do que escrevi, sabendo que eu mesmo estou em condições de tudo compreender e ouvir e ver tudo o que quiser; e ele me mandou fazer tudo que fosse bom. Por isso, em todas as coisas as forças que estão em mim cantam.*

42. *Tat: Ó Pai, eu também quero ouvir e conhecer tudo isso.*

43. *Hermes: Silencia-te, então, meu filho, e escuta o Canto de Louvor,*

1 Ogdoada significa oitavo: é a fase da entrada de Deus, o estado completo do ser-espírito.

o hino do renascimento. Não era minha intenção fazê-lo conhecido sem mais, com exceção de ti, que chegaste ao fim dessa iniciação. Esse Canto de Louvor não se ensina, porém fica oculto no silêncio. Coloca-te, então, num lugar em pleno ar, com rosto voltado em direção ao vento sul após o pôr-do-sol, e aí adora; e faz a mesma coisa ao nascer do sol, porém agora voltado para o Leste. E então, meu filho, silencia-te.

44. O Canto de Louvor secreto:

Que a inteira natureza do cosmo escute este Canto de Louvor!

Abre-te, ó terra! Que as águas do céu abram suas comportas ao ouvir minha voz!

Permaneço imóvel, ó árvores! Porque quero cantar louvor ao Senhor da criação, ao Todo e ao Uno!

Abri-vos, ó céus! Silenciai, ó ventos! A fim de que o ciclo imortal de Deus possa ouvir a minha palavra.

Porque vou cantar o louvor daquele que criou o Todo, que indicou à terra seu lugar e estabeleceu o céu;

que ordenou à água doce que saísse do oceano e se estendesse sobre a terra habitada e desabitada, a serviço da existência e da continuação da vida de todos os homens;

que ordenou ao fogo que ardesse para todo o fim que deuses e homens quiserem dar-lhe.

Que todos nós, em conjunto, louvemos a ele que está acima de todos os céus, o criador da inteira natureza. Ele que é o olho do

Espírito; a ele seja o louvor de todas as forças.

45. *Ó vós, forças que estais em mim; cantai o louvor do Uno e do Todo; cantai conforme a minha vontade, ó vós, forças que estais em mim. Gnosis, ó sagrado conhecimento de Deus, iluminado por ti, é-me dado cantar à luz do saber e regozijar-me no júbilo da alma-espírito. Ó vós, todas as forças, cantai comigo esse Canto de Louvor! E, ó tu, modéstia, e tu, justiça em mim, cantai por mim o justo.*

Ó amor ao Todo em mim, canta em mim o Todo; louva, ó verdade, a Verdade; louva, ó bondade, o Bem.

46. *De ti, ó vida e luz, vem o Canto de Louvor e a ti ele volta.*

Agradeço-te, Pai, que manifestas as forças. Agradeço-te, Pai, que impeles a potência à atividade.

Teu Verbo por mim canta teu louvor. Recebe por mim o Todo, como Verbo, como oferenda do Verbo.

47. *Ouve o que as forças em mim clamam: elas cantam o Todo, elas cumprem tua vontade. Tua vontade dimana de ti, e tudo retorna a ti. Recebe de todos a oferenda do Verbo!*

48. *Salva o Todo que está em nós. Ilumina-nos, ó Vida, Luz, Alento, Deus! Porque a alma-espírito é o guardião de teu Verbo!*

49. *Ó portador do Espírito, ó Demiurgo*, tu é Deus! Isso proclama o homem que te pertence, pelo fogo, pelo ar, pela terra, pela água, pelo espírito, por tuas criaturas.*

Recebi de ti esse Canto de Louvor vindo da eternidade, assim

como a quietude que busquei, e que encontrei pela tua vontade.

50. *Tat: Vi como, segundo a tua vontade, esse Canto de Louvor deve ser cantado, Pai. Enunciei-o agora também em meu mundo.*
51. *Hermes: Dize, meu filho: no verdadeiro mundo, no mundo divino.*
52. *Tat: Sim, no mundo verdadeiro, Pai, tenho esse poder. Graças a teu Canto de Louvor e a tua expressão de gratidão, a iluminação de minha alma-espírito tornou-se perfeita. Agora quero também dar graças a Deus do imo de meu ser.*
53. *Hermes: Não o faças imprudentemente, meu filho!*
54. *Tat: Ouve, Pai, o que digo em minha alma-espírito: "A ti, ó primeiro autor do renascimento, a ti ofereço, meu Deus, a oferenda do Verbo. Ó Deus, tu Pai, tu Senhor, tu Espírito: aceita de mim a oferenda que desejas de mim. Porque todo esse processo do renascimento realiza-se conforme a tua vontade".*
55. *Hermes: Ofereces, meu filho, assim, a Deus, o Pai de todas as coisas, uma oferenda que lhe é agradável. Porém acrescenta: Pelo Verbo!*
56. *Tat: Agradeço-te, Pai, os conselhos que me deste.*
57. *Hermes: Regozijo-me, meu filho, porque colheste bons frutos da verdade, uma colheita verdadeiramente imortal. Promete-me, agora, após ter aprendido isso de mim, observar o silêncio a respeito desse poder maravilhoso, e não transferir a ninguém o modo da realização do renascimento, para que não sejamos contados entre os que profanam a doutrina. Que seja suficiente ambos termos feito nossa parte: eu em falar, tu em escutar. Na luz do Espírito conheces a ti mesmo; tu mesmo e nosso Pai comum.*

XIX

A Matriz do Renascimento

Agora, dirigimos vossa atenção para o décimo-quarto livro de Hermes. Esse livro contém *O Sermão Secreto do Monte* e trata do renascimento, o problema central de toda a Gnosis. Por isso, o conteúdo desse livro é de vital importância e planejamos estudá-lo minuciosamente, pois temos a tarefa de perscrutar tão profundamente quanto possível esse tema.

Para realizarmos esse plano, todos vós deveis manter diante de vossos olhos o que foi divulgado ao longo dos anos, sobre a Gnosis e seus desígnios na Escola Espiritual moderna. Por conseguinte, estando assim preparados para abordarmos o décimo-quarto livro de Hermes, não vos causará surpresa quando, logo no primeiro versículo, é dito que ninguém pode ser salvo sem o renascimento; que, portanto, ninguém, nem mesmo um único homem corpóreo poderá entrar na vida libertadora sem esse poderoso processo que teoricamente conhecemos como renascimento. O renascimento, o fundamento de todo o crescimento transfigurístico, é a condição para o novo estado de vida. Tat pede a Trismegisto, como é compreensível, para esclarecê-lo acerca do caminho e do método de renascimento. Ele diz:

Em teu discurso geral, Pai, te exprimiste de modo mui enigmático e vago quando falaste sobre a natureza divina. Tu não ma manifestaste dizendo que ninguém pode ser salvo se não renascer. Porém quan-

do, durante a descida do monte, e depois de tua conversação comigo, eu te supliquei, interrogando-te sobre a doutrina do renascimento, para que eu a conhecesse, visto que isto é a única coisa da doutrina toda a mim desconhecida, tu me prometeste transmitir este saber tão logo me desatasse do mundo.

Creemos que essa resposta é bem clara. Quem deseja sondar os fundamentos do renascimento deve afastar-se da natureza dialética. O que qualquer mortal aproveitaria da compreensão intelectual do como e do por quê do renascimento, sem um profundo anseio nascido no coração, anseio por libertação de uma existência inútil, sem o abandono do mundo e do estado de vida pertencente a ele? Deveis refletir bastante sobre isso.

A Escola Espiritual moderna se coloca justamente no ponto de vista de que esse anseio de libertação nascido no coração dimana do homem que a ela se liga. Em caso contrário, o discipulado revela-se uma fonte contínua de miséria, tanto para o aluno como para a Escola. Com efeito, o motivo, o sentido, a luz, o núcleo do renascimento, permanece como antítese neste mundo. Por isso, o candidato dos mistérios gnósticos deve suprimir essa antítese em si próprio mediante o abandono deste mundo. Quem não deseja ou ainda não pode fazer isso não está por enquanto psicologicamente enobrecido para o discipulado de uma escola espiritual gnóstica. Assim se esclarece por que se fala de um *sermão secreto no monte do renascimento*.

Quando alguém se joga sobre a filosofia gnóstica com seu eu natural e com a usual fome de viver explicável dialeticamente, não consegue desvelar nem um pouco, o mistério do renascimento, não importando o esforço empregado para tanto. Não há ninguém que possa compreender isso nesse estado de ser, e muito menos reagir em concordância com o sermão secreto. Todos os que tropeçam na imitação desse processo rapidamente se traem. O sermão sobre o renascimento é e permanece sempre um segredo absoluto para os estranhos, mesmo quando se aprende de cor tudo o que foi divulgado ao longo dos séculos a esse respeito. Pensamos aqui em Mateus, 11,

25: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos".

Sabeis que os sábios deste mundo se denominam filhos de Deus quando são orientados pela religião. Eles pensam que sua inteligência, seu conhecimento, é uma dádiva divina. Sobre isso, eles falam de grandiosas faculdades espirituais, e muitos se curvam diante dessas autoridades.

Assim, o caminho para os mistérios se fecha, pois quem ainda segue a ilusão do eu, seja qual for a forma, quem mantém a serpente da natureza ainda em seu lugar e não se modifica em essência nem um pouco, não conhecerá, não possuirá, o anseio fundamental; e semelhante homem não tem o que fazer na Escola Espiritual moderna. O Sermão Secreto permanecerá oculto para tais pessoas. Agora Tat fala, no terceiro versículo de nosso texto:

Eis o que fiz, e me fiz forte interiormente contra a ilusão do mundo. Queira, então, agora, preencher o que me está faltando, como me prometeste, e agora instrui-me sobre o renascimento, seja oralmente, seja como mistério...

Assim, portanto, o grito do coração deve demonstrar o verdadeiro discipulado. O impulso para o renascimento se realizará por meio da total preparação interior e da libertação da dialética. Pensamos aqui talvez no outro Sermão do Monte, o evangélico, que nos é bem familiar. Em seu início é dito: "Bem-aventurados os que têm fome de Espírito, pois deles é o reino dos céus". Desse anseio se eleva esta oração: "Preparei-me para libertar meu Nous da ilusão do mundo. Deixai-me agora compreender o renascimento". O Sermão acerca do renascimento fala do oculto a quem abriu, de seu mais profundo ser, o portal dos mistérios de Deus, pois o oculto é o próprio Reino dos Céus. Então o ouvido interno é aberto para poder entender esse Sermão Secreto.

É claro que quando alguém se orienta a partir deste estado de ser, inúmeros problemas aparentes, com que desejamos entrar em con-

tato sucessivamente em nosso texto, devem ser solucionados.

Primeiro: de que matriz o homem renasce e de que semente? Hermes responde: Meu filho, da Sabedoria que pensa no silêncio, e da semente, que é o Bem Único.

Tat: Quem semeia, então, Pai? Porque tudo isso é totalmente incompreensível para mim.

Hermes: A vontade do Pai, meu filho.

Tat: E como é aquele que vem a nascer, Pai? Porque ele não participará de meu ser terrestre nem de meu pensar mental.

Hermes: O renascido será, de fato, outro; ele será um deus, um filho de Deus, tudo em tudo, e guarnecido com todos os atributos.

Tat: Falas-me em enigmas, Pai, e não como um pai fala a seu filho.

Hermes: Semelhantes coisas não se deixam ensinar, meu filho. Porém se Deus quiser, ele mesmo te devolverá a lembrança disto.

Deixai-nos de algum modo penetrar esses quatro problemas, pois podemos solucioná-los com certa facilidade com o conhecimento reunido do discipulado elementar.

De que semente, de que matriz, o homem renasce? Da Sophia, isto é da sabedoria*.

Muitos imaginam que a sabedoria seja um tipo de conhecimento superior, muito amplo. Fala-se, por exemplo, do conhecimento da sabedoria. Dessa forma, poderíeis partir da suposição de que a sabedoria deve ser experimentada racionalmente, de que pode ser conhecida intelectualmente, portanto, que pode ser também acolhida no intelecto. Não incorrei nesse erro, tão amplamente difundido. Na dialética, o sábio, o pretenso possuidor da Sophia, é o homem que pesquisa intelectualmente em todas as direções. Quando ele esgotou todas as fontes para as quais ele é orientado até seus fundamentos, ele estrutura sobre a base de seu conhecimento adquirido uma concepção própria, uma opinião própria. Opinião que, muitas vezes, pode ser formulada de modo muito elegante; opinião que em muitos aspectos pode ser chamada de pura e boa, porém que, como estrutura intelectual, permanece sempre uma especulação que é

estimada durante algum tempo, que é seguida, eleita, como Idéia fundamental da vida. Alguns anos depois, aparece outro filósofo que contraria a primeira concepção, o primeiro produto da sabedoria dialética, da imaginação e da especulação. Assim, desenvolve-se uma nova moda filosófica.

Essa especulação com a razão, tão conhecida e freqüentemente tão infrutífera e errante, não é absolutamente aquilo que Hermes tenciona quando fala acerca da matriz da Sophia. AQUI, ele está orientado para a esfera de ação dos quatro corpos, as quatro formas de nossa personalidade, a saber: o corpo material, o duplo etérico, o corpo astral e a faculdade mental. Sabemos que nosso organismo material é conservado pelos éteres do corpo etérico. Se os éteres fluem fraca e lentamente, nasce sempre uma perturbação e enfraquecimento do corpo material. O corpo material é conservado pelos éteres. O corpo etérico é colocado em movimento pelas radiações astrais do corpo astral.

Assim, o corpo astral deve viver totalmente da e mediante a faculdade mental, em sentido absoluto. Essa faculdade intelectual mesma deverá respirar totalmente na Sophia, que é uma matéria bem mais refinada e nobre do que a da mente. Contudo, a faculdade mental do homem corpóreo ainda não se desenvolveu em nenhum aspecto, sim, nem mesmo pode falar-se de um corpo mental no que concerne ao homem nascido da natureza! Ele existe apenas de forma elementar, e não pode, do mesmo modo, evoluir, no atual estado de ser do homem corpóreo. A faculdade mental do homem atual não pode desenvolver-se.

Seus órgãos racionais e suas atividades constituem somente a base do verdadeiro, nobre e autêntico corpo mental. O pensamento inferior é totalmente movimentado, em nosso estado de ser, pelos três corpos inferiores de nossa personalidade. Por isso, o homem corpóreo jamais ultrapassa o estado de seu nascimento natural; seu pensamento é e permanece da terra, terreno, e não se trata de nenhuma Sophia, pois o homem corpóreo é nutrido pela matéria astral da natureza da morte.

Possuís aqui em vossa personalidade dialética: um corpo material,

um duplo etérico e um veículo astral. Vossa faculdade mental é reconhecida, no melhor dos casos, como um centro mais ou menos luminoso, no alto do santuário da cabeça. Com o auxílio dessa faculdade mental, não podeis servir a Sophia. Contudo, vossa personalidade deve ser conservada. Por isso, vossa personalidade é nutrida naturalmente pela matéria astral da natureza da morte. Essa é a realidade. Vós não viveis, sois vividos! Estais presos no movimento retrógrado a respeito de que tanto vos falamos.

Então, o problema se torna muito concreto para vós: *De que matriz, de que matéria, o homem deve renascer?* Hermes responde: *Da Sophia que pensa no silêncio.*

Essa matriz, essa matéria da Sophia, essa substância primordial, existe longe do tumulto e da profanação da natureza da morte. A Sophia está no silêncio, que se encontra no espaço original, livre, e todas as partículas dessa matéria estão carregadas com as grandes forças divinas, com as idéias do Logos. Essa é a semente do Único Bem.

Logo que essa semente, extremamente magnífica, a matéria da Sophia, tiver acesso ao já existente, porém ainda vazio, veículo do pensamento, e assim a faculdade mental puder funcionar novamente como um verdadeiro corpo, a vida quádrupla tencionada originalmente se tornará imediatamente uma realidade: a forma extremamente magnífica novamente inspirará e expirará mediante o santuário da cabeça. A partir dessa faculdade pensante vive o corpo astral; a partir do corpo astral, o corpo etérico, e do corpo etérico, o corpo material. Assim, inicia-se a transfiguração.

XX

A Semente do Silêncio

Assim, esperamos que tenhais entendido acerca do exposto anteriormente, que o renascimento se realiza por meio da Sophia que se uniu ao corpo mental.

O homem corpóreo da natureza comum vive e provém da substância astral da natureza da morte. Ele não pode livrar-se disso, pois seu veículo mais elevado não tem acesso à Sophia do silêncio. Por isso, o caminho de salvação, a senda de libertação, baseia-se somente na preparação de baixo para cima, que deve iniciar com um afastamento da enganadora ordem mundial dialética e com a purificação do coração sétuplo de todos os desejos terrenos. Quem faz isso é tocado, animado, pela radiação nuclear da mônada. Essa animação prepara a faculdade mental para a descida do Espírito, para a descida da Sophia, a essência do silêncio, para o Espírito Santificador.

Quem semeia então essa semente do silêncio no candidato? — alguém pode perguntar. Não penseis que um assim chamado “mestre”, “adepto” ou “iniciado” vos poderia oferecer isso. Em realidade, vós mesmos o fazeis por intermédio da preparação, por meio de vossa auto-rendição. Abris então vosso pensar, ainda tão elementar, para a sabedoria divina, para a descida do Espírito. Imediatamente, realiza-se a lei divina correspondente. A sabedoria desce em todos os que para isso se abriram. Assim, Tat pergunta:

Como é aquele que vem a nascer, Pai? Pois ele não participará de

um duplo etérico e um veículo astral. Vossa faculdade mental é reconhecida, no melhor dos casos, como um centro mais ou menos luminoso, no alto do santuário da cabeça. Com o auxílio dessa faculdade mental, não podeis sorver a Sophia. Contudo, vossa personalidade deve ser conservada. Por isso, vossa personalidade é nutrida naturalmente pela matéria astral da natureza da morte. Essa é a realidade. Vós não viveis, sois vividos! Estais presos no movimento retrógrado a respeito de que tanto vos falamos.

Então, o problema se torna muito concreto para vós: *De que matriz, de que matéria, o homem deve renascer?* Hermes responde: *Da Sophia que pensa no silêncio.*

Essa matriz, essa matéria da Sophia, essa substância primordial, existe longe do tumulto e da profanação da natureza da morte. A Sophia está no silêncio, que se encontra no espaço original, livre, e todas as partículas dessa matéria estão carregadas com as grandes forças divinas, com as idéias do Logos. Essa é a semente do Único Bem.

Logo que essa semente, extremamente magnífica, a matéria da Sophia, tiver acesso ao já existente, porém ainda vazio, veículo do pensamento, e assim a faculdade mental puder funcionar novamente como um verdadeiro corpo, a vida quádrupla tencionada originalmente se tornará imediatamente uma realidade: a forma extremamente magnífica novamente inspirará e expirará mediante o santuário da cabeça. A partir dessa faculdade pensante vive o corpo astral; a partir do corpo astral, o corpo etérico, e do corpo etérico, o corpo material. Assim, inicia-se a transfiguração.

XX

A Semente do Silêncio

Assim, esperamos que tenhais entendido acerca do exposto anteriormente, que o renascimento se realiza por meio da Sophia que se uniu ao corpo mental.

O homem corpóreo da natureza comum vive e provém da substância astral da natureza da morte. Ele não pode livrar-se disso, pois seu veículo mais elevado não tem acesso à Sophia do silêncio. Por isso, o caminho de salvação, a senda de libertação, baseia-se somente na preparação de baixo para cima, que deve iniciar com um afastamento da enganadora ordem mundial dialética e com a purificação do coração sétuplo de todos os desejos terrenos. Quem faz isso é tocado, animado, pela radiação nuclear da mônada. Essa animação prepara a faculdade mental para a descida do Espírito, para a descida da Sophia, a essência do silêncio, para o Espírito Santificador.

Quem semeia então essa semente do silêncio no candidato? – alguém pode perguntar. Não penseis que um assim chamado “mestre”, “adepto” ou “iniciado” vos poderia oferecer isso. Em realidade, vós mesmos o fazeis por intermédio da preparação, por meio de vossa auto-rendição. Abris então vosso pensar, ainda tão elementar, para a sabedoria divina, para a descida do Espírito. Imediatamente, realiza-se a lei divina correspondente. A sabedoria desce em todos os que para isso se abriram. Assim, Tat pergunta:

Como é aquele que vem a nascer, Pai? Pois ele não participará de

meu ser terrestre nem de meu pensar mental. Hermes responde:

O renascido será, de fato, outro: ele será um deus, um filho de Deus, tudo em tudo e dotado de todos os atributos.

Ele é composto de todas as forças que se manifestam em e mediante o plano divino. Tat agora entende que se lhe está falando novamente em linguagem velada. Porém, a Arte^{*} Real não é lecionada, não é ensinada, não pode ser estudada nem compreendida de antemão. A verdade brilha diante do candidato quando ele entra no processo de santificação do único modo possível. Tão logo ocorra a abertura, a Sophia descerá no santuário e compartilhará o centro de memória. Imediatamente a Arte Real é compreendida do imo. Somente então o candidato possui o conhecimento da sabedoria. Por isso, o décimo versículo diz:

Semelhantes coisas não se deixam ensinar, meu filho. Porém, se Deus quiser, ele mesmo te devolverá a lembrança disto.

Porém Tat continua a instar com Hermes para se esclarecer, e ouve como resposta:

Que direi, meu filho? Somente isto: Quando verifiquei em mim mesmo uma visão indeterminada, produzida pela misericórdia de Deus, saí de mim mesmo num corpo imortal. E, desse modo, já não sou aquele que uma vez era, porém concebido na alma-espírito. Tal coisa não se deixa ensinar, e não é observável pelo elemento material com que a gente vê aqui. Por isso, já não tenho nenhuma preocupação quanto à forma que uma vez foi minha. Já não tenho cor, nem sentido do tato, nem dimensão: tudo isso me é estranho. Agora me vêes com teus olhos, meu filho, porém o que realmente sou não podes compreender olhando-me com os olhos do corpo e examinando-me. De fato tu não me viste com estes olhos, meu filho!

Hermes tenta, em resposta à lamentação de Tat, tornar de alguma forma inteligível o que, em realidade, não pode ser dito com palavras.

Sua consciência, iluminada pela alma, e renovada por meio da Sophia, vê desenvolver-se, dentro e em torno de si mesma, um novo estado corpóreo, ainda indeterminado, vago, enquanto sua imagem já está presente. Esse novo veículo não existe ainda, porém apenas a imagem de seu devir. Essa imagem é uma veste provisória que denominamos veste áurea de núpcias. Ela é imortal, pois a imagem, a veste-de-núpcias, evolui sobre essa base para um novo veículo. Essa veste-de-núpcias devém da misericórdia divina. *A semente do Único Bem, a sabedoria que pensa no silêncio*, realizou no brilho áureo da alma a imagem do amorfo.

Esse é o segredo: logo que a alma recém-nascida e o Espírito que desce se encontrem, formará, numa fração de segundo, um estado de ser que nós denominamos "veste áurea de núpcias", o corpo-alma, o *soma psychikon*.

A radiação nuclear da mônada penetra o santuário do coração e exerce sua influência no sistema, para que essa nova essência vivificante, essa nova força animadora, tome seu lugar atrás do osso frontal, entre as duas sobrancelhas. O candidato deve primeiro travar esse combate, o do nascimento da alma. A alma deve irradiar através da janela da frente, e assim que essa qualidade anímica encontre o Espírito no santuário da cabeça, lá aparecerá o manto real, a veste áurea de núpcias. Eu saí de mim mesmo, assim diz Hermes, num corpo imortal e assim já não sou aquele que uma vez era, porém concebido na alma-espírito."

Isso é evidente, pois o eu nascido da natureza também se encontra no homem dialético, no meio da câmara real, no espaço aberto atrás do osso frontal. Esse é o estado normal, nascido da natureza. A nova alma em desenvolvimento deve expulsar o ser-eu da câmara real, deixá-lo fluir através do sistema dos chakras. Tão logo a alma tenha tomado o lugar a que ela pertence por direito divino, e portanto o eu da natureza tenha desaparecido, Hermes diz, ao indicar esse estado: "Agora eu saí de mim mesmo e fui absorvido por um corpo imortal, portanto, já não sou aquele que eu era, porém concebido na alma-espírito", isto é, renascido da idéia original da mônada. Naturalmente, isso tudo não se pode aprender, porém apenas vivenciar, lutar até a vitória.

Agora dirigimos enfaticamente vossa atenção para o fato de que

com o corpo natural, composto de elementos, não se pode atingir a contemplação. Com isso, em relação aos mistérios gnósticos, é totalmente negada a possibilidade de alguma forma de vivência ou contemplação sensorial superior ou mais aprofundada pelo homem natural. O homem dialético pretende penetrar, com seu estado veicular, o conhecimento absoluto, a compreensão, a descoberta e a vivência da realidade superior. Contudo, isso é absolutamente impossível. Tudo o que procurais nesse sentido é desperdício de energia. Tudo o que se manifesta nesse sentido, e de que geralmente o homem se orgulha tanto, é absolutamente da terra, terreno, agrilhado à natureza, não libertador, e, compreendido gnosticamente, total inverdade. Por isso, nosso ponto de vista contrário acerca de toda a vida ocultista negativa e também da vida ocultista positiva é bem firme. Em consequência disso, é necessário, como a Escola tem feito ao longo dos anos, eliminar totalmente o que nela se manifesta como tal.

Não se pode, com um corpo composto de elementos, alcançar a contemplação nem a formação da consciência gnóstica. O que é então um corpo composto de elementos? Ora, o corpo nascido da natureza. Há ainda outros corpos? Sim, Hermes nos dá o testemunho disso: o corpo nascido do Nous, da alma-espírito, da Sophia, da união entre a alma e o Espírito.

Podemos repetir essa explicação? Logo que a alma nasça no santuário do coração, logo que a alma, a nova vivificação, possa irromper até o santuário da cabeça e tomar seu lugar atrás do osso frontal — o que, portanto, significa que o eu é expulso, e o referido candidato deixa a alma assumir a direção de sua vida — quando esse estado, em que a alma é encontrada qual rosa áurea no osso frontal, for alcançado, então Espírito e alma se unirão. Um fogo poderoso nascerá, um relâmpago, e nesse fogo o candidato será adornado com o manto áureo de núpcias, a veste áurea de núpcias, o fundamento da nova personalidade, do novo corpo. Hermes responde, portanto, à questão da existência de algum outro corpo, dizendo que há o corpo concebido a partir do Nous e da Sophia, da alma e do Espírito, da matéria original, pela radiação nuclear da mônada, um

veículo cujo início é a veste-de-núpcias.

Desejamos agora tentar esclarecer-vos acerca da enorme diferença entre um corpo composto de elementos e o corpo da Sophia. Um elemento é uma matéria básica, uma matéria fundamental indivisível, e, por isso, representa grandeza imutável na natureza. Pode-se compor, criar um corpo, a partir desses elementos, corpo esse que vive realmente, pois cada elemento e cada átomo no elemento possuem uma força vital. Nossa consciência, a consciência-eu nascida da natureza, nada mais é do que um agrupamento de forças vitais presentes em cada átomo que compõe o corpo. O conjunto de forças vitais dos átomos é e determina nossa consciência. Tal consciência, resultante de um corpo composto de elementos, nunca se eleva acima da natureza de onde se formou. Sem dúvida, pode-se perceber isso. Um corpo elementar, formado pelos elementos da terra, nunca se liberta desta mesma terra, ainda que se pudesse ou quisesse tentar fazê-lo.

Naturalmente, o homem possui diversas possibilidades dentro dos muros desta prisão. Sem dúvida, é possível alterar o estado do corpo elementar, como é tentado e praticado pelos muitos esforços da ciência oculta, mediante o enfraquecimento de um elemento e o fortalecimento, por exemplo, de outro ou mediante a realização de outra composição mineral da personalidade, com certa ajuda de substâncias astrais e do éter refletor.

A ciência oculta tem praticado isso no curso de todos os tempos, com grandes e, freqüentemente, poderosos resultados, porém o produto final permanece sempre aprisionado dentro da natureza. Talvez vereis agora esse assunto com maior clareza. Portanto, repetimos: não se pode chegar à libertação e à contemplação da Sophia com uma personalidade composta de elementos, pois tal corpo é e permanece encerrado dentro da natureza da morte.

Há elementos materiais, etéricos e astrais. O homem não tem a sua disposição o elemento mental puro, a matéria do silêncio, a matéria da Sophia, pois seu corpo mental, o organismo mental, é imperfeito. Ele não está completo. O que denominamos pensamento racional é apenas um grão infinitesimal da verdadeira faculdade mental. O pensamento racional não pode, portanto, trazer-nos nada

libertador, pois somente a verdadeira faculdade mental é o portal, a saída para a essência do silêncio.

Pensai aqui no poço de Christian Rosenkreuz. Dentro desse poço, dentro desse espaço, todos se agitavam e formigavam em confusão, e cada um tentava libertar-se. Inutilmente! A possibilidade se encontrava apenas na corda que era baixada no poço. Com o auxílio das sete cordas, sobre as quais lemos em As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz, podemos alçar-nos. Dentro dos limites de nossa prisão, dentro desse poço, encontramos elementos materiais, etéricos e astrais, porém falta a matéria do silêncio. Em outras palavras: o homem e seu microcosmo permanecem cativos ou do campo material, ou do campo etérico, ou ainda do campo astral. No campo material, o corpo denso se consome. No campo etérico, o duplo etérico se dissolve, e na natureza astral de nossa ordem mundial a veste astral da personalidade se volatiliza. Resta apenas o microcosmo, que deve procurar novamente uma revivificação no poço da morte.

Alguém pode dizer que a aplicação da Física Nuclear rompe as muralhas da prisão. Ela sabe dividir os elementos e, por conseguinte, modificá-los. Não vos deixeis enganar, porém, por essa ilusão da ciência, pois mesmo por meio da Física Nuclear não se altera nada em vossa prisão. A ciência oculta conheceu, no curso de todos os tempos, a arte da fissão nuclear, apenas que esta se realiza num período mais longo. As alterações veiculares, efetuadas por meios ocultos, também foram realizadas com o auxílio de mudanças da composição elementar de nossa personalidade. A Física Nuclear realiza a fissão nuclear, como o sabeis, de maneira forçada. O que acontece por meio do emprego dessa ciência é somente uma troca de cenário, como já pudemos explicar-vos anteriormente.

O homem sabe dividir alguns elementos por meio do emprego de calor intenso. Converte-se elementos materiais em etéricos e astrais. As radiações de calor e as radiações eletromagnéticas liberadas dessa forma, perturbam processualmente a ordem material natural elementar. Toda a orientação de vida, tudo o que pertence à personalidade, tudo o que é nascido da natureza no reino hominal, animal e, por conseguinte, no reino vegetal, modifica-se mediante essa pertur-

bação. Desta forma, a vida material manifestada retorna forçosamente a uma manifestação de vida astral e etérica. Portanto, um retorno forçado, uma volta às épocas pré-históricas em que a vida material não ocupava o ponto central, porém sim, a vida etérica e ainda, anteriormente, a vida astral. Isso é tudo. O iniciado ocultista em sua veste astral já voltou, portanto, à época hiperbórea. Não se experimenta, conseqüentemente, nenhuma ressurreição libertadora a partir do nadir, porém sim, um curso de desmaterialização inútil que constitui indizível perda de tempo, um perecimento do mundo pelo fogo.

É com isso que os físicos nucleares, por solicitação de seus governos, ocupam-se e fazem conferências. É discutido se o homem deve ou não continuar com isso, pois afinal todos os problemas tratados se orientam para: violência ou não-violência. Sabemos que eles prosseguirão com isso. Caso não seja por objetivos bélicos, certamente pela paz. E mesmo isso é o fim, pois também isto significa desmaterialização.

Outrossim, talvez possais perceber bem, que o devir gnóstico da consciência não tem relação alguma com isso nem com elementos materiais, etéricos e astrais. Esse novo devir gnóstico da consciência não se pode dar a partir de um composto de elementos. Ele se afasta enfática, essencial e substancialmente de tudo o que se sintoniza com esse corpo. A entidade que se tornou gnósticamente consciente não se encontra na terra nem mesmo em Marte ou em Vênus. Não nos transformamos em nenhum venusiano ou venusiana. Elevamo-nos até mesmo por sobre todo o sistema zodiacal, quando podemos elevar-nos à consciência gnóstica.

Esse devir consciente deve surgir da vivificação da radiação nuclear, produzida por intermédio do microcosmo, que afeta e preenche o corpo composto e, por conseguinte, possibilita a descida da Sophia, da matéria do silêncio. Por meio dessa descida da matéria do silêncio se desenvolve, como já foi explicado, a veste áurea de núpcias, o fundamento para as núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz. A matéria do silêncio, em ligação com a radiação anímica, envolve portanto o candidato com um novo manto, com um novo veículo, o assim chamado veículo da alma. A alma constrói essa

veste, num piscar de olhos, a partir da matéria do silêncio logo que a Sophia entre no sistema. Esse corpo-alma é muito sutil. Ele é a base imortal do magnífico corpo da ressurreição. Isso também é, portanto, desmaterialização, porém a desmaterialização da libertação.

Vedes agora, diante de vós, a ilusão dos tempos? Vedes a ilusão e a grande desgraça da radiação nuclear no hoje vivente? A desmaterialização da libertação é totalmente diferente. Assim, também compreendemos agora as palavras de Hermes: *Por isso, já não tenho nenhuma preocupação quanto à forma que uma vez foi minha.*

Logo que a nova alma passe a viver por trás da janela da frente, ela se instalará no ponto central de toda a entidade; e essa alma formará a consciência. Não a consciência de nossa prisão natural, porém o núcleo, a verdadeira consciência da nova veste anímica, o inteiramente Outro*, que está conosco a nosso lado e parcialmente em nós. O homem, que está de posse desse novo corpo-alma, já não vive no ponto central do corpo nascido da natureza, mas também não está separado dele. Pode-se sentir e medir o corpo composto, diz Hermes. Contudo, a nova alma está quando muito ligada a ele.

O *Bhagavad Gita* diz que o nascido da natureza deve saudar, como amigo, a essência da alma, a essência original, desde que ela tenha se formado em nós. Hermes já o coloca de outro modo e diz: esse amigo, a nova alma, já se torna dominante no novo sistema tão logo nasça o *soma psychikon*, a veste áurea de núpcias. Então, a alma, no centro da veste áurea de núpcias, dirigirá a personalidade nascida da natureza como seu instrumento na natureza da morte pelo tempo que for necessário, e partirá, nas regiões da noite, como uma enviada, como uma mensageira divina, para salvar o que deve ser salvo.

Hermes, o homem-rei, no momento em que pronuncia essas palavras, ainda possui o corpo, a forma nascida da natureza; ele ainda não está separado desse corpo, pois ainda é possível aproximar-se dele e percebê-lo. Porém ele, o homem-rei, já não está no ponto central desse corpo, e sim na forma anímica. Ele já não é da terra, terreno. Ele se encontra, no máximo, ligado à terra como amigo. Ele se manifesta, portanto, em duas formas, em uma que declina, e em outra que viverá até a eternidade.

XXI

O Devir Gnóstico da Consciência

O ser humano poderá ficar desconcertado quando, pela primeira vez em sua vida, entrar em contato com os mistérios gnósticos e descobrir que o devir gnóstico da consciência nada tem a ver com o corpo nascido da natureza, corpo este composto de elementos materiais, etéricos e astrais; que nunca se pode chegar à contemplação com um corpo composto de elementos, e que além disso, para começar, é necessário um estado veicular inteiramente diferente da matéria da morte, isto é, um veículo formado pela matéria da Sophia.

Tat dá também prova disso, e em diversas ocasiões seguem-se, como o ensinou a experiência, a negação e um afastamento da Gnosis. Tat exclama:

Tu me levaste a não pouca consternação e confusão mental, Pai, pois agora já não me vejo nem a mim mesmo.

E um pouco depois ele diz:

Agora, tu me embaraçaste realmente, Pai, porque agora já nada compreendo disto: porque te vejo ainda na mesma estatura corporal, com o mesmo aspecto exterior.

Desse modo, todo o ser-eu é destronado para o homem nascido da natureza que se aproxima da Gnosis. Todavia pode-se com esse

estado de ser, descobrir realmente que a personalidade composta de elementos é o fundamento com cujo auxílio se deve realizar a ressurreição. Se há ressurreição, deve-se falar também de um sepulcro e antes ter passado por esse sepulcro.

Podemos agora entender a *Fama Fraternitatis R. C.*, quando ela diz, em relação a Christian* Rosenkreuz e seu sepulcro: "Fiz desse compêndio do universo, em vida, um sepulcro". Não há razão para que a personalidade dialética nascida da natureza seja abandonada e aviltada qual veículo inútil, sem valor e prejudicial, qual farrapo pecaminoso a ser atirado fora. Pelo contrário, a alma vivente a utiliza como instrumento. Todavia este instrumento deve primeiro ser preparado de forma correta. O candidato já não deve esperar nada dela nem ver nela nada além do que existe em realidade. Assim, Hermes diz no versículo 12:

Por isso, já não tenho nenhuma preocupação quanto à forma composta que uma vez foi minha. Já não tenho cor, nem sentido do tato, nem dimensão. Tudo isso me é estranho.

Já falamos sobre isso. Quando Jesus, o Senhor, ressuscita do sepulcro, este é encontrado, coerente e hermeticamente, vazio. A personalidade nascida da natureza e o corpo da Sophia permanecem lado a lado até o final. Por isso, é descrito no evangelho gnóstico da *Pistis** Sophia que Jesus, o Senhor, aparece a seus discípulos como o mestre ainda vivente, não morto. Todavia, afora isso, fala-se também dessa poderosa veste trina de luz que o envolve.

Caso penseis novamente sobre o que citamos anteriormente por ocasião do décimo-terceiro livro de Hermes, lembraeis que a mônada ou o microcosmo, quando realiza sua viagem através do nadir da materialidade, perde, em determinado momento, como necessidade natural, a veste-de-luz da personalidade original e, em seu lugar, surge a personalidade^m da ordem de emergência, personalidade que se adapta perfeitamente à lei natural do nadir. Além disso, a personalidade da ordem de emergência e a vida que nela existe devem experimentar o nadir como uma fronteira, a qual não se pode ultra-

passar devido às leis da dialética, e daí desenvolver novamente, como necessidade natural, depois de um tempo maior ou menor, o anseio do despertar, o anseio de libertação. Com efeito, o impulso monádico nos leva sempre, cada vez mais, para o alto, até a eternidade.

Contudo, o conjunto de leis do nadir exige uma parada nisso, e na tensão tão crescentemente dinâmica se desenvolve uma nova idéia, a idéia da subida, a idéia da ressurreição do nadir. Pensa-se: "Se não é possível romper a fronteira, então talvez o seja, escalando-a no espaço". Considera-se isso com o eu. A atual corrida espacial se origina, portanto, do desejo do homem-eu de escapar, com o eu da natureza da morte, para estender a essência da morte por todo o espaço.

Tornar-se-á, no entanto, evidente que a escalada da fronteira do nadir com o eu também não é possível, pois o estado veicular da ordem* de emergência não está preparada para isso, pois ele é um corpo composto de elementos, estruturado no nadir da materialização. Por isso, a personalidade nascida da natureza deve experimentar e padecer também essa impossibilidade.

Quando, finalmente, essa descoberta se aprofunda o bastante, e o aluno que segue a senda morre em vida mediante a endura, o manto-de-luz original da mônada, o manto-de-luz da Sophia, pode, mediante o emprego da correta atitude de vida, descer sobre ele e nele, e assim realizar a ressurreição no presente ou no futuro próximo.

O que é então real e verdadeiro? Perguntamos com a filosofia hermética. A resposta soa:

O que não é maculado, meu filho, o que é ilimitado, incolor, imutável, descoberto, irradiante, apenas a si mesmo compreensível, o Bem inalterável, o incorpóreo.

Esta é a assinatura nômula do cintilante manto-de-luz original, da mônada, o qual novamente se manifestará em todos os que, com Jesus, o Senhor, estiverem ressuscitados. Quem agora se sintoniza, em seu impulso para a subida, com a única atitude de vida correta, para finalmente, nessa atitude de vida, tornar essa ascensão uma

realidade absoluta, deverá saber que a exigência para tanto é a neutralização da antiga atividade e da percepção organo-sensorial nascidas da natureza, e a purificação de todos os vícios do estado de nascido da natureza, a fim de fazer com que finalmente o corpo abandonado se transforme num instrumento útil.

Imaginai que estais ocupados, mediante força anímica, em alçar-vos da natureza da morte. Imaginai ainda que a cintilante veste-de-luz se estenda e desdobre em torno de vossos membros – muitos irmãos e irmãs da jovem Gnosis já manifestam os primeiros elementos dessa nova cintilante veste-de-luz – quando possuíis essa veste de luz, e esta cresce em força e vitalidade, deveis, com auxílio da alma vivente, purificar e preparar a personalidade nascida da natureza a fim de que ela se apresente como instrumento a serviço do mundo e da humanidade.

Tat pergunta a Hermes, admirado: *Tenho, então, em mim motivos para ser castigado, Pai? Possuo então vícios?*

Do mesmo modo, existirão muitos alunos que ficarão extremamente admirados quando a eles forem atribuídos vícios. Hermes responde que toda a entidade nascida da natureza, além do terrível comportamento inconveniente do animal dialético nascido da natureza, possui ainda doze vícios fundamentais. Hermes diz isso em resposta à pergunta de Tat, quanto aos vícios fundamentais: ignorância, dor e aflição, incontinência, desejo, injustiça, ganância, engano, inveja, astúcia, cólera, irreflexão e maldade. Esses vícios fundamentais são encontrados em todos nós sem nenhuma exceção. O obreiro na vinha do Senhor que é enviado para trabalhar na natureza da morte é diariamente advertido: pensa nisto em teus contatos com os habitantes da natureza da morte, considera os doze vícios fundamentais! Quando um dos doze vícios, por uma ou outra razão, desaparece em último plano, os outros entram em cena com força duplicada.

Destarte, o homem interior é aprisionado quando o irmão ou a irmã que se elevou segundo a alma não neutralizou os próprios vícios com a força da alma. Tal pessoa não pode continuar a ascensão. Normalmente combate-se os vícios, como o sabeis. Tentamos freqüente-

mente, com boas intenções, neutralizar com o ser-eu os vícios que se descobre em si mesmo ou se nos tornam manifestos em outras pessoas. Todavia, isso não tem nenhum sentido libertador. O homem deve eliminar seus vícios, seus vícios fundamentais, com a força-alma vivente.

Deveis atentar para o fato de que o nascimento do homem interior, a partir da matéria da Sophia, é um produto que se desenvolve segundo a vivificação; por isso, muitos alunos, que já possuem algo do novo homem, são de tempos a tempos obstaculizados em seu caminho pelos doze vícios fundamentais. Deveis contar seriamente com isso. Contudo, quando já compreendeis esse verdadeiro renascimento, esse desenvolvimento do manto-de-luz da Sophia; quando, portanto, reconheceis a Gnosis, a Sophia, expulsais dessa forma a ignorância, o primeiro vício. Hermes diz que o homem que verdadeiramente alcança a compreensão, o conhecimento, do imo, é purificado. Imaginai que vós não tendes controle sobre a verdade da Gnosis, porém que a experimentais do imo; então a ignorância enfraquecerá.

Por meio da purificação, a ignorância é expulsa e, imediatamente depois disso, atingis o conhecimento autodescoberto, uma alegria vos trespassa, estremece. Essa alegria expulsa toda a aflição, o segundo vício. A alegria a que se refere aqui não deve ser comparada com aquela que, por uma ou outra razão, podemos sentir aqui na natureza da morte, no jogo dos opostos. Não, aqui se alude à força fulgurante da esfera de vida do estado de alma vivente; essa alegria interior vos concede um estado de ser que nunca mais desvanece.

Imaginai que a ignorância em algum aspecto fundamental seja retirada de vós, e tendes a experiência em vosso estado de nascido da natureza, semelhante a um desvelar, e que, portanto, a ignorância desvaneça. Do manto-de-luz, caso o possuais, sobrevém incontinenti em vós uma radiação magnífica, com uma alegria interior que tudo preenche e ultrapassa todo o entendimento. E vede, dessa forma, a incontinência é também expulsa, pois essa corrente de alegria interior que assim desce sobre vós, flui em ritmo alimentador constante. Em

conseqüência, toda a desarmonia — isso é o que Hermes quer dizer com incontinência — desaparece.

Quem vive em tal corrente de plenitude se subtrairá absolutamente de uma nova ligação com a natureza da morte. Esse distanciar-se da dialética, essa continência, expulsará o vício dos desejos. Com isso, Hermes se refere à perseguição de objetivos terrenos, a perseguição periódica, sobre o plano horizontal, das coisas que são puramente terrestres, que pertencem à terra. O vício do desejo será expulso logo que permaneçais na corrente do constante fluxo de força do ser de luz que vos envolve.

Quando alguém se comportar objetivamente em relação à vida e ao movimento na natureza da morte, pois possui e vivencia o homem interior, então, isso será, assim diz Hermes, um fundamento de justiça. Então, será possível expulsar, sem esforço, toda a injustiça.

Vede, além disso, como o homem-alma irradia sua luz para todos os lados, sobre bons e maus, sobre todos e tudo. Essa virtude, Hermes chama de generosidade que expulsa a ganância, pois o vício da ganância, descrito no décimo-quarto livro, não se refere à ganância por dinheiro, bens ou algo parecido, porém à ganância, à avidez das manifestações de vossas simpatias e ao cintilar de vossas radiações de amor.

Há também, entre os alunos da Escola Espiritual gnóstica, muitos que, de maneira total, ignoram-se mutuamente. Estamos seguros de que tais alunos são os que nenhuma vez se viram, nunca se olharam diretamente nos olhos e, portanto, são uns para os outros como o vento. Mais grave isso se torna quando acontece conscientemente, propositalmente, como ocorre com freqüência na natureza da morte.

Imaginai que vós, nascidos como alma e de posse da veste-de-luz, permitísseis que vosso corpo nascido da natureza, como instrumento a serviço da alma vivente, conservasse suas simpatias e antipatias. Compreendereis então que esse instrumento já seria inadequado e estaria totalmente pervertido. A alma é de todos, ela está em todos. Ela não discrimina. Ela irradia, como o sol, sobre os bons e maus. A aprovação e a reprovação, as simpatias e as antipatias que temos, e a arbitrariedade tola e lastimável que provém daí, esse vício, Hermes

denomina o maior e o mais infame dos desejos. Quem subjuga esse vício por meio de perfeita radiação anímica impessoal permanece na força da verdade. Então, a verdade se manifesta, verdade que afasta todo o engano, todas as mentiras. Enganos e mentiras são aqui o amor e a simpatia que o homem nascido da natureza finge por hábito cultural ou por razões diplomáticas. Os jornais são claros a esse respeito. Lede, estudei isso até que se vos torne repugnante. Então tereis aprendido a lição. Talvez, devais aprender essa lição umas cem vezes, porém começai de toda a forma com ela. Nos encontros públicos das autoridades que se reuniam em Genebra, insultavam-se desmedidamente, agiam de forma descortês uns com os outros, não queriam saber, oficialmente, de nenhum contato diante da opinião pública. O Ocidente insulta o Oriente inflexivelmente e vice-versa. Cinco minutos depois, assim líamos, sentavam-se juntos em salas privativas para jantar ou almoçar, a fim de pensar confortavelmente sobre como deveriam regulamentar isso ou aquilo. Enganos e mentiras, não sentidas, não tencionadas, e contudo apresentadas de forma teatral; e essa inverdade, vós o entenderéis, acarreta consequências, pois ela mantém as massas divididas. Ela mantém os homens, como coletividade, afastados uns dos outros. Eles ficam como galos de briga, um diante do outro, consumidos pelo medo e pelo ódio.

O mundo suplica e suspira pela verdade. Somente quando a verdade, em sentido absoluto, tiver entrado no candidato, é que o Bem Único se tornará perfeito e completo. Com a verdade, o bem, a vida e a luz aparecem. Toda a inveja e todos os demais vícios devem então enfraquecer-se e, em determinado momento, já nem um vício surge do corpo sombrio dialético nascido da natureza. Todos os vícios são expulsos e vencidos pela tempestade do *soma psychikon*. Quando as dez virtudes entrarem, os doze vícios serão vencidos.

Somente assim o renascimento a partir da Sophia se completa. Muitos possuem qualidades de alma inteiramente belas e magníficas, e com elas deveis exterminar agora os vícios de vossa personalidade, com grande determinação, como que por uma tempestade. Então, tornais apto vosso estado veicular, vossa personalidade, a servir

como instrumento correto de Deus e da humanidade. Então, já não existirão obstáculos que impeçam a ascensão desde o nadir da materialidade. A verdadeira ressurreição se torna um fato.

Esperamos e oramos que esse trabalho de purificação possa, em breve, ser realizado por todos vós.

XXII

No Mundo, porém não do Mundo

Após termos considerado e falado acerca da essência do renascimento hermético, descobrimos, assim como diz Hermes Trismegisto, que quem alcançou, pela misericórdia divina, o nascimento de Deus, abandona a orientação da matéria e vive em alegria interior, firmada por Deus. Quando o assim chamado "no mundo, porém não do mundo" se tornou realidade, Tat faz esta pergunta a Hermes:

Porém dize-me ainda o seguinte: como são os castigos da escuridão, que são doze em número, expulsos por dez forças? De que modo, isso acontece, Trismegisto?

A resposta soa:

Esta tenda, que abandonamos, foi composta pelas forças do círculo do zodíaco, que, por seu turno, consiste de doze elementos: de uma natureza, todavia multiforme em imagem, segundo o pensamento errôneo do homem. Entre esses castigos existem, meu filho, os que operam como unidade. Assim, a astúcia e a irreflexão são inseparáveis da cólera. Não se podem mesmo distinguir. É, pois, compreensível e lógico que desapareçam conjuntamente quando estão sendo expulsas pelas dez forças, porque são essas dez forças, meu filho, que dão nascimento à alma. Vida e luz estão unidas. E assim o número da unidade nasce do Espírito. E, do mesmo modo, segundo a razão, a Unidade contém a década e a década a unidade.

Depois desse esclarecimento, Tat responde: *Pai, vejo na alma-espírito todo o universo assim como a mim mesmo.* E Hermes finaliza:

Eis, meu filho, o renascimento; é impossível fazer disso representações tridimensionais. Conhece-o e experimenta-o, agora, graças a esse discurso sobre o renascimento, que somente em favor de ti pus por escrito, para que a multidão não participe dele, porém exclusivamente os que são eleitos por Deus.

Nossa reflexão sobre esse discurso secreto deve elevar-se ainda mais do que foi necessário até aqui, pois do cosmo entramos agora no macrocosmo. Isso se torna necessário devido à pergunta de Tat: "Como são os vícios, que são doze em número, expulsos por dez forças?" Ouvimos em resposta à pergunta: "A personalidade que habitamos, a personalidade que somos nós mesmos, não é somente da terra, terrena, porém ao mesmo tempo, do zodíaco ou do círculo dos animais". Caso em vossa vida já tenhais estudado astrologia, então será de vosso conhecimento que nosso sistema solar com seus planetas e luas se move dentro dos doze signos do zodíaco e é por ele envolto, e que esse sistema zodiacal, com tudo o que se encontra nele, constitui por isso um todo. Esse sistema, nosso sistema zodiacal, rege perfeitamente nossa vida, e nossa personalidade está totalmente em sintonia com ele. A tenda, a personalidade que habitamos, existe graças às doze atividades do zodíaco. Caso refletis bem a esse respeito, caso tenhais reconhecido essa verdade, por exemplo, por meio de estudo astrológico e seu emprego, então sabereis claramente que o sistema zodiacal inteiro forma um conjunto astral, do qual todos os seres que o habitam devem viver, não importando em que planeta.

Por isso, esse sistema com tudo o que nele se encontra, é a natureza da morte, o não-estático, em que as forças dos opostos surgem e se anulam continuamente. Também sem o auxílio da astrologia, tendo como base apenas a astronomia, podereis encontrar isso já facilmente demonstrado, caso observeis o contínuo nascer, florescer e perecer neste universo da morte. O zodíaco, o espaço isolado, em que, como diz Jacob Böhme, "Deus encerrou a humanidade, para que o

mal que aí tomou forma não penetrasse todo o universo", é verificado claramente por vós.

Hermes diz, literalmente, que os doze vícios são explicáveis diretamente pelas atividades zodiacais. Ele diz: *o zodíaco consiste de doze elementos: de uma natureza, porém multiforme em imagem.* Em outras palavras: nasceis sob um signo zodiacal, uma atividade do zodíaco. Há, portanto, um aspecto que atua de modo fundamental em vossa vida e as outras onze correntes se ligam a ele. Elas trabalham todas juntas a fim de seduzir os homens. Elas formam unidade absoluta e são ilimitadas. Os doze vícios são por isso consolidados fundamentalmente no homem. Vós não adotastes esses vícios, não os cultivastes, eles não formam portanto o resultado da maldade e também não são o resultado do acúmulo de pecados. Não, são doze imperfeições que se apresentam em vossa vida como vícios. Pensai nas palavras "vício" e "imperfeição". Ambas querem dizer que ainda não se está pronto, que algo não pode ainda tornar-se virtude, perfeição. É, portanto, uma atividade que se apresenta conseqüentemente mais ou menos de forma caótica. Em outras palavras: nossa natureza é uma natureza em devenir, é um aspecto daquilo que deve devir.

Por isso, fala-se também de nascimento natural e nascimento espiritual; e também de nascimento anímico e nascimento espiritual, e, por isso, também de nascer duas vezes. Os doze vícios estão presentes no homem, em seus aspectos positivos e negativos, bons e maus, e podem construir sobre essa base um *karma* pesado que o homem se curva sob o lastro do pecado da própria natureza. Algo que ainda não é perfeito pode por isso ser mantido na imperfeição.

A existência dessas atividades com seus resultados sempre foram do conhecimento da humanidade. Não importa o quanto remonteis ao passado da história mundial, sempre foram conhecidas as atividades e a natureza do círculo zodiacal. Nesse sentido, pensai no poderoso símbolo egípcio, a grande pirâmide, que foi construída totalmente segundo os princípios do sistema zodiacal e do sistema solar. As atividades do sistema zodiacal também sempre fizeram com que o buscador devoto entrasse em grande confusão. Isso, até que o

aluno na senda descubra que a unidade absoluta das doze e a ilimitabilidade dessa unidade pode ser atacada por meio das dez forças, e que somente elas podem oferecer solução. Em outras palavras, mediante a entrada das dez, as doze enfraquecem automaticamente.

Repetimos: o nascimento, que nos dá a existência, a forma natural em que nos constatamos mutuamente não é perfeita, não está pronta. Um segundo nascimento deve ainda suceder. A absoluta necessidade desse nascimento ficará agora claro diante de vossos olhos. Se continuardes a existir no primeiro nascimento, então permaneceréis na imperfeição. Vós, nascidos segundo a alma, precisais ser unificados com o Espírito. A alma que habita o corpo anímico deve purificar a personalidade de seus doze vícios e quando estes são expulsos, a personalidade forma primeiro um instrumento digno, livre da terra e a serviço da Gnosis; depois, é claro, a personalidade passa a viver exclusivamente sob a influência das dez forças, modificando-se, transfigurando-se rapidamente.

Somente então a natureza pode alcançar seus direitos. Compreendeis que não pode existir nada Imperfeito em todo o grandioso universo divino. Vedes a vossa volta não somente a manifestação da maldade; a maldade é gerada por homens que estão na imperfeição. Contudo, o universo de Deus se baseia em um plano. E deveis agora perceber que, em vossa forma natural atual, estais no primeiro nascimento, e que com o auxílio das dez forças podeis expulsar todas as imperfeições. Essa década, assim diz Hermes, gera a alma. Vida e luz são assim unificadas. Em consequência disso, o número da unidade nasce do Espírito. Portanto, bem entendido, a unidade contém a década e a década, a unidade. Entendeis isso realmente bem? A década hermética é nada mais nada menos do que o Espírito Original da Vida, que pode ser vivificado, que será vivificado, se o homem que está no primeiro nascimento abrir-se para isso.

O um é o símbolo universal do Espírito, o zero ou o círculo, o símbolo da alma, a substância original pura, a matéria da Sophia, o círculo de nosso tapete*. Por isso, o dez pode-se tornar para nós a envolvente veste áurea das núpcias, o corpo-alma que nos envolve e que está unificado com o Espírito: a década e esse estado de ser, essa

corrente de força, que daí se origina expulsará os vícios fundamentais.

Após ter percebido isso tudo, Tat jubila: *Pai, vejo na alma-espírito todo o universo, assim como a mim mesmo.* A forma natural nesse estado de ser não é jogada fora como algo sem valor, ao contrário, somente então é considerada o verdadeiro instrumento a serviço de Deus, a serviço da humanidade. Então, a forma natural, juntamente com a forma anímica se torna o filho do Pai, o filho de Deus. Isso é o renascimento. Se o entendestes, vós não fareis nenhuma imagem tridimensional disso.

Dessa forma, Deus pode atacar o universo da natureza da morte em nós para o renascimento e, assim, o temporal é tragado pela eternidade, pois a forma natural provém do tempo, ela é subjugada pelo tempo; a forma anímica está ligada às forças celestes e permanece, por isso, na eternidade. Assim, o tempo é abolido pela eternidade. Assim, a morte é vencida pela manifestação do corpo-alma. E para a alma renascida pode portanto ser dito: "Não sabes que te tornaste um deus, um filho do Uno?" Somente então ele é, com razão, chamado de o verdadeiro homem.

O corpo exterior da natureza percebido por nós está bem afastado do verdadeiro nascimento divino, pois este é nascimento do imortal. O que nos pode ainda deter aqui? Nós que temos a prerrogativa de nos aproximar disso tudo, de poder falar sobre tudo isso? Não vos admirais com o fato de que colocais muitas vezes as coisas da natureza acima das coisas do Espírito? Como é possível que vos detenhais ainda aqui? O que a morte pode oferecer-vos, enquanto a vida vos aguarda? Talvez tenhais entendido: o universo da natureza da morte é o limite do curso do nadir monádico, uma parada normal dessa decadência. Nesse curso do nadir, devemos aprender uma grande lição, a lição da ressurreição, a lição da ascensão na eternidade absoluta: a plenitude. A natureza da morte é o regaço da eternidade. Caso vejais assim a natureza zodiacal, então já não existirá nenhum universo demoníaco, que tenta sacrificar-vos, pois os demônios vós mesmos os criais, quando não entendeis a senda.

Os doze vícios são as confusões, as complicações, que surgem quando permaneceis pendurados na natureza inferior e nela vedes vosso objetivo. Quem permanece no primeiro nascimento, nunca entenderá algo sobre o segundo.

Hermes delineou claramente em seu *Sermão Secreto* a situação desse nascimento duplo. E Tat o compreendeu e experimentou verdadeiramente. Por isso o décimo-quarto livro termina com o cântico secreto de louvor. Por fim, desejamos citar um pequeno trecho desse cântico. Hermes canta:

Que a inteira natureza do Cosmo escute este Canto de Louvor!

Abre-te, ó terra! Que as águas do céu abram suas comportas ao ouvir a minha voz!

Permanecei imóveis, ó árvores! Porque quero cantar louvor ao Senhor da Criação, o Todo e o Um!

Abri-vos, ó Céus! Sede silenciosos, ó ventos! A fim de que o ciclo imortal de Deus ouça a minha palavra.

Porque vou cantar o louvor daquele que criou o Todo inteiro, que indicou à terra seu lugar e estabeleceu o céu;

que ordenou à água doce que saísse do oceano e se estendesse sobre a terra habitada e desabitada, a serviço da existência e da continuação da vida de todos os homens;

que ordenou ao fogo que ardesse para todo o fim que deuses e homens quiserem dar-lhe.

Que todos nós em conjunto, louvemos a ele que está acima de todos os céus, o criador da inteira natureza. Ele que é o olho do Espírito: a ele seja o louvor de todas as Forças.

Ó vós, forças que estais em mim, cantai o louvor do Um e do Todo; cantai conforme a minha vontade, ó vós, forças que estais em mim.

Gnosis, ó sagrado conhecimento de Deus, por vós iluminado, me é dado cantar à luz do saber, e regozijar-me no júbilo da alma-espírito.

Compreendeis que não se trata de um cântico superficial sobre a dialética, que pode ser cantado por um homem que vê a natureza da morte como o alvo supremo. Pelo contrário, esse cântico eleva-se do coração de Hermes, que é alçado das forças da natureza, e que agora, por meio das forças dos céus, tem a possibilidade de dirigir um olhar para as verdadeiras intenções de Deus. Toda a vida e todas as manifestações não provenientes do renascimento são absolutamente finitas. Toda a vida que provém do renascimento é eternamente inatacável.

Por isso, se a Escola Espiritual com seu corpo sétuplo souber elevar sua cabeça áurea à inviolabilidade do estado vivente da alma, já nenhum mal poderá afetá-la. Os esforços dos que formam a comunidade da Cabeça Áurea e a Ekklesia* devem, por isso, ser considerados como decisivos para nossa obra. Caso o corpo vivente não pudesse alcançar uma libertação absoluta, os doze vícios também o atacariam. Então, os doze vícios seriam a marca distintiva do corpo vivente de nossa Escola.

Aceitai tudo isso, decidi esforçar-vos ao máximo para vos elevar do nascimento natural ao nascimento da alma, de modo que também em relação a vós possa-se falar de nascidos duas vezes.

XXIII

Décimo-quineto Livro

Hermes Trismegisto a Asclépio

sobre o Pensar Correto.

- 1. Hermes: Visto que durante tua ausência meu filho Tat queria receber esclarecimentos sobre a natureza do Universo, e não me permitiu postergar esse ensinamento — sendo ele meu filho e um jovem aluno, que apenas recentemente chegou ao conhecimento das coisas — fui obrigado demorar-me mais extensamente com ele, nisto, para facilitar-lhe a doutrina.*
- 2. Porém para ti escolhi, do que foi discutido, os capítulos principais, resumindo-os de modo mais místico, isto em vista de tua idade mais madura e o conhecimento que adquiriste sobre a natureza das coisas.*
- 3. Se todas as coisas que se tornam manifestas, vêm a ser ou vieram a ser, e se elas não o são por si mesmas, porém por outro; e se todas as coisas que vieram a ser são diferentes e desiguais, e devem a sua existência a outro, então existe alguém que é seu criador. Este então não veio a ser, se se deseja que seja anterior a tudo o que é criado. Porque o que é criado, vem a ser, como já foi dito, por outro; ora, nada pode existir, que já fosse antes que*

tudo viesse a ser, com exceção do que ele mesmo nunca veio a ser: o criador.

- 4. Este é também mais poderoso e o único. Ele é realmente o único sábio em tudo, visto que nada há que fosse antes dele. Porque ele é o primeiro, tanto em ordem, como em grandeza, assim como pela diferença que há entre ele e todas as criaturas, e pela continuidade de sua criação. Além disso, todas as criaturas são visíveis; ele porém, é invisível. É justamente por isto que ele cria; para tornar-se visível! Assim ele cria incessantemente; e assim se faz visível.*
- 5. Desse modo deve-se pensar, e, desse modo, chegar à admiração, e a considerar-se bem-aventurado por ter aprendido a conhecer o Pai. Porque, o que é mais glorioso do que um pai verdadeiro?! Quem é ele, então? Como aprendemos a conhecê-lo? É correto que o chamemos apenas com o nome de Deus? Não teria ele de ser chamado criador ou Pai ou talvez todos os três nomes? Deus, por causa de seu poder? Criador, por causa de sua atividade, e Pai, por causa de sua bondade? Porque ele é poderoso por causa da variedade das coisas que vieram a ser; e ele é ativo, porque tudo vem a ser por meio dele.*
- 6. Sem rodeios e intermináveis jogos de palavras, devemos fazer esta distinção: o criado e o criador, pois entre ambos não há nenhum mediador ou terceiros.*
- 7. Distingue, pois, sempre, em tudo o que compreendes e aprendes, esses dois, estando convicto de que esses dois tudo contêm e envolvem; por isso não dê lugar a nenhuma dúvida: nem em relação às coisas de cima, nem às de baixo, nem às coisas divinas, nem em relação ao que muda, nem ao que pertence às coisas ocultas. Porque tudo o que existe pode ser compreendido por esses dois: o criado e o criador; impossível é separar um do outro, porque o criador não pode existir sem criação. Cada um*

deles é exatamente o que a palavra indica, e nada além disso. Por isso, um não pode ser separado do outro, nem mesmo de si próprio.

- 8. Se o criador for somente a singular, simples e não composta função, ele deve, por necessidade, ser igual a si mesmo, porque o criar do criador é o devir de um estado de ser, porque o que foi gerado não pode existir como se tivesse gerado a si mesmo. Uma criação deve, pois, ser gerada necessariamente por outro; sem o criador, portanto, nada vem a ser e nada existe. Se o criador e a criatura são separados, cada um deles perde sua própria essência, por ser então roubado de seu complemento. Se se reconhece então que a realidade pode ser compreendida nesses dois – o criador e a criatura – esses dois formam unidade em virtude de sua indispensabilidade mútua: primeiramente existe a divindade criadora; depois vem o criado, seja ele qual for.*
- 9. Não temas que a distinção que fiz diminua em algo o respeito por Deus ou por sua glória: pois para ele somente há uma glória: levar à existência todos os seres. Isto, o criar, o dar forma e vida, é como que o corpo de Deus. Não penses que o criador tenha ordenado algo mau ou feio. Porque o mau e o feio são aspectos inseparáveis ligados à geração, tal como a ferrugem ao bronze, e a impureza ao corpo. Não é o trabalhador em bronze que faz a ferrugem, nem são os pais que causam a impureza do corpo, nem foi Deus que criou o mal. É o uso, a consumação das coisas criadas que produzem essa operação acessória do mal. Justamente por isso Deus instituiu a mutabilidade, a fim de purificar o criado.*
- 10. Se qualquer pintor está em condições de representar o céu e os deuses, a terra e o mar, o homem e todos os animais e coisas inanimadas, Deus, então, não seria capaz de criar tudo isso?! Que insensatez e ignorância pensar isso em relação a Deus! Aqueles que assim pensam, experimentam as coisas mais estranhas;*

porque enquanto pretendem louvar a Deus e testemunhar a seu respeito, recusam-se a reconhecê-lo como o criador de todas as coisas, provando assim não somente desconhecer a Deus, mas, além disso, cometem a mais horrível impiedade, atribuindo-lhe arrogância e incapacidade. Porque se Deus não fosse o criador de todos os seres, seria como se não condescendesse em chamá-los à existência ou não fosse capaz de fazê-lo; é, pois, em verdade, ímpio assim pensar.

11. *Porque Deus tem somente uma qualidade: o bem. Esse Todo-Bem não é arrogante nem impotente. Sim, isto é Deus: o bem; o todo poderoso que tudo cria. Todo o criado veio a ser por aquele que é o absoluto bem, e tem o poder de dar existência a tudo.*

12. *Se queres saber como Deus cria, e como o criado vem a ser, vê então aqui uma bela e adequada comparação: pensa no lavrador, que semeia a semente no campo: aqui, trigo; acolá, centeio, e em outra parte outra espécie de grão. Vê como aqui ele planta uma videira, acolá uma macieira, em outra parte outras espécies de árvores. Assim Deus semeia imortalidade no céu, mutabilidade na terra, e vida e movimento no Todo. Esses aspectos da atividade não são, pois, numerosos. São pequenos em número e facilmente contados: a saber, esses quatro, mais Deus mesmo, e o criado. Esses seis, em conjunto, formam tudo o que existe.*

XXIV

A Terceira Natureza

O décimo-quinto livro de Hermes é uma carta que Hermes escreve a Asclépio sobre Tat. Tat é o aluno que se esforça na senda, que ainda permanece no nascimento natural e, portanto, na natureza da morte. Por isso, há sempre o perigo de ser enganado e sacrificado de novo por meio dos movimentos estranhos, maus e bastante caprichosos dos opostos. Ele está portanto cheio de problemas e perguntas para as quais são solicitadas soluções e respostas em quase todo o momento. Esse Tat, que conheceis tão bem, o homem que é protegido pela luz da Gnosis em meio a grandes perigos, o verdadeiro buscador que está voltado para a senda com toda a sua atitude de vida é sempre resguardado pela Gnosis como consequência natural das atividades da *astralis*.

Tat é acompanhado por Asclépio. Asclépio significa esculápio, isto é, auxiliador, sanador, representado pelo caduceu, o grande e poderoso símbolo de Mercúrio. O aluno sério, que persevera na nova atitude de vida e não abandona a senda, é sempre mais clara, positiva e continuamente acompanhado, em forte ligação, pela alma vivente, que manifesta a poderosa influência na coluna* do fogo serpentina.

Sabemos que somente a alma vivente, isto é, aquela que se uniu ao Espírito, é a verdadeira auxiliadora e sanadora, a grande libertadora do homem inteiro, uma libertadora que se comprova inteiramente no homem total. Quem, por isso, possui esse bastão de Mercúrio

é um forte, um vencedor. Quem não o possui é um fraco, um trôpego, um mortal que erra nas trevas.

O primeiro versículo do décimo-quinto livro inicia-se com as palavras:

Visto que durante tua ausência meu filho Tat queria receber informações sobre a natureza do universo, e não me permitiu adiar esse ensinamento — sendo ele meu filho e um jovem aluno, que apenas recentemente chegou ao conhecimento das coisas — fui obrigado a demorar-me mais extensamente com ele, nisto, para facilitar-lhe a Doutrina.

Aqui nos é descrito o aluno em quem ainda a alma vivente não se manifestou, como por exemplo aconteceu também com a Pistis Sophia que, mesmo após repetidos cânticos* de arrependimento, não recebeu nenhuma resposta de seu libertador. Contudo, também o verdadeiro aluno nunca é deixado sozinho nessa assim chamada solidão, pois Hermes, o três vezes grande, vigia-o.

Hermes é o protótipo, o representante sublime da humanidade absolutamente liberta que está no outro reino. Ele é uno com a Gnosis, ele é a Gnosis, absolutamente uno com Deus. O décimo-quinto livro de Hermes tenciona dizer-nos que quando a alma ainda não pode falar ou ainda não está suficientemente desperta, o aluno verdadeiramente sério que persevera na senda, sempre é auxiliado pela Gnosis Universal, tanto segundo a personalidade como segundo a alma, tanto segundo Tat, como segundo Asclépio.

Por isso, o décimo-quinto livro de Hermes é de grande significado, pois nele a verdadeira natureza das coisas nos é esclarecida. Devemos sempre atentar para o fato de que a alma e a personalidade são de natureza diferente. A alma deve-se voltar para a personalidade que é da natureza da morte e que nela se encontra, e a personalidade deve-se voltar para a alma que pertence à natureza da vida. O grande problema da alquimia gnóstica, o grande problema dos graus internos, é que, primeiro, deve haver um voltar-se recíproco da alma e da personalidade; em seguida, um encontro; depois, uma fusão; após

isso, deve-se verificar a transformação (transfiguração) e finalmente a libertação mesma.

Esse processo quántuplo traz consigo, sobretudo no início, nova base de trabalho que deve ser encontrada e formada em e com as duas naturezas que não pertencem uma à outra, que não podem nem devem em absoluto caminhar juntas, pois a personalidade deve ser absorvida totalmente pela natureza anímica. Portanto, a nova base de trabalho forma, sobretudo no início, realmente uma terceira natureza. É a natureza, com auxílio da qual a vida libertadora pode ser alcançada e a grande missão pode e deve ser cumprida.

Todo o aluno deve ser esclarecido acerca dessa terceira natureza, se assim podemos chamá-la. Por um lado, há portanto a natureza da vida; por outro, a natureza da morte. Na força da natureza da vida, o candidato enceta seu caminho e se despede da natureza da morte. Entre ambas, encontra-se a temporária terceira natureza, que não é nem uma nem outra. A sabedoria com relação a essa terceira natureza (na prática, portanto, indicada como “a senda”) nos é dada no décimo-quinto livro com um enfoque psíquico totalmente diferente.

Suponde agora que vós mais cedo ou mais tarde tomeis a resolução de trilhar a senda, que une os dois extremos, a saber, a natureza da morte e a natureza da vida, não como uma coisa evidente, porém como possibilidade de união; então formais, para vós mesmos, uma terceira natureza, desde o primeiro instante. A senda não existe, deve-se por si mesmo construí-la. Não é algo assim como uma terceira natureza formal, estudada; cada um deve por si próprio despertar a terceira natureza para a vida, preparar essa senda. Quando alguém vos diz “Mostrei-me a senda, então eventualmente poderei também decidir trilhá-la”, não podeis dar nenhuma resposta, pelo menos não podeis transmiti-la, pois vossa senda é apenas vossa, e nela, em vossa própria terceira natureza, não podeis levar ninguém. Porque a terceira natureza inicia-se quando vós começais, e se revela quando vos manifestais como um verdadeiro aluno.

O que é possível e desejável, sim, quase necessário, pode-se dizer, é que, como grupo colaborador, em total rendição, amor ao próximo

e ausência de luta, estabeleça-se uma terceira natureza coletiva, chamada de arca ou nave celeste ou corpo vivo. Quanto mais sólida a arca for construída e se adaptar às exigências, quanto mais essa terceira natureza corresponder à natureza vivente, mais rapidamente e melhor se realizará a vossa senda. Teoricamente, cada aluno deve, de modo autônomo, chamar à existência sua senda, sua terceira natureza e segui-la; na prática, porém, o caminhar juntos, segundo as indicações da lei divina, é de suprema importância.

A terceira natureza é, em muitos aspectos, “a senda solitária” e “a senda perigosa”. Se aí o eu fala muito forte, desenvolve-se uma anormalidade.

Sabeis que a lei diz: “Amarás a Deus acima de todas as coisas”. Por isso, vossa orientação para o alvo divino abre a senda para vós. Contudo, a lei diz ainda: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Quando sois verdadeiros alunos e vossa terceira natureza se manifesta, não pode estar em vós somente o amor a Deus, mas também a sua criatura. Quando vos dirigirdes para frente e para cima, o amor que está em vós e convosco vos impelirá a servir vosso próximo com todo o vosso amor e a unidade de grupo se tornará evidente. A atitude de vida do amor universal é a chave para o discipulado gnóstico e esse amor deve iniciar com a ausência de luta. Quando nela desejais ingressar, abre-se para vós a terceira natureza e entrais verdadeiramente no grupo, isto é, na nave celeste, na terceira natureza do grupo.

A terceira natureza é para o aluno e para o grupo uma realidade científico-natural. Dissemo-vos que essa natureza está presente em toda a parte, tão logo vos dirigais a Deus, isto é, à Gnosis ou a Shamballa*.

Se compreendeis isso, podemos dar um passo à frente na senda da sabedoria, que está ligada a isto, e perguntamo-vos: o que se entende por natureza? Compreendemos por natureza um campo de manifestação com valores, forças e coisas visíveis, reconhecíveis e experimentáveis. Hermes diz:

O que é criado nasce, como já disse, por intermédio de outro. Nada, a não ser aquele que nunca nasceu: o criador, pode existir antes que tudo viesse à existência. É correto que o chamemos apenas pelo

nome de Deus? Ou deve ser também pelo de criador ou Pai? Ou, talvez, por todos os três? Deus, por causa de seu poder? Criador, por causa de sua atividade e Pai, por causa de sua bondade? Sem rodeios e sem ilimitado jogo de palavras, devemos fazer esta distinção: o que foi criado e o criador; por que entre ambos não há mediador nem terceiro.

Hermes se dirige aqui ao aluno no caminho, que permanece em total orientação em sua terceira natureza, voltado para o único objetivo, que é Deus. Por isso somente, o poder, a atividade e a bondade de Deus podem vir à existência. Não se deve, portanto, com isso, entender a criação da maldade, o mal e a infâmia, pois isso tudo não é causado por Deus, porém pelas paixões. Hermes expõe isso também no décimo-quinze livro. Voltaremos ainda a esse assunto.

Vede, portanto, diante de vós, o seguinte: vós, nascidos da natureza, que sois da natureza da morte, decidis voltar para o campo de vida original, para a Shamballa da perfeição. Não tomais essa decisão, devido apenas a um impulso sentimental e mental, porém a confirmais mediante uma nova atitude de vida. Quando isso ocorre, invocais a força de Deus que é onipresente. Então nasce, nessa força e por meio dela, uma atividade em vosso campo astral pessoal. Desse campo astral nasce uma atividade no campo etérico; e do campo etérico, nasce uma atividade material. Surge assim em vós e a vosso redor uma manifestação, uma criação, apoiada totalmente na bondade, no amor e na sabedoria, que é Deus. Assim, a trindade divina manifesta-se real e diretamente. O invisível torna-se visível em sua criação, em e mediante sua criatura, em perfeita harmonia com o estado de ser de sua criatura.

Por isso, a terceira manifestação natural também permanece na onifluência, pois quando o aluno progride, e Asclépio e Tat se unificam novamente sob a sombra das asas de Hermes, a manifestação da terceira natureza se modifica novamente. Pois, o criador acompanha a sua criatura até o bom fim.

A Unificação de Tat, Asclépio e Hermes

No capítulo anterior, obtivestes um conhecimento puramente filosófico das três naturezas.

Conheceis, por experiência, a natureza da morte; conheceis, ainda que vagamente, a natureza da vida, pela literatura, por meio da Escola Espiritual e, segundo esperamos, pela luz gnóstica que vos tocou. Entre as duas, está a terceira natureza, totalmente apartada das duas outras, a saber, a natureza em que o candidato se prepara mediante o trilhar a senda, mediante a nova atitude de vida. Essa é a natureza que, como a nave celeste, a arca, também é e foi realizada pelo grupo, a serviço de todos. O grande objetivo é: a unificação de Tat, Asclépio e Hermes em perfeição.

Podeis saber mediante vossa experiência e percepção que todas as coisas, até em suas menores partículas, tudo o que foi criado, tudo o que nasceu, tudo o que veio a ser, teve sua origem por intermédio de um criador:

Sem o criador, portanto, nada vem à existência e nada existe. Quando o criador e a criatura são apartados, cada um deles perde seu próprio ser, pois estão despojados de seu complemento.

Com essas palavras, Hermes quer dizer que não se trata de nenhum

cumprimento automático do destino. Quando a criatura nasce do criador, então a criatura é livre, tem a liberdade de alcançar o alvo, portanto, liberdade de ação, proveniente da grande força da onimanifestação, de Deus mesmo. Liberdade também de se distanciar de seu criador, de se separar dele.

Por isso, a Rosa-Cruz clássica diz: "Ex Deo nascimur", de Deus nascemos. Vosso microcosmo, como mônada, nasceu de Deus. O princípio nuclear desse microcosmo nasceu de Deus como alma. Também vossa personalidade, embora ela seja originária da terra, terrena, e esteja carregada com muito mal, veio à existência, a partir das possibilidades recebidas de Deus, como corpo* da ordem de emergência. Até na mais profunda queda permanece a única lei, a lei do devir. Nasceis de Deus e assim permaneceis, segundo o fundamento primordial de vossa existência; quaisquer que forem as degenerações que possam envolver essa existência como uma muralha de prisão, o "nascido de Deus" permanece uma realidade.

Reconheceis a extrema magnificência disso, pois cada aluno que enceta sua senda, tem a absoluta certeza de que "a todos os que o aceitam, ele dá o poder de se tornarem novamente filhos de Deus". Este "novamente" do Prólogo do Evangelho de João indica o libertar-se da muralha da prisão que vos mantém, na prática, afastados de Deus. Quando vós vos sintonizais, em absoluta atitude de vida, com vossa origem primordial pura, realiza-se, como em uma fração de segundo, a ligação com Deus: *Deus devido a seu poder, criador devido a sua atividade, e Pai devido a sua bondade.*

Uma força vem a vós, preenchendo tudo; essa força possui uma atividade, provoca um processo e dá luz ao Bem Único. A força do opositor, a atividade da natureza da morte e o mal por ela criado em vosso sistema nascido de Deus não corresponde, em nenhuma circunstância, à faculdade divina tríplice. Todavia, é lógico e necessário que vos despeçais totalmente do mal tríplice em vós por meio do "*in Jesu morimur*", o "morrer em Jesus, o Senhor", a endura, a fim de vos libertardes do sangue, do karma e da natureza da morte.

Podeis vos tornar, quase sem esforço, vitoriosos sobre vós mes-

mos e em vós mesmos, pois sois imensuravelmente fortes. Não penseis que o criador tenha ordenado algo mau ou feio.

“Como o mal nasceu, tem-nos acossado tanto e nos tem levado inteiramente ao erro?” Assim muitos perguntam. Hermes responde:

Esses aspectos estão inseparavelmente ligados à geração, tal como a ferrugem ao bronze, e a impureza ao corpo. É o uso, a consumação das coisas que produzem essa operação acessória do mal. Justamente por isso Deus instituiu a mutabilidade, a fim de purificar o criado.

O que devemos deduzir dessa resposta? Impurezas ou paixões são, como é claro, comoções e estão diretamente em ligação com o coração e, sobretudo, com a glândula timo. Sabeis que o timo, o coração e o osso esterno (o *sternum*) constituem uma trindade.

O timo é um órgão de secreção interna de suma importância, que produz hormônios, hormônios sexuais. O homem possui dois órgãos sexuais, um na cabeça e outro no santuário pélvico. Na cabeça, a glândula tireóide, a glândula hipófise e a laringe; no abdômen, as glândulas sexuais e os conhecidos órgãos sexuais. Ambos os sistemas na cabeça e no abdômen agem em conjunto e assim cada um possui um organismo de secreção interna. A atividade desses dois organismos de secreção interna na cabeça e no abdômen é dominada, controlada e dirigida pelo hormônio do timo.

O poderoso sistema de Nous do coração é o grande centro de contato. Com o esterno funcionando como um órgão-radar sem igual, recebeis impressões, e todas essas impressões recebidas de pensamentos, ou de ações e sentimentos de terceiros, de tudo o que provém de homens e coisas, são acolhidas no coração e preparadas nele. O resultado estimula o timo à produção de hormônio e ambos os órgãos de criação na cabeça e na bacia reagem a esse hormônio e sua qualidade, sua natureza. Então, dimanam desses dois órgãos um impulso, uma força de criação, um impulso para se manifestar, e esse impulso dirige-se para uma ou outra atividade: ou proveniente da cabeça ou do órgão de criação inferior ou de ambos.

Isso significa sempre uma tensão no éter nervoso, desperdício de

força vital, pois é compreensível que o resíduo de toda essa atividade hormonal e suas conseqüências coloquem o sangue e o éter nervoso totalmente em equilíbrio com a natureza da atividade. Quando vosso sangue e vosso éter nervoso chegarem a esse estado, cada órgão se sintonizará em seguida com esse estado bem como também o sistema tríplice do coração, e assim a cadeia se fechará.

A recepção, a assimilação, a sintonia hormonal, a vivificação do coração e da cabeça e as reações naturais necessárias sucedem rapidamente quando vosso esterno se sintoniza com determinada impressão, com certa influência e com determinado sentimento. Dessa forma sois, como homem nascido da natureza, encarcerado em inúmeros desses ciclos. Estais sintonizados com grande série de influências, e quando alguém diz ou faz algo, ou então deixa de fazer ou dizer, quando alguém se encontra em determinado estado, ou quando o ângulo de incidência dos raios de luz toma determinada posição ou quando as condições atmosféricas dão motivo para isso, reagis hormonalmente com um ou outro impulso mental, e, portanto, astral, com uma palavra mordaz, ardente ou com um comportamento de natureza deplorável ou com uma tensão que se vingará de uma ou de outra maneira. Além do ataque a terceiros, vós vos tornais sempre mais envenenados, assim como vosso total campo de vida.

A inteira natureza da maldade e da morte foi chamada assim à existência. O impulso criador e as atividades criativas, as reações criativas do santuário da cabeça como reações hormonais de vossas paixões na cabeça, são impulsos muitas vezes mais imorais, funestos, mortais e diabólicos do que a mais séria desmoralização dos impulsos hormonais, que se manifestam por meio do santuário pélvico. Não deveis, por enquanto, ter coragem de indicar o órgão criador da cabeça como superior. Ele é mais inferior e pérfido do que possais imaginar.

Certa vez, pedimos, imploramos, a todos os alunos para entrar conosco, durante um mês, na ausência de luta, a fim de, com o grupo e todos os seus participantes, pôr um fim a essa desmoralização imunda e ímpia que a natureza da morte criou e mantém; a imoralidade do santuário da cabeça causada e mantida por meio das

paixões. Quando viveis como um animal, não arruinais o curso mundial; sois somente um animal, uma besta. Quando porém, degradais vosso tempo real, a câmara superior da torre do Olimpo, onde devem ser festejadas as núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz, o santuário da cabeça, rebaixando-o a uma tenda diabólica de onde vossas blasfêmias, pensamentos e atitudes críticas, vossa inimizade, vossas antipatias e tensões surgem como raios em todas as direções e vós, dessa forma, ficais ocupados em assassinar vossos companheiros, com conseqüências piores do que um homicídio passional, então carregais sobre vós mesmos uma culpa imensa.

Não atribuais, por isso, ao Senhor de toda a vida, nenhuma paixão; libertai-vos da camisa-de-força das paixões e suas conseqüências e atacai vossos opositores autocriados, com a arma da ausência de luta, de modo tão completo e tão perfeito, que todo o vosso sistema tríplice do coração se sintonizará pela primeira vez com a qualidade divina.

O que Hermes quer dizer com isso, ser-vos-á esclarecido agora no próximo capítulo.

XXVI

Os seis Aspectos da Atividade Divina

Porque Deus tem somente uma qualidade: o Bem. Esse Bem Único não é arrogante nem impotente. Sim, isto é Deus: o Bem; o todo poderoso que tudo cria. Todo o criado veio a ser por aquele que é o absoluto Bem, e tem o poder de dar existência a tudo. Se queres saber como Deus cria, e como o criado vem a ser, vê então aqui uma bela e adequada comparação: Pensa no lavrador, que semeia a semente no campo: aqui, o trigo; acolá, o centeio, e em outra parte outra espécie de grão. Vê como aqui ele planta uma videira, acolá uma macieira, em outra parte outras espécies de árvores. Assim, Deus semeia imortalidade no Céu, mutabilidade na terra, e vida e movimento no Todo. Esses aspectos da atividade não são, pois, numerosos. São pequenos em número e facilmente contados: a saber, esses quatro, mais Deus mesmo, e o criado. Esses seis, em conjunto, formam tudo o que existe.

O atributo de Deus, chamado vontade divina, que se funde totalmente no Bem, refere-se à plenitude de radiação de Deus, com a qual ele se faz conhecer na onimanifestação, no imensurável oceano da substância original. Tentai pensar nessa sublime atividade: a força divina, que se manifesta no campo astral intercósmico. Nesse campo astral, todas as condições para cada manifestação estão atômica-mente presentes. No espaço intercósmico, esse campo se mantém totalmente puro por meio de uma radiação neutra muito poderosa,

que gera uma vibração muito elevada. Nenhum efeito provocado por qualquer paixão pode penetrar e tornar-se ativo dentro desse campo.

A força, o poder e a idéia de Deus trabalham nesse campo. Ele, o Senhor de toda a vida, manifesta sua idéia em relação ao mundo e a humanidade numa parte da substância astral original. Essa idéia somente pode ser boa, ela é o Bem. Tanto no espaço intercósmico como também no espaço astral planetário, o espírito de Deus impele, portanto, determinada manifestação de um bem. Visto que o Espírito divino em nosso campo planetário está voltado para nós, seres nascidos da natureza, para nossa tarefa na manifestação planetária, e visto que esse espírito divino é a força mais poderosa, em qualquer condição de nossa existência, pode-se naturalmente, em comparação com as inumeráveis dificuldades da vida, entrar facilmente em contato com a grande força divina. O Bem Único está muito perto de nós. Trata-se de cumprir a referida lei, do imo, mediante a atitude de vida e de sua realização. O resultado de tal cumprimento da lei em cada curso de vida demonstra-se direta e totalmente. Não pensem, porém, que tão logo o Bem Único torne-se ativo em nós, haverá somente alegria, paz e felicidade, pois o nascido da natureza, que tão-somente experimenta alegria, paz e felicidade, certamente não será tocado pelo Bem Único. Conheceis o ditado: "O amor provoca dor". Não existe muita coisa que deve ser cauterizada em nós? Por isso, o aluno deve estar preparado para ser atacado e purificado pelo fogo do amor divino.

Vede agora como Deus cria e como o criado devém: Deus semeia nos céus a imortalidade; sobre a terra, a mutabilidade, e em todo o universo, vida e movimento.

Entendei essas palavras, pois toda a Gnosis se manifesta aí. Em relação à terra verdadeira e santa, a ordem divina das coisas é de tal modo que existem dois aspectos: o nascimento e a imortalidade. No nascimento verdadeiro, em que a alma deve permanecer no ponto central, existe a mudança contínua: a dialética original e pura. Essa mudança tenciona prosseguir, a partir do nascimento, em uma contínua imortalidade, mediante o amadurecimento, a verdadeira evolução, de força em força, de glória em glória. Esse nascimento é, em

nossa natureza, impedido, obstaculizado, pelas paixões e suas conseqüências. Por isso, nosso nascimento natural é acompanhado sempre de doença e morte, a saber, da morte do dilaceramento e do aniquilamento. Por isso, o décimo-quinco livro de Hermes nos coloca diante da grande missão de que todos temos de aprender e realizar: a ascensão do nascimento natural para o nascimento divino, mediante a auto-rendição, em nova atitude de vida.

Assim, não existem muitas coisas; são pequenas em número e facilmente contadas: Deus e o nascimento proveniente de Deus. Essa é então a mutabilidade sobre a terra, porém a morte já não assusta. O caráter de aniquilamento é retirado dela, pois cada mudança realiza-se sobre o fundamento da imortalidade. Por isso, deixai-nos concluir de novo com as palavras da Rosa-Cruz clássica:

Nascido de Deus, isto é, despertar diretamente para a nova vida. Morto em Jesus: aniquilar toda a antiga vida nascida da natureza e ingressar na terceira natureza, na senda, em novo nascimento, para assim renascer por intermédio do Espírito Santo, na absoluta imortalidade.

XXVII

Décimo-sexto Livro

Hermes a Amon: sobre a Alma

1. *Hermes: A alma é um ser incorpóreo, e também quando está no corpo não perde nada de sua essência própria. Porque segundo sua essência está em movimento ininterrupto. Por operações mentais ela se move por si mesma: não é movida em algo, nem em relação a algo nem para algo, pois existe antes mesmo que quaisquer forças entrem em atividade: e o que precede não precisa do que vem mais tarde.*
2. *“Em algo” é lugar, tempo e movimento natural para o crescimento; “em relação a algo”, harmonia, a própria forma, a própria figura; “para algo”, o corpo.*
3. *Porque lugar, tempo e movimento natural para o crescimento existem em favor do corpo. Essas concepções se conectam mediante relacionamento fundamental; se pelo menos é verdade que um corpo precisa de um lugar (porque nenhum corpo pode vir a ser sem espaço, sem lugar); que é sujeito a mudança natural (mudança não é possível sem tempo e sem movimento natural); e finalmente: que nenhum corpo pode ser formado sem harmonia.*
4. *Espaço e lugar existem pois em favor do corpo; pois, visto que as mudanças do corpo ocorrem no espaço, o espaço impede que o corpo que muda seja aniquilado. Pela mudança o corpo passa de um estado a outro. É verdade que ele é, então, roubado*

de seu estado passageiro de existência, porém, não obstante, permanece um corpo composto. Uma vez mudado em outra coisa, possui o estado de existência dessa coisa. Assim o corpo fica sendo um corpo somente; o estado em que se encontra não conhece duração. O corpo muda, pois, apenas no tocante ao estado.

5. *Lugar e espaço são pois incorpóreos; e do mesmo modo tempo e movimento natural.*
6. *Cada um deles tem sua própria natureza. A natureza do lugar é a capacidade de acolher em si mesmo; a natureza do tempo é interrupção e atribuição; a natureza da harmonia é amizade; a natureza do corpo é mudança; a natureza da alma é meditar sobre a sua essência verídica.*
7. *O que é movido, é movido pela força motriz do Todo. Porque a natureza do Todo fornece ao Todo dois movimentos: um, em virtude de sua própria potência; outro, por seu poder ativo. O primeiro compenetra o mundo todo e o mantém coeso internamente; o segundo estimula sua extensão e envolve-o do exterior. Esses dois movimentos operam sempre associados em todas as coisas.*
8. *A natureza do Todo possibilita o devir de todas as coisas e lhes concede a faculdade do crescimento; de um lado, por fazê-lo semear sua própria semente, e, por outro lado, dando-lhe uma matéria em movimento. Esse movimento aquece a matéria, e a torna fogo e água; o fogo, cheio de poder e força, a água, o estado passivo; o fogo, que é inimigo da água, fez secar uma parte da água. Assim se formou a terra, que se move sobre a água; pela contínua secação da água, ela libertou vapor dos três: água, terra e fogo; assim nasceu o ar.*
9. *Esses elementos se misturaram segundo a lei da harmonia: calor com frio, seqidão com umidade. Com essa conjugação de*

todos os elementos nasceu um alento vital, e uma semente conforme com o alento vital envolvente. Se esse alento vital entrar uma vez na matriz, não fica inativo na semente. Muda a semente que, com essa mudança, cresce e aumenta. No processo de aumentar, a semente atrai algo como uma forma exterior, e se forma segundo ela. Essa forma, a seu turno, serve como veículo à própria figura. Assim, cada coisa recebe sua própria configuração.

10. *Visto que o alento de vida na matriz não recebeu movimento para viver, somente movimento para vigoroso crescimento, este último deu também, harmoniosamente existência ao movimento para viver, a fim de que nele a vida pensante pudesse ser recebida, vida esta que é indivisível e imutável, e nunca abandona sua imutabilidade.*
11. *A vida conduz, segundo os números, o que se encontra na matriz, ao nascimento, auxilia no processo do nascimento e faz exteriorizar-se o que tem nascimento. A alma mais próxima adapta-se a ela; não conforme a suas qualidades inatas, mas em virtude da decisão do fatum. Porque, segundo sua natureza, a alma de modo algum deseja estar com o corpo.*
12. *É somente por obediência ao fatum que a alma dá o movimento pensante ao ser que vem a nascer assim como à matéria mental da própria vida: porque a alma penetra no alento vital e opera nele, despertando vida.*
13. *A alma é um ser incorpóreo: porque do momento que ela possui um corpo, já não pode manter-se. Já que cada corpo precisa de uma existência, precisa da vida que tem a sua base na ordem.*
14. *Tudo o que nasce está sujeito a mudança: porque tudo o que nasce, nasce com determinadas dimensões. Porque enquanto vem a nascer, cresce; e todo o crescimento passa por decréscimo,*

por diminuição; e depois vem a dissolução, a desagregação.

15. *O nascido vive e está ligado à existência da alma, para participar da forma vital. Porém o que, por outro motivo, é causa da existência, este mesmo já existe de antemão.*
16. *Por existência compreendo: estar dotado de razão, e participar da vida pensante; é a alma que proporciona a vida pensante.*
17. *O que nasce, chama-se, por causa da vida, ser vivente racional, por causa do atributo do pensar; mortal, por causa do corpo. A alma é, pois, incorpórea, porque guarda sua força sem se debilitar. Como se poderia falar de ser vivente se não houvesse nada de essencial que dá a vida? Porém não se pode tampouco falar de ser racional sem que exista uma natureza pensante que providencie a vida pensante.*
18. *Por causa da composição do corpo, porém, o pensar não chega à harmonia em todos os homens. Porque, quando na composição, houver excesso de calor, o homem se torna leviano e excitado; havendo excesso de frio, torna-se pesado e inerte. É a natureza que ordena a composição dos corpos, em favor da harmonia.*
19. *Há três espécies de harmonia: segundo o calor, segundo o frio e segundo o meio termo. A natureza ordena conforme a estrela que domina na composição dos astros. A alma, que, segundo a predisposição do fatum, tem um corpo, aceita-o e dá vida a essa obra da natureza.*
20. *A natureza sintoniza, pois, a harmonia do corpo com a constelação dos astros; unifica os vários elementos, conforme a harmonia dos astros, para que haja concordância entre todos. Porque assim é a meta da harmonia dos astros, tudo sintonizar à ordenações do destino.*

21. *A alma é, pois, um ser perfeito em si mesmo, e no princípio escolheu para si uma vida conforme ao destino, e atraiu para si uma forma composta de força vital e desejo dinâmicos.*
22. *A força vital está a serviço da alma como matéria. Quando essa força vital criar um estado de ser conforme com a idéia da alma, ela se tomará coragem, e não se faz dominar pela covardia. O desejo também se oferece como matéria. Quando ele criar um estado de ser, conforme com as reflexões da alma, tornar-se-á sobriedade, e já não se deixará mover por sensualidade, pois a faculdade racional da alma preenche o que está faltando ao desejo.*
23. *Quando, todavia, força vital e desejo cooperar e criar o estado de ser bem equilibrado, e continuar a sintonizar-se com a faculdade racional da alma, tornar-se-ão uma disposição justa: pois o estado de ser bem equilibrado que criaram, corta o excesso de força vital e preenche, por outro lado, a deficiência do desejo.*
24. *O que os guia, então, é a faculdade do pensar, que, graças a sua própria racionalidade prudente, pertence a si mesma, tem poder sobre sua própria razão.*
25. *A essência da alma domina e guia como toda poderosa, como líder; e a razão que está nela, guia como conselheira.*
26. *A racionalidade prudente da essência da alma é, pois, aquele conhecimento dos pensamentos, que confere ao irrazoável, ao insensato, suposição da faculdade racional; suposição fraca e indistinta em comparação com essa faculdade, porém que, não obstante, é racional em comparação com o irracional; do mesmo modo, pois, como o eco se relaciona com a voz, e o clarão da lua com o sol.*
27. *Força vital e desejo são, pois, harmonizados por certa reflexão*

racional; mantêm-se em equilíbrio e atraem para dentro de si a marcha dos pensamentos racionais como um movimento sempre circulante.

28. *Cada alma é imortal e está sempre em movimento. Com efeito, como já dissemos no "discurso geral", os movimentos estão sendo ocasionados seja por forças, seja por corpos.*
29. *Em seguida dizemos que a alma consiste de outra essência que a matéria, porque a alma é incorpórea, e aquele de que proveio, é-o igualmente, pois tudo o que vem a ser nasce por necessidade de alguma outra coisa.*
30. *Todos os seres que nascem e em seguida são sujeitos ao aniquilamento, possuem, por necessidade, dois movimentos, a saber: o movimento da alma, pelo qual esses seres são movidos, e o movimento do corpo, que faz crescer e decrescer esses seres e os faz, por fim, dissolver. Deste modo, descrevo o movimento dos corpos perecíveis.*
31. *A alma está sempre em movimento, porque ela mesma é continuamente movida e transfere o movimento a outras coisas. Assim considerando, toda a alma é imortal e sempre em movimento, visto que está sendo movida em virtude da atividade de sua natureza inata.*
32. *Há almas divinas, humanas e irracionais. A alma divina é a força ativa de seu corpo divino. Porque nesse corpo se move e, por isso, leva-o ao movimento.*
33. *Quando se liberta dos mortais, ela, liberta do que nela não responde à razão, entra no corpo divino, dentro do qual, em movimento perpétuo, é juntamente levada através do Todo.*
34. *Também a alma humana possui algo do divino, mas, além*

disso, estão ligados a ela os aspectos irracionais, o desejo e a força vital. Esses aspectos são, sem dúvida, imortais, a tal ponto que eles mesmos são forças ativas; porém são forças de corpos mortais. Por isso esses aspectos estão muito afastados das partes divinas da alma, as quais residem no corpo divino.

35. A alma dos seres irracionais consiste de força vital e desejo. São eles chamados irracionais por serem destituídos do aspecto racional da alma.

36. Pensa, finalmente, em quarto lugar, na alma das coisas inanimadas, que, se bem que encontrando-se fora dos corpos, move-os com suas operações. Ela mesma apenas poderia ser movida num corpo divino, e então mover essas coisas, por assim dizer, de segunda mão.

37. A alma é, pois, um ser eterno dotado de mente, que tem sua própria razão como pensamento, e, unida a um corpo, atrai um modo de pensar da harmonia, porém que, uma vez liberta do corpo físico, pertence independente e livre ao mundo divino. A alma reina sobre sua própria razão, e dá ao que vem a viver um movimento conforme com seus pensamentos, movimento esse que se chama vida. Porque é próprio à alma dar algo de seu próprio ser a outrem.

38. Há, pois, duas espécies de vida e duas espécies de movimento. Um é o movimento da essência da alma, e outro, o do corpo natural: o último é geral, o primeiro é limitado à alma mesma. O da alma é autônomo, o outro, forçante, pois todo o movido fica sujeito à coação do que produz o movimento. Porém o movimento que move a alma está inseparavelmente ligado ao amor, que a conduz à realidade divina.

39. A alma, de fato, é incorpórea, visto que não faz parte do corpo

físico. Porque se a alma tivesse um corpo, não teria razão nem pensamentos, porque cada corpo é, ele mesmo, destituído de pensamentos. Ao contrário, um ser vivente deve seu alento de vida ao fato de fazer parte da essência da alma.

40. *O alento vital, o espírito, pertence ao corpo; a razão, à essência da alma. A razão tem como objeto de meditação o belo; percebendo pelos sentidos, o espírito distingue os fenômenos. Espelha-se nos órgãos de percepção, que, sendo partes dele, consistem de um espírito da faculdade de visão, um espírito da audição, um espírito do olfato, um espírito do paladar e um espírito do tato. Quando esse espírito vital, o alento vital do corpo se torna uma espécie de mente, percebe sensorialmente. Se não o fizer, somente imagina as coisas.*
41. *Porque pertence ao corpo e é receptível a tudo. A razão, pelo contrário, pertence ao aspecto mais essencial da alma, e julga com compreensão e entendimento. É também próprio à razão o conhecimento das coisas divinas, como ao espírito vital a imaginação. O espírito vital extrai sua força vital do mundo que o circunda; a alma retira sua força vital de si mesma.*
42. *Assim, há, pois, a essência da alma, a razão, os pensamentos e o entendimento ou a faculdade de compreender. A faculdade da imaginação e a percepção sensorial contribuem para o entendimento; a razão pertence à essência da alma; os pensamentos se formam através da razão, e confluem com o entendimento. Esses quatro, que se compenetraram mutuamente, tornaram-se uma só figura, a figura da alma.*
43. *Para o entendimento da alma, contribuem a faculdade da imaginação e a percepção sensorial. Essas, porém, não são constantes, porém dão uma vez demais, outra, pouco demais, ou diferem*

mutuamente. Tornam-se piores à medida que se encontram separadas do entendimento. Se, porém, seguem essa faculdade e obedecem-na, concordam, por meio das ciências, com a razão superior.

44. *Somos capazes de escolha, porque estamos em condições de escolher o melhor e, não obstante nós mesmos, também de escolher o mal. Porque a escolha que se liga ao mal, aproxima-se da natureza corpórea. Por isso o fatum reina sobre aquele que faz semelhante escolha. Como o ser pensante em nós, a razão superior, é autônomo, e sempre permanece idêntico a si mesmo, o fatum não tem poder sobre ele.*
45. *Quando, porém, o ser pensante se desvia do Logos-sempre-pensante, que é o Primeiro depois do Primeiro Deus, ele também é ligado ao plano inteiro que a natureza instituiu para o criado. Quando, pois, a alma uma vez se ligar com o criado, estará também ligada ao destino, se bem que não faça parte da natureza das coisas criadas.*

XXVIII

A Alma É!

Desejamos agora passar para o discurso do décimo-sexto livro de Hermes. Depois deste segue ainda o décimo-sétimo livro, o livro da verdade, e com isso teremos cumprido razoavelmente nossa tarefa: ofertar um comentário atual acerca da Arquignosis de Hermes Trismegisto à jovem Gnosis, com uma nova tradução do texto original. Talvez já saibais que os escritos conhecidos como *Corpus Hermeticum*, foram descobertos por volta do século XI. Colocamo-nos agora todos diante do conteúdo do décimo-sexto livro desse *Corpus Hermeticum*, o livro dirigido a Amon. “Amon” significa algo como “filho de Deus, criatura divina”. Não deveis pensar aqui em Jesus, o Senhor, porém no homem em sua forma genérica.

O homem é uma criatura, uma criação de Deus. Somos filhos de Deus, criaturas provenientes do plano divino. Na antiga doutrina universal egípcia, encontramos duas representações, que também se apresentam como dualidade, a saber, Khum e Amon. Ambos são representados com cabeça de carneiro, e por isso são freqüentemente confundidos. De Khum-Amon, Khum foi denominado “o modelador de homens” e Amon “o gerador”. Encontrais essa linha de pensamento em H. P. Blavatsky. É bom tentar aprofundar-nos aqui um pouco mais.

Sem dúvida, tendes conhecimento das muitas antigas representações do assim chamado ovo do mundo e dos nascidos do ovo, e de todas as especulações que foram oferecidas ao mundo, com toda a sua confusão. Segundo nossa concepção, sempre se pensou no ovo e na forma oval como representação do microcosmo, do ser aural, que, como o sabels, é oviforme, pois tudo o que vive como homem verdadeiro, tudo o que se deve manifestar segundo o plano de Deus,

deve elevar-se do microcosmo para a vida. Por isso, somos e sempre permaneceremos: nascidos do Ovo, isto é, provenientes do microcosmo.

A antiga concepção egípcia não é, portanto, tão estranha, e não perdeu ainda nada de sua verdade e força. A aparição do homem como microcosmo deve ser indicada como um tipo de criação primordial. Todas as possibilidades humanas, tudo aquilo para o que um dia o homem estará capacitado, deve provir desse microcosmo. O autor dessa criação primordial foi chamado Khum, isto é, o Maior. Desse Maior, desse microcosmo, desse ovo, deve agora surgir o homem verdadeiro e oculto, Amon, que contudo foi e é inteiramente uno com Khum, e que portanto é chamado Khum-Amon: o Maior, que envolve o oculto, cuja manifestação provém do Ancião¹. Fala-se de "concepções pagãs"! Entretanto, quão universal e verdadeira se prova essa idéia! Em realidade, o inteiro *Corpus Hermeticum* é uma doutrina, uma filosofia, uma manifestação de salvação, um método para libertar, da única maneira correta, o oculto, portanto o "Amon" do microcosmo, e alertar seriamente quanto a tudo o que se desvia da verdadeira manifestação.

Hermes mesmo é o libertado. Ele é o três vezes grande; ele é o microcosmo, o homem oculto, o oculto inexaurível, e ele é o manifestado, o três vezes grande.

Hermes se dirige a Amon neste décimo-sexto livro, ele se dirige àquilo que está encerrado no microcosmo e que tenta manifestar-se, sim, àquilo que é obrigado a se manifestar. E ele fala sobre a alma, à quem cresceu apenas parcialmente, portanto, a vós. Sabemos que se encontra encerrado no microcosmo um princípio animador. Assim que o homem-alma surgir no microcosmo, o outro aspecto poderá também vir à existência, o homem-personalidade, que, verdadeira-

1 O Ancião ou o Primordial — Ver não há Espaço Vazio, de Jan van Rijckenborgh, cap. VII, pág. 47, edição 1984.

mente uno com a alma e o microcosmo, poderá ser igualmente um três vezes grande nesta unidade.

O grande problema desse devir é que o princípio animador do homem oculto é inteiramente imaterial, enquanto que o do homem-personalidade deve ser uma expressão material do imaterial. Aí, entra a mui séria dificuldade em que uma situação de conflito nasce entre o princípio animador e o homem-personalidade, pois o homem-personalidade não é nenhum reator automático de operação, que somente pode manifestar o que o princípio anímico prescreve. Não, o homem-personalidade possui, para poder ser um verdadeiro homem, em sua parte da manifestação trinitária, um corpo próprio, uma força vital própria, um impulso próprio para a manifestação, assim como cada átomo tem uma vida própria. O grande mistério do homem oculto, Amon, deve ser a colaboração mútua de todos os seus aspectos em livre vontade, em amor e em completa compreensão.

No que diz respeito a vós e a vossos companheiros nascidos da natureza, vós e vossos antepassados no microcosmo já criaram o conflito. O princípio anímico e vós, como personalidade, estais, por isso, mutuamente afastados; vós como homens materiais sois, por conseguinte, muito cristalizados. Por isso, deveis, depois de ter visto esses erros, primeiro voltar ao ponto de partida. Deveis estabelecer o vínculo entre vós e o princípio anímico. Quando o estabelecimento dessa ligação se realiza, então aquilo que proveio do erro deve ser modificado. Denominamos essa mudança transfiguração. E então podemos com isso começar a trazer à manifestação o redesperto homem oculto, Amon.

Quando isso se realiza da maneira correta, já não desejamos incorrer no antigo erro; então devemos primeiramente, alcançar um conhecimento límpido e um saber claro; em segundo lugar, uma fé pura em sintonia com isso e, em terceiro, uma nova e constante atitude de vida. Suponhamos que vós, que vos denominais alunos da jovem Gnosis, encontráis-vos em meio a esse processo de restabelecimento e manifestação; então o conteúdo do décimo-sexto livro do Corpus Hermeticum será de grande significado para vós, pois ele vos fornece esclarecimentos concretos preciosíssimos. Aprofundemo-nos então aqui.

Hermes inicia com a verificação de que a alma é um ser incorpóreo,

mesmo quando ela ingressa na personalidade, no corpo. A alma guarda sua própria essência em todas as circunstâncias. No que diz respeito a essa essência, ela é imutável; porém ela possui um poder muito forte, radiante.

A alma portanto não vem a ser, ela é, pois existe antes mesmo que quaisquer forças entrem em atividade.

Quando ela se move, por exemplo, no corpo, então não ocorre aí algo como um desenvolvimento ou crescimento; não, ela é! Ela é, diz Hermes, antes de qualquer outra criação. Em outras palavras, quando, em seu conjunto, vemos a alma, a personalidade e o corpo como o homem oculto, então a alma já é aí uma faculdade divina perfeita. A alma já vive inteiramente na perfeição. Por isso dizemos: *ela é!*

Assim, a alma não precisa, de modo algum, da personalidade; ela vive, de certo modo, sua própria vida. Mas, o homem-personalidade necessita muito da alma, a saber, a faculdade auxiliadora, animadora e dinamicamente irradiante da alma, a fim de se tornar e ser verdadeiramente o que está reservado para ele no oculto.

Por que então se diz tão freqüentemente que a alma suporta dores? É a dor do amor, que deseja consagrar-se ao grande plano. Embora a alma leve uma vida própria, o grande objetivo determina que microcosmo, alma e personalidade, tal como Hermes, nasçam para tornar-se um três vezes grande.

Ainda pode-se perguntar: qual a utilidade, qual o objetivo, qual seria então a tarefa do homem-personalidade nessa trindade? O homem-personalidade é um instrumento completo no grande campo de criação da onimanifestação. Uma tarefa concreta e diretamente demonstrável serve de base ao homem-personalidade, e uma tarefa, ainda oculta, que está em desenvolvimento, continua de força em força, de manifestação em manifestação, de magnificência em magnificência. Caso a personalidade deseje cumprir essa tarefa, segundo seu objetivo, ela deverá permanecer na onifluência, no movimento harmonioso dos opostos. Ela deve seguir de perto todas as mudanças, adaptar-se a elas para poder, sempre de novo e sempre de forma diferente, fazer com que a grande obra de Deus se manifeste. O homem-personalidade certamente terá sucesso com isso, pois possui um parentesco inato com a alma.

XXIX

Força e Movimento

Aprofundemo-nos um pouco mais no devir do homem oculto, Amon. No décimo-sexto livro, Hermes demonstra que antes que o homem oculto possa surgir do microcosmo em plena beleza, segundo a alma e o corpo, em primeiro lugar deve estar presente uma criação, a fim de trazer a criatura à existência. Em outras palavras, deve existir um cosmo para que o microcosmo possa manifestar-se, um macrocosmo para poder sustentar o cosmo. Por trás do macrocosmo atua aquilo que Hermes denomina natureza.

A natureza se diferencia novamente em dois aspectos: força e movimento. Um aspecto, a força, a própria potência, atravessa todo o mundo e se conserva em seu interior. O outro aspecto, o movimento, faz com que o mundo se expanda devido a seu poder ativo e o mantém envolto exteriormente. Ambos os movimentos aparecem sempre juntos em tudo e realizam, dessa forma, o grande plano, pois mediante a própria força interior e a ação amplificadora do movimento realiza-se um processo alquímico. A força e o movimento provocam, em cooperação, o calor, e por meio do calor nasce o fogo.

Sabeis que o oceano ilimitado da substância primordial é indicado como água, como água viva. Quando o fogo é inflamado pela força e pelo movimento e a água é tocada, nasce uma materialização, uma calcificação da água. Assim, num dado instante, a terra surge sobre as águas. A partir da força e do movimento, foram formados a água, o fogo e a terra.

Na continuação do processo do equilíbrio evolutivo do fogo, água

e terra, a umidade foi liberada e nasceu o ar, a atmosfera. Nessa atmosfera manifesta-se agora o alento de vida.

Por que Hermes fala aqui do processo de criação que conhecemos parcialmente? Porque esse processo se repete continuamente. Nós, nascidos da natureza, somos continuamente mantidos em movimento. Tudo o que está a nossa volta está em movimento. Simultaneamente, uma força nos ataca do imo.

Suponde que essa força interior, a força da alma, seja a força-luz da Gnosis, e que o movimento do curso de vossa vida esteja inteiramente em sintonia com a nova atitude de vida. Então, vossa atitude de vida, que reage com a força interior e com ela coopera, evoca um calor, atíça uma flama ígnea, e dessa maneira forma, mediante a transfiguração, outro estado veicular, outro estado de ser. Além disso, uma nova faculdade irradiante, uma nova atmosfera vital se propaga, em que o Espírito desce, de que o Espírito participa. Então, realiza-se um novo estado de vida como resultado de um processo de criação alquímica. Esse processo do devir e novamente devir, de início e aperfeiçoamento contínuos, realiza-se milhões de vezes no universo. Dessa forma, todas as coisas vêm à existência no tempo e no espaço por meio da força e do movimento. Por intermédio da força e do movimento modificam-se sempre, e assim prosseguem num caminho de perfeição, até um objetivo estabelecido. Quando o homem oculto, Amon, é despertado para a vida e recebe o Espírito, ele vive e partilha seu ser por intermédio de sua alma, que produz a força e o movimento. Contudo, sem a alma, ele não seria transformado. Por isso, o versículo 15 diz com razão que a causa da existência, a saber, a alma, já existe previamente.

Assim, cada criação poderia realizar-se de forma imutável, absolutamente lógica e perfeita. Todavia, surge agora uma dificuldade: desde o primeiro momento da criação, a alma não pode e não estará em sintonia com a criatura, pois a alma, assim dissemos, é perfeita e imutável, enquanto que o corpo da personalidade deve ser continuamente sujeito à mutabilidade.

Uma segunda dificuldade é o fato de que a personalidade deve formar-se segundo a força e o movimento que são próprios do cosmo, em que o microcosmo se encontra, pois nossa natureza atua sempre em sintonia com o estado de nossa terra e com a posição das estrelas. Além disso, pode-se falar do grande conflito entre alma e personalidade, pois, existe uma força e um movimento, provocados pela alma, e existe uma força e um movimento provocados pelo cosmo. Esse conflito somente poderá chegar a um termo quando nosso nascimento natural em sintonia com as estrelas, com o cosmo, chegar a seu fim. Somente então se poderá falar de uma amizade entre alma e personalidade, e o homem oculto, Amon, poderá elevar-se do túmulo.

A via sacrificial da verdadeira alma é, dessa forma, certamente colocada na luz correta. A alma liga-se, a princípio, com uma vida, que se encontra inteiramente nas garras do *fatum* de sua natureza e atrai para si, simultaneamente, toda a ira e todo o desejo que estão nesta natureza. Nasce então um duelo, em que a alma sempre sairá vitoriosa, não importando o tempo que este possa durar.

As duas qualidades funestas de nosso estado de nascidos da natureza são a força ou o instinto vital e o desejo. Eles são a consequência do ânimo, do qual falamos em um dos capítulos anteriores, e do hormônio tímico, sintonizado com o ânimo, ativo na cabeça e na pélvis. Todavia, quando o aluno se rendeu à alma, ele deve sempre submeter-se ao conselho ou à razão da alma, como diz Hermes. Daí nasce sempre a harmonia, que significa, portanto, ação correta. A abundância de força vital é então moderada e, aquilo que falta ao desejo é respectivamente suprido por meio da faculdade racional da alma.

A força ou instinto vital e o desejo ou ânsia são, como o sabeis por experiência, faculdades de reação do sistema. O instinto é uma reação volitiva, assim como o desejo. Contudo, as reações ou faculdades volitivas não necessitariam nunca elevar-se acima ou fora do controle da consciência. Quando perdeis a razão, isto é provocado pelo envenenamento do sangue e do éter nervoso. O sangue e o éter nervoso reagem diretamente sobre o hormônio tímico, que é estimu-

lado pelo vosso ânimo. Assim que nosso ânimo se sintoniza com a alma, sobrevém a calma no ser.

Por isso; assim diz Hermes, a força vital e o desejo se tornam finalmente em um ânimo correto; pois o estado de ser bem equilibrado que criaram, corta o excesso de força vital e preenche, por outro lado, a deficiência do desejo.

Possa isso tudo esclarecer-nos uma vez mais e demonstrar o quanto todos nós carecemos da direção e da colaboração da alma. Amon, o homem oculto, não pode entrar na vida sem a alma. E o fato de que a alma encontra-se conosco no microcosmo deve ser para nós todos um estímulo para fazermos tudo o que é necessário e deixarmos tudo o que é errado, a fim de ligar-nos o mais depressa possível com esse estado de alma.

A alma provém de Deus. Não se pode dizer o mesmo da personalidade. Acerca dela pode-se dizer, no máximo, que ela possui algo do divino. Isso é claro, pois a matéria vivente pertence definitivamente à criação divina. Porém,

também a alma humana possui algo do divino, mas, além disso, estão ligados a ela os aspectos irracionais, o desejo e a força vital.

Pois enquanto a natureza da morte existir, existirão o impulso vital e o desejo inferior, porque são produtos e qualidades de corpos mortais.

O instinto e o desejo são as forças contrárias da alma, pois mais uma vez: o que são instintos e desejos? São impulsos volitivos e emocionais respectivamente. Porém qual será o impulso primordial do homem oculto, Amon?

Manifestar a força divina; trazer à existência o grande plano, em que se fundamenta o homem oculto. E o que é a ânsia primordial do homem oculto? Abordar a realização do grande plano, executá-lo tão rapidamente quanto possível e compreender a realidade.

Assim, demonstra-se que o instinto e a ânsia são a mutilação e a degeneração das forças primordiais da natureza, a saber, a força e o

movimento de que falamos. Força e movimento somente funcionarão corretamente de novo quando estiverdes unificados em harmonia com a alma. Caso contrário, as forças opositoras de força e movimento, a saber, o instinto e o desejo vos possuirão sempre. Assim, a fúria dos excessos do instinto e do desejo e suas conseqüências na vida demonstram que o homem é um deus oculto, emaranhado, cativo em estupidez e ignorância e, por isso, separado do ser divino mesmo.

XXX

A chave para a Solução de todos os Problemas

Se existe algum escrito hermético cujo conteúdo coloque um buscador diante da grande realidade da vida fenomenal, esse é o décimo-sexto livro, pois, como ele nos demonstra claramente, há muitas forças ativas em todos os corpos que se manifestam na natureza. Infelizmente, essas são atividades de corpos mortais e exatamente por isso, estão separadas do verdadeiro devir divino.

Em geral, a humanidade sofre profundamente as conseqüências da vida não-divina. Seus esforços para escapar desse destino são sérios, inumeráveis e extremamente dramáticos, pois ela, em sua atual condição, não conhece a única chave para a solução de seus problemas, embora realmente a possua! Uma modificação ocorrerá na vida do homem tão logo ele se dirija e se confie à alma, pois assim que ela entra em um corpo mortal, suas forças ativas impelem o homem a avançar novamente em seu curso de desenvolvimento.

O homem sem a verdadeira força anímica é semelhante a um animal irracional. Ele não possui nada além de força vital e desejo; força que ele não pode controlar e desejos que o impelem em seu caminho da vida. Assim que a alma toma a direção da vida, o instinto e o desejo se convertem respectivamente em força e movimento que impelem o homem oculto, Amon, ao nascimento. Deveis aprender,

como Hermes diz no versículo 37: *Que a alma é um ser eterno, dotado de inteligência.*

Ela está sempre no microcosmo, ligada imutavelmente ao Espírito, a Deus. Quando está separada do corpo natural, ela pertence de modo autônomo e livre ao mundo divino. Porém, ela mantém sempre uma ligação com o corpo nascido da natureza, de modo que sempre haverá um caminho para poder realizar de imediato a verdadeira unidade de vida entre a alma e o corpo quando o nascido da natureza retroceder em seu caminho e adquirir bom senso.

Essa possibilidade é denominada, na linguagem hermética, alma-espírito. Nós falamos do átomo original ou da rosa do coração. Quando vós, como nascidos da natureza, trilhades o caminho da nova atitude de vida no qual e pelo qual o botão-de-rosa pode desabrochar-se, então as qualidades da alma se manifestarão inteiramente. *Pois é próprio à alma dar algo de seu próprio ser a outrem,* diz Hermes.

Assim, existem duas vidas no microcosmo: a da alma e a natural. É notável, verifica Hermes, que essa vida mesma, nobre, sublime da alma, exista em todos os microcosmos enquanto, paralelamente, nesse mesmo microcosmo, uma vida natural, que não possui a mínima sintonia com a outra, manifeste-se e seja vivificada. Isso não acontece com muitos homens? Não é essa uma situação monstruosa? O divino e o mais indigno encerrados juntos em um microcosmo?

Hermes acaba também com a lenda dos assim chamados defeitos psíquicos, no sentido de que uma alma estaria doente e, por isso, poderia ocasionar os muitos comportamentos graves e tão inconvenientes do homem. Hermes diz:

A alma é realmente incorpórea, pois ela não é parte do corpo físico. Se a alma possuísse um corpo, ela não teria nem razão nem pensamentos.

Quando ouvirdes isso, ficareis muito assustados. “Então a alma não possui uma razão superior?”, perguntareis. Certamente, a alma possui, em realidade, uma razão divina superior e, por isso, uma facul-

dade mental. Contudo, o homem corpóreo é totalmente desprovido de razão e faculdade mental, diz Hermes. Devem existir inúmeros em nosso mundo atual que certamente não concordam com Hermes. Sabemos que na filosofia hermética a capacidade cerebral corpórea e a atividade cerebral não podem nunca ser chamadas de "razão". Hermes denomina o homem corpóreo, sem proteção anímica, "irracional". Isto é, na prática, o que acontece em realidade, pois os resultados da vida do homem e da sociedade nos tornam isso assustadoramente claros. A filosofia moderna da Rosacruz demonstra-nos, como o sabeis, que o homem corpóreo apenas é impelido à razão e ao entendimento, quando a alma penetra o santuário da cabeça. Somente então, nasce a verdadeira faculdade mental.

Desejamos, como conclusão e resumo do que foi dito, alcançar um entendimento profundo da verdade do versículo 44 do décimo-sexto livro de Hermes:

Somos capazes de escolha: porque estamos em condições de escolher o melhor e, não obstante, nós mesmos, também de escolher o mal. Porque a escolha que se liga ao mal, aproxima-se da natureza corpórea. Por isso, o fatum reina sobre aquele que faz semelhante escolha.

A alma está bem próxima, em nosso microcosmo! Cada um de nós pode unir-se a esse verdadeiro eu superior em obediência e auto-renúncia. Caso contrário... o fatum da natureza da morte reinará sobre nossa vida. Parece-nos que a escolha não será difícil.

Décimo-sétimo Livro

Hermes a Tat: sobre a Verdade

- 1. Hermes: Não é possível, ó Tat, que um homem, ser imperfeito, que consiste de membros imperfeitos, e quanto a seu envoltório está composto de numerosos corpos estranhos, possa atrever-se a falar sobre a verdade. Porém, o que é possível e justo dizer, isto digo: a saber, que há somente verdade em corpos eternos, cujos elementos são também todos verdadeiros: fogo, que uma vez por todas é fogo, e nada mais; terra, que uma vez por todas é terra, e nada mais; ar, que uma vez por todas é ar, e nada mais; água, que uma vez por todas é água, e nada mais.*
- 2. Nossos corpos, pelo contrário, são compostos de todos esses elementos em conjunto: porque eles contêm fogo e também terra e em seguida água e ar, porém não obstante não são fogo, nem terra, nem água, nem ar, nem qualquer outra coisa que seja verdade.*
- 3. Se, pois, nossa constituição corpórea desde o princípio não recebeu a verdade em si, como poderá ela, então, ver ou expressar a verdade? Ela somente poderá concebê-la se Deus o quiser.*
- 4. Todas as coisas que são da terra, ó Tat, não são, pois, verdade senão imitações da verdade; e não mesmo todas, porém so-*

mente pequeno número delas. O resto é mentira, engano, ó Tat; o erro apenas consistente de aparência, imagens ilusórias. Quando, porém, a aparência recebe um influxo do alto, ela se torna uma imitação da verdade; sem a força do alto ela permanece, todavia, uma mentira, uma inverdade. A mesma coisa se dá com um quadro em que um corpo é representado: não é um corpo que conforme com a representação do que se vê. Vê-se olhos que não vêem; outras partes se mostram no quadro; porém tudo é aparência que engana a visão dos observadores, que pensam ver a verdade, enquanto em realidade é apenas mentira.

5. *Quando, porém, se vê algo que não seja mentira, se vê a verdade. Se, pois, vemos todas essas coisas ou as compreendemos tal como são em realidade, vemos e compreendemos coisas verdadeiras; se são outra coisa, não compreenderemos nem saberemos nada de verídico.*
6. *Tat: Há, pois, também verdade sobre a terra, Pai?*
7. *Hermes: Enganas-te, meu filho. Não existe, decididamente, verdade sobre a terra, nem pode vir a existir. Pode, todavia, ocorrer que alguns homens, se Deus lhes der o poder de vê-la, a vejam.*
8. *Tat: Não há, pois, nada de verdade sobre a terra?*
9. *Hermes: Penso e digo: "Tudo é aparência e ilusão!" São essas as coisas verídicas que penso e digo.*
10. *Tat: Mas não se deve, então, chamar verdade o fato de pensar ou dizer coisas verídicas?*
11. *Hermes: Como poderia ser assim?! Deve-se pensar e dizer como é: "Não há nada de verídico sobre a terra". Isto é verdade, que*

aqui em baixo não há nada de verdade. Como poderia ser de outro modo, meu filho? A verdade é a magnificência perfeita, o absoluto Bem, que não é maculada pela matéria nem revestida por um corpo. A verdade é o Bem desnudo, radiante, inatacável, sublime, imutável.

12. *Porém vê, meu filho, quanto as coisas daqui de baixo são incapazes de receber esse Bem, porque são perecíveis, sujeitas ao sofrimento, dissolúveis, móveis, sempre mutáveis, e passam de uma forma para outra. Como poderiam essas coisas, que em si mesmas não são verídicas, ser verdade? Porque tudo o que muda é mentira, pois não permanece em sua essência, porém passa de uma forma para outra, e assim nos mostra continuamente novas formas de aparência.*

13. *Tat: O homem mesmo não é verdade, Pai?*

14. *Hermes: Como homem não é, meu filho. Pois a verdade é o que tem sua composição de si mesmo, e por si mesmo fica como é; o homem, porém, é composto de uma multidão de elementos e não continua o que é. Pelo contrário, muda-se e transforma-se de uma idade a outra, e de uma figura a outra, enquanto ainda se encontra em seu envoltório. Muitos pais, após curto intervalo, não reconheceram seus filhos, e do mesmo modo filhos não reconheceram seus pais.*

15. *Pode um ser que tanto muda a ponto de já não ser reconhecível, ser verídico, Tat? Não é justamente inverídico, porque através de suas mudanças passa por tantas diferentes formas de aparência? Compreende, por isso, que apenas é verdadeiro o que é permanente e eterno. O homem não é eterno. Conseqüentemente, não é verdadeiro. O homem é uma figura ilusória, e como tal altamente inverídico.*

16. *Tat: Porém, Pai, os corpos eternos que mudam não são*

tampouco verídicos?

17. *Hermes: Nada que é gerado e sujeito à mudança é verídico. Porém visto que esses corpos foram gerados pelo Primeiro Pai, é possível que a matéria que os compõe seja verdadeira. Esses corpos também levam inverdades em si por causa de suas mudanças, pois nada que não permaneça idêntico a si mesmo é verdadeiro.*
18. *Tat: Porém, Pai, o que se pode chamar de verdadeiro?*
19. *Hermes: Somente o Sol¹ pode chamar-se verdade! Porque, enquanto tudo muda, o Sol não muda, porém fica idêntico a si mesmo. Por isso apenas ele está encarregado de dar forma a tudo no mundo, de dominar sobre tudo e de gerar tudo: a ele adoro, e honro a verdade de seu ser; depois do Único e Primeiro, reconheço-o como o Demiurgo, o construtor do mundo.*
20. *Tat: O que podes dizer que é a Primeira verdade, Pai?*
21. *Hermes: O Uno-e-único, ó Tat, aquele que não é feito da matéria, aquele que não está num corpo, que não tem cor nem figura, que não muda nem é mudado, aquele que sempre é. Ao contrário, tudo o que é inverdade é deteriorável. A providência do vero mantém tudo o que é sobre a terra na corruptibilidade, mantém-no envolvido nela e sempre fará isso. Porque sem corruptibilidade não poderá haver mais geração. Cada geração é seguida de corruptibilidade, a fim de que novas criaturas venham a nascer. Tudo o que nasce, nasce por necessidade do corruptível; e o que nasce deve, por necessidade, corromper-se, a fim de que não*

1 Vulcano.

haja interrupção na produção de seres. Reconheço isto como a primeira causa ativa para a geração dos seres. Por isso os que nascem da corruptibilidade apenas podem ser inverdade, porque nascem uma vez assim, outra vez diferentemente. Porque é impossível que renasçam exatamente os mesmos. Como poderia, pois, o que não é renascido idêntico, ser verdadeiro? Deve-se, então, chamar esses seres de ilusórios, se se quiser indicá-los de modo justo; o homem, um homem ilusório; a criança, uma criança ilusória; o jovem, um jovem ilusório; o adulto, um adulto ilusório; o idoso, um idoso ilusório. Porque o homem não é verdadeiro homem; a criança não é verdadeira criança; o jovem não é verdadeiro jovem; o adulto não é verdadeiro adulto; o idoso não é verdadeiro idoso, pois, desde que as coisas mudem, mentem, tanto as coisas que passaram, como as que acabam de vir a ser. Porém, não obstante, meu filho, compreende bem: mesmo essas atividades inverídicas aqui em baixo dependem do alto, da verdade mesma. E, assim sendo, declaro que a aparência é obra da verdade.

XXXII

A Verdade sempre Vence

Segundo o que sabemos, não é por acaso que os livros que nos foram transmitidos por Hermes terminem com o Livro da Verdade, pois a filosofia hermética trata, primeira e derradeiramente, da verdade, da única e absoluta verdade.

Para entender bem o que Hermes quer dizer com a palavra verdade, deve-se verificar que ele não dirige sua atenção para um pensamento religioso, para um sistema filosófico ou para outra forma fenomenal manifestada, pois Hermes não atribui, como veremos, nenhuma verdade a essa forma. Do ponto de vista hermético, a verdade é onibarcante, Deus mesmo, o Imutável. Ele é aquele que compreende o universo dos fenômenos, e como o Imutável, conduz, com seu Espírito Sétuplo, a criação universal. Essa é a razão pela qual a Doutrina Universal fala também a respeito das sete verdades. São os sete raios que dimanam de Deus, do Espírito. Assim pode-se comprovar, com uma boa base, que no espaço ilimitado da onimanifestação não pode existir nenhuma verdade absoluta. A verdade reflete-se realmente nos fenômenos universais e em todas as coisas, contudo, esses não são ainda a verdade.

A verdade é a magnificência perfeita, o Bem absoluto, que não é maculado pela matéria nem revestido por um corpo. A verdade é o Bem desnudo, radiante, inatacável, sublime, imutável.

No espaço da manifestação universal, tudo está sempre a se modificar um vai, outro vem, e quando vem, o ciclo da transformação se fecha. A constante mutação é absolutamente inverídica em relação à imutabilidade. Por isso, Hermes afirma que a verdade somente pode habitar corpos eternos, que em perfeição corporificam a verdade.

Assim, existe uma clara separação entre a verdade absoluta e a inverdade. Com inverdade não devemos pensar em mentira, em distorção proposital da razão divina, porém, em tudo e todos os que permanecem na mutabilidade, no movimento dos opostos e no movimento das evoluções.

A verdade é o absoluto. A inverdade é aquilo que se encontra em desenvolvimento, aquilo que ainda não pertence à verdade. Se chamamos de verdade, aquilo que ainda se encontra em desenvolvimento, então detemos, perturbamos e obstaculizamos o desenvolvimento. Estabelece-se assim uma cristalização, e a inverdade fundamental torna-se inverídica, no sentido de mentirosa e não-divina. A verdade impelirá, se for o caso, a inverdade fundamental ao estado supremo da verdade. Por isso, a verdade sempre se manifestará, para que a inverdade fundamental se eleve processualmente até ela.

Aí se oculta um consolo muito grande, pois a verdade jamais pode ser aniquilada. A verdade é uma radiação sétupla, que dimana do absoluto, que se deve manifestar e se manifestará, a fim de fomentar o único grande objetivo da criação e conduzi-lo a bom termo. A radiação da verdade, repetimos, jamais pode ser aniquilada. Quem resiste a essa lei oniabarcante está sempre cavando seu próprio túmulo. Para perceber isso, deveis apenas atentar para a história e para os métodos dos processos vitais. Colocai diante de vós a questão: que meios a verdade emprega para encontrar acesso e evocar uma reação positiva como resposta?

Primeiro, mantendo a inverdade fundamental sempre em movimento e, por conseguinte, em mutação. Por isso, as coisas e os fenômenos vão e vêm; por isso, existe nascimento e morte, formação, crescimento e declínio. Porém, esse toque da verdade não é suficiente. Ele apenas impede, por certo tempo, que a inverdade fundamental se atole em alguma forma de cristalização, que seja imutável e, por

isso, uma "verdade" extremamente indesejável. Visto desse modo, a própria natureza da morte deve ser considerada uma grande bênção. Em segundo lugar, a verdade deve fazer-se conhecer para alcançar seu objetivo. Isso é possível, pois a "inverdade" fundamental vive, portanto, está dotada de um poder de reação. Logo, uma realização contínua e lógica deve nascer por meio da ação correta, proveniente das sugestões da verdade.

Atentai, pois, para o fato de que existem dois meios que são empregados pela verdade, em relação à inverdade fundamental:

1. manter em movimento a inverdade ainda fundamental e
2. divulgar a verdade.

Pela consolidação desses dois meios em manifestação, tudo o que se encontra imerso no plano divino, deve suceder sem obstáculos. Agora deveis atentar para dois outros fenômenos.

Primeiramente, a auto-afirmação, a auto-realização, inata a cada criatura. Não haveria possibilidade de se levantar a menor objeção contra o impulso auto-realizador, caso toda a organização da Igreja, Estado e sociedade estivesse perfeitamente sintonizada na verdade afluyente, na verdade auto-revelada. Pelo contrário! Pois a verdade auto-revelada mostraria a todos o caminho para alcançar o objetivo único, com auxílio do impulso motor inato à auto-realização.

Em segundo lugar, fala-se da assim chamada "luta no céu". Existem forças ativas no universo e no campo planetário que procuram sempre obstaculizar o movimento dos opostos e existem forças ativas que impedem a verdade de se revelar.

Pode-se, com grande admiração, perguntar como é possível resistir tanto à verdade, pois isso é, em primeiro lugar, inútil e, em segundo, significa o agravamento do sofrimento da humanidade.

Se vos questionardes assim, tão filosófico-objetivamente, recuperar-vos-eis de vosso espanto, quando souberdes que cada criatura será e poderá ser sacrificada de forma bem fácil, rápida e com maior freqüência por meio daquilo que denominamos ilusão. A ilusão nasce mediante a consciência-eu animal. Um pensamento, uma idéia clara

se desenvolve quando percebeis a verdade, quando ela vos dá uma sugestão. Se esse pensamento for puro, integral e nobre, ele estará e permanecerá ligado à única verdade; então tudo estará bem.

Contudo, muitas vezes vosso pensamento não permanece puro, devido ao acolhimento incorreto e muito incompleto da verdade. Então, vosso pensamento separa-se das forças da verdade e se torna uma ilusão, ele é um estorvo para a consciência, o qual deve agir de modo que as conseqüências se manifestem. Quando possuíis certo conhecimento que está estabelecido em vós, astral e eletromagneticamente, ninguém e nada vos pode tirar esse conhecimento e apenas a experiência poderá ensinar-vos.

Além disso, a ilusão é extremamente contagiosa, ela age como epidemia, pois ela é uma influência astral. E como o campo astral é nosso campo de vida, nosso campo de respiração, nosso campo celeste, pode-se ver a expressão "luta no céu" como um processo natural. Por isso, Hermes diz no versículo 4:

Quando, porém, a aparência recebe um influxo do alto, ela se torna uma imitação da verdade; sem a força do alto ela permanece, todavia, uma mentira, uma inverdade.

Portanto, uma pessoa pode envenenar todo o seu ambiente a partir de uma ilusão inflamada astralmente e com esse veneno corromper outros, fazer pactos, promulgar leis, expedir decretos, e forçar outros a se enredar nisso. A conseqüência deve ser um agravamento dos opostos, um desenrolar dramático do processo de vida. Porém como poderia ser diferente no desenvolvimento de uma tremenda loucura como essa? Essa vida ilusória pode tomar muitas vezes um caráter totalmente diferente e se degenerar numa luta muito desesperadora para manter aquilo que é inverídico a todo custo, ou, repentinamente abandonar aquilo que durante eões foi preservado como sendo a suprema verdade. Pode-se esperar tudo daquilo que é mentira fundamental.

Assim, vemos duas possibilidades: um curso de desenvolvimento

daquilo que fundamentalmente ainda é inverdade até a verdade perfeita; ou um curso de desenvolvimento da mentira fundamental, mediante a ilusão, até um completo ocaso, por meio da experiência amarga, para, então, de novo ser acolhido na inverdade fundamental. É claro que nesse curso de desenvolvimento da loucura, uma inimizade violenta é nutrida contra tudo e todos os que seguem outros cursos de desenvolvimento. A reação negativa ao sexto raio provoca tal comportamento. A ilusão consagra-se inabalavelmente a sua ilusão: é a obsessão astral, que a torna sempre inabalável.

Porém, atentai para o fato de que a verdade jamais pode ser aniquilada, porque ela é livre e independente da criação e criatura! Assim vemos em toda a história como a ilusão e seu culto luta contra a verdade e como ela sempre perdeu e perderá essa luta. O mundo e a humanidade foram e são castigados, de tempos a tempos, pelas conseqüências da ilusão. Todavia, isso tudo não é nada, comparado à magnificência que vos espera, quando neutralizais a ilusão, que também vos mantém aprisionados, mediante absoluta ausência de luta.

XXXIII

Hermes, o Três vezes Grande

Desde os tempos mais remotos da existência humana no período ariano, há lendas e relatos meio obscuros sobre Hermes. As informações nos vêm de lugares muito diversos e de fontes bem diferentes. Quando considerado superficialmente, esse fato deve parecer muito estranho ao buscador; pois, ele suscita a impressão de que teriam existido muitos Hermes. "Isso é impossível", assim se pensa, "se Hermes Trismegisto existiu, então pode ter existido apenas um".

Além disso, é confuso o fato de que Hermes, em todos esses relatos, aparece uma vez como sacerdote, outra como rei e, às vezes, tão-somente como um sábio. Frequentemente, seu nome é identificado com o Deus egípcio Thot. Também se lhe vincula certo reino no Egito, enquanto que, longe do Egito, indicam-no como rei de determinado país. Toda a confusão daí resultante pode ser imediatamente esclarecida, quando compreendemos que Hermes, o Hermes da antigüidade, pertencia a uma classe de seres sublimes que, no sentido mais perfeito, podem ser indicados como filhos de Deus.

Os filhos de Deus fazem parte da única raça universal do estado anímico absolutamente vivente. Frequentemente vos é dito que o homem-alma desenvolvido une-se a todos. Tal homem alcançou a unidade com Deus, com todos os seus irmãos e irmãs. No tocante a esses filhos de Deus, apenas se pode falar de uma raça.

A Doutrina Universal diz que as entidades pertencentes a nossa onda de vida humana devem realizar sua peregrinação ao longo da

senda das 16 raças. A primeira dessas raças manifestou-se no final da era lemuriana. Nessa primeira raça, após o período lunar, o homem tornou-se consciente de sua existência pela primeira vez. Existiram sete raças na era atlante. Na era ariana atual, deverão existir, no total, sete raças, e a décima-sexta raça se tornará e será uma raça de homens animicamente conscientes; e o que virá depois não poderá, naturalmente, ser indicada como raça. Então, todos se elevarão na única corrente universal dos filhos de Deus. Essas 16 raças também foram, com justiça, denominadas as 16 sendas do aniquilamento, pois todos sabemos quanto a ilusão pode destruir-nos em nosso curso pelo nadir.

Hermes pertence àquela classe de seres que, ao alcançar o final de seu caminho, ingressou no sublime grupo dos filhos de Deus, no grupo dos três vezes grande, segundo espírito, alma e manifestação. Torna-se, então, muito claro para nós que se trata de muitos Hermes, pois a partir de determinado ponto da história mundial, muitos filhos de Deus ocuparam-se com o desenvolvimento da humanidade.

Para entender isso bem, deveis compreender que durante os tempos em que a onda de vida humana não estava consciente de sua existência, os filhos de Deus — isto é, a hierarquia de Hermes — trabalharam *para* a humanidade. Mais tarde, veio uma época em que o desenvolvimento humano permitiu que a hierarquia trabalhasse *com* a humanidade. Os filhos de Deus vieram à humanidade para lhe falar, guiá-la, dar-lhe o exemplo, esclarecer o caminho. E, agora, encontramos-nos em um período em que a hierarquia atua *por* intermédio da humanidade, pois sabeis que a grande missão é a auto-realização: a inverdade fundamental deve alçar-se à verdade.

A manifestação dos filhos de Deus na terra, como nos indica a história, não se repetirá, a menos que as raças em manifestação aniquilem-se de tal modo, que já não seja possível atuar de alguma forma por meio delas, e que não se possa encontrar um só justo, como em Sodoma e Gomorra.

Quando consideramos todas as lendas e contos mencionados acer-

ca de Hermes, à luz da natureza tão extraordinariamente sublime desses emissários – que geralmente fundaram uma cultura real-sacerdotal elevada e nobre nos países onde se manifestaram – podemos compreender a confusão e a incredulidade dos que entram em contato com os resíduos históricos, exclusivamente, pelo ponto de vista intelectual. Para esses, a verdade não pode, ainda não, irradiar na inverdade fundamental deles. Pelo contrário, eles se encontram e permanecem nas garras da ilusão e estão atolados nas mentiras fundamentais. Todavia, a verdade deve ser divulgada, o caminho para isso deve ser mantido aberto. E sabemos: a verdade nunca pode ser aniquilada, pois a verdade não é deste mundo!

Contudo, ninguém ocultará que, nesse sentido, grandes dificuldades se desenvolveram em nossa presente existência. Suponhamos (o que naturalmente não é o caso) que a verdade pudesse ser simplesmente reconstruída a partir de antigos achados no Egito, pois o Egito foi um poderoso ponto focal de cultura verdadeiramente espiritual na antigüidade. Então, uma série simplesmente ilimitada dos assim chamados egiptólogos, ricamente equipados com doutorados e cátedras, enterrar-nos-iam sob uma avalanche de escritos, conclusões e concepções bem divergentes, de modo que, no final, já ninguém poderia compreender algo da verdade.

Portanto, se alguém tivesse de encontrar a verdade nesse caminho, ela se transformaria em dúvida. Sabeis o que acontece? Investiguemos o assunto.

Já vos explicamos como o impulso para a auto-realização inerente ao ser humano pode-se converter muito facilmente em auto-afirmação mediante pensamentos falsos, distorção da consciência imaginativa e dano ao órgão cerebral, pelo qual surge encapsulamento, sujidade e aniquilamento astrais e, finalmente, a loucura que se exterioriza, sobretudo, em inimizade e ódio contra a verdade, pois a verdade pode apenas conduzir o homem no caminho para a consecução absoluta da meta. Contudo, o homem egocêntrico opõe-se a ela. Ele certamente alcançou o alvo, ele evoluiu, ele é um filho de Deus! Ele possui uma igreja de Cristo. Ele possui um sacerdócio e um número inumerável de autoridades que conhecem tudo e logo

conhecerão ainda mais. Em verdade, ainda há algumas pequenas imperfeições, porém certamente elas serão eliminadas em breve. E há uma região dos bem-aventurados! Conheceis a assinatura da concepção da Igreja e da Ciência.

Houve um tempo em que o desenvolvimento da humanidade, em comparação com as qualidades raciais atuais, podia ser chamado ainda de bem jovem, pois a verdade se divulgava de forma totalmente diferente da que é possível hoje. Naquele tempo, o homem ainda não conhecia nenhuma formação acadêmica, não existia nenhum sistema de ensino como conhecemos hoje em dia. Falava-se uma língua popular, porém não havia nenhuma forma de símbolos gráficos que se pudesse decorar e entender. Por intermédio da manifestação e influência dos filhos de Deus, nasceu muito lentamente uma linguagem escrita como meio de contato entre os homens e, sobretudo, para a divulgação da verdade. Por isso, Hermes é chamado também de o inventor da escrita.

Assim, nos antigos centros culturais foram utilizados muitos meios para ligar a grande verdade com os homens que se haviam tornado maduros para isso. Foram construídos templos cuja estrutura inteira devia ser uma expressão da sublimidade de Deus. Colunas e pilares foram erigidos, cheios de símbolos e inscrições, sobre os quais a linguagem dos filhos de Deus foi colocada claramente para todos os que dominavam esses caracteres. E, depois, inumeráveis manuscritos foram compostos — fala-se de milhões — para que, com seu auxílio, muitos pudessem ser alcançados. Deve-se aqui pensar que naqueles dias não havia imprensa, nem uma cultura amplamente disseminada. A massa era ainda iletrada e havia apenas um pequeno grupo de inteligentes. Esse se dividia em dois grupos: a) o grupo da verdade fundamental e b) o grupo da mentira fundamental que foram envenenados pela ilusão. Assim que a razão começou a funcionar, instaurou-se também a ilusão.

O primeiro grupo trilhou seu caminho para a libertação; o segundo, perseguiu o primeiro até a morte. Contudo, o primeiro não reagiu com luta ou outros métodos de ligação astral. Eles sabiam que para os

que se aproximam da verdade, seguem-na e a servem, todas as coisas cooperam para o bem. O segundo grupo achou por bem, devido a sua loucura, que a obra do primeiro grupo não podia desenvolver-se de maneira poderosa. Como a grande massa ainda era iletrada e, no fundo, ainda não entendia a causa da luta – pois o órgão racional estava ainda para se tornar concreto – os dois grupos tinham jogo livre. Por isso, foram destruídos, tanto quanto possível, todos os templos, todos os monumentos, todos os edifícios erigidos sob a direção dos filhos de Deus. Símbolos e inscrições foram destruídos ou totalmente deturpados e uma caçada intensa foi armada contra os manuscritos.

Até nossos dias, foram revistados todos lugares interessantes de modo a conseguir o material perigoso para o segundo grupo e varrê-lo da face da terra mediante grupos especialmente treinados para isso em todos os países onde a única verdade habitava, arraigava ou queria arraigar. Inumeráveis escritos, carregados com a sabedoria direta dos filhos de Deus, foram destruídos assim. Apenas se pode descrever como um poderoso milagre que aqui e ali tenha sobrado ainda uma pequena página.

Agora que o nível racional da massa tornou-se muito elevado e a consciência do povo amadureceu bem, já não se pode utilizar esse método de destruição em nossos dias. Por isso, lança-se mão de outro método. Agora, quando um ou outro escrito antigo e valioso é encontrado, uma comissão científica muito exclusiva faz uma tradução e une uma série muito extraordinária de considerações, em que a descoberta é encostada num canto arqueológico. Considera-se o conteúdo belo e testemunho de conhecimento teológico (não tão bom, é claro, como a teologia atual, porém ainda assim belo) e uma pesquisa ainda mais profunda é anunciada. Assim o todo é relegado a segundo plano, pelo menos pensa-se assim.

Por isso, desejamos agora mostrar como a verdade, apesar dos milhares de anos de longos caminhos de calúnia, traição, perseguição e aniquilamento, pode sempre cumprir e cumprirá sua tarefa.

XXXIV

A verdade vive!

Compreendeis perfeitamente que quando a Fraternidade Universal dos filhos de Deus inicia uma obra em benefício de alguma onda de vida, tal obra nunca é experimental e não está sujeita a nenhum fator especulativo. Ela fundamenta-se sempre num plano que será implantado no momento certo e sempre resultará em sucesso absoluto. Quando, também, no período ariano a Fraternidade de Hermes, a Fraternidade dos filhos de Deus, iniciou sua obra para a humanidade a fim de divulgar a verdade única e preparar-lhe a via, ela estava, de antemão, destinada ao sucesso.

Foi-vos dito anteriormente que essa obra, analisada em um longo período, é tríplice, e conhece três fases. Na primeira fase, a corrente universal trabalhava *para* a humanidade; na segunda, *com* a humanidade e na terceira, *mediante* a humanidade.

Isso significa que na primeira parte do período ariano, quando o corpo racial da humanidade estava ainda muito pouco preparado para manifestar uma consciência desperta na esfera material, não se podendo falar ainda de um curso de vida de alguma forma consciente, os filhos de Deus dirigiram o curso de vida da jovem humanidade e os respectivos processos vitais. Naquele tempo, os sublimes de Hermes trabalharam, portanto, *para* a humanidade em sentido literal.

Podeis comparar essa obra com o auxílio que os assim chamados espíritos de grupo prestam às várias raças animais. E perguntais: "Quem eram os filhos de Deus?". Então, deve ser respondido que eles não são e não foram de origem terrestre, porém pertencem a ondas de vida que são muito anteriores a nossa, não obstante

pertencerem à única raça dos universais, para a qual vós também sois chamados por Deus.

Na segunda fase, a consciência da jovem humanidade estava bem amadurecida e desenvolvida. O homem trilhava seu curso pelo nadir nos campos terrestres. O desenvolvimento racional estava de tal forma amadurecido que a verdade fundamentada em toda a existência podia ser divulgada aos homens. Daquela hora em diante, os filhos de Deus vieram diretamente à humanidade. Compreendeis quão necessário isso foi, pois como o homem poderia ter conhecido a verdade por si próprio? Ela devia ser divulgada a eles pelos filhos de Deus que viviam da única verdade.

Assim, teve início o magnífico e poderoso período da humanidade do qual nos são contados mitos e lendas sobre a chegada maravilhosa de deuses na terra e sua convivência com a humanidade como verdadeiros reis e sacerdotes, cuja comunidade é também chamada Ordem de Melquisedeque. A verdade veio para habitar entre nós. Ela veio para nos chamar para nossa pátria verdadeira.

Assim, nasceu o terceiro período: o homem tinha ouvido a respeito da verdade; ele havia visto a verdade viva tomar forma em muitos. A grande abertura havia-se realizado. Agora, o homem devia provar que poderia realizar a libertação na e mediante a própria força. Daí em diante, a verdade deveria tornar-se conhecida na e por intermédio da própria humanidade. O real-sacerdócio nasceu. Os filhos de Deus se retiraram para sua própria região de vida para, de lá, prestar toda a ajuda e orientação necessária. Ninguém em nossos dias deve esperar que os filhos de Deus apareçam novamente como antes sobre a terra, mesmo quando as entidades da esfera refletora imitarem o retorno deles na grande farsa*. Sabeis disso!

Assim, deveis ver claramente diante de vós que, desde tempos imemoriais, fala-se imperturbável e indestrutivelmente de uma hierarquia humana real-sacerdotal, totalmente sintonizada com a corrente universal dos filhos de Deus e a eles ligada. Antes que essa segunda hierarquia entrasse em atividade, a primeira retirou-se do campo material.

O que quer que a hierarquia da ilusão e da mentira possa ou queira

empreender: a vitória já foi alcançada! A colheita precisa somente ser retirada dos campos em períodos consecutivos.

Por isso, a verdade também poderá alcançar-vos, e vos alcançará, por intermédio de cabeças, corações e ações humanas, se estiverdes preparados para isso! Assim como da hierarquia da mentira emana uma radiação e um trabalho (para conduzir ao erro), assim também parte da hierarquia da verdade emana uma radiação e uma obra.

Todos os que se abrirem para essa plenitude astral, acolherão a verdade, pois esta não vem a vós somente pela palavra e pela escrita. Não, a verdade já é há muito, um valor astral, concentrado por homens, e por eles colocado à disposição do gênero humano. Os séculos aí estão para confirmar isso. A história nos conta acerca de muitos homens reais-sacerdotais que nos trouxeram a verdade em palavra, ação e força. Desejais um único exemplo? Pensai em Moisés. Ele foi um dos antigos mensageiros humanos da verdade que a história nos fez conhecer. Ele veio, atentai, do Egito! Pensai na série posterior de profetas e sobretudo em Jesus, o Senhor, um filho de Deus nascido do homem.

Os séculos varreram suas mensagens à humanidade. O inimigo deturpou seu conteúdo em muitos sentidos. Dolorosa e criminosamente! Certamente! Contudo ... inutilmente! Pois, a verdade vive. Ela é em todos os séculos e por todos os séculos. Sempre seus profetas se levantarão e recolherão novas colheitas e as abrigarão no celeiro.

Compreendeis agora porque a epopéia de Hermes termina com o livro da verdade?

Glossário

Para melhor compreensão sobre a terminologia empregada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, figuram neste glossário as palavras que no texto vêm acompanhadas de asterisco(*). Os números entre parênteses correspondem às páginas em que estas palavras foram mencionadas.

ALBIGENSES. Nome dado aos cátaros, após a denominada Cruzada contra os

Albigenses em 1209. Ver cátaros.

ALIMENTOS SANTOS. São determinadas vibrações e emanações da substância primordial que fluem dos sete pólos norte do Setenário Cósmico, a fim de alimentar todas as criaturas divinas, e são conservadas reunidas como atmosfera original. (127)

ALMA-ESPÍRITO. A senda da endure, a senda do discipulado de uma escola espiritual gnóstica que tem, em primeiro plano, o objetivo de despertar completamente a verdadeira alma imortal de seu estado latente. Assim que essa alma desperta desse sono de morte, realiza o restabelecimento da ligação com o Espírito Universal, com Deus. Essa ligação restabelecida entre Deus e o homem, demonstra-se na gloriosa ressurreição do Outro, o retorno do filho perdido, do verdadeiro homem em nós, à casa do Pai. A alma que deve festejar essa ligação, essa união com o que a Arquignosis Egípcia denomina Pimandro, é a alma-espírito. É a unidade Osíris-Isis, Cristo-Jesus, Pai e Filho, as núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz dos antigos rosa-cruzes, do noivo celeste

com sua noiva celeste. (62)

ANDREÆ, Johann Valentin. Irmão eminente dos rosa-cruzes da Idade Média. Autor de, entre outras, *As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz*, obra que descreve de forma velada todo o caminho do candidato na senda da transfiguração em todos os seus aspectos. (Glossário *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*)

ARQUEUS. Éter nervoso, fluido nervoso, força astral, que é introduzida através da pineal no sistema vital do homem, e exatamente em sintonia com a natureza de seu ser. (53)

ARQUIGNOSIS de Hermes. Alusão ao fato de que toda a atividade verdadeiramente gnóstica de nosso período atual da humanidade é proveniente da fonte primordial da Gnosis egípcia, que toda a santa obra gnóstica se origina do conhecimento primordial. Que a libertação do homem somente é possível por meio da ressurreição do homem hermético ou mercuriano, do verdadeiro homem gnóstico que é e vive da consciência iluminada em Deus. (69)

ARTE REAL. Ver *Ciência Universal*. (152)

ÁTOMO-CENTELHA-DO-ESPÍRITO. Átomo de Cristo ou pro-átomo, situado no

centro matemático do microcosmo e coincidindo com a parte superior do ventrículo direito do coração. Por isso é também designado misticamente de rosa do coração. O átomo-centelha divino original possuía duas energias, inversamente polarizadas. Na aurora da criação esse átomo foi liberado, originando as duas ondas de vida humana, masculina e feminina, que deveriam cooperar uma com a outra, em liberdade e perfeição, numa dupla unidade cósmica. (Ler no livro **Introdução à Filosofia da Rosacruz Áurea** os capítulos XX e XXI). (Glossário Kundalini)

AUTHADES, a força com cabeça de leão.

Avontade ímpia do homem nascido da matéria; também a ira ímpia do homem-eu em sentido genérico. (Nome emprestado do Evangelho Gnóstico da Pistis Sophia, de Valentino. (86)

AUTO-RENDIÇÃO. Ver Gnosis Universal quántupla. (33)

BOTÃO-DE-ROSA. Ver Rosa do coração. (59)

CABEÇA ÁUREA. Aspecto do campo vivente da jovem Gnosis, pertencente à região dos graus internos da Escola Sétupla dos Mistérios; alusão ao campo de ressurreição, o novo campo de vida. (63)

CAMPO DE RESPIRAÇÃO. Ver Microcosmo, em Campo de manifestação. (32)

CÂNTICOS DE ARREPENDIMENTO DE LIBERTAÇÃO. Expressão emprestada do evangelho gnóstico de Valentino: Pistis Sophia. Quem cumpre as exigências da senda de libertação, canta o cântico da Pistis Sophia. (180)

CÁTAROS (do gr. **katharos**: puros). Movimento iniciático-cristão que se desenvolveu na Europa entre o século XI e XIV, principalmente no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida como Sabartez ou Languedoc. Foi aí, ao redor de Sabart-Tarascón e das aldeias vizinhas Ussat-Ornolac, nas muitas grutas ali existentes desde a pré-história e transformadas

em santuários naturais, que se constituiu o lugar de longa, severa e dura iniciação para os cátaros. Eles, a exemplo dos essênios e dos primeiros cristãos, levavam vida ascética de alta espiritualidade, vivenciando na prática um cristianismo puro, numa total auto-renúncia a tudo o que era deste mundo; não possuíam bens nem dinheiro, dedicando-se inteiramente à comunidade, pregando o evangelho e curando os enfermos, pois também eram terapeutas. Acusados porém de heresia pelo Papa Inocêncio III, este enviou a histórica Cruzada contra os Albigenses* em 1209, quando, numa seqüência trágica de mortes e torturas, cidades inteiras e castelos daqueles que os defendiam foram saqueados, e as populações, incluindo mulheres e crianças, passadas a fio de espada. Após a queda de Montsegur em 16 de março de 1244, 205 cátaros foram queimados vivos numa imensa fogueira. Os poucos remanescentes abrigaram-se então na grande gruta subterrânea de Lombrives, chamada a Catedral do Catarismo, onde mais tarde, em 1328, 510 cátaros foram emparedados vivos, encerrando assim a epopéia medieval desse movimento mártir. Os cátaros eram também denominados de "os Puros, os Perfeitos, ou Bons Homens", porque, segundo o caminho dos Mistérios Cristãos, haviam operado em seu ser a reformação, e assim, tal como verdadeiros discípulos de Cristo, a serviço do mundo e da humanidade, galgavam o caminho das estrelas, o caminho da transformação (ou da transfiguração, na linguagem da jovem Fraternidade gnóstica). Fazendo alusão a esse estado de puro, a Escola da Rosacruz moderna fala da alma renascida, a alma-espírito, que, pela sua ligação restabelecida com o Espírito, de novo obteve a participação na sabedoria divina, a Gnosis. Para maiores informes sobre a vida dos cátaros,

- ver o livro **O caminho do Santo Graal**, de A. Gadal. (132)
- CHRISTIAN ROSENKREUZ.** Indica o protótipo humano que concluiu o retorno para o verdadeiro ser humano imortal, através da senda de transfiguração. As sete fases dessa senda são descritas pormenorizadamente como sete novos dias de criação em *As Núpcias Químicas* de Christian Rosenkreuz, uma explicação muito velada de Valentin Andreae, um irmão da rosa-cruz da *Idade Média* que, naquele tempo, morou em Calw (Floresta Negra), Alemanha. (69)
- CHRISTIAN ROSENKREUZ e seu sepulcro.** O processo indicado pelos rosa-cruzes como o "submergir em Jesus, o Senhor", refere-se à total neutralização ou morte da terrena consciência-eu separada, que é o único verdadeiro empecilho para a verdadeira alma imortal poder manifestar-se novamente no microcosmo. A expressão de Cristo: "Quem quiser perder sua vida por mim, encontrá-la-á", é um indício desse processo libertador. Da mesma forma também o são as palavras de João Batista: "Eu devo diminuir e ele (o outro celeste, o Cristo em mim) deve crescer". (160)
- CIÊNCIA UNIVERSAL.** A Ciência Universal, a Religião Fundamental e a Arte Real são respectivamente as esferas de ação da Fraternidade da Rosa-Cruz, da Fraternidade dos Cátaros e da Fraternidade do Santo Graal. Juntas elas formam a Tríplice Aliança da Luz que adquiriu a forma atual na jovem Fraternidade gnóstica, representada exteriormente pelo *Lectorium Rosicrucianum*. (Glossário Arte Real)
- COLUNA DO FOGO SERPENTINO.** A coluna da medula espinal. (179)
- CONSCIÊNCIA-EU.** A consciência biológica; o centro da consciência natural, comum, do tríplice sistema dialético do homem delimitado pelo campo de manifestação. É preciso, porém, não confundir a consciência-eu biológica com o aspecto espiritual superior humano, embora este esteja acorrentado pela primeira. (31)
- CONTRANATUREZA.** Nosso campo dialético de existência no qual a humanidade decaída, que está apartada de Deus, do Espírito, goza bem a vida em teimosia. Essa vida fora da ordem cósmica implantada por Deus, tem em desenvolvimento a maldade que caracteriza nosso campo de existência em todos os aspectos, que nós, em nossa teimosia, tentamos combater. Em concordância com a natureza de nossa existência, esse desenvolvimento não-divino e contranatural somente pode, por isso, ser negado, o que na Bíblia é designado como a "reconciliação com Deus" e mediante a realização consequente e fiel dessa reconciliação. Em outras palavras: mediante a restauração da ligação espiritual na senda da transmutação e transfiguração e o retorno nela contido para a obediência voluntária diante da ordem cósmica universal. (92)
- CORPO DA ORDEM DE EMERGÊNCIA.** Ver Personalidade da ordem de emergência. (110, 186)
- CORRENTE UNIVERSAL.** Ver Fraternidade Universal. (48)
- DEMIURGO.** Ser espiritual proveniente de Deus, o Pai. O Demiurgo é o criador do mundo a partir da substância original; a própria substância original não provém todavia dele, porém é criada por Deus, o Pai. Ele é uno com o Verbo, a alma do mundo, filho do Pai. Ele também é conhecido como o Arquitecto Universal. (143)
- DEMÔNIO.** Literalmente: "força natural". Quando o homem se une com essas forças, enquanto ele realiza a vontade do Pai em obediência voluntária, eles se revelam no caminho do homem para a deificação como auxiliares poderosos. Caso contrário, o homem experimenta-os como efeitos hostis — como

demônios vingativos — como forças do destino. Eles correspondem, então, às conseqüências cármicas que determinam o destino humano no caminho da experiência. Também os eões naturais criados pela vida natural cega do homem decaído são denominados demônios, mas, aí, no sentido negativo. (23)

DEMOLIÇÃO DO EU (autodemolição). É o processo joanino que se exprime nestas palavras: "É necessário que ele cresça e eu diminua". Nesse processo o aluno, na força da Gnosis, trilha o caminho da autodemolição, que consiste em abandonar as faculdade do eu nascido da natureza, partindo todos os laços do eu e silenciando toda a dinâmica e raio de ação do eu, reduzindo este núcleo de nossa consciência dialética a uma atividade biológica mínima. Devemos esclarecer porém que essa demolição não significa suicídio, porém a neutralização do que é ímpio dentro do microcosmo. Porém, aquele que se encontra no deserto, no estado de consciência joanina, sabe, com certeza interior, que existe outro centro de existência adormecido dentro do microcosmo, outro núcleo de consciência, que deve ser despertado para a vida. João expressa isso nas palavras: "Era ele que existia antes de mim". "Não sou digno de desatar as sandálias de seus pés." Este peregrino do deserto sabe que o auto-sacrifício não é sacrifício no sentido comum, porém a libertação da verdadeira vida. (Glossário Endura)

DEUSES. Ver Demônio. (47)

DIALÉTICA. Nosso presente campo de vida, onde tudo se manifesta em pares opostos. Dia e noite, luz e escuridão, alegria e tristeza, juventude e velhice, vida e morte, estão ligados um ao outro. Por causa dessa lei fundamental, tudo aqui está sujeito à contínua mudança e desintegração, a surgir, brilhar e fenececer, e nosso campo de existên-

cia é uma região de finitude, de dor, de sofrimento, de demolição, de doença e de morte. (58)

DOUTRINA UNIVERSAL. Não é um ensinamento no sentido literal comum, tampouco se pode encontrar em livros. Na sua essência mais profunda é a vivente realidade de Deus; tão-somente a consciência enobrecida, a consciência hermética ou pimândrica, nele pode ler e compreender a onisabedoria divina. Essa Doutrina ou Filosofia Universal é, portando, o conhecimento, a sabedoria e a força que sempre de novo são ofertados ao ser humano pela Fraternidade Universal, a fim de possibilitar à humanidade decaída trilhar o caminho de retorno à casa do Pai. (35)

EKKLESIA. Aspecto do corpo vivo da jovem Gnosis, pertencente aos graus internos da Escola Sétupla de Mistérios; a **Una Sancta**, o novo povo de Deus como membro da Igreja Una e Invisível de Cristo. (173)

ENDURA. A senda da demolição do eu. Ver Demolição do eu. (34)

EÕES (I). Enormes espaços de tempo.

EÕES (II). Grupo dirigente hierárquico do espaço e do tempo. A mais elevada formação metafísica de potestades, proveniente da humanidade decaída, que abusa de todas as forças da natureza dialética e da humanidade, e as compete à atividade não-divina para proveito de suas sombrias intenções. À custa de terrível sofrimento da humanidade, essas entidades obtiveram a liberdade da roda da dialética, liberdade que elas, em imensurável necessidade de automanutenção, somente podem preservar em aumentando ilimitadamente os sofrimentos do mundo e assim mantendo-os. Em sua coletividade, elas com muito acerto, são indicadas como "a hierarquia dialética" ou "o príncipe deste mundo". (32)

ESCOLA ESPIRITUAL. A Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo. Ver Fraternidade Universal. (31)

ESFERA MATERIAL / ESFERA REFLETORA. As duas metades componentes desta ordem de natureza dialética. A esfera material é a região onde vivemos em nossa manifestação material. A esfera refletora é a região onde se realiza o processo entre a morte e a reencarnação. Ela consiste, além da esfera infernal e do assim chamado Purgatório (a esfera de purificação), naquilo que na religião natural e no ocultismo é indicado erroneamente como céu e vida eterna. Essas esferas celestes e a existência nelas, da mesma maneira que na esfera material, estão sujeitas à finitude e à temporalidade. A esfera refletora é, portanto, o local de morada temporária dos mortos, o que não quer dizer que a personalidade falecida retornará à nova vida, pois não há **subsistência** da personalidade quádrupla! **Apenas o núcleo** mais profundo da **consciência**, o assim chamado **lampejo espiritual** ou centelha dialética, é **retomada temporariamente** no ser aural e forma a base da consciência da nova personalidade que é construída pelo ser aural em cooperação com as forças ativas na mãe. (38)

ESFERA REFLETORA. Ver Esfera material. (38)

ESPÍRITO SANTO SÉTUPLO. O terceiro aspecto da divindade que se manifesta de forma tríplice; é o amor oniabaricante do Pai, explicado através do Filho que dimana para toda a humanidade decalda um poderoso campo de irradiação sétuplo, para salvar o que está perdido. Sob a direção e o auxílio dessa força sétupla universal que se manifesta na Fraternidade Universal, torna-se possível concluir o processo de transfiguração. Nesse poderoso processo, o Espírito Santo Sétuplo encontra novamente morada no candidato: as núpcias químicas de C.R.C. (ver Christian Rosenkreuz) é a unificação da alma imortal com esse Espírito Sétuplo. (46)

ÉTERES. Do Setenário Original, a terra sétupla original, emanam sete forças de que vive o homem primordial. Nosso sistema vital apenas subsiste nesta ordem de socorro com quatro aspectos bastante degradados dessas sete forças: o éter químico, que assegura a vida e o desenvolvimento do corpo físico; o éter vital, que tem ligação com as forças de reprodução; o éter luminoso, que se relaciona com os sentimentos; o éter refletor, que se relaciona com os pensamentos. Essas quatro forças dialéticas, esses quatro alimentos, apenas possuem uma relação longínqua com as quatro forças originais, os quatro alimentos santos. Eles provêm contudo da mesma fonte, do coração do Setenário Cósmico, porém correspondem a radiações bem diferentes das do coração da substância primordial. O processo da transfiguração visa a confrontar a personalidade com esses alimentos santos, a substituir os éteres dialéticos pelos éteres originais, a fim de tornar o sistema vital, reorientado pela rosa sétupla para o Reino original, apto a receber os três éteres superiores, que possibilitarão a reconstituição total do microcosmo. Uma escola espiritual gnóstica corresponde -- entre outras coisas por sua relação com o novo campo de vida -- a uma forja de concentração desses éteres superiores, sem os quais a verdadeira Alquimia não é possível. (67)

FACULDADES SUPERIORES. A consciência mercuriana, a consciência da alma-espírito. (89)

FARSA, a grande. Atividade da esfera refletora altamente refinada e atrativa que pretende simular o regresso do Senhor, mediante o acionamento de todo o ocultismo do Além e do emprego de fenômenos científicos-naturais monstruosos. Esses fenômenos de declínio preparado intensivamente, que acompanhará o fim dos dias cósmicos atuais, ameaça aprisionar toda a humanidade

- na cegueira de uma ilusão irresistível. Ver **Desmascaramento — A Sombra** dos acontecimentos vindouros, de Jan van Rijnckenborgh. (238)
- FOGO SERPENTINO.** O sistema cerebrospinal, a sede do fogo da alma ou fogo da consciência. (22)
- FRATERNIDADE UNIVERSAL.** A Hierarquia divina do Reino Imutável que forma o corpo vivo do Senhor. Ela também é indicada por outros nomes como: Igreja Una e Invisível de Cristo, Hierarquia de Cristo, Corrente Universal Gnóstica, Gnosis. Em sua atividade em prol da humanidade decaída ela age, entre outras coisas, como Fraternidade de Shamballa, Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual Hierofântica, e como tal, toma forma na jovem Fraternidade gnóstica. (88)
- GNOSIS.** O alento de Deus; Deus, o Logos, a fonte de todas as coisas, manifestando-se em e como Espírito, amor, luz, força e sabedoria universal. (24)
- GNOSIS UNIVERSAL.** Ver Fraternidade Universal. (48)
- GNOSIS UNIVERSAL QUÍNTUPLA.** Indicação conjunta das cinco fases de desenvolvimento, pelas quais o caminho uno para a vida se manifesta no aluno: 1) discernimento libertador; 2) ânsia por salvação; 3) auto-rendição; 4) nova atitude de vida; 5) ressurreição no novo campo de vida. (Glossário Tapete)
- GNÓSTICO** (adj.). Refere-se à Gnosis. (30)
- HOMEM NATURAL** (homem nascido da natureza). O homem nascido da matéria sujeito às leis da natureza dialética. (36)
- KARMA** (adj. cármico). Lei de ação e reação, de causa e efeito, que ensina "colherás o que semeaste". Resultado das ações boas e más das vidas passadas e da atual. (88)
- KUNDALINI.** Anel circular em torno da pineal formado de inúmeros pontinhos minúsculos semelhantes a ervilhas. Quando a nova corrente eletromagnética, mediante o átomo-centelha-do-espírito*, do timo e do sangue, toca o santuário da cabeça, esses pontinhos — que têm, cada um, uma atividade — começam a irradiar uma luz policromática, o assim chamado círculo de fogo da pineal. À medida que a pineal se abre mais para o influxo direto de luz da Gnosis, a força de radiação e a atividade da **kundalini** crescem continuamente em intensidade e magnificência. Ver também pineal. (125)
- LOGOS.** O Verbo criador, a fonte de todas as coisas. (65)
- LÓTUS.** Ver Rosa do coração. (47)
- MICROCÓSMICO** (adj.). Referente ao microcosmo. (53)
- MICROCOSMO.** O homem como **minutum mundum** (pequeno mundo) é um sistema de vida complexo e esférico, onde se pode distinguir, de dentro para fora: a personalidade, o campo de manifestação, o ser aural, um campo espiritual magnético sétuplo. O verdadeiro homem é um microcosmo. O que se entende por homem neste mundo é apenas a personalidade severamente mutilada de um microcosmo irremediavelmente degenerado. Nossa atual consciência é um consciência personalística e, conseqüentemente, apenas é cônica do campo de existência a que pertence. O **firmamento**, o **ser aural**, personifica a totalidade de forças, valores e ligações que são o resultado das vidas de diversas manifestações de personalidade no campo de respiração. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, as estrelas, de nosso firmamento microcômico. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com sua natureza, determinam a qualidade do campo espiritual magnético, isto é, a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e acolhidas no sistema microcômico, portanto, também na personalidade. Assim, tal a natureza dessas

luzes, tal é a personalidade! Com isso, uma mudança no ser da personalidade tem de preceder uma mudança no ser do firmamento, e esta última apenas é possível mediante o auto-sacrifício do ser-eu, a total demolição do eu. O campo de manifestação ou **campo de respiração**, é o campo de força imediato em que a vida da personalidade é possibilitada. É o campo de ligação entre o ser aural e a personalidade e está, em sua atividade de atração e repulsão de forças e substâncias a favor da vida e da manutenção da personalidade, completamente em harmonia com a personalidade. (22)

MÔNADA (ou princípio monádico). O núcleo espiritual do verdadeiro homem celeste, imortal. (123)

MORAL-RACIONAL. Na linguagem da Escola Espiritual significa a atitude sensível ao toque gnóstico por meio do sentimento e do intelecto para poder compreender e aceitar o que é exigido no caminho. (30)

NATUREZA DA MORTE. Vida, verdadeira vida, é uma existência eterna! Todavia, em nosso atual campo de existência domina a lei da mudança e destruição contínuas. Tudo o que vem à existência já está desde o primeiro instante de sua vida no caminho da morte; por isso, o que denominamos "nossa vida" é apenas uma existência aparente, uma existência na grande ilusão. É idiotice e sem sentido agarrar-se a ela como o faz quase toda a humanidade. A dor do rompimento, que experimentamos tão profundamente e contra a qual nos defendemos inutilmente, deseja-nos fazer compreender o mais rapidamente possível que esta dialética, esta natureza da morte, não é o campo de vida determinado para o homem, porém a natureza de vida, o campo de vida original adâmico descrito na Bíblia como Reino dos Céus. O impulso inextinguível em cada ser para a graça perpétua, a paz imorredoura, o amor imperecível

e seu anseio para a vida eterna provém do núcleo de vida em repouso nele, o princípio primordial do verdadeiro homem imortal. Desse átomo primordial ou átomo de Cristo, desse reino oculto, o "Reino de Deus que está em vós", ressuscitará, por meio da total transformação de vida na Gnosis, esse verdadeiro homem imortal, e poderá retornar à natureza da vida, à casa do Pai. (30)

NAVE CELESTE. Alusão da Arquignosis Egípcia a um corpo vivo. É a nave a que se refere o primeiro livro mosaico, o corpo de forças libertadoras a serviço da colheita, construído em cooperação com a corrente universal gnóstica, que no final de um dia cósmico deve ser reunido e certamente levado ao celeiro da nova vida. É o "redil do bom pastor" do qual nos fala o Novo Testamento. ((48)

NOUS (alma-espírito). O santuário do coração do homem dialético, esvaziado e completamente purificado de toda a influência e atividade, provindo da natureza; o santuário vibrando de modo inteiramente harmonioso com a rosa, o átomo-centelha-do-espírito. Apenas em tal coração purificado pode processar-se o encontro com Deus, e tornar-se cômico do Pimandro. (21)

NÚNCIAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUZ. O processo de transfiguração; expressão empregada pela Rosa-Cruz medieval. Ver Andreæ, Johann Valentin. (47)

ORDEM DE EMERGÊNCIA. Ver personalidade da ordem de emergência. (161)

OUTRO, o. Alusão ao verdadeiro homem imortal, ao homem que provém verdadeiramente de Deus e é "perfeito, exatamente como o Pai é perfeito". O novo despertar à vida desse filho unigênito, do ser de Cristo em nós, é o único verdadeiro objetivo de nossa presença no campo de existência dialético, por isso, ele é também o único objetivo de toda a verdadeira Rosa-Cruz gnóstica.

Ver também Rosa do coração. (158)

PERSONALIDADE DA ORDEM DE EMERGÊNCIA No imenso drama cósmico, conhecido como "queda", existe uma parte de onda de vida humana que já não pôde manter-se no campo de vida humano original devido à perda da ligação espiritual e, por estar nas garras da natureza irracional, uniu-se a ela. Para dar oportunidade à humanidade decaída de se libertar desse cativo de ilusão, essa humanidade foi isolada numa região fechada da setuplicidade cósmica e submetida à lei da dialética, a lei do contínuo nascer e desmoronar, a fim de que se conscientizasse, com isso, de sua elevada origem e de sua essência imortal, por meio da constante experiência da dor do fim de todas as coisas. Nessa conscientização de ser um filho perdido, ela deveria romper os grilhões da matéria e as correntes de "carne e sangue" e, por meio do restabelecimento da ligação com o Pai, com o Espírito, retornar ao domínio original de vida da humanidade. Por isso, na filosofia dos rosacruzes, o campo de existência dialético é chamado, nesse contexto, de **ordem de emergência** estabelecida por Deus, e o corpo no qual o homem se manifesta aqui, denomina-se **corpo da ordem de emergência**. No caminho de volta à casa paterna, o aluno aprende, com o auxílio da luz gnóstica indispensável, da luz do amor de Cristo, a substituir esse corpo da ordem de emergência por uma corporeidade imortal e magnífica. O processo de transfiguração é o renascimento da "água e do espírito" evangélico; é a total conversão do que é ímpio e mortal em santo e imortal pelas águas primordiais (a substância primordial do princípio) na força da ligação regeneradora com o Espírito. (160)

PIMANDRO. O Espírito vivificante que se manifesta ao e no homem-alma renascido. Essa manifestação ocorre de duas maneiras: primeiramente, como a for-

mação da radiação nuclear sétupla do microcosmo, que penetra o santuário da cabeça; e depois, quando o trabalho do santuário (tornando-se possível com a auto-rendição da alma mortal) é consumado por meio da ressurreição do homem celeste, perfeito, sumamente glorioso, o ser de Cristo interno da tumba da natureza, do átomo primordial, o ponto central da terra microcósmica. Esse desenvolvimento também é perfeitamente cristocêntrico; Cristo desce após sua crucificação (o sepultamento da luz divina na personalidade terrestre!) ao ponto central da terra, para após haver consumado lá seu santo trabalho, ressurgir de sua tumba. (141)

PINEAL ou glândula pineal. A pineal, juntamente com a **kundalini**, que somente reage à verdadeira luz espiritual, quando inflamada pela luz da Gnosis mediante o átomo-centelha-do-espírito, do timo e do hormônio de Cristo, forma o trono do raio de Cristo, da iluminação interior, o portal aberto pelo qual a sabedoria de Deus é transmitida diretamente aos homens. (41)

PISTIS SOPHIA. Nome do evangelho gnóstico do século II (atribuído a Valentino), evangelho esse conservado intacto, e que anuncia o caminho uno da libertação em Cristo, a senda de transmutação e de transfiguração, em pureza impressionante. Também o verdadeiro aluno, que persevera até a consecução. (162)

PORTADOR DE IMAGEM. O plano de socorro de Deus para a humanidade decaída, que oferece a possibilidade, através da escola das experiências, de se alcançar a realização do plano original estabelecido pelo Logos. A certeza inabalável dessa promessa está contida na rosa do coração (átomo-centelha-do-espírito), que se encontra no ápice do ventrículo direito do coração. Esse átomo primordial (vestígio rudimentar da vida original) às vezes é menciona-

do por Jesus como grão de trigo de ouro e também a ele se refere como a "jóia maravilhosa do lótus". É uma semente divina, a promessa de reconciliação com o Pai, que o homem decaído possui latente em si mesmo, até o momento em que o sofrimento, através das experiências, o tenha amadurecido, e aí, nesse instante, ele se recorda de sua origem e aspira a retornar à casa do Pai. É assim criada a possibilidade que permite à luz do ser de Cristo Universal fazer despertar de sua letargia o botão-de-rosa, constituindo-se dessa maneira a base do processo de clemência divina que opera a regeneração do homem, o processo do novo devir humano, à imagem de Deus. O homem que traz no coração o átomo-centelha-do-espírito pode, portanto, a justo título, ser denominado "um portador de imagem de Deus". A grande lição que o homem deve tirar de sua existência atual é que a vida passageira e transitória que levamos aqui na terra não é, em si mesma, um objetivo, mas apenas nos oferece, como portadores de imagem de Deus, a possibilidade de realizar nosso grande destino, que é salvar o microcosmo submerso na morte e nas trevas, destinando-o assim a receber a vida eterna e também salvar a nós mesmos. (110)

REGENTES. Também denominados cosmocratas ou deuses; sete poderosos seres naturais, intimamente ligados à origem da criação, que mantêm as leis cósmicas fundamentais e sua esfera de ação. Eles formam juntos o Espírito Sétuplo da onimanifestação. (Ver também o tomo I da *A Arquignosis Egípcia* e seu Chamado no Eterno Presente, o Primeiro Livro: Pimandro). (108)

RELIGIÃO FUNDAMENTAL. A Ciência Universal, a Religião Fundamental e a Arte Real são respectivamente as esferas de ação da Fraternidade da Rosa-Cruz, da Fraternidade dos Cátaros e da Fraternidade do Santo Graal. Juntas,

elas formam a Tríplice Aliança da Luz que adquiriu a forma atual na jovem Fraternidade gnóstica, representada exteriormente pelo Lectorium Rosicrucianum. (114)

RODA DO NASCIMENTO E DA MORTE.

O reiterado processo de nascimento, vida, morte e reencarnação. (93)

ROSA DO CORAÇÃO. O átomo de Cristo, o átomo-centelha-do-espírito, também designado misticamente como botão-de-rosa, a semente áurea Jesus ou a maravilhosa jóia de lótus, localiza-se no centro matemático do microcosmo, que coincide com a parte superior do ventrículo direito do coração. Esse átomo é um germe de um microcosmo totalmente novo, que se encontra latente no homem decaído como uma promessa divina da graça, até que chegue o momento em que este, amadurecido com o sofrimento e com a experiência neste mundo, lembre-se de sua origem e seja preenchido pelo ardente anseio de retornar à casa paterna; somente então é criada a possibilidade para que a luz do sol espiritual possa despertar o botão-de-rosa amadurecido, e, no caso de uma perseverante reação positiva e numa diretriz plenamente consciente, possa ser dado início ao processo pleno de graça da completa regeneração do ser humano, segundo o plano de salvação divino. (87)

ROSA-CRUZES CLÁSSICOS. Os rosa-cruzes que pertenciam à Escola de Valentin Andreae, manifestação da Fraternidade Universal em fins do século XVI e XVII. Valentin Andreae publicou importantes obras, entre as quais **As Nupcias Químicas de Christian Rosenkreuz**, considerada o mais importante testamento da Ordem da Rosa-Cruz clássica, um dos luminosos pilares em que está alicerçado também o trabalho da Rosacruz moderna. (116)

SABEDORIA UNIVERSAL. A ciência universal. Ver Religião fundamental. (148)

SANTUÁRIO DA CABEÇA / SANTUÁRIO DO CORAÇÃO. A cabeça e o coração do homem destinam-se a ser oficinas consagradas para a ação divina em e com o homem que restabeleceu a ligação espiritual, a ligação com Pimandro. Em sintonia com essa determinação superior a cabeça e o coração tornam-se, após uma purificação total, fundamental e estrutural na senda da endura, uma magnífica unidade para um verdadeiro santuário a serviço de Deus e de seu esforço para com o mundo e a humanidade. O fato de que essa determinação se torne consciente será um estímulo contínuo e uma advertência a fim de que se purifique toda a vida intelectual, volitiva, emotiva e ativa de tudo o que se opõe a essa vocação superior. (21)

SANTUÁRIO DO CORAÇÃO. Ver Santuário da cabeça. (21)

SEMENTE JESUS. Indicação na **Fama Fraternitatis**, o testamento clássico dos Rosa-Cruzes medievais, para o átomo-centelha-do-espírito. Ver Rosa do coração. (32)

SER AURAL. O ser aural, a soma dos centros sensoriais, pontos de forças e focais, nos quais todo o **karma** do homem se encontra consolidado. Nosso ser terreno, mortal, é uma projeção desse firmamento, sintonizado completamente através dele segundo suas possibilidades, suas limitações e sua natureza. O ser aural é a personificação de todo o fardo de pecados do microcosmo decaído. É o velho céu (microcômico) que passa com o auxílio da Gnosis mediante a total transformação de vida e deve ser substituído por um novo céu. Por conseguinte, uma nova terra, a ressurreição do verdadeiro homem, em que o Espírito, alma e corpo formam novamente uma unidade harmoniosa e imutável, em sintonia com o plano de Deus. (39)

SHAMBALLA Região fora da esfera material e da esfera refletora, preparada

pela Fraternidade de Shamballa (um aspecto específico da Fraternidade Universal) em benefício dos alunos que com seriedade, devoção e perseverança esforçaram-se em trilhar o caminho de retorno, porém que ainda não podem ingressar no novo campo de vida. Tais alunos, se está presente uma base mínima de trabalho, neste campo de trabalho preparado especialmente para eles, são colocados em estado de continuar o trabalho iniciado em condições harmoniosas, livres dos esforços, obstáculos, perigos e desgostos da dialética, e completar sua libertação da roda do nascimento e da morte, tornando-se, desse modo, participantes da nova vida. (182)

SISTEMA DO FOGO SERPENTINO. O sistema cerebrospectral, a sede do fogo-alma ou fogo da consciência. (42)

TAPETE, estar sobre o. Designação maçônica da atitude interior do aluno que se esforça, séria e devotadamente, com perseverança, para realizar em si próprio a Gnosis* Universal Quintupla. (170)

TRANSFIGURAÇÃO. O processo evangélico do renascimento da água e do Espírito, o primordial caminho de volta para a pátria perdida, para o outro Reino, para a ordem da vida de Cristo. (63)

Sumário

Prefácio	7
I. Décimo-terceiro Livro: de Hermes Trismegisto para Tat: sobre o Nous Universal ou o Espírito Santificador	11
II. O Coração e o Ânimo	21
Os três candelabros	22
O ânimo	22
Bem-aventurados os puros de coração	23
A possibilidade de modificar o ânimo	23
O combate do coração	24
O endurecimento do coração	27
III. A Mudança do Ânimo	29
O objetivo da luta da alma	29
A razão positiva	29
O Atacar-se o coração	31
Um perigo na senda	34
IV. Nossa Consciência Natural	35
O homem como natureza animal	35
A consciência kama-manásica	37
A subconsciência	39
V. Vai e não Peques mais	41
A pineal	41
A acupuntura	43
As Núpcias Alquímicas de C.R.C.	47
VI. Espírito Santificador	51
O endurecimento do coração	52
Porque o ânimo não está em equilíbrio	52

	O éter nervoso, o salniter corrompido e a pineal	52
	As conseqüências do repouso artificial	54
	O Espírito Santificador	54
VII.	A Cura pelo Espírito Santo Sétuplo	57
	O ser irracional e o Nous	57
	O coração da rosa e o Nous	59
	As qualidades naturais que perturbam a alma	59
	O brilho da alma	60
	Por que tendes uma forma corpórea?	61
	Dois tipos de ânimo	61
	A necessidade da ânsia de cura	62
	A descida do Espírito	63
VIII.	A Panacéia Dupla	65
	Os chakras	66
	O duplo etérico	67
	Os dois que devem tornar-se três	69
	Um novo alento da pineal	69
	Transfiguração	69
	Não uma escola anímica, porém uma escola espiritual	70
	A lei como preceptora	73
	Três ordens de radiação	73
	A necessária atitude de vida da alma e da personalidade	74
IX.	O Filho Unigênito de Deus	75
	A alma original, o Cristo interior	76
	O devir do espírito de vida humano	77
	Esse é meu filho mui amado	77
	O Pai e eu somos um	78
	A nova atitude de vida	79
	A ciência de libertação manifesta-se na Fraternidade	
	Rosa-Cruz	80
	O único perdão dos pecados	80
	Quando também vossos pecados são vermelhos como sangue	81
X.	Sufrimento	83

	O conceito de pathos	84
	O coração e a radiação nuclear	85
	A invasão no coração	87
XI.	O Nous e o Verbo	83
	Duas faculdades imortais	83
	O chakra da laringe e a fala	90
	Cinco minutos de pensamentos irrefletidos	92
	No princípio, era o Verbo	92
	O abuso oculto da fala	93
XII.	A Libertação do Coração	95
	O movimento do coração	95
	O silenciar diante de Deus	96
	A paz de Belém, a libertação do coração	97
	A chegada no jardim de José de Arimatéia	99
XIII.	As Duas Faculdades Imortais	101
	A radiação nuclear da mônada	102
	A cristalização e morte e a separação dos sexos	103
	A orientação do aluno	104
XIV.	A Lei Interior	107
	Não há espaço vazio	107
	Ideação e corporificação	108
	O salário do pecado	109
	A lei interior	111
XV.	A Espada do Espírito	115
	O caminho de desenvolvimento da Rosacruz	116
	Não há morte	116
	O curso rumo ao nadir	117
	O jogo dos opostos	118
	Quando ouvirdes a voz, no endureçais vosso coração	121

XVI.	No Princípio era o Verbo	123
	Os três aspectos principais do processo da mônada	123
	A vida escondida com Deus	124
	A entrada da kundalini monádica	125
	O desaparecimento do eu	125
	Os três chakras da cabeça	125
	O escudo do cavaleiro do Graal e a espada do Santo Graal	126
	Sonhos, sinais, profecias, pássaros, entranhas, carvalhos	127
	O grande milagre de Pentecostes	129
XVII.	Símbolos, Profecias, Pássaros, Entranhas, Carvalhos	131
	Árvores	132
	O templo de Salomão	134
	O simbolismo do pássaro	134
	Minha alma foi comovida até as entranhas	134
XVIII.	Décimo-quarto Livro: Discurso Secreto sobre o Monte, relativo ao Renascimento e à Promessa de Silêncio	135
XIX.	A Matriz do Renascimento	145
	O segredo do renascimento	146
	Os sábios deste mundo	147
	A semente da sabedoria	148
	Como se desenvolve a transfiguração	149
XX.	A Semente do Silêncio	151
	A imagem do novo portador	153
	O soma psychikon	153
	Há ainda outro corpo?	154
	A matéria do silêncio e a matéria da Sophia	155
	A Ciência nuclear e seu erro	156

	A desmaterialização da humanidade	157
XXI.	O Devir Gnóstico da Consciência	159
	O nascimento natural e a Sophia	160
	A idéia da subida	161
	Os doze vícios (preceptores)	162
	A expulsão dos vícios	163
	As dez virtudes	165
XXII.	No Mundo, porém não do Mundo	167
	O Discurso Secreto	168
	Os doze vícios	169
	A tarefa da forma natural	171
	O canto de louvor secreto	172
XXIII.	Décimo-quineto Livro: Hermes Trismegisto a Asclépio: sobre o Pensar Correto.	175
XXIV.	A Terceira Natureza	179
	Os graus internos	180
	A terceira natureza temporária	182
	Ama a Deus acima de todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo	182
	A ausência de luta	182
	A atividade da força divina	183
	A unificação de Asclépio e Tat	183
XXV.	A Unificação de Tat, Asclépio e Hermes	185
	In Jesu morimur	186
	Ânimos	187
	Os órgãos de criação	188
XXVI.	Os seis aspectos da Atividade Divina	191

	Como a divindade cria	192
	As palavras da Rosa-Cruz clássica	193
XXVII.	Décimo-sexto Livro: Hermes a Amon: sobre a Alma.	195
XXVIII.	A Alma É!	203
	Khum-Amon	203
	Amon, o homem oculto	204
	Conhecimento, fé, atitude de vida	205
	O grande plano	206
XXIX.	Força e Movimento	209
	O interminável processo de criação	210
	A via sacrificial da alma	211
	Instinto e desejo	211
	O impulso volitivo e o impulso emocional	212
XXX.	A Chave para a Solução de todos os Problemas	215
	Duas vidas no microcosmo	216
	O homem insensato	216
XXXI.	Décimo-sétimo Livro: Hermes a Tat: sobre a Verdade.	219
XXXII.	A Verdade sempre Vence	225
	O modo de operação da Verdade	226
	A luta no céu	227
XXXIII.	Hermes, o Três vezes Grande	231
	As dezesseis raças	231
	A inverdade fundamental	232
	O caminho da verdade	233
XXXIV.	A Verdade Vive!	237
	Glossário	241

Do Egito Chamei meu Filho

Com este quarto volume da obra *A Arquignosis Egípcia e seu Chamado no Eterno Presente* encerramos nossa publicação e explanação do *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto, a nova publicação da antiqüíssima mensagem de libertação.

Escutando seu chamado e impelida pela necessidade sempre crescente dos tempos, a jovem Fraternidade gnóstica, que se apresenta ao público com o nome de Lectorium Rosicrucianum, traz o Evangelho da Verdade novamente à humanidade buscadora, a verdade sobre o verdadeiro destino da vida humana.

Em meio do tumulto e do crescente caos de um período cultural decadente que, como os precedentes, coloca o eu no centro, ao invés da fonte original de toda a manifestação de vida, existe uma multidão incontável que busca a verdade sobre a vida e o objetivo da existência em crescente desespero.

A Arquignosis Egípcia, a fonte de toda a Verdade libertadora e também a fonte do cristianismo vivente, envia agora de novo, nesse período de existência que avança para seu fim, enfaticamente seu chamado a todos esses buscadores, independente de doutrina. Todos os que têm ouvidos que ouvem e olhos que podem ver entenderão esse chamado proveniente do mundo do absoluto, e se reagirem a ele em ação positiva, encontrarão o caminho através do qual poderão escapar das trevas da noite cósmica que se aproxima e ingressar na luz que oferece a vida eterna.

Possam muitos, muitos de todos os povos e línguas reagirem de modo libertador a esse chamado remoto, que já está destinado a eles.